



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO**

FLORA VILLAS CARVALHO

**“MÉTODO SERINGA”: MATERIALIDADES CIBORGUES, SABERES
E TÉCNICAS DA INSEMINAÇÃO CASEIRA NA PRODUÇÃO DE
MATERNIDADES LÉSBICAS/SAPATONAS**

CAMPINAS

2024

FLORA VILLAS CARVALHO

**“MÉTODO SERINGA”: MATERIALIDADES CIBORGUES, SABERES
E TÉCNICAS DA INSEMINAÇÃO CASEIRA NA PRODUÇÃO DE
MATERNIDADES LÉSBICAS/SAPATONAS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Tonelli Manica

**ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELA ALUNA FLORA VILLAS CARVALHO, E ORIENTADA PELA
PROFA. DRA. DANIELA TONELLI MANICA.**

**CAMPINAS,
2024**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Ana Lucia Siqueira Silva - CRB 8/7956

C253M Carvalho, Flora Villas, 1997-
“Método seringa” : materialidades ciborgues, saberes e técnicas da
inseminação caseira na produção de maternidades lésbicas/sapatonas / Flora
Villas Carvalho. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Daniela Tonelli Manica.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas
(UNICAMP), Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Inseminação caseira. 2. Redes sociotécnicas. 3. Ciborgues. 4.
Maternidade lésbica. I. Manica, Daniela Tonelli, 1976-. II. Universidade
Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Estudos da Linguagem. III.
Título.

Informações complementares

Título em outro idioma: "Syringe Method" : cyborg materialities, knowledges, and
techniques of home insemination in the construction of lesbian/butch motherhood

Palavras-chave em inglês:

Home insemination

Sociotechnical networks

Cyborgs

Lesbian maternity

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural

Titulação: Mestra em Divulgação Científica e Cultural

Banca examinadora:

Daniela Tonelli Manica [Orientador]

Marko Synesio Alves Monteiro

Érica Renata de Souza

Data de defesa: 03-12-2024

Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-0707-9105>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/9151772508155518>



BANCA EXAMINADORA

Daniela Tonelli Manica

Marko Synesio Alves Monteiro

Érica Renata de Souza

**IEL/UNICAMP
2024**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Assim, gostaria de expressar primeiramente minha mais profunda gratidão à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio crucial fornecido através da bolsa de mestrado pelo programa de Demanda Social - DS, conforme a Portaria nº 76, de 14 de abril de 2010. Minha sincera apreciação se estende à Daniela Manica, cuja orientação ao longo da pesquisa e da escrita foi inestimável. Suas contribuições e paciência foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Também sou muito grato ao Labirinto (Laboratório de Estudos Socioantropológicos sobre Tecnologias da Vida) pelas ricas trocas de ideias, indicações valiosas, e pelas inspirações que contribuíram para o aprimoramento intelectual desta pesquisa. À Júlia Vargas, que merece um agradecimento especial pela amizade, pelas trocas e inspiração ao longo dos últimos nove anos e pela cuidadosa leitura e revisão do texto final.

Ao meu analista Luiz Canuto, cujo acompanhamento terapêutico e cuidado foram especialmente indispensáveis para a conclusão desta pesquisa. Sou profundamente agradecido também à minha avó, cujo apoio constante e incondicional foi um pilar ao longo dos últimos anos, e à minha irmã, cuja companhia e apoio diário foram cruciais. Agradeço também à minha mãe, à Iara e à Milena pelo encorajamento e suporte ao longo de todo o percurso desta pesquisa. Um agradecimento especial também a Jamerson e Sara, que foram mais do que essenciais no incentivo e acompanhamento da reta final da escrita e apresentação.

Estendo minha gratidão às professoras Carol Parreiras, Simone Pallone e Susana Dias pelas disciplinas que lecionaram durante o mestrado e cujas aulas foram essenciais para a construção e aprofundamento desta pesquisa. Sou grato também à Érica Souza, Sabrina Finamori, Lílian Panachuk e Magda Ribeiro por terem me dado a oportunidade de acompanhar suas disciplinas na UFMG. Esse acompanhamento me proporcionou uma rica fonte de inspiração e uma chance de experimentar com diferentes abordagens e bibliografias científicas e artísticas. Agradeço também à Magda e ao Marko Monteiro pelos comentários construtivos e pela leitura atenta durante minha banca de qualificação, cujas contribuições foram essenciais para o aprimoramento deste trabalho.

RESUMO

As tecnologias reprodutivas desempenham um papel essencial na transformação de gestações e maternidades de lésbicas/sapatonas no Brasil, introduzindo novos atores e agenciamentos sociotécnicos nesses processos de concepção. Um método que se dissemina rapidamente no país é a inseminação caseira (IC), realizada de forma autônoma por doadores de sêmen e tentantes. Nesse fenômeno, tanto as múltiplas materialidades que participam das práticas de IC quanto o digital têm um papel importante na reconfiguração desses processos reprodutivos. O objetivo desta pesquisa foi mapear os papéis das tecnologias e agentes não-humanos nas redes ciborgues (Haraway, 1985) e sociotécnicas (Latour, 1994) que compõem esse cenário, com uma metodologia composta por revisão bibliográfica, observação-participante em grupos de Facebook, entrevistas com doadores e administradores, além de experimentações tecnocorporais e artísticas. Dentre os principais resultados dessa investigação, os grupos digitais e suas tensionadas dinâmicas sociotécnicas e ciborgues revelam-se fundamentais na construção de diversas redes conectadas, em especial redes de saberes próprios, digital e coletivamente construídos, da inseminação caseira onde o “método seringa” é central, e redes de consultas e incentivo entre tentantes e doadores dos grupos. Além disso, foi possível mapear uma multiplicidade de tecnomaterialidades cruciais para a prática da inseminação caseira, como potes coletores, testes de gravidez e ovulação caseiros e seringas, a plataforma Meta/Facebook e um amplo material imagético (fotografias, prints, vídeos), que habitam e atuam nesses grupos de forma expressiva. Por fim, mostra-se urgente a construção de políticas públicas inclusivas e regulamentações que atendam às necessidades específicas de lésbicas/sapatonas que buscam alternativas à reprodução assistida, ao mesmo tempo em que preservem o caráter autônomo e coletivo da inseminação caseira.

Palavras-chave: inseminação caseira; redes sociotécnicas; ciborgues; materialidades; maternidades lésbicas/sapatonas.

ABSTRACT

Reproductive technologies play a crucial role in transforming lesbian/dyke pregnancies and maternities in Brazil, introducing new actors and sociotechnical relations into these conception processes. One method rapidly expanding in the country is home insemination (HI), carried out autonomously by sperm donors and individuals trying to conceive. In this phenomenon, both the multiple materialities involved in home insemination practices and the digital realm play a significant role in reconfiguring these reproductive processes. This research aimed to map the roles of technologies and non-human agents within the cyborg (Haraway, 1985) and sociotechnical (Latour, 1994) networks that compose this scenario, using a methodology that includes literature review, participant observation in Facebook groups, interviews with donors and administrators, and techno-body and artistic experiments. Key findings reveal that these digital groups and their strained sociotechnical and cyborg dynamics are essential in building various interconnected networks, particularly networks of knowledge that are digital and collectively constructed, with the “syringe method” being central, and networks of consultation and support among group members. Additionally, a range of crucial techno-materialities for home insemination was mapped, including collection jars, home pregnancy and ovulation tests, syringes, Meta/Facebook and a broad range of expressive visual materials (photographs, screenshots, videos). Finally, it is evident the urgent need for inclusive public policies and regulations that address the specific needs of lesbian and sapphic individuals seeking alternatives to assisted reproduction, while preserving the autonomous and collective nature of home insemination.

Keywords: Home insemination; sociotechnical networks; cyborgs; materialities; lesbian/dyke maternities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Experimento artístico com seringa, papel Canson arranhado com agulha e nanquim, formando “redes” de água e tinta. Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.	14
Figura 2 - Número de ciclos de inseminação em procedimentos de reprodução assistida, de 2012 a 2019 (Fonte: SBRA, s.d).....	18
Figura 3 - Interação entre corpo e tecnomaterialidade, relação seringa-vagina. Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.....	25
Figura 4 – Contrastes e diálogos entre a reprodução assistida e a inseminação caseira	27
Figura 5 - Método seringa: Pote coletor, seringa e teste caseiro em aquarela. Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.	30
Figura 6 - Desenho de alguns dos agentes, relações e intersecções em rede que giram em torno das técnicas e saberes da inseminação caseira. Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.....	33
Figura 7 - Inseminação ciborgue, o pote: primeira parte do ensaio gráfico de posturas, gestos e relações corpo-técnica-tecnologia nas inseminações caseiras. Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.....	34
Figura 8, Figura 9 e Figura 10 - Inseminação ciborgue, a seringa: segunda parte do ensaio gráfico de posturas, gestos e relações corpo-técnica-tecnologia nas inseminações caseiras. Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.....	36
Figura 11 - Inseminação ciborgue, o espécule: terceira parte do ensaio gráfico de posturas, gestos e relações corpo-técnica-tecnologia nas inseminações caseiras. Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.	37
Figura 12 e Figura 13 - Inseminação ciborgue, as pernas para cima: ensaio gráfico de posturas, gestos e relações corpo-técnica-tecnologia nas inseminações caseiras. Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.	38
Figura 14 e Figura 15 - Desenho de alguns dos agentes, relações e intersecções em rede que giram em torno dos discursos e instituições externos aos grupos, incorporados em links. Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.....	39
Figura 16 e Figura 17 - Desenho de alguns dos agentes, relações e intersecções em rede que giram em torno das dinâmicas de interações dos grupos. Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.....	50
Figura 18 - Print modificado do meu “perfil de membro” em um dos grupos analisados. Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.	54
Figura 19 - Print modificado do meu “perfil de membro” em um dos grupos analisados. Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.	54
Figura 20 - Print modificado da seção “Discussão” dos grupos digitais. Fonte: Elaborada pelo autor, 2023.....	56
Figura 21 - Agentes-actantes, relações e intersecções da inseminação caseira: mapeando redes - experimentos com caneta e luz na construção de redes. Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.	89
Figura 22 - Redes sociotécnicas, redes ciborgues: imaginações das redes formadas pelas/nas maternidades lésbicas/sapatonas por IC. Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.....	90
Figura 23 - Mapa dos locais de “procura” das tentantes pelas postagens. Fonte: Elaborado pelo autor a partir da plataforma Google My Maps, 2023.....	94
Figura 24 - Mapa dos locais de “oferta” dos doadores pelas postagens. Fonte: Elaborado pelo autor a partir da plataforma Google My Maps, 2023.....	110
Figura 25 - Vídeo de “recriação” do método seringa pensado a partir da agência de suas tecnomaterialidades, produzido em modelagem 3D. Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.....	119
Figura 26 - Colagem com diferentes métodos de controle do ciclo e fertilidade experimentados. Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.	129
Figura 27- Print da tela do meu aplicativo Flo, de controle menstrual .Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.	130
Figura 28 - Imagem de corrimento simulando as fotografias compartilhadas nos grupos para controle dos ciclos e fluidos. Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.....	130
Figura 29 e Figura 30 - Caderno com “agenda” de inseminações, testes de gravidez e períodos menstruais, similar àqueles produzidos e compartilhados por tentantes nos grupos. Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.....	130

Figura 31 - Diferentes tipos de testes de gravidez utilizados e desenhados. Fonte: Elaborado pelo autor, 2022 e 2024.....	132
Figura 32 e Figura 33 - Tecno-gestos da realização de testes caseiros em nanquim e caneta digital. Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.	133
Figura 34 - Conjunto de tecnomaterialidades da inseminação caseira, incluindo seringa, pote coletor, espécio, teste de ovulação e teste de gravidez de tira. Elaborado pelo autor, 2023.	135
Figura 35 - Experimentações com a seringa em diferentes suportes e materiais. /	137
Figura 36 - Experimentações com o pote coletor em diferentes suportes e materiais. /	137
Figura 37 - Experimentações com o espécio descartável em diferentes suportes e materiais. Fonte: Elaborados pelo autor, 2022 e 2023.....	137
Figura 38 - Tecno-gestos das inseminações caseiras e lesboinseminações. Elaborado pelo autor, 2022.....	138
Figura 39 - Imagens do produto SpermiFica. Fonte: Famivita, 2022.	143
Figura 40 - Materialidades mercadológicas da IC: embalagens e notas fiscais dos produtos comprados para experimentações. Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.	145
Figura 41 - imagens de alguns dos produtos da marca The Mosie Baby. Fonte: The Mosie Baby, 2017.	146
Figura 42 - Colagem de imagens promocionais dos produtos WAY (acima) e Project Aidn (abaixo). Fonte: Elaborado pela autora, 2024.	146
Figura 43 - Pinturas em aquarela dos produtos WAY e o Project Aidn. Fonte: Elaborado pelo autor, 2023. ...	147
Figura 44 - Criações cerâmicas de materialidades inseminadoras lésbicas e caseiras: dildo-seringa, dedo-seringa, pote coletor vaginal. Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.	147
Figura 45 - Criações em modelagem 3D de materialidades inseminadoras lésbicas e caseiras: dildo duplo com seringa, luva-seringa. Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.....	148

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 – Quantidade de membros atual, descrição da moderação, período de criação	51
Quadro 2 – Comparação entre o número de publicações, comentários e reações do Grupo A e do Grupo B	76
Quadro 3 – Números relativos às imagens publicadas e comentadas nos grupos de IC	83
Quadro 4 - Distribuição das publicações do Grupo A e Grupo B nas categorias	91
Quadro 5 - Quantitativos de postagens, comentários e reações da categoria de “Procura”	92
Quadro 6 - Distribuição dos locais de “Procura” das tentantes, de acordo com as postagens dessa categoria	95
Quadro 7 - Porcentagem dos elementos das publicações de “Procura” em cada um dos grupos digitais analisados	103
Quadro 8 - Quantitativos de postagens, comentários e reações da categoria de “Oferta”	107
Quadro 9 - Distribuição dos elementos da categoria de “Oferta” nos Grupos A e B	109
Quadro 10 - Média de respostas de acordo com a presença de cada elemento, nas publicações de “Oferta” dos grupos	117
Quadro 11 - Quantitativos de postagens, comentários e reações da categoria de “Técnicas, consultas e saberes”	120
Quadro 12 - Quantitativos da expressividade de cada elemento/temática nas publicações de “Consultas, técnicas e saberes”	122
Quadro 13 - Quantitativos de postagens, comentários e reações da categoria de “Positivos, relatos e testemunhos”	152
Quadro 14 - Distribuição dos subgrupos da categoria de “Positivos, relatos e testemunhos”	153
Quadro 15 - Quantitativos de postagens, comentários e reações da categoria de “Reportagens e links externos”	184
Quadro 16 - Distribuição das plataformas originais dos links compartilhados	196
Quadro 17 - Quantitativos de postagens, comentários e reações da categoria de “Dinâmicas do grupo”	198
Quadro 18 - Lista de doadores: Nome e local dos doadores.....	204
Quadro 19 - Lista de doadores: Especificações acerca da localização de doadores	205
Quadro 20 - Lista de doadores: Especificações acerca da localização de doadores	205
Quadro 21 - Lista de doadores: Idade e relacionamentos	206
Quadro 22 - Lista de doadores: Características físicas	207
Quadro 23 - Lista de doadores: Escolaridade e hobbies	208
Quadro 24 - Lista de doadores: Exames e histórico de doação	209
Quadro 25 - Lista de doadores: Contato	210
Quadro 26 - Quantitativos de postagens, comentários e reações da categoria de “Chamadas, indicações e denúncias de doadores”	211
Quadro 27 - Quantitativos de postagens, comentários e reações da categoria de “Outros temas”	228
 Quadro IV- 1 – Publicações, comentários e reações do Grupo A, divididos por categoria temática.....	262
Quadro IV- 2 – Publicações, comentários e reações do Grupo B, divididos por categoria temática.	262
Quadro IV- 3 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Procura” do Grupo A	262
Quadro IV- 4 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Procura” do Grupo B	262

Quadro IV- 5 – Distribuição geográfica da categoria de “Oferta” nos Grupos A e B	263
Quadro IV- 6 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Oferta” do Grupo A	263
Quadro IV- 7 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Oferta” do Grupo B	263
Quadro IV- 8 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Técnicas, consultas e saberes” do Grupo A	264
Quadro IV- 9 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Técnicas, consultas e saberes” do Grupo B	264
Quadro IV- 10 – Distribuição do elemento “Dúvidas gerais sobre técnica e IC”	264
Quadro IV- 11 – Distribuição do elemento “Controle do ciclo menstrual e da ovulação”	264
Quadro IV- 12 – Distribuição do elemento “Consulta positivo”	264
Quadro IV- 13 – Distribuição do elemento “Direito, contratos e mentorias”	265
Quadro IV- 14 – Distribuição do elemento “Materiais e técnicas tecnocorporais do método seringa”	265
Quadro IV- 15 – Distribuição do elemento “Remédios, hormônios, tratamentos e cuidados com o corpo”	265
Quadro IV- 16 - Distribuição do elemento “SOP e outros ‘dificultadores’”	265
Quadro IV- 17 – Distribuição do elemento “Exames”	265
Quadro IV- 18 – Distribuição do elemento “Custos e produtos”	265
Quadro IV- 19– Publicações, comentários e reações das publicações de “Positivos, relatos e testemunhos” do Grupo A	266
Quadro IV- 20– Publicações, comentários e reações das publicações de “Positivos, relatos e testemunhos” do Grupo B	266
Quadro IV- 21 – Distribuição dos elementos dentro do subgrupo “Comunicados de positivo por tentantes e mães de IC”	266
Quadro IV- 22 – Distribuição dos elementos dentro do subgrupo “Comunicados de positivo por tentantes e mães de IC”	267
Quadro IV- 23 – Distribuição dos elementos dentro do subgrupo “Relatos-testemunhos de mães de IC”	267
Quadro IV- 24 – Distribuição dos elementos dentro do subgrupo “Relatos-testemunhos de mães de IC”	267
Quadro IV- 25 – Distribuição dos elementos dentro do subgrupo “Comunicados de positivo por doadores”	267
Quadro IV- 26 – Distribuição dos elementos dentro do subgrupo “Comunicados de positivo por doadores” ...	268
Quadro IV- 27 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Reportagens e links externos” do Grupo A	268
Quadro IV- 28 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Reportagens e links externos” do Grupo B	268
Quadro IV- 29 – Subdivisão das fontes dos sites da internet de onde vieram os links compartilhados na categoria	269
Quadro IV- 30 – Subdivisão das fontes de Facebook de onde vieram os links compartilhados na categoria	269
Quadro IV- 31 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Dinâmicas do Grupo” do Grupo A	269
Quadro IV- 32 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Dinâmicas do Grupo” do Grupo B	270
Quadro IV- 33 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Chamadas, indicações e denúncias de doadores” do Grupo A	270
Quadro IV- 34 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Chamadas, indicações e denúncias de doadores” do Grupo B	270
Quadro IV- 35 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Outros temas” do Grupo A	270
Quadro IV- 36 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Outros temas” do Grupo B	271

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Crescimento do número de membros do Grupo A e B, de 2018 a 2024	52
Gráfico 2 - Distribuição das publicações do Grupo A e Grupo B nas categorias	91
Gráfico 3 - Média de respostas de acordo com a presença de cada elemento, nas publicações de “Oferta” dos grupos	117
Gráfico 4 - Distribuição dos subgrupos da categoria de “Positivos, relatos e testemunhos”	153
Gráfico 5 - Distribuição de comunicados de positivos antes e depois do nascimento, por tentantes/mães de IC versus doadores	175
Gráfico 6 - Distribuição das plataformas originais dos links compartilhados	197
Gráfico 7 - Subdivisão das fontes dos sites da internet de onde vieram os links compartilhados na categoria ...	197
Gráfico 8 - Subdivisão das fontes de Facebook de onde vieram os links compartilhados na categoria	198

SUMÁRIO

Introdução.....	14
Capítulo 1 - Apresentando a inseminação caseira	25
1.1 - Inseminação caseira e as biotecnologias: método natural <i>versus</i> método seringa	25
1.2- “Método seringa”: modo de usar, (re)agentes, riscos e precauções	29
1.3 - Os grupos de Facebook: Inseminação caseira A e Inseminação Caseira B	50
1.4 – Panorama do tema e caminhos da pesquisa	59
Capítulo 2 - Bases e percursos metodológicos.....	69
2.1 - Metodologias que me embasam.....	69
2.2 – Gestando a pesquisa: caminhos metodológicos percorridos	74
2.3 - Redes, agentes, relações e intersecções: uma aldeia inteira para fazer uma criança.....	86
Capítulo 3 - Adentrando os grupos: categorias, dinâmicas e relações	91
3.1 - Procura.....	92
3.2 - Oferta.....	107
3.3 - Técnicas, consultas e saberes.....	119
3.4 - Positivos, relatos e testemunhos	151
3.5 - Reportagens e links externos	184
3.6 - Dinâmicas do grupo.....	198
3.7 - Chamadas, indicações e denúncias de doadores	211
3.8 - Outros temas	228
Considerações finais	232
Referências bibliográficas.....	241
Anexo I – TCLE I.....	253
Anexo II – TCLE II	256
Anexo III – TCLE III	259
Anexo IV – Quadros complementares.....	262

“Método seringa”: materialidades ciborgues, saberes e técnicas da inseminação caseira na produção de maternidades lésbicas/sapatonas

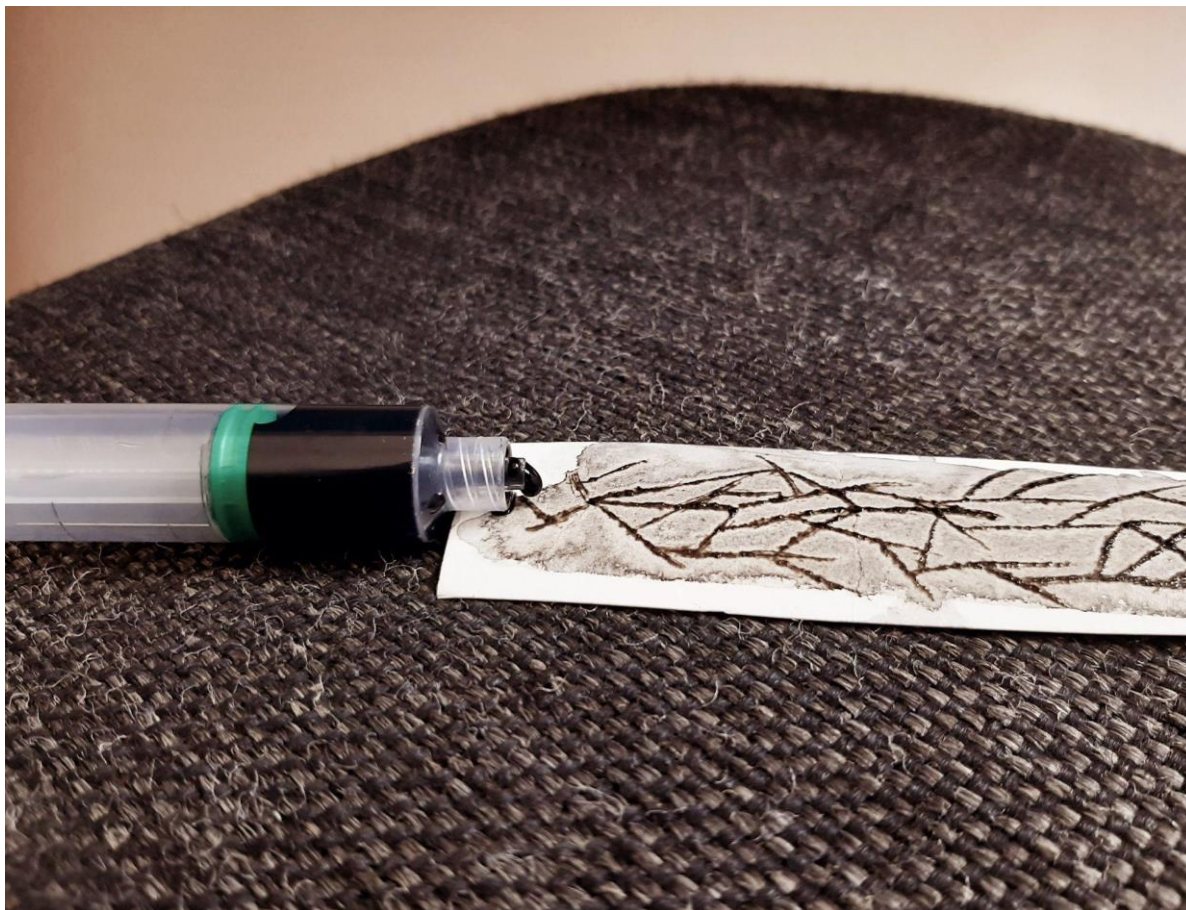


Figura 1 - Experimento artístico com seringa, papel Canson arranhado com agulha e nanquim, formando “redes” de água e tinta. Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Introdução

A década de 1970 foi marcada, especialmente nos Estados Unidos, por um fenômeno chamado, alguns anos mais tarde, de “*lesbian baby boom*” (Weston, 1991), no qual as taxas de maternidade entre lésbicas/sapatonas¹ tiveram aumentos significativos (Patterson, 1992, 2002; Patterson & Friel, 2000; Costa *et al.*, 2013; Lúcio *et al.*, 2018). Aquele contexto foi especialmente incentivado pela emergência de (então) “novas” tecnologias reprodutivas, que multiplicaram as possibilidades para que estas mulheres e casais tivessem a oportunidade de maternar e, em especial, para aquelas que desejavam participar ativamente do processo de

¹ A escolha pelo uso do termo lésbicas/sapatonas busca abarcar um espectro de expressões de sexualidade e gênero permeadas pela lesbianidade. Esta escolha é melhor explicada no capítulo “1.5 - Originalidade da pesquisa”.

concepção e gestação de seus bebês.²

Pouco mais de quatro décadas depois do desenvolvimento dessas tecnologias reprodutivas, os métodos contraceptivos possibilitados por elas passaram por intensas transformações, tanto no aperfeiçoamento de suas tecnoferramentas e ampliação de suas utilizações, quanto no alargamento de seus usos e percepções sociais e políticas, incluindo sua extensão a públicos LGBTQIA+. Atualmente, portanto, temos quatro principais métodos contraceptivos possíveis a lésbicas/sapatonas que, em seus planejamentos de parentalidade, desejam conceber e gestar suas crianças: a reprodução assistida, que pode ser feita por meio de “inseminação artificial” ou de “fertilização *in vitro*” (FIV); a inseminação caseira; ou, ainda, através de agenciamentos sexuais pênis-vagina (Preciado, 2020).

A começar pelas reproduções assistidas – realizadas majoritariamente em clínicas especializadas, que utilizam bancos de espermatozoides de doadores anônimos – a inseminação artificial consiste na introjeção de espermatozoides no canal vaginal ou dentro do útero da pessoa que irá gestar, por meio de auxílio médico. Já a fertilização *in vitro* é feita por meio da retirada dos óvulos e da sua fecundação laboratorial com espermatozoides, com a posterior inserção do embrião fecundado no útero, não necessariamente da pessoa que forneceu os óvulos. Uma possibilidade bastante interessante que a FIV oferece a casais lésbicos, portanto, é a chamada ROPA (Reception of Oocytes from Partner) e diz respeito a um processo no qual uma das mães fornece os óvulos, mas o embrião fecundado é inserido em sua parceira (que irá gestá-lo). Já a inseminação caseira, por sua vez, é semelhante à inseminação artificial, mas é feita com o espermatozoide de um doador não anônimo e sem mediação médica: com o auxílio de uma seringa sem agulha, o espermatozoide do doador é inseminado na futura gestante, por ela mesma ou por sua parceira. Em geral, esses procedimentos são realizados em ambientes domésticos, seja na residência da pessoa que irá gestar, ou na do doador. Já o quarto método trata-se da prática de concepção por meio de relações sexuais entre pênis e vagina, opção que é o caso, por exemplo, de parte dos casais lésbicos trans onde esta configuração genital está presente, mas é também o caso de algumas lésbicas/sapatonas que, de maneira planejada ou acidental, participam de atos sexuais com homens cis.

Descritas brevemente estas técnicas reprodutivas, no entanto, é importante destacar que o acesso e uso destas tecnologias por lésbicas/sapatonas não foram historicamente nem calculados pelas instituições e estruturas sociais, políticas, epistemológicas e ideológicas que

²Além disso, as tecnologias complexificaram as redes de experiências, relações e agentes sociais, legais e tecnológicos que estão articulados às múltiplas e plurais maternidades lésbicas/sapatonas.

lhes conceberam, nem foram pacificamente aceitos e tampouco se desenvolveram homogeneamente. Essas tecnologias foram pensadas e fundadas como ferramentas de “auxílio à natureza” (Tamanini, 2008): de controle, intervenção e manejo da fertilidade e infertilidade dos corpos reprodutivos (cisheterossexuais) e de continuidade do projeto-ideologia moderna e cisheteronormativa de família³.

Ainda assim, na contramão marginal desses ideais, estas mesmas tecnologias foram apropriadas para gerar formas outras de parentesco, de parentalidade, de concepção e de filiação. Desta forma, seus usos por lésbicas/sapatonas (tal como outros grupos e arranjos sexuais e familiares desviantes) são historicamente dados como apropriações transgressivas desses aparatos biomédicos, tensionando (mas não necessariamente desmontando) suas funções iniciais⁴.

Entretanto, como nos lembram autoras como Strathern (2009) e Stolcke (1987), é preciso estar muito atento ao fato de que, mesmo nestes contextos de usos disruptivos das tecnologias reprodutivas, ainda assim operam uma série de continuidades e reformulações das ideologias típicas da modernidade. Se, por um lado, as tecnologias reprodutivas e as práticas de doação de gametas subvertem uma série de noções de biologia e naturalidade (antes inevitavelmente articuladas ao conceito de maternidade e paternidade), por outro lado elas também reforçam, possibilitam e são criadas/utilizadas no intento de alcançar um ideal individualista de filiação biológica (Stolcke, 1987).

Digo também que não foram pacificamente aceitas essas apropriações desviantes, pois, por muito tempo, em diferentes países do mundo (inclusive os Estados Unidos onde o fenômeno do *baby boom* lésbico foi identificado), o acesso de grupos e corpos LGBTQIA+ foi sistematicamente excluído das práticas de reprodução assistida. Nestes contextos, os projetos de homotransparentalidades foram tomados como transgressões morais que não cabiam nas ideologias e leis do heterossexualismo de Estado (Preciado, 2020). Desta maneira, estes grupos tiveram (e ainda têm) de construir arduamente um espaço nessas práticas e técnicas reprodutivas, mediadas pelas biotecnologias e pela biomedicina.

³ Afinal, como aponta Stolcke, a “biologia moderna e a medicina estão, inevitavelmente, atadas aos valores sociais e à política (Webster, 1981, p. 1). A ciência e a tecnologia são influenciadas pelo meio sócio-político no qual se desenvolvem e, por sua vez, reforçam os valores e as relações sócio-políticas que as engendram” (Stolcke, 1988, p. 100).

⁴ Mariana Felipe é uma das autoras a destacar a relevância destas tecnologias que “mais do que tratar a infertilidade, são tecnologias reprodutivas tratando os desejos e abrindo possibilidades à novos imaginários de práticas a respeito de como obterem-se filhos e a respeito de como eles podem ser. Constituem-se novas formas de relações tanto entre o núcleo familiar quanto nas diversas camadas sociais de interação de quem busca por esses tratamentos” (Felipe, 2019, p. 32).

No entanto, ainda que os usos e acessos a essas tecnologias por estes grupos e suas parentalidades tenham sido marcados globalmente por processos de exclusão moral e ideologicamente amparados pela cisheteronormatividade, alguns países e legislações enfrentaram e enfrentam resistências maiores do que outros à abertura destes acessos. Por isso, afirmo também não ser este um processo homogêneo.

É o caso da França, por exemplo, que apenas em 2021 liberou o acesso das tecnologias reprodutivas para casais homoafetivos e pessoas solteiras (RFI, 2021). Em seu texto "Reprodução politicamente assistida e heterossexualismo de Estado" (2013) – republicado como um dos capítulos do livro "Um apartamento em Urano, crônicas da travessia" (2020) – Preciado discorre sobre o contexto político da reprodução medicamente assistida (RMA) na França de 2013, quando o governo ainda negava o acesso e utilização destas biotecnologias para casais, coletivos e indivíduos não heterossexuais. Sobre esse contexto, o autor aponta o caso francês como um respaldo aos modos hegemônicos de reprodução sexual e como parte de "uma política de heterossexualismo de Estado: a heterossexualidade normativa e obrigatória seria legitimada de novo como técnica de governo nacional" (Preciado, 2020, p.74).

Essas reflexões e apontamentos traçados por Preciado dizem sobre o contexto francês de então, mas se estendem também a muitos outros, como é o nosso caso brasileiro. Assim, chegando finalmente ao Brasil, onde minha pesquisa se desenrola, é possível dizer que, em alguma medida, ainda dialogamos fortemente com as realidades apontadas pelo autor. Afinal, até uma década atrás, nosso acesso enquanto público LGBTQIA+ também não era previsto nas regulamentações das práticas clínicas de reprodução assistida. Até hoje convivemos com uma série de exclusões e violências à minorias reprodutivas nestes espaços, tanto no contexto da saúde pública, quanto no âmbito das clínicas privadas; e não há nenhuma legislação oficial no país que regule e regule as práticas de reprodução assistida, deixando a encargo do Conselho Federal de Medicina fornecer essas regulações e das próprias clínicas de administrá-las. Isso deixa de fora de qualquer lei ou resolução, por exemplo, as inseminações caseiras, que são feitas de forma autônoma e fora do contexto clínico.

Adentrando um pouco mais, portanto, no contexto brasileiro de tratamento político, legislativo e biomédico das reproduções assistidas, é interessante destacar que nosso país iniciou o processo de adesão a essas técnicas bastante cedo. Desde 1984, quando as tecnologias de reprodução assistida passaram a ser utilizadas no Brasil (Nunes, 2021), houve um drástico aumento na utilização e aperfeiçoamento destas técnicas e tecnologias, como mostra o quadro apresentado pelo 13º Relatório do Sistema Nacional de Produção de Embriões (SisEmbrio) (SBRA, s.d).

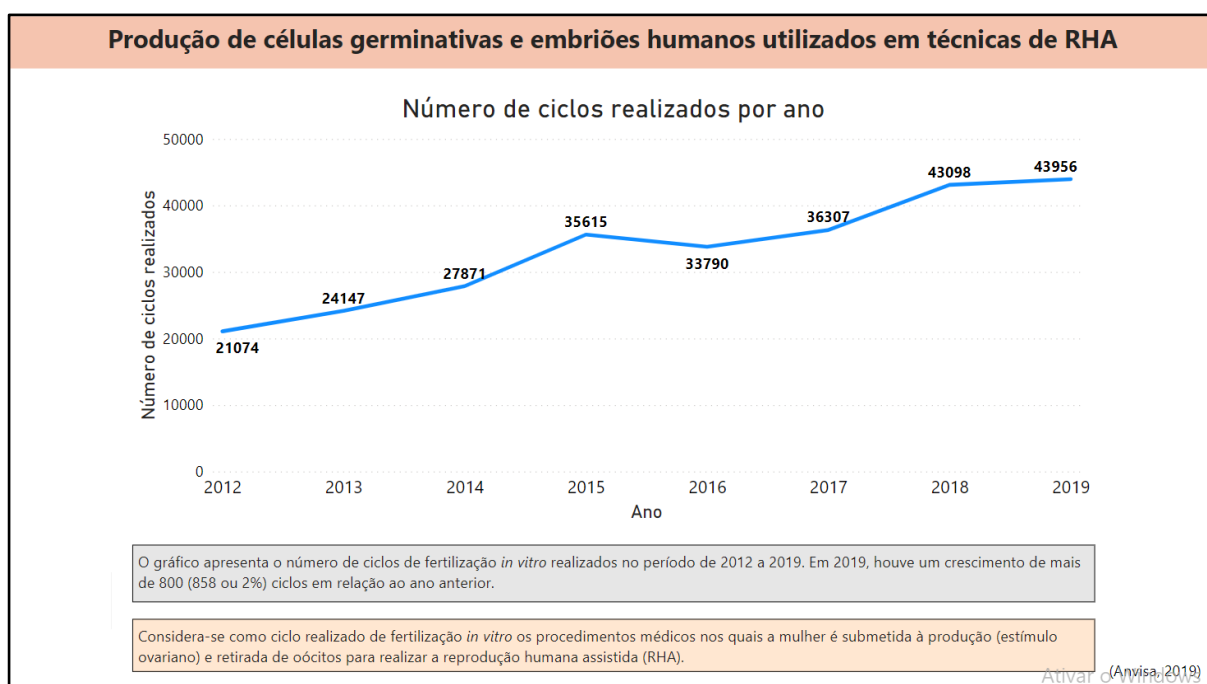


Figura 2 - Número de ciclos de inseminação em procedimentos de reprodução assistida, de 2012 a 2019 (Fonte: SBRA, s.d)

A SBRA (Associação Brasileira de Reprodução Assistida), inclusive, descreve da seguinte maneira o histórico de transformações e demandas sociais e tecnológicas que dialogaram entre si ao longo das últimas décadas, desde a emergência e disseminação destas técnicas reprodutivas medicamente assistidas:

uma das primeiras conquistas da Reprodução Assistida no Brasil: a desvinculação do conceito de infertilidade. [...] As outras contribuições são demandadas por conta do surgimento de novos modelos familiares, como a família monoparental [...] a família de pai com pai, de mãe com mãe; ou famílias que adiam a gestação por causa da carreira profissional ou outras razões (Nunes, 2021, online).

Esta desvinculação entre Reprodução Assistida e o conceito de infertilidade, tal como esta ampliação na concepção dos arranjos familiares e biotecnológicos possíveis pela reprodução assistida citadas por Nunes (2021), é, no entanto, constituída por uma série de complexidades.

A primeira delas é que este processo está longe de ser completo: ele não se aplica ao sistema público e gratuito de saúde brasileiro, que não inclui o público LGBTQIA+ em seus programas públicos de tratamentos conceptivos; não se aplica aos discursos estatais que se fazem agentes através dos projetos de lei em tramitação; não se aplica homogeneamente nem mesmo nas clínicas privadas, já que ainda é soberano o direito à recusa dos médicos em fornecer tratamento, através do dispositivo da “objeção de consciência” (direito de médicos e outros profissionais de saúde de se recusarem a realizar determinados procedimentos ou tratamentos que vão contra suas convicções morais, éticas ou religiosas).

Além disso, como aponta Mariana Felipe (2019), ainda que as clínicas de reprodução assistida brasileiras venham se tornando cada vez mais “plurais” e receptivas a casais homoafetivos, por outro lado, o acesso de casais lésbicos às clínicas especializadas ainda é atravessado por uma série de dinâmicas problemáticas, como tratamentos hostis e preconceituosos, que fazem com que “os serviços nem sempre estejam disponíveis, ainda que estejam previstos nas resoluções” (Felipe, 2019, p.13).

Ainda assim, é preciso destacar nas resoluções do Conselho Federal de Medicina que este movimento de abertura vem acontecendo nos últimos dez anos, e é na esfera dos tratamentos particulares/privados que ele começa a se concretizar. Mas isso não é a qualquer custo (ou, talvez, apenas pelos mais elevados). Digo isso pois esse alargamento, quando dado dentro da esfera biomédica das clínicas e centros de fertilidade particulares, é acompanhado (ou, talvez, alavancado) pela ideologia mercantil que rege as dinâmicas e transações desses espaços privados (dinâmicas de controle biomédico e capitalista, disciplinar).

A soberania dos tratamentos privados de reprodução assistida é, nesta senda, especialmente problemática e ambígua, já que os altos custos cobrados nessas clínicas pelos procedimentos de inseminação artificial e FIV não são acessíveis a boa parte da população⁵, só sendo possível sua utilização por algumas pessoas, em uma distribuição de acesso/exclusão que é especialmente atravessada por marcadores socioeconômicos, raciais e geográficos, mas profundamente marcada também por questões de gênero e sexualidade⁶.

Apresento já aqui, no início deste texto, estes vários contextos interligados (em rede), pois creio que os elementos que os compõem são fundamentais para delinear as maneiras pelas quais a inseminação caseira – enquanto prática autônoma, gratuita, digitalmente conectada e frequentemente lésbica – se insere e dissemina de maneira crescente no Brasil a partir da última década. Minha hipótese é de que existem pelo menos três aspectos/dinâmicas fundamentais que se imbricam nesse processo.

O primeiro destes aspectos é que a inseminação caseira se expande a partir dos vácuos, inacessos, exclusões e violências deixados pelos aparatos públicos e privados, pela lei e pelas marcas socioculturais impostas pela cisheteronormatividade. É nas lacunas deixadas por este

⁵O custo médio de cada aplicação de inseminação artificial é de R\$2.500 a R\$5.500 (Procriar, 2022), com taxa de sucesso de 3% a 25% a cada tentativa. Já o custo médio da aplicação de FIV é de R\$15.000 a R\$25.000, com taxa de sucesso de 4% a 33% por aplicação (G1, 2022).

⁶Alguns números fornecidos pelo 13º Relatório do SisEmbryo (SBRA, online) são bastante relevantes neste sentido, para falar da ampla, crescente e desigual disseminação de clínicas e centros voltados para tratamentos de fertilidade e reprodução assistida no país. De acordo com este relatório, havia em 2019, no Brasil, 183 BCTGs (Bancos de Células e Tecidos Germinativos) distribuídos da seguinte maneira (desigual) pelas regiões do país: 104 no Sudeste; 38 no Sul; 24 no Nordeste; 12 no Centro-Oeste; e apenas 5 em toda a região Norte.

contexto que as práticas de IC se fazem e se consolidam no país enquanto ferramentas e agentes da parentalidade lésbica/sapatona: na inacessibilidade das clínicas que só se amplia à medida em que se acirra a desigualdade social no país; na exclusão de grupos LGBTQIA+ dos atendimentos de reprodução assistida no sistema público; na falta de infraestrutura desse sistema público no atendimento das demandas de reprodução assistida como um todo; na falta de legislação que regule e regulamente as práticas de reprodução assistida; na rede gerada com/pela/na internet; na procura por métodos mais autônomos de gestão do corpo; no amplo acesso da população lésbica às práticas de IC; nos custos baixos e na colaboratividade que as inseminações caseiras apresentam.

O segundo aspecto relevante neste processo de consolidação e disseminação das inseminações caseiras no país é a questão da autonomia. Apresento aqui esse elemento como hipótese alternativa, mas coexistente e entrelaçada com a anterior: ao mesmo tempo em que as ICs e as redes de relações dadas por meio e a partir delas se multiplicam nas lacunas de uma combinação de instituições, também se disseminam por propiciarem modos (potencialmente) resistentes a esses mesmos sistemas.

Paul Preciado (2020), ao refletir sobre possíveis caminhos resistentes aos vários processos de exclusão (do Estado, da lei do contrato heterossexual) de minorias sexuais/reprodutivas nos procedimentos e tecnologias de RMA, por um lado, e das explorações e privatizações do mercado, por outro, diz:

Caberia perguntar se não é necessário inventar um conjunto de técnicas de gestão de nosso material reprodutivo que superem o antagonismo entre as formas de reprodução naturalista legitimadas pelos Estados-nações e as técnicas de privatização e capitalização estabelecidas pelo mercado da reprodução. Entre o corpo-reprodutor-público do Estado-nação e o corpo-privado da gestão neoliberal é urgente afirmar novas formas de produção de anarcocomunismo somático (Preciado, 2020, p.82).

Acredito que a inseminação caseira, de alguma maneira, é uma dessas formas/técnicas de (auto)gestão de nossos materiais reprodutivos. Não é à toa que ela seja descrita por participantes em publicações e comentários dos grupos digitais⁷ como uma maneira autônoma frente aos aparatos do mercado e do controle biomédico.

No entanto, muito menos utópica e bem mais complexa do que a proposta de Preciado, as inseminações caseiras e as lesboparentalidades concebidas por elas são também perpassadas por uma pluralidade de riscos, tensões e fragilidades (talvez justamente por todas as desestabilizações que causam em diferentes sistemas de controle). Essas tensões se dão, em especial, no encontro dessas práticas e vivências com os grupos digitais e os doadores, o sistema

⁷ Esses diálogos serão detalhados e exemplificados no Capítulo 3.

jurídico e legislativo brasileiro e com a comunidade médica e os aparatos (de controle e gestão) clínicos, farmacobiomédicos e epistemológicos.

São, portanto, práticas e redes marcadas por uma série de problemáticas, por discursos e práticas amparadas pela cisheteronormatividade e pela ideologia do heterossexualismo reprodutivo de Estado, por novas hierarquias reprodutivas, por novas dinâmicas de poder nas relações (biotecnossociais, algorítmicas, platafórmicas, biotecnológicas) que se traçam em torno deste conjunto de práticas que formam a inseminação caseira no Brasil. Ainda assim, creio que apesar (ou, talvez, por conta) desse caráter ambíguo, controverso, disputado das ICs como rede relacional, elas são capazes de, senão quebrar, pelo menos criar fissuras e incômodos ao que Preciado descreve como "quadrilátero tecnoedipiano mamãe-papai-clínica-neném".

O terceiro aspecto que marca o contexto das ICs no Brasil é que ele se encontra especialmente marcado pelo digital, de maneira inegável, uma vez que boa parte destas práticas são conduzidas e produzidas por relações criadas em grupos digitais que agregam “tentantes” (categoria êmica desses grupos para potenciais gestantes) e “doadores” (de sêmen), e são estabelecidos na plataforma Facebook e no aplicativo Whatsapp. Assim, é possível dizer que a internet vem contribuindo diretamente na construção de novas configurações, dinâmicas, arranjos e imaginários de parentesco e parentalidade lésbica/sapatona, novas possibilidades de concepção e de maternidade, novos conjuntos de saberes, técnicas e materialidades autônomas frente aos aparatos reprodutivos médicos e clínicos.

Considero aqui essas múltiplas materialidades (corporais, digitais, biotecnológicas), sobre as quais me debruço, como agentes relevantes desse contexto-rede e da construção coletiva de saberes, técnicas, estéticas, práticas e relações peculiares da inseminação caseira brasileira. Neste contexto, a internet atua não apenas como espaço de discussão e interação social, ou como facilitadora do processo de inseminação caseira e decorrente maternidade, mas também enquanto agente-atriz indissociável de todas as partes desse processo. Considerando o amplo escopo desse processo, ressalto que meu interesse nessa dissertação de mestrado se volta mais especificamente para as técnicas e materialidades reprodutivas envolvidas.

O recorte empírico do campo que desenvolvi em minha pesquisa compreende dois destes grupos digitais presentes na plataforma Facebook, ambos com foco nas práticas de inseminação caseira e na procura e oferta de esperma, e onde há uma consistente presença de lésbicas/sapatonas. Amparada nos conceitos de redes sociotécnicas de Bruno Latour (1994) e corpos ciborgues de Donna Haraway (1985), investigo estes dois grupos digitais, buscando refletir acerca dos diversos agentes e agenciamentos que compõem a busca e feitura da

concepção lésbica através da inseminação caseira, com enfoque sobre as materialidades que compõem os processos, técnicas, saberes e corpos desse contexto, bem como algumas das diversas repercussões sociais, jurídicas, tecnológicas e culturais que dele afloram.

Procuro também mapear e experimentar (corporalmente, artisticamente e etnograficamente com) os repertórios tecno-materiais e imagéticos⁸ que compõem, atravessam e atuam nas práticas de inseminação caseira, desde as interações dadas digitalmente nos grupos, até o “atestamento” de gravidez através dos testes caseiros de gravidez. Também pesquiso com a construção, compartilhamento e disputa de saberes (epistemologias) próprios, as técnicas, técnicas corporais, posturas e gestos, tecnologias, conceitos e discussões performadas nos grupos, vídeos, canais e páginas que de lá derivam ou por lá passam.

Meu enfoque analítico, por sua vez, se dá no mapeamento de redes que são ao mesmo tempo sociais, digitais, tecnológicas, materiais, biomédicas, biológicas e epistemológicas. Proponho pensar os grupos como parte constituinte, atuante e ativa dessas redes, cujas peculiaridades e dinâmicas digitais atuam de maneira direta na mediação; mas também na construção dessas distintas e articuladas conexões: de cuidado/confiabilidade e de saberes (à margem do controle biomédico e de seus procedimentos), mas também de relações, identidades e interlocuções entre pessoas, identidades, corpos, máquinas, algoritmos, plataformas, biotecnologias e o digital. Estes múltiplos agentes, em suas tensas e disputadas relações, parecem vir cumprindo um papel sociopolítico de grande importância, ao gerar a possibilidade de que lésbicas/sapatonas possam engravidar sem os altos custos da reprodução assistida, e sem as múltiplas interferências farmacológicas e biomédicas nos corpos e reproduções destes grupos sociais.

Proponho-me, ainda, a refletir sobre a atuação da internet e os vários riscos invisíveis que ela cria, se apropria, reconfigura e inventa. Estes riscos estão baseados, inclusive, em um ideal de confiança gerado na relação e nos discursos sobre neutralidade das redes digitais que nos são vendidos – tal como a “invisibilidade” da real atuação dos mecanismos de captura de dados dos usuáries, seu armazenamento, venda e vazamentos. Entretanto, a atuação destas dinâmicas e agentes digitais e algorítmicos é, apesar de inegável, também dificilmente mapeável, já que seus mecanismos, diretrizes e protocolos de funcionamento (assim como seus efeitos sobre as interações digitais) são cuidadosamente mantidos de forma velada ao público, pelas agendas e grupos que criam e manejam essas plataformas. Portanto, me ocupo aqui de um trabalho que é bem mais reflexivo do que investigativo no que diz respeito a esta agência do digital, dos

⁸Compostos por imagens, artefatos, saberes, conexões e relações.

algoritmos e das redes sociais na construção e movimentação dessa rede de maternidades lésbicas por inseminação caseira.

É importante ressaltar que, apesar das dinâmicas analisadas nesta pesquisa se concentrarem na multiplicidade de agentes que atuam na construção de concepções por inseminação caseira, especificamente para lésbicas/sapatonas, esta pesquisa não é sobre mães, em si, ou sobre maternidade. Embora tenha sim como base perguntas que surgem de reflexões sobre as parentalidades, corpos e relações lésbicas, e nos estudos de gênero e sexualidade, o foco principal que decidi adotar está nas materialidades (múltiplas), nas técnicas envolvidas nos contextos de IC e no mapeamento das redes sociotécnicas e ciborgues que produzem essas práticas e das maternidades que delas advêm (ou não).

No primeiro capítulo, descrevo um pouco mais acerca dos procedimentos, técnicas e dinâmicas que guiam e compõem as práticas de inseminação caseira, apresentando também alguns dos “agentes/actantes”⁹, problemáticas e disputas que despontam nesse contexto. Apresento e analiso agentes como as tentantes e doadores, a comunidade médica e as clínicas de fertilidade, o Estado, os próprios grupos de Facebook e seus participantes e administradores, sempre com recorte na maneira pela qual a inseminação caseira e as maternidades lésbicas são atravessadas, atravessam e são afetadas por essas várias relações e agenciamentos. Apresento aqui também alguns agentes e dinâmicas materiais e ciborgues centrais a esses contextos e a esta pesquisa, como por exemplo as seringas, que atravessam todo este texto e cuja materialidade assume um papel muito relevante nas redes sociotécnicas da inseminação caseira e nas dinâmicas e disputas sociais dadas nos grupos digitais. Por fim, descrevo com mais cuidado no primeiro capítulo as maneiras pelas quais tento explorar alguns caminhos pouco trilhados até então nos estudos realizados sobre estes contextos.

No segundo capítulo, me aprofundo nas metodologias que me guiaram nessa pesquisa – etnografias digitais, multissituadas, etnoarqueologias e experimentações gráficas – e apresento os procedimentos e percursos metodológicos que trilhei em sua execução. Além disso, também

⁹ Faço aqui a escolha de utilizar os conceitos de agentes e de actantes de forma combinada. “Actante”: “significa tudo aquilo que gera uma ação, que produz movimento e diferença [...] ele é o mediador, o articulador que fará a conexão e montará a rede nele mesmo e fora dele em associação com outros. Ele é o que ‘faz fazer’” (LEMONS, 2013). Como afirmam Camillis e colegas (2016) “Esse ator não é o ator social da sociologia, mas o que tem a propriedade de produzir efeitos na rede, de ser ‘actante’”. Segundo Latour (1999, p. 346), ‘a palavra ator se limita a humanos, utilizamos muitas vezes actant (actante), termo tomado à semiótica para incluir não humanos na definição’. (Camillis et al, 2016). Entretanto, achei relevante incluir também o conceito de agente, pois ele é o mais utilizado em parte importante dos estudos sobre materialidade de arqueologia e antropologias que incorporam as críticas pós-modernas ao antropocentrismo da ciência, e se propõe a pensar sobre os agenciamentos e realidades que essas materialidades produzem em suas relações com outros corpos de agentes humanos e não-humanos (Gell, 1998; Hodder, 2012; Ingold, 2012, 2015; Miller, 2013).

conto aqui os procedimentos e medidas que tomei para garantir meu compromisso ético com minhas interlocutorias de pesquisa. E, ainda, apresento um primeiro panorama sobre as redes, agentes e relações que compõem o escopo deste estudo e com os quais dialogo e experimento ao longo do texto.

A partir do terceiro capítulo, discuto os resultados e análises produzidas a partir das pesquisas de campo realizadas. Neste capítulo, apresento os conteúdos, dinâmicas e relações produzidos nos grupos digitais, contando sobre cada categoria que tracei para as publicações e comentários dessas plataformas e as maneiras pelas quais se distribuem em termos de formatos, engajamento e temática. Além disso, exploro com mais cuidado também as identidades, relações, diálogos e disputas produzidas no encontro entre “tentantes”, “doadores” e “crianças de IC” dentro e fora destes espaços, e alguns dos pontos de maior atrito nos grupos digitais, como as questões relativas aos custos de doações, exames médicos e contratos. Através dessas análises do campo, busco também me aprofundar em algumas das diversas materialidades que permeiam e atuam no campo, tal como no conjunto de técnicas e manejos destes agentes materiais particulares da inseminação caseira e do seu *corpus* de saberes-fazer (que, por sua vez, é também múltiplo em formas e experiências diversas).

Ao longo do texto, apresento também algumas experimentações gráficas, corporais, estéticas e digitais desenvolvidas a partir de minhas imersões nos grupos, suas dinâmicas, agenciamentos e repertórios imagéticos.

Capítulo 1 - Apresentando a inseminação caseira

1.1 - Inseminação caseira e as biotecnologias: método natural *versus* método seringa

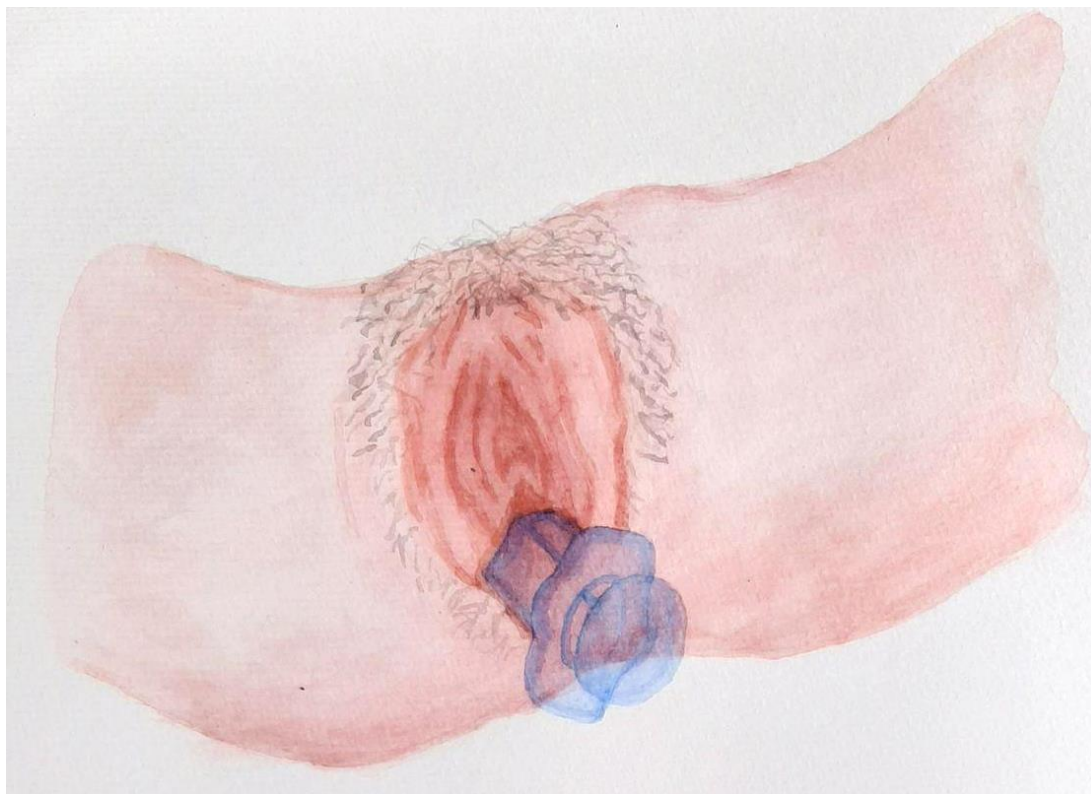


Figura 3 - Interação entre corpo e tecnomaterialidade, relação seringa-vagina. Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

As práticas de inseminação caseira no Brasil, em especial em casos de maternidades lésbicas/sapatonas, se inserem de maneira bastante particular nos contextos e redes formadas nos entrelaces de questões bastante clássicas da Antropologia, como parentesco, tecnologia, Estado e diferentes variações do clássico paradigma natureza/cultura. Nas ICs, estes elementos são articulados de novas e peculiares maneiras. As tecnomaterialidades que compõem essas técnicas domésticas (mas também digitais) cumprem papel significativo e ativo na construção dessas práticas e nas disputas que elas carregam e participam.

Falo aqui em “tecnomaterialidades” para me referir a todos os agentes-actantes não-humanos e materiais que atuam nessa rede das inseminações caseiras. Faço a escolha de tratá-los assim, pois penso que falar apenas em materialidades não seria suficiente, especialmente aqui em outros contextos nos quais são tão centrais as biotecnologias e as tecnologias digitais, assim como suas materialidades cujas particularidades são únicas, mas reais e agentes (Haraway, 1985; Latour, 1994; Ramos, 2015). Assim, pretendo com o uso desse termo destacar os dois aspectos importantes que atravessam esses agentes - tanto seu aspecto material, cujas

particularidades são de suma relevância na construção das redes sociotécnicas e ciborgues que pretendo aqui desenhar, quanto em sua dimensão técnica, tecnológica e digital. Busco ainda, com isso, evitar hierarquizações entre artefato-digital no que tange à concretude de sua materialidade, aglomerando aqui códigos e seringas, plataformas e potes coletores, publicações e espéculos.

Por um lado, a inseminação caseira é um método reprodutivo que não se dá a partir de um intercurso sexual biopênis-biovagina (como diria Preciado) e no qual são agentes uma série de materialidades que atuam como biotecnologias de concepção e de controle da reprodução: seringas, potes de coleta, espéculos, catéteres, testes de ovulação, testes de gravidez, dentre outros. Por outro lado, estas biotecnologias raramente são consideradas quando falamos em “tecnologias reprodutivas”, justamente porque são distintas daquelas que compõem os procedimentos da reprodução assistida.

Ainda que compartilhem alguns elementos em comum com as ferramentas tecnológicas da reprodução assistida¹⁰, essas materialidades da inseminação caseira são distintas: nos aspectos físicos e nos agentes sociais que os manejam e com ele se comunicam; nas maneiras, técnicas e *corpus* de saberes pelas quais essas materialidades são manejadas; e, ainda, nas formas pelas quais esses objetos se relacionam com o corpo, seus fluidos e células. Reprodução assistida e inseminações caseiras estabelecem, assim, um diálogo que é constantemente tensionado pelas continuidades, reconfigurações e rupturas que uma faz da outra.

De um lado, temos os ambientes clínicos e laboratoriais. Do outro, os ambientes domésticos e virtuais. De um lado temos cientistas, médicos, enfermeiros, especialistas controlando as tecnoferramentas e manejando a reprodução feita a partir dessa intervenção biotecnológica e biomédica. Do outro, temos doadores, tentantes e parceiros/as como agentes que manipulam autonomamente as materialidades tecnológicas (algumas dessas pessoas se tornando e sendo colocadas no lugar de “especialistas” das práticas de IC), mas coetaneamente temos também um controle que é exercido pelas plataformas digitais (e as agendas às quais essas respondem), que concentram boa parte das relações em rede da inseminação caseira no Brasil.

De um lado, temos um banco de espermatozoides cujas doações são anônimas e administradas

¹⁰ Seringas, por exemplo. As seringas utilizadas na inseminação caseira variam em milimetragem, mas em geral são todas do mesmo tipo: seringas hipodérmicas de material plástico transparente (por vezes tendo a superfície coberta, de forma caseira, para evitar a exposição do sêmen à luminosidade). Na reprodução assistida, especialmente nos procedimentos de inseminação artificial, também são utilizadas seringas, mas estas são acopladas a cateteres finos e flexíveis ou sondas. Outro formato, outro manejo do objeto, outra forma desse objeto se relacionar com o corpo em que ele é inserido e com os fluidos, células e gametas que ele conduz.

pelo controle das clínicas particulares de fertilidade. Do outro, temos uma rede complexa de relações e conexões digitais construída e administrada de forma autônoma e coletiva por doadores, tentantes e administradores dos grupos, não-anônimos, em torno de um conjunto de regulações das plataformas digitais.

De um lado, temos um conjunto de saberes, técnicas e procedimentos biomédicos que orientam as práticas da reprodução assistida. Do outro, um conjunto de saberes e técnicas que incorporam e se apropriam de conhecimentos e procedimentos do *corpus* epistemológico biomédico, transformando-o e adicionando a ele novos e particulares elementos. Nos saberes-fazeres das ICs, há a formação de uma nova rede de conhecimentos e técnicas que são construídos coletivamente, de maneira autônoma, experimental e digital nos/pelos grupos de inseminação caseira do Facebook e do Whatsapp, e também nas práticas cotidianas de tentantes e doadores em contato com essas materialidades.

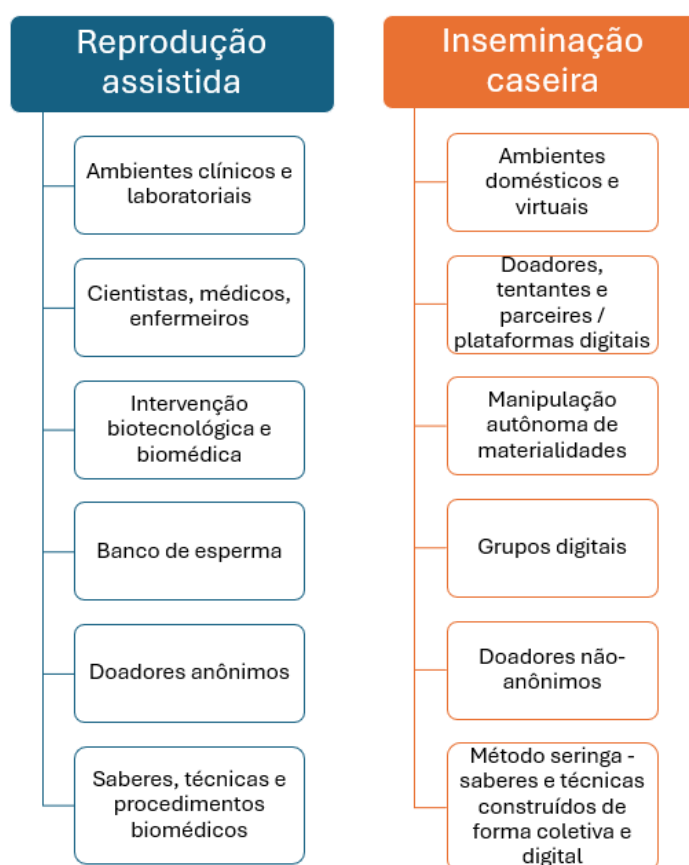


Figura 4 – Contrastes e diálogos entre a reprodução assistida e a inseminação caseira

Esses contrastes e relações nos ajudam a delinear algumas das maneiras pelas quais as inseminações caseiras se articulam – de múltiplas e contraditórias formas – às discussões e práticas sociais de parentesco, família, biotecnologias e as concepções de natureza/cultura a eles associadas. São também contrastes característicos da própria identidade da inseminação

caseira enquanto técnica e enquanto contexto, já que ela se constroi em torno dessas disputas diferentemente das práticas clínicas. Essas distinções são constantemente apontadas nos grupos digitais.

Um dos elementos que nasce desse conjunto de saberes autônomos e coletivos da inseminação caseira no Brasil é a distinção-oposição entre duas categorias êmicas dos grupos digitais: o “método natural”, utilizado neste contexto para descrever engajamentos sexuais entre doadores e tentantes ou, ainda, entre pênis e vagina; e o “método seringa”, que é aquele aceito, defendido e majoritariamente utilizado nos grupos. O método consiste nos procedimentos de inseminação feita em casa, através da inserção de sêmen no canal vaginal da tentante com a utilização de uma seringa descartável, comprada em farmácias regulares.

Essas classificações me parecem especialmente interessantes, já que nos permitem ver uma série de questões a respeito de como os elementos “natureza” e “tecnologia” são articulados nesse contexto epistêmico da inseminação caseira. Aqui, a contraposição entre o “método natural” e o “método seringa” se faz no uso de uma tecnologia que este último impõe, de maneira que a seringa ganha centralidade enquanto este artefato biotecnológico da inseminação caseira, mas também como agente-evidência da intervenção daquele procedimento reprodutivo e, conseqüentemente, das filiações e parentalidades que são geradas a partir dele.

É interessante notar também como essa oposição de “métodos” é recebida nos grupos, de forma que, quase sempre, nas publicações e comentários que fazem propostas de uso do “método natural”, ocorre uma fissura. Os membros que defendem que o método natural é mais eficaz do que a seringa são denunciados, expostos e excluídos. Não parece que, nos grupos, há uma hierarquização entre os dois métodos em termos de sua eficácia, mas há sim uma hierarquização na preferência por um em detrimento do outro que é baseada em diferentes pesos dados às ideias e práticas associadas a cada um deles. Isso não é dito nos grupos, mas desconfio que há uma concepção de que o “método natural”, apesar de não ser necessariamente mais eficiente, cria um vínculo maior (social, com certeza; jurídico, provavelmente; e biológico, suspeito) não só entre “doador” e tentante(s), mas também entre o “doador” e a criança gerada.

Há nos grupos digitais, inclusive, muitos que defendem que, se feita através de “método natural”, não seria uma doação e nem um doador, mas uma outra coisa. Afinal, se o sexo é tomado enquanto elemento constituidor que está no cerne da concepção de reprodução do parentesco euro-americano, então as práticas reprodutivas dadas pelo intercuro sexual também têm o poder de serem tomadas (em diferentes esferas, inclusive jurídicas) como formadoras de vínculos muito mais fortes e legítimos.

Assim, visto que em geral as pessoas e casais que buscam a inseminação caseira não

desejam fortalecer estes laços com o doador, pois eles fragilizam a legitimação do casal em suas maternidades, há também uma necessidade de demarcar uma separação. Esta separação se dá, por um lado, entre o “método natural”, passível de criação de vínculos mais fortes com o doador, e o “método seringa”, cuja participação tecnológica aqui é tida como positiva, na medida em que enfraquece as legitimações desse vínculo. E, concomitantemente, esta divisão também se expande para o dualismo estabelecido entre “doador” e “pai”, ou ainda “doador” e “pai biológico”, na qual a figura do “doador” visa ser a mais distanciada possível do conceito de paternidade¹¹.

Importante ressaltar, entretanto, que para além da questão do vínculo, operam ainda outras problemáticas importantes para tensionar essa questão da opção (ou, talvez, o imperativo) pelo “método seringa”. Primeiramente, o fato de que muitas das pessoas que buscam a inseminação caseira são lésbicas/sapatonas, muitas delas em relacionamentos com outras mulheres e não têm interesse em relações sexuais com homens. A sugestão de usar o “método natural” pode, portanto, atuar como uma violação de seus desejos e limites, e não apenas como uma preferência por métodos de inseminação. Além disso, quando essa sugestão vem de um homem, especialmente um estranho em um grupo de Facebook, pode ser considerada ofensiva e digna de desconfiança. Não é incomum que membros dos grupos vejam essas propostas como tentativas de homens se aproveitarem da situação, explorando a vulnerabilidade das tentantes para alcançar fins pessoais.

Por isso, a preferência pelo uso da seringa não é apenas uma escolha técnica, mas também uma forma de proteger os valores e os limites das tentantes. Os agenciamentos entre corpos, fluidos e seringas, nesse sentido, não apenas minimizam o vínculo com o doador, mas também reforçam a autonomia das mulheres e a segurança dentro desses processos, diminuindo as chances de envolvimento em situações indesejadas ou perigosas.

1.2- “Método seringa”: modo de usar, (re)agentes, riscos e precauções

¹¹ É interessante notar que este parece ser um fenômeno reconfigurado de problemáticas que já apontava Strathern desde a década 90, como conta Rohden: “a doação de sêmen [...] torna-se problemática quando entram em cena as implicações das relações concretas entre as pessoas (Strathern 1991b, p. 33). Quando se passa para este plano efetivo, a inseminação artificial pode ser entendida como uma possibilidade alternativa — ainda que falsa ou equivocada — ao intercuro sexual, na medida em que o doador atua como um marido substituto. [...] No caso do recurso à inseminação por parte dum casal que deseja ter filhos, há dúvidas sobre quem recebe a doação: se é a mulher, que de fato recebe a substância doada, ou se é o homem, cuja doação substitui. Parece que, em geral, sempre se pensa no primeiro caso, da mulher como recebedora. E aí entra a questão do possível adultério, já que ela está recebendo o sêmen de um outro homem. Há então uma necessidade clara de se distinguir, nos discursos, este tipo de doação de um possível intercuro sexual.” (Rohden, 2002, p. 189).



Figura 5 - Método seringa: Pote coletor, seringa e teste caseiro em aquarela. Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

1.2.1- Tentantes e Doadores

Como aponte, os contextos de inseminação caseira no Brasil são marcados pela presença de duas principais “figuras” (personagens sociais centrais da trama reprodutiva das ICs) ou, ainda, dois conceitos/identidades êmicos, sendo eles: o de “tentantes” e de “doadores”.

O termo “tentantes” é utilizado para descrever as pessoas que estão em busca de doações de sêmen para realização de práticas conceptivas e reprodutivas, sem intercuro sexual. Embora seja aplicado em alguns contextos para descrever as pessoas que estão no processo de tentar engravidar através de biotecnologias reprodutivas em geral (Siqueira *et al.*, 2021; Santos, 2022), este termo ganhou corpo, força e identidade dentro dos grupos de inseminação caseira. Assim, ao falar em “tentantes”, em geral se refere às pessoas que estão tentando engravidar por meio de práticas de IC (Allebrandt & Freitas, 2021). Dois conceitos paralelos a estas categorias são os termos “*wanna be moms*”, identificado por Érica Souza (2005) em sua pesquisa com mães lésbicas canadenses e *TTC – Trying To Conceive*, amplamente utilizado em grupos digitais estadunidenses voltados para as discussões e práticas de maternidade lésbica, presentes também no Facebook.

Nos grupos digitais, a maior parte das pessoas que ocupam este lugar identitário são mulheres cis lésbicas/sapatonas¹², dentre as quais quase todas aquelas que fazem publicações sobre sua estrutura familiar estão atualmente em relacionamentos sérios e/ou casadas. Há

¹² Pontuo esta configuração de perfil baseade tanto nos relatos presentes nas publicações, dentre os quais nem todas as tentantes especificam sua sexualidade, mas dentre aquelas que identificam praticamente todas são lésbicas e/ou sapatonas. Além disso, em todas as entrevistas com doadores realizadas até aqui, seus relatos foram de que quase todas as doações que fizeram até então foram para casais lésbicos.

também, entretanto, uma parcela de tentantes que são mulheres em relacionamentos cisheterossexuais e outra de casais constituídos por uma mulher cis e um homem trans. Além das próprias pessoas que irão engravidar, entretanto (as tentantes “por excelência”), estão incorporadas muitas vezes também a este grupo-categoria identitária de “tentantes” aquelas lésbicas/sapatonas que estão em um relacionamento com estas pessoas e que serão mães dos filhos gerados pelas ICs realizadas.

Um ponto interessante sobre esta identidade (já marcante pelo próprio nome, neste sentido) é que ela se funda no fato de estar sempre em processo, sempre na busca transitória de uma realização: a busca pelo “positivo”, que é o resultado positivo em testes e exames de gravidez. Ao alcançar o “positivo”, a identidade de tentante completa seu ciclo e deixa de ser incorporada para então dar lugar a novas identidades, como “mães de IC”, por exemplo.

“O positivo” é um elemento discursivo bastante utilizado nesses contextos, sendo utilizado para se referir a toda tentativa de inseminação “bem-sucedida” e como maneira de se referir às crianças geradas pelas concepções de IC¹³, como, por exemplo, “os positivos do Doador X” ou “os positivos do grupo”. É interessante pensar, inclusive, que talvez o lugar central que este conceito toma nos contextos de inseminação caseira sirva, inclusive, para substituir a ideia de “filhos”, que não se aplicaria ao falar das relações entre doadores e bebês de IC.

Por sua vez, o conceito/identidade dos “doadores” diz respeito, neste contexto, a homens cisgênero¹⁴ – homossexuais, bissexuais e heterossexuais (embora muito poucos doadores relatem nos grupos sobre sua sexualidade) – que se oferecem para realizar doações de sêmen para práticas conceptivas sem intercuro sexual entre doador e receptora do material genético. O termo é também amplamente utilizado em outros contextos, como os da reprodução assistida, mas ganha também novos e reconfigurados significados quando acionados como categoria identitária nos grupos digitais e outros contextos de inseminação caseira.

Ao contrário das tentantes, a noção de “doador” enquanto categoria identitária (mesmo que não seja publicizada em todas as esferas da vida social destes homens) é bem mais “perene”. Se, para as tentantes, o percurso que elas percorrem incorporando esta identidade termina no positivo (isto, evidentemente, considerando que essa gravidez consiga ser levada até o final da gestação), para os doadores, ela permanece e se estende para novas conexões e dinâmicas, com

¹³ Como, por exemplo, “os positivos do doador tal”.

¹⁴ Encontrei apenas um caso - nos grupos que compõem minha análise, pelo menos - de mulher trans se disponibilizando para ser doadora. Homens trans como parceiro de tentantes, por outro lado, são bem mais comuns e aumentam a cada dia nestas plataformas.

outras tentantes. Disso resulta, inclusive, que alguns doadores (especialmente aqueles que estão realizando essa prática já há alguns anos) se tornam verdadeiras figuras de referência e destaque dessas plataformas, ocupando um lugar quase que de “especialistas” em inseminações caseiras, a serem consultados, acionados e celebrados.

Apresentados, portanto, esses dois conjuntos de pessoas, é importante também contar um pouco mais acerca de como eles se encontram, como se dão essas conexões entre tentantes e doadores, e quais são alguns dos nós que se fazem na tensão dessas relações. É aí que entram os grupos de Facebook voltados para as práticas de IC.¹⁵ Assim, o primeiro passo dessa conexão é o próprio contato com os grupos digitais¹⁶ e a entrada nesses grupos, a partir da qual estarão disponíveis tanto os conteúdos já publicados por outros membros, quanto as ferramentas para interagir com esses conteúdos e produzir novos.

De modo bem geral, portanto, nesses grupos as tentantes e doadores se conectam através dessas publicações, onde se apresentam e informam se estão à procura de um doador (no caso das tentantes) ou se estão se disponibilizando para doação (no caso dos doadores), e em qual região se encontram/poderiam estar¹⁷. A partir dos comentários, faz-se um primeiro contato demonstrando interesse ou disponibilidade e, a partir daí, doador e tentantes geralmente se deslocam para outros espaços digitais como o Whatsapp e/ou o Messenger¹⁸ para combinar acordos, dinâmicas e detalhes da doação.

[...] cientes da necessidade de um doador para efetivar as formas de fazer, elas se tomam a identidade de tentantes em grupos específicos da rede social Facebook, onde interagem com os doadores disponíveis. Essa interação é cercada de elementos que dizem respeito às decisões estabelecidas entre o casal para a busca (Felipe, 2019, p.41)

Uma série de questões e procedimentos realizados e acordados entre doadores e tentantes, antes mesmo da doação, exigem cuidado e atenção: estratégias de contingenciamento de riscos especialmente necessárias quando falamos de uma prática “marginalizada” como as ICs.

¹⁵ Uma reflexão importante levantada Felipe (2019) ao refletir acerca desses grupos digitais de IC, é que eles atuam diretamente na própria criação e incorporação (ciborgue) destas categorias identitárias (em rede) de tentante e doador, se fazendo a partir da entrada nestes grupos e se fortalecendo a partir dos vínculos e interações dadas nestas plataformas: “Ter um perfil no Facebook não faz de você um doador ou uma tentante. Entretanto, se você tiver um perfil e estiver dentro de um destes grupos, dependendo do seu sexo, você é detentor de outra identidade. Isso faz parte do que Danah Boyd (2010) chama de *Networked Publics*, ou Públicos em Rede, por tradução livre. A autora chama de *Networked Publics* (públicos em rede), as pessoas que são estruturadas pelas tecnologias em rede, tecnologias essas como as redes sociais, blogs, sites e aplicativos (Boyd, 2010).” (Felipe, 2019, p.18)

¹⁶ Aliás, pelo que pude verificar no campo e nas entrevistas, os meios pelos quais estes contatos se dão são extremamente variados, mas dentre os quais se destaca o papel da mídia e das reportagens (boa parte delas bastante críticas e incriminatórias às práticas de IC) na divulgação da existência deste tipo de prática e da existência destes grupos.

¹⁷ Os conteúdos, formatos e dinâmica destas e de outros tipos de publicações serão aprofundados ao longo do texto.

¹⁸ Aplicativo de mensagens integrado ao próprio Facebook.

Exames de fertilidade (como espermogramas) e de infecções sexualmente transmissíveis são pedidos aos doadores pelas tentantes e custeado por elas, bem como o deslocamento, e possível hospedagem do doador, caso necessário.

Além disso, nessas conversas também são muitas vezes discutidos os papéis e limites de atuação do doador na concepção e relação com a criança, de modo que a maioria (mas não todas, e são variadas as possibilidades) das tentantes parece optar por manter contato com os doadores apenas até o positivo, quando o avisam e depois interrompem as interações, de modo que os doadores não tem contato e nem relação com as crianças geradas a partir de suas doações ou com as mães. Por vezes, são debatidas também questões jurídicas, como a criação de documentos e contratos, como de acordos de “não-requerimento de paternidade” (os quais, na realidade, não têm validade jurídica). Uma vez debatidas estas, e outras, questões e feito o cálculo e controle do período fértil para determinar a melhor data para realizar a inseminação, é marcado o encontro.¹⁹

1.2.2- Descrição da técnica

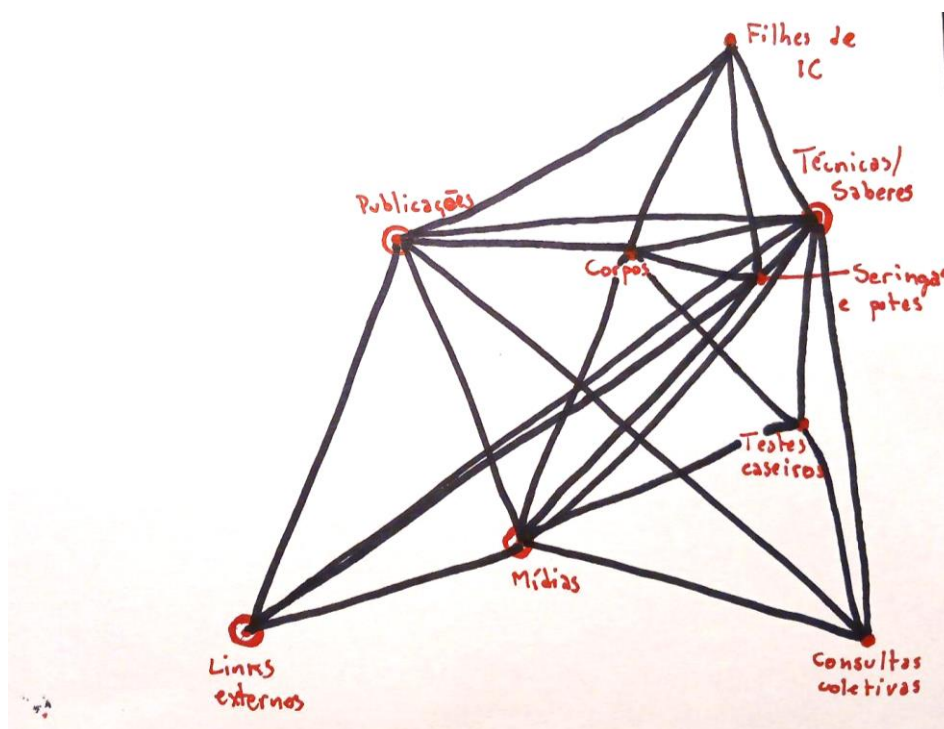


Figura 6 - Desenho de alguns dos agentes, relações e intersecções em rede que giram em torno das técnicas e saberes da inseminação caseira. Fonte: Elaborado pela autora, 2024.²⁰

¹⁹ Passei aqui rapidamente por essas questões relativas à marcação dos encontros e demarcação de limites nas relações entre tentantes/mães de IC, doadores e as crianças, mas elas serão melhor detalhadas no Capítulo 3, a partir das análises das publicações e interações traçadas nos grupos.

²⁰ Essa é a primeira de uma série de imagens-desenho de alguns dos agentes que atuam na construção das “redes” (sociotécnicas e ciborgues) de inseminação caseira que aqui me propus a mapear e desenhar, agrupados em torno das relações e intersecções que estabelecem entre si. Importante destacar que aqui aparecem já três dos

A realidade é que cada IC é uma IC, e cada doador e tentante têm seus próprios métodos, manejos e preferências, de modo que são múltiplas as dinâmicas e técnicas estabelecidas neste tipo de prática reprodutiva. Ainda assim, de modo geral, há um conjunto de procedimentos que são basais e/ou mais recomendados nesses grupos e que nos ajudam a descrever e compreender melhor como são realizadas as inseminações caseiras.

Em geral, os procedimentos das inseminações caseiras são feitos na casa das tentantes, mas por vezes também são realizados em quartos de hotel ou na casa dos doadores. Em um banheiro ou quarto e após lavar as mãos, o doador se masturba²¹ e ejacula em um pote coletor (de farmácia, o mesmo utilizado para coleta de urina para exames). Em seguida, aspira o sêmen com uma seringa descartável sem agulha, que pode variar entre 3ml e 10ml.

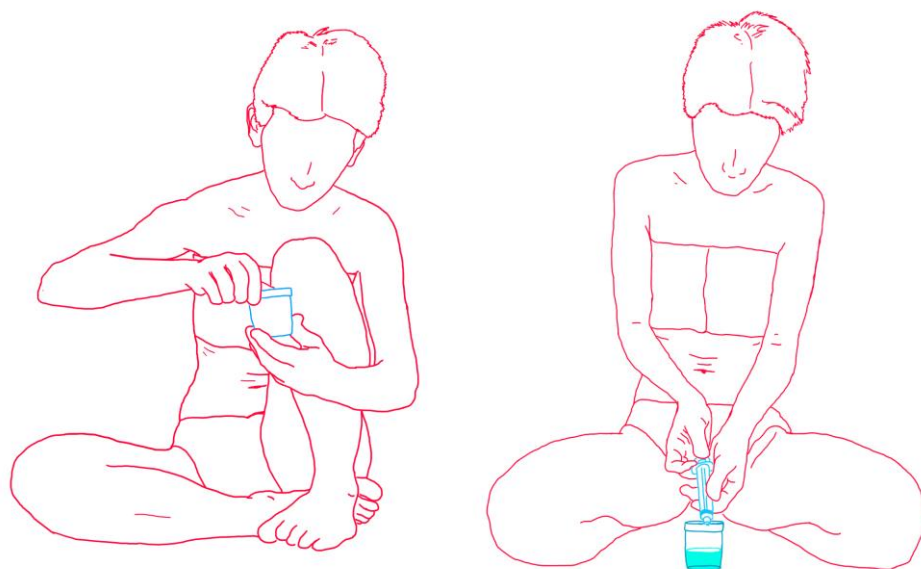


Figura 7 - Inseminação ciborgue, o pote: primeira parte do ensaio gráfico de posturas, gestos e relações corpo-técnica-tecnologia nas inseminações caseiras. Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A seringa com o sêmen é passada à tentante ou sua parceira pela porta e, em um quarto

agentes que se apresentam como vértices conectores importantes nessas redes, que são as publicações, os links externos incorporados nessas postagens e seus comentários e as mídias também nelas incorporadas. Fiz a escolha de dividir aqui as publicações das mídias, encarando as imagens produzidas e compartilhadas nos e para os grupos como agentes separados, porque elas cumprem funções específicas dentro das publicações e dos comentários e da própria feitura coletiva da rede de saberes da IC, inclusive gerando engajamentos específicos de acordo com a sua presença, ausência e conteúdo. No Capítulo 3 desse texto, me aprofundo nos papéis e dinâmicas em que se engajam essas mídias e na forma como podemos encarar essas imagens e vídeos como materialidades agentes de fato que são produzidas por meio de e produzem relações com os demais agentes dos grupos por si.

²¹ É fortemente recomendado (nos grupos) que os doadores não tenham tido relações sexuais nos dias anteriores à doação. É também recomendado que se realize um teste rápido de HIV durante a retirada da amostra, mesmo que o doador já tenha apresentado exames de ISTs anteriormente, nos combinados e acordos realizados nas conversas prévias ao dia da doação.

separado, a tentante se deita em uma cama, preferencialmente com as pernas dobradas ou apoiadas. É muito importante que se tome o mínimo de tempo possível entre a ejaculação e a inseminação, já que os espermatozóides não resistem por longos períodos fora do corpo, processo este que se acelera de acordo com as exposições ao ar e à luz. Nos grupos, sempre se aconselha que realize esse traslado da seringa e a feitura da inseminação o mais rápido possível.

Para realizar a inseminação, é importante que a tentante esteja lubrificada, seja através de estimulação ou com uso de lubrificante apropriado (com ph neutro). Uma vez lubrificada, a tentante ou sua parceira inserem delicadamente a seringa no canal vaginal e pressionam o mecanismo, injetando o sêmen dentro do canal.

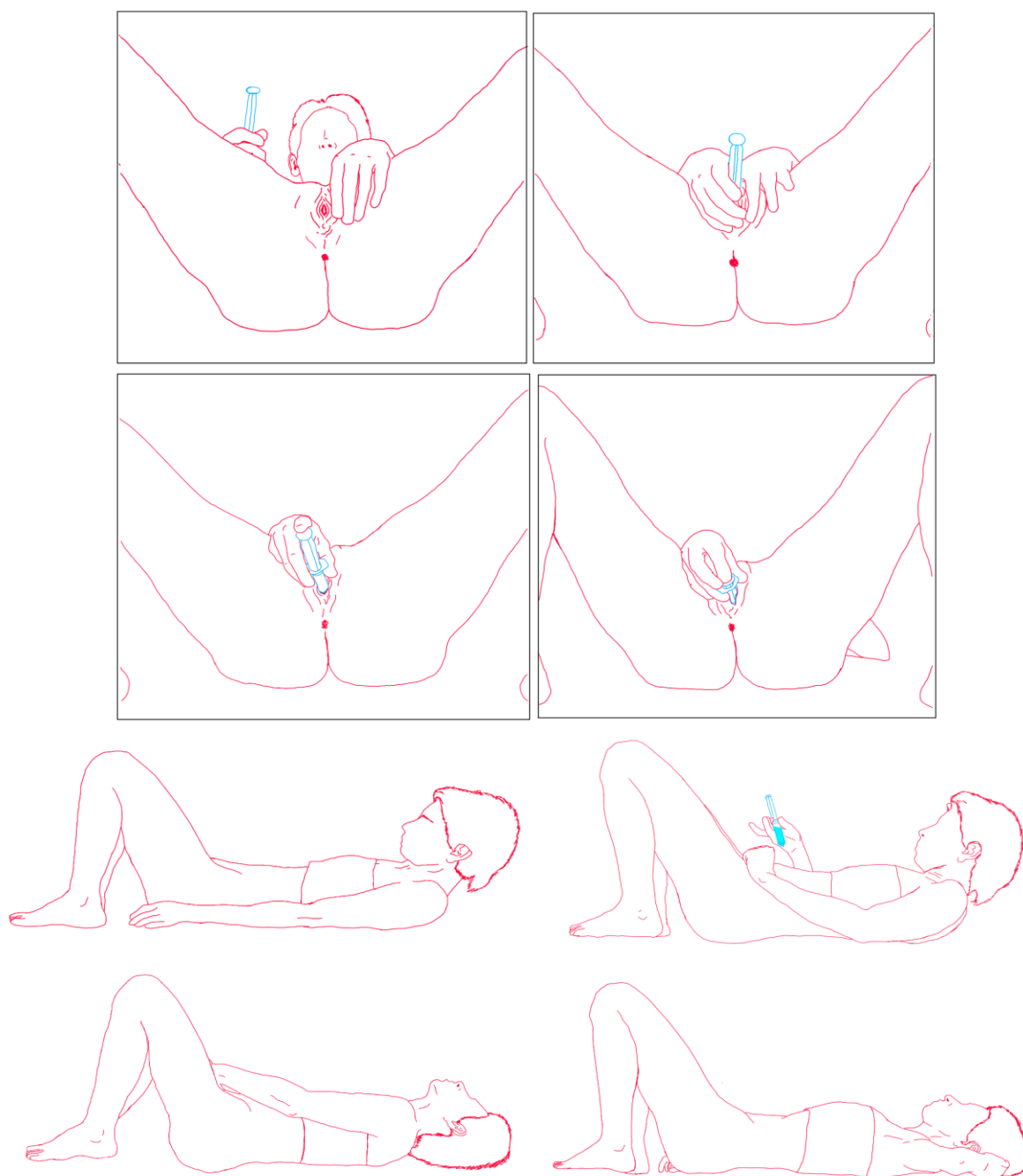


Figura 8, Figura 9 e Figura 10 - Inseminação ciborgue, a seringa: segunda parte do ensaio gráfico de posturas, gestos e relações corpo-técnica-tecnologia nas inseminações caseiras. Fonte: Elaborado pelo autore, 2023.

Há doadores e tentantes que fazem uso de outros tipos de materiais para realização a inseminação, como espéculos descartáveis e cateteres para permitir um acesso mais direto ao colo do útero, mas o mais comum e recomendado nos grupos digitais é o uso apenas da seringa. Há casos, ainda, de doadores que relatam terem participado do processo de inseminação, a pedido das tentantes, sendo eles os responsáveis por injetar o conteúdo da seringa dentro do canal vaginal da tentante.

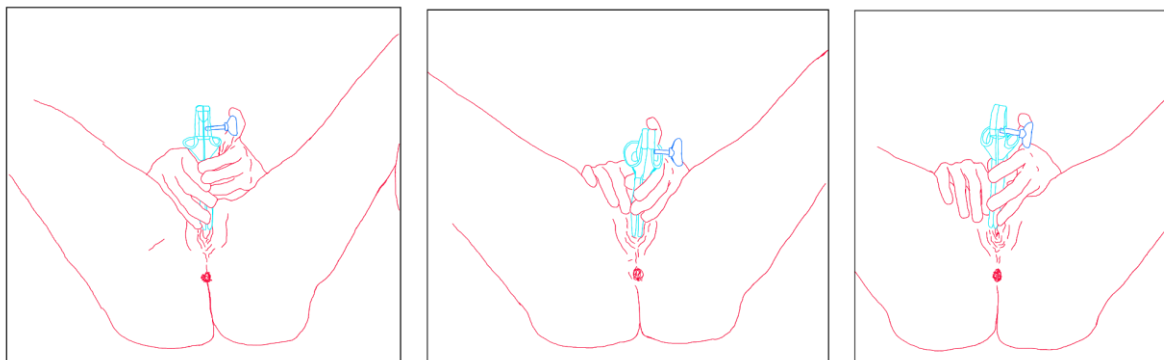
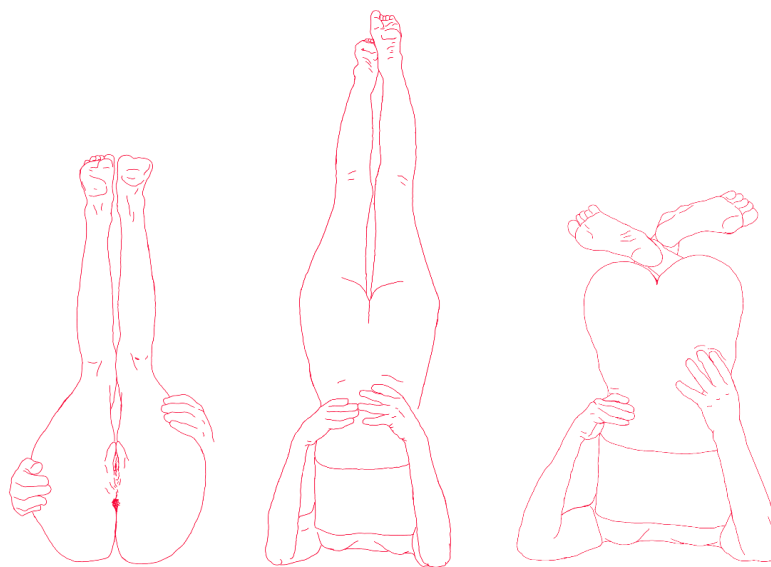


Figura 11 - Inseminação ciborgue, o espêculo: terceira parte do ensaio gráfico de posturas, gestos e relações corpo-técnica-tecnologia nas inseminações caseiras. Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Uma vez feita a inseminação, a tentante deve permanecer com as pernas para cima por alguns minutos, para evitar que o sêmen escape, e depois permanecer ao menos meia hora deitada de barriga para cima. A partir dos dez dias subsequentes à inseminação, em geral são realizados testes de gravidez caseiros para verificar se a inseminação foi bem-sucedida. Caso seja um “positivo”, as tentantes avisam ao doador acerca do resultado (ou, ao menos, assim é acordado nos grupos) e/ou faz uma publicação no grupo comunicando o positivo. Caso seja “negativo” e caso as tentantes queiram continuar na busca pela gravidez, novas tentativas são realizadas com o mesmo doador ou outro doador é contatado.



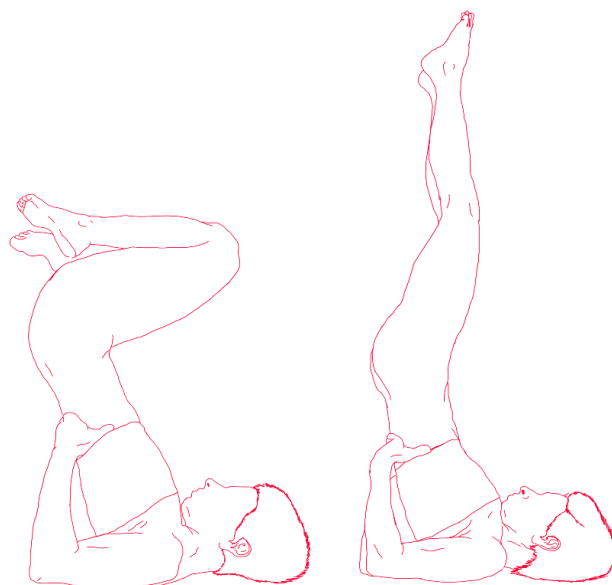
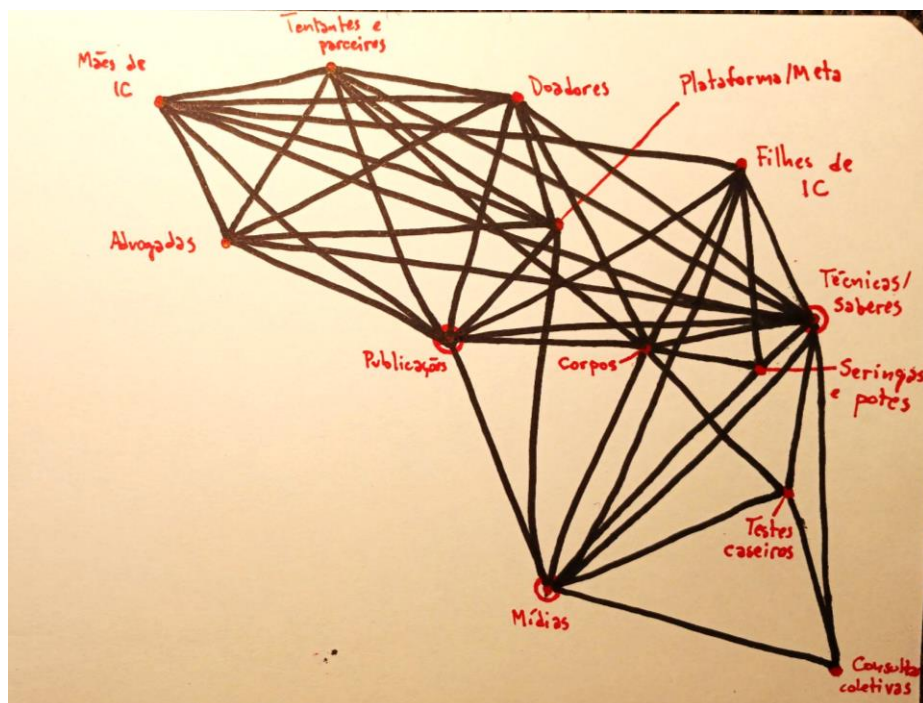


Figura 12 e Figura 13 - Inseminação ciborgue, as pernas para cima: ensaio gráfico de posturas, gestos e relações corpo-técnica-tecnologia nas inseminações caseiras. Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

1.2.3- Disputas de saberes, disputas capitalistas: inseminação caseira versus reprodução assistida e os entraves com a comunidade médica



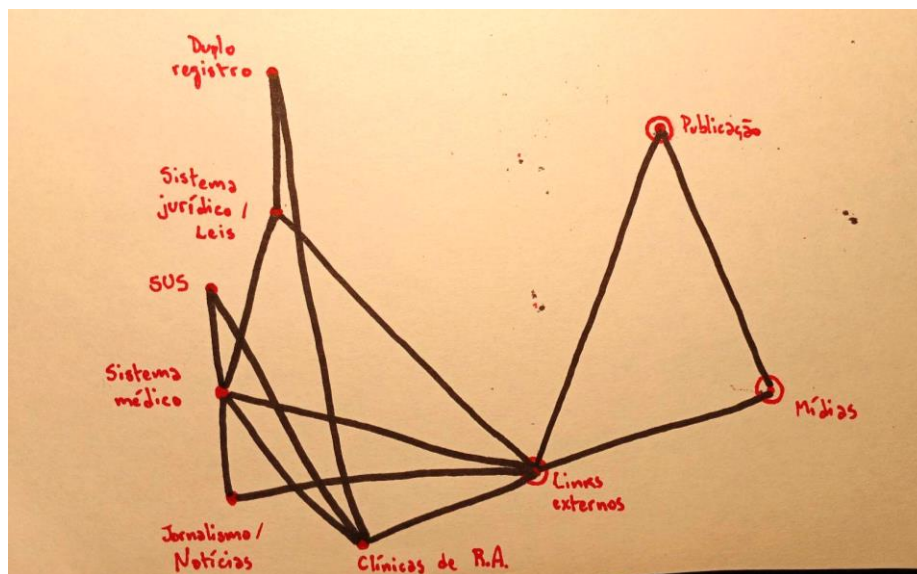


Figura 14 e Figura 15 - Desenho de alguns dos agentes, relações e intersecções em rede que giram em torno dos discursos e instituições externos aos grupos, incorporados em links. Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Como apontei anteriormente, as práticas de inseminação caseira no Brasil estabelecem plurais e tensionadas conexões com o contexto das reproduções assistidas, relações estas que são marcadas ora por continuidades e recriações, ora por rompimentos e disputas diretas entre estes dois contextos e seus múltiplos agentes.

Como destaca Felipe (2019), os profissionais da área da saúde em geral se posicionam radicalmente contra as práticas de inseminação caseira e apresentam uma série de críticas e advertências com relação aos riscos que as ICs oferecem. De acordo com declarações advindas deste grupo, em reportagens ou comunicados de instituições como a Anvisa, estes riscos giram em torno de: “farsas envolvendo exames e nomes, os acordos não cumpridos, as ‘mudanças de ideia’ dos doadores, [...] riscos de transmissão de doenças para as mulheres e bebês” (Felipe, 2019, p. 43), além da fragilidade jurídica dessas práticas e dos contratos que são desenvolvidos para tentar assegurar a legitimação legal dessas dinâmicas e das filiações delas decorridas.

Nas palavras da ex-Secretária geral da Sociedade Brasileira de Reprodução Humana, a ginecologista Nilka Fernandes Donadio,

Quando a gente pensa em inseminação, sabe que ela deve ser feita em laboratório e o sêmen deve passar por um processamento, que elimina fatores que podem trazer consequências graves à saúde da mulher. Na inseminação caseira, ela pode sofrer infecção no colo do útero ao injetar o sêmen por meio de uma seringa. Além disso, quem garante que os exames feitos pelo doador estão corretos? É difícil cancelar uma indicação para esse procedimento (Donadio, 2017, online).

Um texto publicado nas redes sociais da Anvisa, por sua vez, aponta que a inseminação caseira é uma prática feita por “leigos” em ambientes domésticos e alerta para que as mulheres que se submetam a estes procedimentos...

[...] sem acompanhamento profissional devem estar cientes dos riscos envolvidos.

- Qualquer material biológico de terceiros requer avaliação antes de ser introduzido em outra pessoa.
- As triagens social, clínica e laboratorial do doador são necessárias para eliminar riscos de transmissão de doenças por meio da avaliação da presença de agentes infecciosos, como HIV, Hepatites B e C, Zika Vírus, Chikungunya, entre outros.
- A exposição ao ambiente também deve ser considerada. Na inseminação caseira, o espermatozoide fica em contato com o ambiente externo e com os micro-organismos do ar durante alguns momentos (Anvisa, 2018, online).

Essa questão dos “riscos envolvidos” de exposição à contaminação que, advogam as médicas, atravessa as práticas de IC parece ser um ponto muito crítico no “confronto” entre comunidade médica versus inseminação caseira. Nesse contexto, o discurso médico parece (estrategicamente) deixar de fora do debate a questão de que riscos muito semelhantes estão envolvidos nos próprios intercursos sexuais vagina-pênis que não façam uso de preservativos, por exemplo. Nesses discursos, os riscos de exposição da IC parecem se amparar principalmente em dois argumentos. Primeiro, o fato de que o sêmen viria de “desconhecidos” e não passou pelos exames e testagens a que são submetidos os materiais genéticos das clínicas, orientadas inclusive por vieses eugênicos (Souza, 2005, 2006a; Souza *et al.*, 2020). Segundo, porque estariam envolvidos no processo de inseminação outras materialidades que o sexo não envolve, como as próprias seringas ou espécies descartáveis que poderiam ser “contaminados” em uma manipulação não-clínica dessas materialidades. No fim, essa questão dos intercursos sexuais fica é, portanto, colocada de lado, sendo debatida uma comparação que gira em torno apenas da reprodução assistida versus inseminação caseira, sendo parte da disputa pelo poder de dizer e manipular essas reproduções tecnologicamente mediadas.

Por outro lado, as interações entre tentantes e doadores de IC nos grupos digitais também estão repletas de críticas às práticas de reprodução assistida, em especial a seus custos e os comportamentos abusivos de algumas clínicas. Felipe e Tamanini (2022) relatam, por exemplo, como as agendas mercadológicas que orientam as práticas clínicas, seus procedimentos e custos são frequentemente criticadas e mal vistas nos grupos de IC, tanto por uma questão política de acesso e desigualdade socioeconômica, quanto por questões morais de defender a reprodução enquanto um “sonho” não mercantilizável:

[...] nos grupos se afirma que as clínicas priorizam valores frente ao sonho. Vez ou outra, se critica o fato de especialistas perseguirem a IC pelo “preconceito” e explicita-se que há uma acusação subentendida de que se está vendendo e comprando sêmen, prática que é proibida na IC, e, que ao contrário, é realizada nas clínicas. As clínicas igualmente são vistas como lugares altamente mercantilizados e, muitas vezes, reportadas como ineficazes (Felipe & Tamanini, 2022, p.188).

Estas são algumas das disputas e pontos de tensão mais relevantes desse contexto relacional entre ICs e as práticas medicamente assistidas de reprodução. É interessante notar que, nos argumentos colocados nos discursos dessas figuras e instituições médicas, apenas

alguns destes elementos disputados aparecem nestas falas, como os apontamentos de riscos das ICs advindos da falta de controle especializado nos exames médicos e os possíveis perigos dos procedimentos relacionados à biossegurança. É importante pontuar, entretanto, que mesmo sem acompanhamento ou mediação médica, são adotadas uma série de medidas pelas comunidades formadas nos grupos digitais, que visam contingenciar estes riscos. Essas medidas são constantemente reforçadas nas interações das plataformas, e coletivamente controladas.

Outro ponto mencionado nesse conjunto de discursos é a questão do anonimato dos doadores. Por não haver uma mediação médica e clínica nestes procedimentos, não é possível garantir o anonimato da identidade dos doadores e nem as seguranças legais que este anonimato ajuda a garantir²². Não é possível, portanto, assegurar que estes doadores não virão a requerer a paternidade das crianças geradas por reprodução assistida ou por inseminação caseira, nem a garantia de registro das duas mães na certidão de nascimento, no caso de casais lésbicos que conceberam em clínicas particulares.

Entretanto, também estão em jogo outras disputas silenciosas, que não estão visíveis nestes discursos médicos, mas que aparecem de maneira marcante nos contextos de inseminação caseira. Felipe e Tamanini (2022) indicam, dentre estas questões, a autonomia frente aos aparatos de controle médico e as possibilidades alargadas de escolhas e protagonismos que a IC permite tomar – na seleção do doador, no contato com ele, nas práticas de preparo do corpo, na escolha e realização das técnicas e tecnologias de feitura da inseminação em si, dentre muitos outros – ainda que venham acompanhados de novas e renovadas fragilidades e riscos. Como apontam, a escolha e os efeitos desta autonomia, entretanto, são também complexos e disputados, como destacam:

A autonomia das práticas de IC pressupõe a ausência de uma equipe clínica especializada que regule a transação, em específico, que irá mediar a doação de sêmen entre as mulheres e o banco. Nas clínicas as mulheres receptoras, para além de escolher os possíveis doadores baseados em características oferecidas pelos profissionais, não têm nenhum tipo de contato com eles. Na IC essa ausência é impossível. Mesmo que a relação estabelecida com o doador seja mínima, em algum momento essas pessoas precisarão conversar para estabelecer decisões, ainda que pontuais, trocar exames, e, no momento da IC, eles precisarão estar fisicamente próximos mesmo que separados por cômodos (Felipe & Tamanini, 2020, p. 38).

Este processo de tomada autônoma, coletiva e não-especializada do controle sobre os próprios processos corporais e reprodutivos é especialmente tensa, pois esbarra diretamente em

²² Ainda assim, é importante citar, de acordo com a lei brasileira, nem mesmo o anonimato das clínicas está acima do direito ao reconhecimento legal da paternidade requerido pelos filhos se estes assim quiserem entrar com um processo na justiça.

relações de poder profundamente imbricadas na formação de instituições sociais como a biomedicina. Estas relações se fundam na hierarquia epistêmica de “saberes especializados” *versus* “crenças leigas”, que historicamente permitiu a estas instituições o direito de controle sobre os corpos.

Este é um caso, portanto, em que existe uma séria disputa entre saberes: os saberes médicos e os saberes das mulheres que estão tentando e engravidando através desses métodos e que, por sua vez, tendem a defender esta prática como a melhor das opções.[...]. Além disso, esta prática dá maior poder de escolha e controle para as mulheres tentantes a respeito de seus processos e desloca o poder sobre os corpos, as decisões, as concepções das mulheres e, mais ainda, das mulheres lésbicas com certa autonomia em relação aos saberes e às instituições médico-hospitalares (Souza, Carvalho & Carmo, 2020, p.307).

Para complexificar um pouco mais estas questões, é importante notar que, se por um lado o desejo de autonomia frente ao controle clínico pode indicar uma cisão com o campo biomédico, por outro lado, o contexto das inseminações caseiras (e, em especial, dos grupos de IC nas redes sociais) apresenta também uma série de continuidades, reapropriações e “pirateamentos” dos saberes, conceitos, técnicas e tecnologias biomédicas

o saber biomédico pode estar difundido e é “pirateado” nas trocas entre os participantes dos grupos. [...] Os medicamentos, os processos e protocolos, podem ser adaptados quando difundidos nos grupos. Isso demonstra que estabelecer um antagonismo entre clínicas e a inseminação caseira não parece ser um bom caminho para pensarmos as práticas (Felipe & Tamanini, 2020, p.24)

Mais do que isso, estas interlocuções com os conhecimentos e técnicas biomédicos resultam também na construção de redes de saberes próprios, criados, compartilhados e trocados entre as mulheres dos grupos.

Além disso, embora seja possível se falar em inseminações caseiras enquanto práticas mais autônomas frente aos aparatos de controle biomédicos, por outro lado, elas geram novas formas de exposição, a outro crescente sistema de controle e vigilância, que é o da rede cibernética, polo central da chamada “sociedade de informação”²³ (Silveira, 2009).

Diretamente relacionada a estas questões, outro ponto de central relevância nesta relação disputada entre ICs e RA são os custos e as relações de medicalização e mercantilização da reprodução, especialmente quando encaramos o cenário brasileiro de profundas desigualdades

²³É importante ressaltar, neste sentido, que as interações digitais são atravessadas/constituídas em dois patamares ou horizontes sociotecnológicos: “O primeiro deles é a própria sociedade de controle, definida por Gilles Deleuze (1992) enquanto modo de funcionamento do poder pós-momento das sociedades disciplinares, de maneira que “funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea” (Deleuze, 1990, p. 220). Esta mesma sociedade de controle se vê hoje configurada e reconfigurada também pelas novas tecnologias de rede que possibilitam uma vigilância constante de todos os rastros físicos e digitais deixados pelos indivíduos interagentes nas redes. [...] Além disso, se insere também na rede cibernética – marcada pela multi-interação entre humanos, e entre humanos e máquinas (Silveira, 2009) – chamada de sociedade de informação, em que estas possibilidades de vigilância contínua se apresentam não apenas enquanto possibilidades, mas enquanto realidades, em processos de mercantilização de dados pessoais e rastreamentos geolocalizados de rastros digitais deixados através de nossos IPs ao navegarmos na internet e ao portarmos aparelhos móveis enquanto extensões de nossos corpos e identidades.” (Carvalho, 2019, p. 81 e 82).

socioeconômicas. As inseminações caseiras, enquanto procedimentos de custos quase nulos (em comparação aos custos cobrados nas clínicas por inseminações artificiais ou FIVs), representam uma ameaça direta ao lucrativo mercado de procedimentos médicos reprodutivos e as agendas capitalistas e mercantis que regem as práticas clínicas.

Como destaca Rosana Machin (2000) e Verônica Ferreira e colegas (2007), as tecnologias e práticas de reprodução assistida se inserem e corroboram um processo de “medicalização social”, que se apoia na primazia da tecnologia a serviço da expansão do mercado e dos serviços médicos, criando novas e atualizadas maneiras de mercantilização da vida e dos corpos (em especial de mulheres). Através dessas tecnologias e de suas manipulações, vidas e corpos são regidos por lógicas mercantilistas e do poder biomédico. Assim,

O corpo das mulheres, percebido como máquina produtora de meios para reproduzir e para curar outros corpos, é capturado pelos interesses ditos “científicos” e do mercado. Essa apropriação possui um forte viés de classe, pois é o corpo das mulheres pobres que é visto como “objeto” da intervenção – por parte do Estado e do poder médico – e de instrumentalização – por parte do mercado – para a produção de embriões (Ferreira *et al.*, 2007, p.10).

Martha Ramírez-Galvez (2003; 2009), seguindo um rumo similar e adotando também uma percepção bastante crítica às dinâmicas produzidas no campo das reproduções assistidas, diz:

A maioria das análises que indaga a relação entre reprodução humana e medicina, revela a centralidade do corpo e da sexualidade feminina como lugar, por excelência, de escrutínio e políticas de controle. [...] O surgimento da Reprodução Assistida (RA) [...] e a apropriação do desejo de filhos por parte da medicina são incluídos por Corrêa (2001) no processo de medicalização social. Esse termo designa a modificação da prática médica mediante a inovação de métodos diagnósticos e terapêuticos, da indústria farmacológica e de equipamentos médicos que tem como consequência um aumento exagerado no consumo de atos médicos e de medicamentos (Ramírez-Galvez, 2009, p.85-86).

Destaca, assim, que o surgimento e a implementação deste campo (das RAs) estão diretamente relacionados à materialização (in-corporação, talvez) de um empreendimento/projeto político de medicalização social e controle disciplinar dos corpos.

As inseminações caseiras, por sua vez, certamente não são práticas cuja existência se faz alienada às dinâmicas e agendas mercadológicas e capitalistas, mas se inserem neste contexto de maneira particular e reconfigurada. Como apontei anteriormente, por exemplo, as questões envolvendo transações monetárias (pagamentos pela doação, custeio de transporte, acomodações e exames, etc.) entre tentantes e doadores são tópicos polêmicos e conflituosos nas interações digitais dos grupos e nos múltiplos acordos feitos entre estes diferentes agentes.

Cabe ressaltar que as trocas entre agentes dessa rede, a despeito do envolvimento monetário dessas transações, se fazem por meio de acordos particulares que operam muito mais

por elementos da troca do que através da regulação mercantil, como fazem as clínicas, ainda que este aspecto complexifique ainda mais o delicado risco do vínculo (entre doador-tentantes-bebês) envolvido nas ICs. Se por um lado a mediação das clínicas poderia gerar uma certa “desvinculação mercantil” dessa transação, do procedimento e das partes envolvidas, por outro lado a “desmercantilização” gerada pelas inseminações caseiras adiciona ainda mais camadas neste risco do vínculo e, portanto, mais estratégias de contingenciamento deste risco.

Como me apontou Magda Ribeiro, na leitura da qualificação desse texto, é “interessante perceber como tal mediação se dá no âmbito das negociações particulares que instauram os elementos da troca, diferente da mediação mercantil das clínicas que operam por meio da regulação mercantil.” (Ribeiro, 2022, s.p.). Pensando que é o tipo de vínculo produzido na troca, e não a presença ou ausência monetária, que caracteriza as trocas mercadológicas e capitalistas e a questão do “risco do vínculo” que discuto aqui, ela me trouxe a reflexão: “como reduzir o vínculo numa troca que contorna a desvinculação mercantil das clínicas?”

Num esforço de levar a frente essa reflexão, penso que as proposições de Viviana Zelizer em “A negociação da intimidade” (2011) oferece uma perspectiva valiosa. Zelizer critica a ideia de que o dinheiro corrompe relações íntimas e destaca que as atividades econômicas e relações de afeto podem coexistir, criando novos tipos de vínculos e acordos. Propõe o conceito de “trabalho relacional” que, conforme a autora, envolve negociações cuidadosas e a construção de mundos híbridos onde as fronteiras entre o econômico e o íntimo são constantemente negociadas.

Embora as cobranças pela doação em si sejam condenáveis, como aponte, esses outros custeios no contexto das inseminações caseiras são considerados aceitáveis, mesmo que esses acordos estejam sob disputa nos grupos. Apresentarei mais detidamente no capítulo 3, a partir das postagens e interações do mapeamento que realizei, assim como algumas das estratégias de contingenciamento do “risco do vínculo” que são debatidas. Mesmo assim, vale dizer ainda que, lendo sob a perspectiva de Zelizer, nesse contexto é possível pensar que o dinheiro, seja para transporte, exames ou outros custos, não necessariamente corrompe a relação entre doador e tentante, mas estabelece uma espécie de “trabalho relacional” que redefine o vínculo entre as partes envolvidas. Por outro lado, complexificando as “comparações” entre contextos, essa perspectiva também pode nos ajudar a refletir sobre a própria fragilidade da “desvinculação mercantil” das trocas estabelecidas nas/pelas/com as clínicas, especialmente em seu argumento de que as relações e a intimidade podem ser não só mantidas e até fortalecidas pelas transações econômicas.

Considerando tudo isso, é relevante destacar, as inseminações caseiras apresentam uma das únicas – e talvez a única – alternativas de técnicas e tecnologias reprodutivas que, no cenário brasileiro atual, consegue margear e incomodar a hegemonia dos serviços médicos e clínicos particulares de reprodução assistida, enfrentando (mas não desmontando) sua desigualdade de acessos, seus interesses mercadológicos e seus amplos e concentrados fluxos monetários.

Além disso, embora de fato os valores monetários investidos em materiais e “serviços” para as inseminações caseiras sejam praticamente ínfimos quando comparados aos custos de procedimentos reprodutivos assistidos, isto não quer dizer que ela não envolva diferentes transações comerciais e gastos com os procedimentos e preparos e até mesmo transações comerciais. Neste sentido, existe hoje, inclusive, um ramo de mercado voltado especificamente para venda de materiais utilizados nas ICs, os chamados “kits de inseminação caseira”²⁴, anunciados não apenas em algumas publicações nos grupos de Facebook, mas especialmente em lojas virtuais especializadas em produtos e fármacos para fertilidade.

1.2.4- Questões jurídicas: fragilidade e invisibilidade legal da inseminação caseira

Os sistemas legais e jurídicos são também fatores cujas atuações são da maior relevância no reconhecimento e legitimação para diferentes tipos de parentalidades, mas em especial em casos de relações de parentesco não-normativas, como são as maternidades lésbicas/sapatonas. São as leis que vão regular as legalidades e legitimidades jurídicas dessas maternidades e, por exemplo, os direitos de registro e guarda das crianças. Entretanto, essas leis também são guiadas e respondem a uma série de agendas políticas, sociais e econômicas, que variam de acordo com o contexto histórico, geográfico e político de cada local. No Brasil, embora ainda haja uma extensa e problemática lacuna no que diz respeito aos direitos concedidos a parentalidades LGBTQIA+, especialmente aquelas realizadas à margem das instituições médicas, há também algumas ferramentas estratégicas que o direito brasileiro permite alcançar e das quais as mães lésbicas/sapatonas fazem uso de maneira bastante expressiva.

Uma destas ferramentas é o casamento civil e/ou união estável do casal. Ainda que atualmente o Código Civil reconheça como entidade familiar “a união estável entre o homem e a mulher, configurada na convivência pública, contínua e duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição de família” (Araújo, 2022, online), no Brasil a união estável entre

²⁴ Irei adentrar com cuidado estes kits mais à frente no texto, tal como suas composições materiais e as empresas e plataformas responsáveis por sua venda, mas cabe já dizer que estes kits apresentam diferentes combinações de materiais-produtos, mas contam em especial com seringas, potes de coleta, testes de fertilidade e gravidez, lubrificantes de pH neutro, cateteres e diferentes fármacos naturais e alopáticos estimulantes da ovulação.

casais homoafetivos foi reconhecida pelo Supremo Tribunal Federal em 2011, e desde 2013 o casamento civil também foi garantido por resolução do Conselho Nacional de Justiça. O casamento serve estrategicamente aos casais de lésbicas/sapatonas que optam por maternar, atuando como agente-atestado de relação do casal e como testemunho da estabilidade familiar, ambos fatores determinantes na conquista de reconhecimento legal de ambas as maternidades com relação às crianças que tiveram em conjunto (SOUZA, 2022).

Outro recurso utilizado estrategicamente nesse contexto é o duplo registro de maternidade na certidão de nascimento. Desde novembro de 2017, um Novo Modelo de Certidão de Nascimento vem sendo utilizado – por autorização do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) – que possibilita o registro de até duas mães ou até dois pais para os bebês registrados. Esta decisão configurou uma grande conquista, já que esse registro atua como materialização dos laços de parentalidade entre as mães e a criança, garantindo a validação da “ordem da lei” como destacaria Schneider (1968). Assim, esse procedimento vem assegurando que muitas maternidades lésbicas tenham mais legitimidade, não apenas jurídica, mas também social e política. Desde 2019²⁵, no entanto, a possibilidade de fazer um duplo registro nas certidões de nascimento de bebês cujas mães fizeram procedimentos de inseminação caseira, que antes eram feitas no próprio cartório, agora é vetada e os processos precisam ser encaminhados para a avaliação de um juiz.

Por outro lado, para garantir o direito e uso dessas ferramentas legais em termos estratégicos pelas mães lésbicas/sapatonas, a Lei brasileira também exige, para isso, uma série de “provas” dos vínculos – biológicos e socioafetivos – entre elas e a criança gerada. Para as maternidades por reprodução assistida, exige-se uma comprovação de que o processo de produção da concepção e controle dos processos de inseminação biotecnologicamente mediada tenha sido feito em ambiente clínico e sob a intervenção de agentes biomédicos e profissionais especializados, com a utilização de bancos de espermatozoides anônimos. Assim, para garantir o direito ao duplo registro em cartório é necessário apresentar um conjunto de documentos e contratos comprobatórios do procedimento realizado em clínica de fertilidade: contrato com a clínica em nome das duas mães (com cláusulas especiais sobre a possibilidade de divórcio ou morte acerca da destinação do embrião) ou escritura pública registrada em cartório, além de declaração do diretor da clínica e declaração da clínica.

Para casos de maternidades lésbicas/sapatonas concebidas por meio de inseminação

²⁵ Com o advento do provimento 63/2017 do Conselho Nacional de Justiça, que entrou em vigor no início do ano de 2019, e o lançamento de uma das últimas versões da resolução do Conselho Federal de Medicina acerca das práticas de reprodução assistida.

caseira, por outro lado, toda uma nova gama de “provas” são necessárias, quando o processo passar para a instância judicial. Ao conversar com uma advogada especializada no assunto – Dra. Ana Carolina Mendonça – ela me informou, por exemplo, que ao ajuizar a ação pelo duplo registro (o que ela faz no quarto mês da gestação), acompanham esta ação os seguintes “documentos-provas”: certidão de casamento ou união estável do casal de mães; prova da relação do casal anterior à gestação, através de fotos do casal, prints de redes sociais, fotos de casamento, dentre outros; prova da gestação, com a utilização de exames, ultrassons morfológicos, fotos do nascimento (se houver), fotos da amamentação, dentre outros; e, ainda, ao menos seis declarações de amigos e familiares de que conhecem o casal e acompanharam seu planejamento e concepção conjunto de constituição de uma família.

A advogada cita, ainda, o termo de intenções de doação de material genético, o “contrato” (muito citado nos grupos digitais), no qual o doador declara que doou o material, não recebeu por isso, que doou para o casal (e não apenas para a gestante) e que não tem interesse no reconhecimento futuro dessa paternidade, não havendo oposição de que o registro se dê em nome das duas mulheres. No entanto, como ela mesma atenta, esse termo não tem nenhuma validade jurídica, mas, uma vez que não há regramento específico para a maternidade lésbica por inseminação caseira, esses contratos são criados de maneira a tentar produzir uma documentação similar àquela produzida pelas clínicas de fertilidade. A principal motivação desse termo, de acordo com ela, seria, em verdade, assegurar o direito à mãe não-gestante, sendo um documento escrito que lhe permite um mínimo de proteção. Amorim (2013) também aborda esta questão, ao trazer o relato de uma de suas entrevistadas, a respeito de seu processo jurídico de busca pelo duplo registro das mães na certidão de nascimento do filho, onde sua interlocutora aponta que

O que que a advogada nos orientou que seria um pedido de direito alternativo e do direito que está afim de levar essa discussão adiante? Provas concretas de que esse casal tem uma situação pública, de que ele não vive às escondidas, enfim. E nós tínhamos isso a dar com pau, fotos de formaturas que a gente sempre tava junta, o próprio casamento que era a maior prova pública aí (Amorim, 2013, p.78).

Na falta de validação oficial de uma instituição médica, portanto, essas comprovações de estabilidade familiar e do planejamento conjunto parecem atuar como “provas”, testemunhos materiais do vínculo existente entre a mãe que não gerou – para a qual é aplicado o conceito de “maternidade socioafetiva”, em contraposição à “maternidade biológica”²⁶ – e a criança.

²⁶ Os conceitos de “maternidade/filiação biológica”; e “maternidade/filiação socioafetiva” existem para além da maternidade lésbica, mas se articulam de maneira bastante particular nestas parentalidades em que há uma participação ativa da/s mãe/s na concepção e gestação de seus filhos, tidos como “biológicos”, pois: em geral (com exceção daqueles casais que se utilizam do método ROPA), uma das mães do casal apenas assumirá uma dessas

Em compensação, os casais cisheterossexuais que desejam registrar seus filhos não precisam de grande parte dessas “comprovações” da parentalidade, de nenhuma das partes. Basta que o pai vá até um cartório e declare a paternidade, apresentando “‘Documento dos pais, com foto, válido em todo território brasileiro (RG, CNH, Passaporte);’ e ‘Declaração de Nascido Vivo (DNV) da criança (fornecida pelo hospital ou maternidade onde houve o parto)’ (Gov.BR, 2021, sem página). Neste caso, não apenas não é preciso provar, como também não é preciso ter-se efetivado entre esse casal nem um casamento, nem uma relação contínua e parentalidade conjuntamente planejada, assim como não será questionado qual o método conceutivo utilizado por esse casal.

Um fato que se mostra latente ao analisar este contexto é que um dos aspectos mais relevantes na produção de maiores ou menores legitimações e direitos das maternidades lésbicas parece ser a participação, em maior ou menor grau, das instituições e controle biomédicos, seus saberes, tecnologias e participação nos custos que estas práticas (transformadas em mercados) movimentam. Nesta senda, quanto mais autônoma e desconectada do aparato e controle médico for a concepção, mais riscos de ser vulnerabilizada a legitimação do casal de mães.

Este contexto, entretanto, é fruto especialmente das próprias lacunas deixadas pela legislação brasileira, especialmente no que tange à regulamentação de práticas como a reprodução assistida e as inseminações caseiras. Como apontei anteriormente, as práticas de reprodução assistida não são tratadas em normativas específicas da legislação brasileira, sendo até hoje reguladas e regidas por resoluções internas do Conselho Federal de Medicina. Busco aqui estabelecer uma análise recortada da maneira pela qual a população LGBTQIA+, em especial lésbicas/sapatonas, vêm sendo ou não incorporadas e consideradas (em suas diferenças e peculiaridades, inclusive) nessas resoluções ao longo do tempo e de suas múltiplas versões desde 2010, quando a primeira delas foi publicada. A CFM 1957/2010, como destaca Felipe,

nada fala sobre tais pessoas ou as práticas disponíveis. Foi após a Decisão do Supremo Tribunal Federal do dia 05 de maio de 2011 (ADI 4.277 e ADPF 132) onde se reconhece a união estável como entidade familiar, que, dois anos depois, na resolução do CFM 2.013/2013, cita-se o reconhecimento da união estável homoafetiva como entidade familiar. Permitindo o uso das técnicas para pessoas em relacionamento homoafetivo e também pessoas solteiras (Felipe, 2019, p. 34).

identidades-vivências, enquanto que sua parceira assumirá a outra, ainda que ambas assumam a identidade-relação de mãe da/com a criança. No Direito e na Lei brasileira, tanto a filiação biológica/natural, quanto a filiação socioafetiva estão previstas como possibilidades de “filiação jurídica” no Código Civil de 2002, artigo 1.593. Neste contexto jurídico e legislativo, portanto, as maternidades e filiações entendidas como “socioafetivas” seriam aquelas que, na ausência de um vínculo de consanguinidade e descendência genética, se constituiriam a partir de outros tipos de vínculo: “construída pelo afeto, pela convivência, pelo nascimento emocional e psicológico do filho [...] caracterizada pela convivência, afetividade e pela estabilidade nas relações familiares” (Carvalho, 2009, online).

Além disso, nas duas resoluções seguintes – CFM 2.121/2015 e CFM Nº 2.1681/2017 – foram ainda regulamentadas, respectivamente: a gestação compartilhada em união homoafetiva feminina; e a regulamentação oficial da técnica de Recepção de Óvulos de Parceira (ROPA) para casais lésbicos. A última versão foi publicada em 2021 e sua principal modificação, no que tange às populações LGBTQIA+ e o uso de tecnologias reprodutivas para casais homoafetivos, é a revogação de uma das alterações presentes na CFM 2.283/20 do ano anterior e que “permitia a objeção de consciência médica para vetar o uso das técnicas de RA por pessoas em relacionamentos homoafetivos, solteiras ou trans” (Felipe & Tamanini, 2022, p. 189).

A literatura existente acerca dos encontros entre o direito e a legislação brasileira e as práticas de inseminação caseira no país (Tibúrcio, 2018; Serqueira, 2019; Souza & Cunha, 2019; Ribeiro, 2019; Araujo, 2020; Montalde, 2021; Nousa, 2021) – especialmente no Direito de Família – aponta sistematicamente para como é cheio de falhas, omissões e desatualizações o ordenamento jurídico do país para lidar com este contexto, que integra o cotidiano das práticas reprodutivas brasileiras de modo crescente e já expressivo. Apontam para como esta falta de regulamentação e legislação adequada por parte do Estado faz com que estas práticas, já marginalizadas pela comunidade médica, contêm também com uma ampla fragilidade jurídica, de modo que se torna cada vez mais urgente repensar e expandir as bases do reconhecimento de filiação, para que possa abarcar estas crianças concebidas por técnicas autônomas de inseminação (Nousa, 2021).

Nesta senda, como apontam Nunes (2021), Pereira (2021) e Felipe (2022), todas estas problemáticas e fragilidades jurídicas apontadas pela falta de regulamentação dessa modalidade reprodutiva são agravadas quando tratamos de planejamentos familiares “não-convencionais” como de casais homoafetivos. Até porque, um casal cisheterossexual que tenha concebido uma criança a partir de inseminação caseira por meio de doação de sêmen não terá suas parentalidades questionadas no registro e reconhecimento da criança. Para lésbicas/sapatonas, esta não é uma opção.

Neste contexto, são especialmente problemáticas a não-validade e ineficácia dos contratos de não-requerimento da paternidade (que são utilizados na maioria dos procedimentos de inseminação caseira) e a impossibilidade do duplo registro da maternidade nos cartórios, sendo necessária apelação para o Poder Judiciário onde nem sempre são bem-sucedidas. Ela delega aos juízes e juízas e às múltiplas e subjetivas variáveis consideradas pela justiça brasileira para validar ou não uma “maternidade socioafetiva” lésbica, o que se torna especialmente perigoso, quando consideramos que “esta justiça é, na maioria das vezes, conservadora e tem muita dificuldade de acompanhar os processos de reconfiguração e de

criação de formas outras de famílias e maternidades” (Souza, Carvalho & Carmo, 2020, p. 314).

Dessa forma, os casais lésbicos que gestaram seus filhos a partir de procedimentos de inseminação caseira estão em uma perigosa e violenta lacuna de dupla deslegitimação sociojurídica e política: uma por estarem fora do escopo das cisheteronormatividade; e outra por estarem fora do controle e da mediação biomédica das clínicas.

1.3 - Os grupos de Facebook: Inseminação caseira A e Inseminação Caseira B

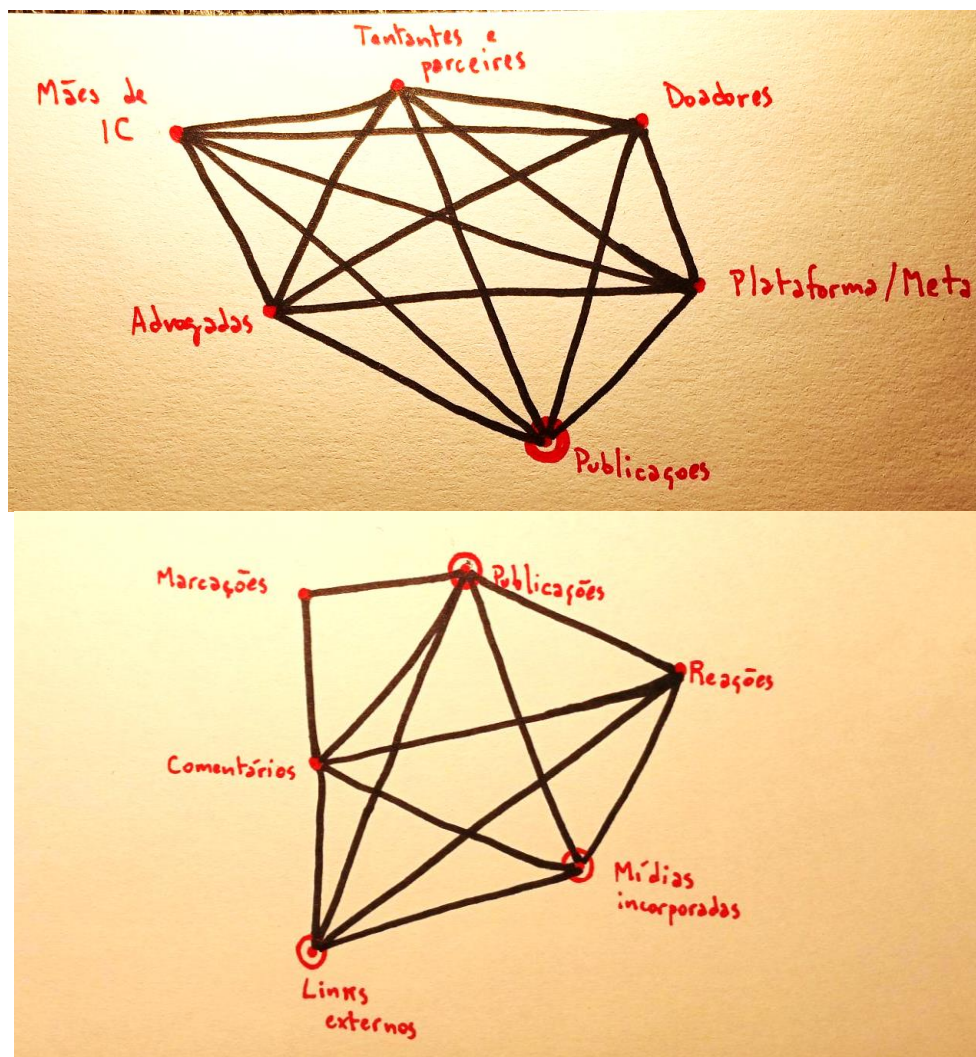


Figura 16 e Figura 17 - Desenho de alguns dos agentes, relações e intersecções em rede que giram em torno das dinâmicas de interações dos grupos. Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Dentre os muitos grupos voltados para inseminação caseira existentes hoje no Facebook brasileiro, fui capaz de mapear pelo menos 64. Entretanto, é especialmente difícil calcular quantos grupos existem, uma vez que boa parte destes grupos são “privados” ou “ocultos”²⁷.

²⁷ Grupos ocultos são aqueles nos quais só é possível chegar através de convite, de modo que não são localizáveis ou visíveis a ninguém que não seja membro convidado.

Dentre os 64 grupos, por exemplo, apenas 14 deles são grupos “públicos”²⁸. Mais difícil ainda seria tentar calcular quantas pessoas estão por trás dos perfis dos milhares de membros que participam de cada um destes grupos, uma vez que muitos dos perfis fazem parte de mais de um grupo ao mesmo tempo²⁹ e, ainda, que uma só pessoa pode ter diferentes perfis na plataforma Facebook e participar desses grupos com diferentes contas.

Ambos os grupos que participaram de meu recorte e com os quais pesquisei nos últimos meses são voltados para a temática e as práticas de “inseminação caseira”. Ambos figuram como grupos “privados” e “visíveis”, o que significa que é possível encontrá-los a partir de pesquisas na plataforma do Facebook, mas, para visualizar as publicações e discussões do grupo, é preciso primeiro pedir permissão de administradores para ingressar, responder a algumas perguntas definidas por eles e ser aceite.

Dois aspectos sobre estes grupos que me fizeram escolhê-los para meu recorte e que fazem com sejam plataformas interessantes e potentes para reflexão são: i) que ambos são já bastante estabelecidos no contexto das ICs, especialmente por seu histórico e amplitude. Isto, pois foram fundados há muitos anos (2014 e 2017), contam hoje com números expressivos de membros (entre vinte e quarenta mil) e contêm um público bastante diverso, compostos por doadores e tentantes heterossexuais, lésbicas/sapatonas e bissexuais; ii) que é possível traçar interessantes comparações entre eles, por exemplo, o fato de um ser administrado por tentantes e mães de IC e o outro por doadores de sêmen. Além disso, são também dois grupos com os quais eu já havia estabelecido uma relação mais antiga: entrei em ambos no ano de 2018, quando realizava minhas primeiras pesquisas com o tema e já havia, inclusive, feito contato com alguns de seus administradores anteriormente.

O Grupo “Inseminação caseira A³⁰” foi criado em dezembro de 2014, hoje conta com 57.630 membros³¹ (Ver **Erro! Fonte de referência não encontrada.**), sendo que parte significativa deste grupo se juntou a ele a partir de 2020 (Ver **Erro! Fonte de referência não encontrada.**). Atualmente, este grupo é administrado por uma mulher cis lésbica e moderado por um grupo de mais duas mulheres cis.

Quadro 1 – Quantidade de membros atual, descrição da moderação, período de criação

²⁸ Os grupos públicos não exigem autorização para entrar e tem todas as suas publicações visíveis para membros e não-membros.

²⁹ Eu mesma, por exemplo, participo como membro em onze destes grupos.

³⁰ Os nomes originais dos grupos foram ocultados, no intuito de proteger a privacidade de seus participantes.

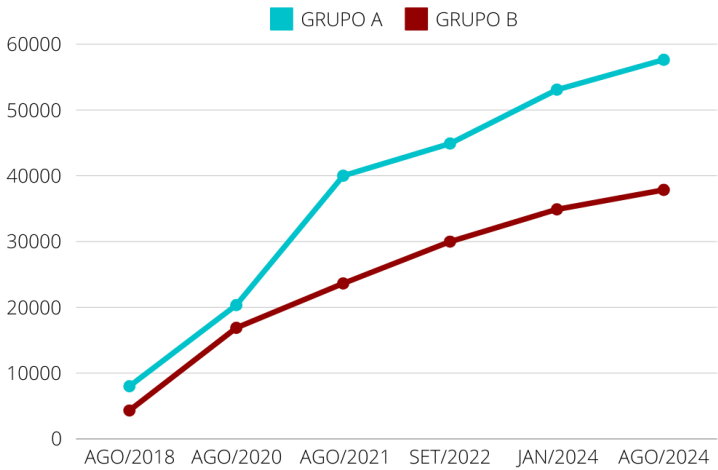
³¹ Números atualizados em 11 de agosto de 2024.

GRUPO	NÚMERO DE MEMBROS (AGO/2024)	DATA DE CRIAÇÃO	ADMINISTRAÇÃO/MODERAÇÃO
GRUPO A	57.630	Dezembro de 2014	1 administradora 2 moderadoras
GRUPO B	37.849	Setembro de 2017	2 administradores (um perfil e uma páginas) 3 moderadores (4 no início do meu campo)

Fonte: Elaborado pela autore, 2024.

O Grupo “Inseminação caseira B”, por sua vez, foi criado em setembro de 2017 e hoje é composto por 37.849 membros (Ver **Erro! Fonte de referência não encontrada.**). Atualmente, o grupo é administrado por um homem cis hétero que atua como doador, personalidade bastante conhecida dentro do contexto de inseminação caseira brasileira, e por uma página voltada para inseminação caseira, além de contar com a moderação de mais três homens cis (quatro, no início do campo, e dois durante a coleta de dados).

Gráfico 1 - Crescimento do número de membros do Grupo A e B, de 2018 a 2024



Fonte: Elaborado pela autore, 2024.

Já as características interseccionadas dos membros que participam de ambos os grupos são múltiplas em termos de gênero, sexualidade, raça, faixa etária e classe, mas de maneira geral é possível dizer que ambos os grupos são ocupados, especialmente, por: lésbicas/sapatonas³², (ainda que também hajam mulheres cisheterossexuais) e, ainda, homens

³² Os dados referentes a esse perfil de sexualidade estão presentes na Nota 14, desta dissertação.

cis – gays e hétero – que praticam a doação de esperma para este tipo de prática autônoma. Os dados referentes a classe e raça desses membros não foram possíveis de se reunir de maneira sistematizada dentro de meu recorte, já que na maioria das interações do grupo esses elementos não são explicitados, especialmente no que diz respeito às tentantes. Entretanto, alguns mapeamentos desses dados acerca das características desses participantes (perfis raciais, etários, de classe), especialmente de doadores, estão presentes nos capítulos “3.2 - Oferta” e “3.6 - Dinâmicas do grupo”.

Uma informação importante acerca dos “perfis” digitais desses membros, entretanto, é que eles são diferenciados na plataforma através da utilização de “selos”, mecanismo este que a administração do grupo pode ativar ou desativar nas configurações, escolhendo quais deles serão ou não aplicados aos seus membros. Desde 2019 temos um conjunto desses selos disponíveis, dentre eles três que já eram usados em ambos os grupos que analisei, em 2022, momento de meu campo dentro dessas plataformas: os selos de “administrador”, “mediador” e “membro novo”. De acordo com a plataforma Meta, esses selos se caracterizam pelo seguinte:

Administrador: Aparece ao lado do nome de quem é responsável pelo gerenciamento de toda a comunidade: da participação dos membros e moderadores até as configurações e publicações no grupo.

Moderador: Mostra a todos quem gerencia a participação dos membros e as publicações no grupo.

Membro novo: Fazer com que todos os novos membros se sintam bem-recebidos é fundamental para a construção da comunidade. Este selo aparecerá somente para quem entrou no grupo nas últimas duas semanas. (Facebook, 2021, s.p.)

Em 2023, entretanto, novos selos foram adicionados como opções para os grupos, de modo que hoje temos o seguinte quadro: Administrador; Moderador; Especialista do grupo; Supercolaborador; Membro fundador (disponível apenas para grupos criados até 17 de julho de 2018); Novo membro; Puxador de conversa; e Narrador visual (Facebook, sem data³³). Deles, apenas a opção de “Supercolaborador” passou a ser utilizada nos grupos analisados, sendo estes disponibilizados aos membros “mais ativos” do grupo, o que é medido por um sistema de pontuação dos participantes, com base em seu número de “respostas ou reações nas suas publicações ou comentários” e por ter funções no grupo como “ser um administrador ou moderador e/ou ser um especialista do grupo” (Facebook, sem data).

Os selos ficam visíveis abaixo do nome do membro em suas publicações e também no “perfil do membro” de cada participante, onde essas pontuações de cada um ficam visíveis. Isso que chamei de “perfil do membro” é na verdade um link/página que abre quando clicamos no nome de um participante, onde estão duas abas: “Publicações do grupo” (Figura 18), onde

³³ Disponível em: <https://www.facebook.com/help/www/1755743691177351>

estão reunidas todas as publicações que aquele participante já fez, sua data de entrada e funções desempenhadas; e a aba “Suas Contribuições” (Figura 19), na qual é disponibilizada a pontuação desse membro.



Figura 18 - Print modificado do meu “perfil de membro” em um dos grupos analisados. Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

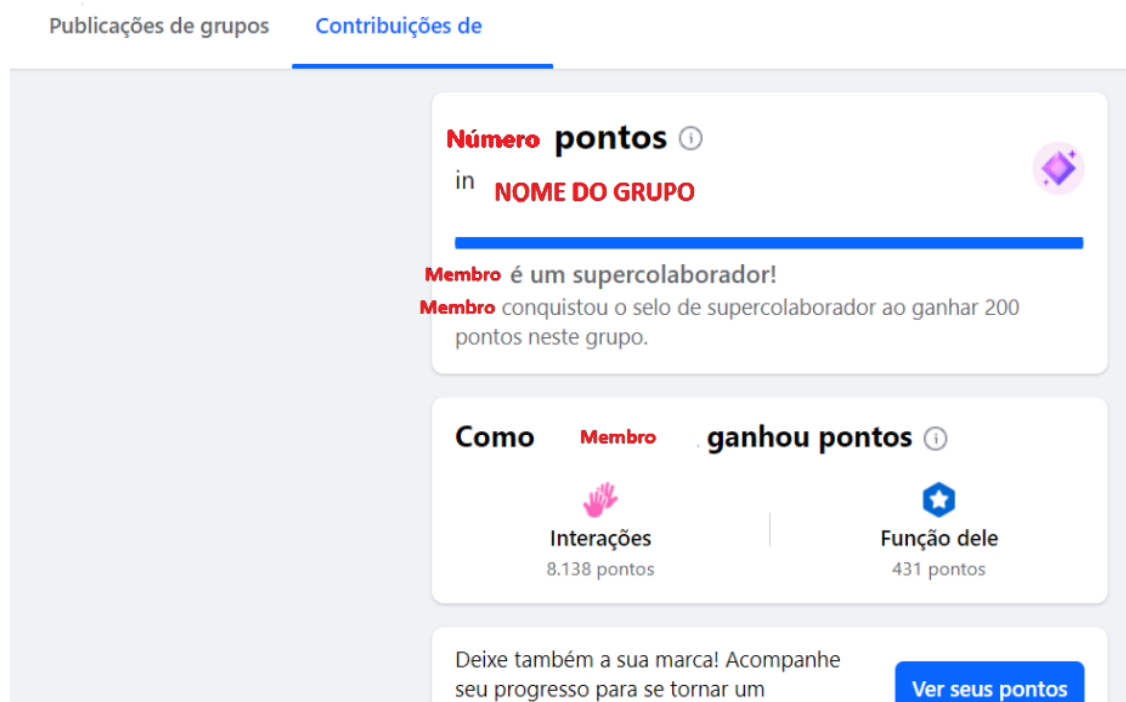


Figura 19 - Print modificado do meu “perfil de membro” em um dos grupos analisados. Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Em média, são publicadas no Grupo A cerca de 7 postagens por dia e 215 por mês, cada

qual com diferentes níveis de interação por parte de outros membros, enquanto que o Grupo B tem em média 8 publicações por dia e 240 por mês. Busquei analisar e pesar essas “escalas” de interação a partir de marcadores como os números de curtidas e outras “reações” e a quantidade de comentários, mas também os conteúdos e dinâmicas destes comentários, para cada postagem.

Essas publicações mapeadas que abordo estão presentes na “seção” (abas que dividem os tipos de atividade em grupos do Facebook) intitulada “Discussão” (Figura 20). A seção Discussão é aberta para leitura, participação e postagem de qualquer membro do grupo, mas sempre mediante aprovação da equipe de administradores e mediadores, sendo necessária a aprovação de apenas uma pessoa, mas sem a qual a publicação não ficará disponível.³⁴

³⁴ Não consegui como gostaria, nessa pesquisa, adentrar uma investigação etnográfica acerca da atuação dessas figuras e desse trabalho de mediação das interações dos grupos, suas publicações e seus participantes. Entretanto, o relato de um de meus entrevistados, que já atuou como administrador em diferentes grupos de Facebook e de Whatsapp traz algumas contribuições nesse sentido. Ele conta: “Ah, tem grupo que é automático né, aí já aceita tudo, depois tem que ir retirando. Mas tem outros, tipo os que eu era da moderação, que aí a gente que tem que aprovar. Aí é bem filtrado. Tem os doadores falsos, que a gente já conhece, aí não deixa entrar, tem umas bobajada que o pessoal tenta postar também, que não tem nada a ver com o grupo, que aí a gente filtra. É bem filtrado” (Entrevista realizada com Doador 1, realizada em 15 de outubro de 2022.)



Figura 20 - Print modificado da seção “Discussão” dos grupos digitais. Fonte: Elaborada pelo autor, 2023.

Para além dessa aba “Discussão”, entretanto, ambos os grupos contam com mais sete seções, sendo elas: a aba “Sobre”, dedicada a uma resumida sistematização dos dados gerais do grupo, como sua descrição e *tags* relacionadas, sua lista de membros e da equipe de administradores/mediadores, seu histórico de criação, dentre outras informações; “Mentoria”, na qual membros se voluntariam para ajudar e dar informações acerca de tópicos definidos por cada mentore³⁵; “Em Destaque”, que reúne publicações afixadas pelos administradores dos grupos; “Vídeos” e “Mídia”, onde estão reunidos todos os materiais audiovisuais publicados na aba “Discussão”; “Membros”, onde está reunida uma lista com todos os membros integrantes do grupo; e “Eventos”, quase nunca utilizada nestes contextos.

Além de analisar as publicações contidas na seção “Discussão”, também me debrucei aqui sobre as publicações e conteúdos presentes nas abas “Mídia”, para pensar e experimentar com

³⁵ Nos grupos que analisei, a seção Mentoria conta com voluntários dispostos a ajudar com tópicos como “Gravidez”, “Fertilidade”, “Criação de filhos” e “Relacionamento”. Nesta aba estão disponíveis os perfis dos membros voluntários, os tópicos nos quais se disponibilizaram a ajudar e uma pequena descrição de sua experiência com a inseminação caseira ou com o tópico indicado.

os repertórios imagéticos destes grupos, e “Em destaque”, por reunir as postagens escolhidas pela equipe de administradores para estarem em constante visibilidade e de fácil acesso a todos os participantes. Além disso, as publicações “em destaque” também incorporam conteúdos e temas importantes para as interações dadas nos e com os grupos, e diferem bastante entre eles. No grupo A, a seção é dedicada a múltiplas publicações da equipe de moderação, como listas e lembretes das regras de conduta e comportamentos indicados e proibidos, recados e avisos da administração sobre as dinâmicas do grupo, tutoriais e passo-a-passo sobre a realização indicada da inseminação caseira, dentre outros. No grupo B, a seção contém apenas uma publicação, que consiste na indicação de um novo grupo dentro da plataforma do Facebook, derivado deste.

No Grupo A, as regras gerais de conduta delimitadas giram em torno da proibição de discursos de ódio, *bullying*, exposição de dados de outros participantes fora dos grupos, uso do grupo para propaganda ou divulgação de outros grupos, sob risco de banimento com o descumprimento destas regras. Outras normas mais específicas para as práticas de inseminação caseira, no entanto, são acrescentadas em outras publicações, em geral afixadas na aba “Em destaque”, como não cobrar pela doação de sêmen e não realizar ou sugerir que a inseminação seja realizada por meio de “contato sexual”. Há, ainda, sugestões para tentantes e doadores idealizadas pelas administradoras, como: se afastarem após a confirmação da gravidez; evitar compartilhar nomes verdadeiros, tanto das tentantes e suas parceiras/os/es, quanto dos doadores, buscando preservar ao máximo o anonimato de todos; e evitar doadores jovens e sem experiência ou, ainda, aqueles que exigem fazer ou observar a feitura da inseminação.

No Grupo B, por sua vez, informações como essas acerca das regras do grupo e avisos, indicações e proibições por parte da equipe que administra o grupo não são disponibilizadas e estabelecidas do mesmo modo que no Inseminação Caseira A, a começar pelo fato de que as regras não estão disponíveis nem na entrada do grupo, nem na seção “Sobre” ou nos destaques. Entretanto, como aponte, em novembro de 2021, derivou do Inseminação Caseira B um novo grupo, que conta hoje com 3400 membros. Esta nova comunidade é administrada pelo mesmo grupo de pessoas, se propondo a objetivos bem similares, mas com a diferença de que este grupo é configurado como público e visível, de modo que tudo o que é publicado lá dentro está acessível mesmo para perfis e páginas que não fazem parte do grupo. Neste, a seção de destaques conta com duas publicações de um dos administradores voltadas para o estabelecimento de regras e diretrizes para membros e para administradores de outros grupos de inseminação caseira, no Facebook e Whatsapp.

Nessas diretrizes, há uma lista de “comportamentos abusivos” e “anti-éticos” passíveis

de banimento do grupo e exclusão de publicações, dentre elas: um conjunto de comportamentos proibidos entre doadores, como forçar o “método natural” e cobrar valores altos e fora dos “valores de custo”; um conjunto de comportamentos proibidos entre tentantes, como fazer procedimentos de inseminação caseira com mais de um doador ao mesmo tempo, sem que estejam cientes ou bloquear os doadores após ter confirmação de positivo, mentindo sobre este resultado. Há, ainda, uma segunda publicação que visa estabelecer algumas regras de conduta relacionadas à cobrança e valoração da doação de sêmen, listando algumas diretrizes e distinções entre “valores de custo” (para cobrir deslocamentos, exames, suplementos e afins) e a cobrança ilegal pela doação em si.

Já no que diz respeito às temáticas articuladas e discutidas nos grupos e em suas publicações, elas são bastante plurais, mas se alinham também em alguns fluxos de conteúdos peculiares destes grupos. O objetivo principal definido em suas descrições é a oferta e procura de espermatozoides de doadores “solidários”, para realização de inseminações caseiras. No entanto, nos grupos ainda são amplamente discutidas questões outras que envolvem estas práticas, como: relatos e testemunhos de “casos de sucesso”, os “positivos”, muitas vezes acompanhados de fotos das crianças geradas, imagens de exames e testes positivados ou *prints* de conversas no Whatsapp; compartilhamentos, dúvidas e trocas de informações acerca de técnicas, materiais e procedimentos (corporais, fármacos, biotecnológicos, sociais, jurídicos) particulares das inseminações caseiras e, mais especificamente, das ICs por casais de lésbicas/sapatonas; questões legais e de contrato; riscos e exames necessários; avanços e/ou retrocessos jurídicos na legitimação das parentalidades advindas da IC; remuneração monetária pelas doações e sua ilegalidade; denúncias de doadores com comportamentos abusivos e/ou proibidos nas regras dos grupos; dentre outros.

Para além das temáticas, há ainda outros aspectos relevantes na criação de publicações nos grupos e na produção de maiores ou menores fluxos de engajamento para elas, que aqui venho tomando como variações de “formato”. Dentre estes distintos formatos, portanto, elenquei alguns marcadores que parecem ser relevantes nestes processos de produção e veiculação de conteúdos e dinâmicas, e a partir deles defini alguns “tipos de formato” incorporados pelas publicações dos grupos. Dentre estes tipos, diferencio primeiramente “publicações com imagens”, (as quais representam 28% da minha coleta de dois meses), “publicações com vídeos” (4%) e “publicações sem mídias incorporadas” (68%), distinção esta que se mostrou relevante ao analisar a intensidade e conteúdo das interações em resposta a essas publicações, por exemplo. Faço uma distinção também entre “publicações para o grupo” (96%) e “publicações externas” (4%), as quais dizem respeito a postagens que compartilham links

externos ao grupo, links estes que podem ser tanto de publicações presentes na própria plataforma do Facebook ou de outras plataformas digitais, como vídeos no Youtube, reportagens de sites de notícia e afins.

1.4 – Panorama do tema e caminhos da pesquisa

Nas últimas duas décadas vêm sendo cada vez mais pesquisadas no Brasil temáticas relacionadas às maternidades lésbicas – seus métodos e tecnologias conceptivas e sua relação com a internet –, bem como às tecnologias reprodutivas, métodos conceptivos e suas relações e impactos sociais, políticos, éticos, financeiros e biotécnicos. Além disso, mais timidamente, também vêm se difundindo pesquisas que abordam especificamente as práticas de inseminação caseira e, ainda, algumas delas que refletem acerca destas práticas por meio de acompanhamentos e análises de grupos presentes em diferentes plataformas digitais, que é também o recorte ao qual me propus. Esses trabalhos se desenvolveram em diversas áreas do conhecimento, como a Saúde, o Direito, a Comunicação Social, a Psicologia, as Ciências Sociais e a Antropologia. Além disso, os recortes metodológicos dessas pesquisas também são bastante amplos, mas consistem especialmente em pesquisas qualitativas, como: estudos e revisões bibliográficas multidisciplinares; entrevistas, formulários abertos e coletas de relatos, com profissionais da área médica, operadores do Direito, usuáries de tratamentos de reprodução assistida e casais lésbicos que realizaram procedimentos de RA e/ou inseminação caseira; além de incursões, imersões e observações etnográficas na casa de famílias lésbicas, em centros médicos e clínicas de fertilidade e em grupos digitais.

Dentre os estudos que mapeei, uma ampla gama abarca as maternidades lésbicas a partir de contextos plurais e perspectivas distintas, refletindo acerca das possibilidades de se promover projetos de maternidades lésbicas/sapatonas no Brasil, seus custos e conflitos – históricos, sociais, financeiros, jurídicos – suas disrupções, continuidades e repercussões, e algumas de suas intersecções com a tecnologia médica e científica e digital (Uziel, 2002; Grossi, 2003; Uziel *et al.*, 2006; Souza, 2005, 2006a, 2006b; Medeiros, 2006).

Nos últimos vinte anos, os estudos voltados para a temática das maternidades lésbicas tiveram uma notável expansão, se multiplicando em número e se difundindo por múltiplas áreas do conhecimento, a partir de perspectivas e enfoques teórico-metodológicos plurais. Por meio de investigações e imersões em diferentes contextos socioculturais, esses estudos se aprofundam nas múltiplas formas pelas quais a maternidade lésbica é atravessada por fatores históricos, socioculturais, jurídico-legais, socioeconômicos, políticos e das subjetividades pessoais de cada uma, adentrando também nos variados modos de se conceber, gestar, parir e

criar nas maternidades lésbicas/sapatonas brasileiras (Corrêa, 2012; Pontes, 2019; Azevedo, 2018; Souza, 2021).

Para além dessas produções, há ainda um conjunto de estudos sobre parentalidades lésbicas (ou LGBTQIA+ como um todo) no contexto da saúde, tanto como área do conhecimento, quanto como conjunto de contextos sociais estudados, apontando especialmente a ausência (e a pertinência) de políticas públicas de saúde voltadas para a população LGBTQIA+ (Lionço, 2008; Lúcio, 2016; Lúcio & Araujo, 2017; Lúcio *et al.*, 2018; Carvalho, 2018; Carvalho *et al.*, 2020). Como apontam esses trabalhos, isto se torna especialmente problemático quando consideramos as históricas e sistemáticas violações das instituições para com os corpos que compõem estes grupos, especialmente quando são também pessoas negras, pobres e periféricas.

Além destas produções, são relevantes também os estudos e pesquisas que buscaram, nas últimas décadas, refletir criticamente os impactos, conflitos e transformações das diferentes tecnologias reprodutivas que foram criadas e apropriadas por diferentes grupos e agendas/projetos políticos no Brasil e no mundo. Investigou-se, nessas, os múltiplos elementos, disputas, problemáticas e efeitos sociais dessas tecnologias, das práticas clínicas e biomédicas que as executam, e suas reconfigurações e continuidades em ideologias modernas e euroamericanas (Corrêa, 2001; Luna, 2004; 2007; Ferreira *et al.*, 2007). Há, ainda, pesquisas se aprofundam, ainda, na análise das conexões complexas estabelecidas nas/pelas experiências destas mulheres com essas tecnologias (Machin & Couto, 2014; Machin, Couto & Vitule, 2017, Amorim, 2013, 2018, 2021) e das maneiras pelas quais as lesboparentalidades estão “construindo, remodelando, classificando e pensando o modelo estabelecido de parentesco, parentalidade e família” (Amorim, 2013, p.9).

Como este conjunto de produções nos ajuda a perceber, as práticas de reprodução assistida são articuladas a uma série de disputadas relações socioeconômicas, políticas e ideológicas com os casais lésbicos e homossexuais como um todo. Nesse contexto, tanto os baixos custos quanto a autonomia que as inseminações caseiras permitem (reconfigurando e rearticulando as conexões estabelecidas pelos usos de biotecnologias reprodutivas em contextos clínicos, assistidos) são citados como aspectos fundamentais nas escolhas de casais lésbicos por esta técnica conceptiva. Entretanto, as pesquisas realizadas acerca destes contextos, práticas e relações que permeiam a inseminação caseira no país são ainda bastante escassas, especialmente considerando a velocidade com que a prática tem se difundido, e relativamente recentes. Dentre as pesquisas que se voltam para este recorte, temos um pequeno número de estudos que exploram as maneiras particulares pelas quais as inseminações caseiras se

relacionam à maternidade lésbica/sapatona.

O artigo “Inseminação caseira (IC) vivências e dilemas da maternidade lésbica” (2020), de Bruna Rodrigues e Ana Cristina Cunhall, é uma dessas produções, na qual as autoras apresentam uma pesquisa que realizaram no ano de 2018, um “estudo netnográfico, exploratório e descritivo” que contou com participação de 101 mulheres autodeclaradas lésbicas e participantes-tentantes em grupos de Facebook voltados para as práticas de inseminação caseira, as quais responderam a um formulário digital elaborado pelas autoras. As perguntas do formulário se voltaram para investigar como aquelas participantes percebiam os aspectos de suas experiências subjetivas acerca da maternidade e das práticas de IC, “os motivos da escolha pela IC, os aspectos gerais e as preocupações relacionadas ao método, a escolha pelo doador e os sentimentos da mulher relacionados a essa escolha” (Rodrigues & Cunhall, 2020, p.172).

Além deste artigo, entretanto, temos um conjunto de trabalhos de uma importante pesquisadora neste campo que é Mariana Gonçalves Felipe, aos quais dou especial atenção, pois seu enfoque (tal como o meu) está justamente nas intersecções entre práticas de inseminação caseira, as experiências digitais e as maternidades lésbicas. Em sua monografia, intitulada “Maternidade lésbica por meio de inseminação caseira dinâmicas e processos de escolha dos doadores nas redes sociais” (2019), Felipe realizou a coleta e análise das publicações de dois grupos de inseminação caseira no Facebook, com a participação de tentantes e doadores, mas específicos para tentantes lésbicas. A coleta foi realizada de novembro de 2017 a abril de 2018, sendo ao todo 603 postagens coletadas ao longo deste período, as quais foram sistematizadas e organizadas em categorias temáticas que foram posteriormente analisadas. São: 1. Busca; 2. Anúncio; 3. Tutorial e Informação; 4. Formação de Redes; e 5. Relatos.

A pesquisa tem como enfoques principais a maternidade e as mulheres lésbicas, os projetos de lesboparentalidade compartilhada (e construída autônoma e intencionalmente) e o mapeamento dos riscos e das estratégias de contingenciamento envoltas nas práticas de inseminação caseira. Assim, seu objetivo é compreender as diferentes dinâmicas dadas nos grupos de IC – “acordos, trocas, arranjos, entre outros” (Felipe, 2019, p. 15) – e as interações entre tentantes e doadores, além de identificar e analisar os aspectos e elementos envolvidos na escolha dos doadores e os “limites das práticas (como, por exemplo, contratos, exigência de exames e outras condutas)” (Felipe, 2019, p. 15).

Como aponta Mariana, os riscos envolvidos nas práticas de IC e nas interações digitais que “as possibilitam” são muitos, dentre os quais pode-se destacar a fragilidade jurídica dessas práticas e dos contratos de não-requerimento da paternidade, o risco de que o doador não

respeite os limites de seu papel preestabelecido na vida da criança, o fato de que os procedimentos de IC não contam com nenhum tipo de controle sanitário técnico e, ainda, a impossibilidade de se garantir o anonimato da identidade dos doadores e as seguranças legais que este anonimato ajuda a garantir. Dessa maneira, na falta de um controle biomédico, a contingência desses riscos é constituída a partir das relações entre as pessoas envolvidas: "essas relações são permeadas por muitas interfaces nas quais se estabelecem, ou não, relações de confiança" (Felipe, 2019, p. 49).

Já no artigo, “Inseminação caseira e a construção de projetos lesboparentais no Brasil” (2020), escrito em conjunto com Marlene Tamanini, o campo de pesquisa analisado neste trabalho também se fez a partir da coleta (realizada entre novembro de 2017 e abril de 2018) e análise das publicações de dois grupos de inseminação caseira no Facebook voltados para maternidade lésbica. O foco deste artigo, de acordo com as autoras, está na análise de dois tipos de publicações nestes grupos – as publicações de Busca e de Anúncios – para falar das posições de mulheres lésbicas e doadores nesses contextos e nos elementos, escolhas, agentes/actantes e processos envolvidos na construção de projetos de lesboparentalidade compartilhada no Brasil. O texto conta, dessa forma, com dois objetivos definidos pelas autoras: o primeiro de “identificar os elementos que são levados em consideração para a escolha do doador” (Felipe & Tamanini, 2020, p. 26); e analisar os elementos e estratégias de “contingência dos riscos que envolvem a doação” por ICs.

Ressalto, ainda, o artigo “Inseminação caseira como possibilidade de lesboparentalidades no Brasil” (2022) também de Felipe e Tamanini, no qual as autoras pesquisaram e analisaram um campo-recorte distinto. O enfoque dele também se deu na formação de projetos e relações lesboparentais através de inseminação caseira, mas a partir de dois novos campos e fontes: os grupos de IC no aplicativo Whatsapp; e um conjunto de entrevistas realizadas com dez tentantes lésbicas de IC (oito delas cujas entrevistas foram feitas com a companhia de suas parceiras).

Por fim, as problemáticas envolvidas nesta minha pesquisa de mestrado nasceram de uma pesquisa anterior, realizada entre os anos de 2017 e 2019, por mim, minha colega de graduação Marina Morena Silva Carmo, e nossa orientadora à época, Érica Renata de Souza. Este trabalho conjunto resultou na publicação de um artigo/capítulo intitulado “Inseminação caseira e maternidades lésbicas: impactos da internet e das novas técnicas de reprodução nas reconfigurações das práticas e dos discursos das ‘tentantes’” (Souza, Carvalho & Carmo, 2020) que compõe o livro “Práticas Sociais, Discurso, Gênero Social: Explicações Críticas sobre a Vida Social” (Gomes, Vieira & Carvalho, 2020). Neste artigo, buscamos analisar casos e questões que perpassam uma parcela do universo das maternidades lésbicas brasileiras. Para

tal, realizamos observação participante em três grupos de Facebook de inseminação caseira, além de uma entrevista e um amplo levantamento de reportagens e artigos dos últimos dez anos com casos e relatos de mães lésbicas/sapatonas no Brasil.

Apresentado brevemente esse conjunto de pesquisas e trabalhos anteriores, descreverei, portanto, alguns dos novos caminhos pelos quais decidi trilhar nesta pesquisa, explorando algumas das possibilidades de recorte, perspectivas analíticas e políticas, e abordagens teórico-metodológicas pouco abordadas até então.

A começar pelo próprio recorte do campo, cabe pontuar que, ainda que alguns grupos brasileiros de inseminação caseira presentes no Facebook já tenham sido analisados (Felipe, 2019; Felipe & Tamanini, 2020), até onde mapeei ainda não existem estudos desenvolvidas nos dois grupos específicos que selecionei e acompanhei para esta pesquisa. Outro caminho alternativo que busquei percorrer foi o de me aprofundar na interlocução com a figura do doador de sêmen para inseminações caseiras, pensando em especial sua relação e os sentidos atrelados às práticas da doação, mas também sua atuação nos espaços digitais e participação na construção de práticas e saberes particulares das ICs. Busquei este aprofundamento, em especial, através de algumas entrevistas que realizei no ano de 2022, com alguns dos doadores dos grupos. Objetivei, com elas, indagar e analisar um pouco mais acerca de quem são os doadores da inseminação caseira no Brasil, quais suas motivações para doar, quais as dinâmicas próprias desta identidade, suas percepções e experiências com os grupos, com a doação de sêmen e com a prática de inseminação caseira, suas relações com as tentantes e os filhos gerados por suas doações.

Outra particularidade desta pesquisa que busquei alcançar é a adoção de uma perspectiva centrada no mapeamento da formação de redes sociotécnicas (Latour, 1994) nos/dos contextos de inseminação caseira lésbica/sapatonas no Brasil, produzidas a partir das relações e intersecções entre múltiplos agentes sociais, biotecnológicos e digitais. Dou enfoque, portanto, a essas múltiplas relações entre humanos e não-humanos, corpos e tecnologias reprodutivas e digitais, levando a sério sua agência na produção de contextos reprodutivos e de maternidades lésbicas.

Neste escopo, procurei refletir sobre os papéis (sistematicamente em expansão) que assumem a internet e as redes sociais como agentes ativos nos processos de maternar entre mulheres lésbicas no país. A inseminação caseira, como método conceutivo de lésbicas/sapatonas, se apresenta como uma temática de estudo especialmente rica neste sentido, já que (cada vez mais) ela se torna possível no país através das múltiplas e multifacetadas redes relacionais geradas pelas/nas/com as plataformas digitais e as redes sociais (Facebook e

Whatsapp, em especial).

Para tal, me propus aqui a pensar as inseminações caseiras a partir do que propõem Haraway, Latour, Preciado, Miller e Hine, dialogando com alguns de seus conceitos importantes, como: “ciborgue” (Haraway, 1985), “redes sociotécnicas” (Latour, 1994) e “regime farmacopornográfico” (Preciado, 2011); e ainda contribuições epistemológicas importantes como as de Miller e Slater (2004) quando apontam para um “contínuo” entre online/offline (no qual eles se auto-constroem mutuamente e constantemente) e de Cristine Hine (2020) quando destaca que a internet e o digital enquanto tecnologias incorporadas, corporificadas e cotidianas.

Como apontei em minha monografia de Antropologia, Haraway defende, em seu clássico texto “Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX” que

“as fronteiras entre humano e máquina há muito se tornaram elásticas, de forma que adentramos cada vez mais em uma era em que a figura do ciborgue se torna central nas configurações políticas, sociais e tecnológicas das sociedades, tal como na produção de regimes de controle e nas resistências políticas a eles. O ciborgue, como defende Haraway, consistiria em “um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo” (HARAWAY, 1985, p.36); ele é político, real e também ficcional, habitando mundos que são, a um só tempo, naturais e fabricados. Diz ainda que os ciborgues estão amplamente presentes na Guerra e na medicina moderna, mas que é filho ilegítimo do militarismo e do capitalismo patriarcal e que, como tal, é constantemente infiel a seus pais e, por isso mesmo, pode ser reapropriado de outras formas, subvertendo lógicas de poder e controle. Defende ainda, e isto é essencial para entender o papel dos ciborgues nas sociedades contemporâneas, que o ciborgue se faz no tensionamento e transgressão de barreiras e dicotomias construídas e estruturantes das tradições científicas e políticas ocidentais (capitalistas, racistas, sexistas).” (Carvalho, 2019, p. 32)

Creio que a figura do ciborgue seja especialmente relevante aqui para nos auxiliar a pensar o papel que as biotecnologias, e também as tecnologias digitais vêm cumprindo nessas redes que as maternidades lésbicas/sapatonas estabelecem com as inseminações caseiras. Vivemos em um mundo cada vez mais construído em diálogo com as redes de experiências, relações e atividades realizadas no digital. A partir dos anos 1980 e, de maneira mais consistente, após os anos 2000, a internet vêm se fundindo de maneira exponencialmente crescente em diversas esferas da vida social e vai cotidianamente se hibridizando aos nossos corpos, relações, afetos e materialidades. Desta forma, se tornam cada vez mais urgentes as necessidades de, por um lado, investirmos nossos esforços de pesquisa e reflexão em torno dessas ciberrealidades e, por outro, de rompermos com o falso dualismo real/virtual e online/virtual, sendo estas dimensões não apenas reais (no sentido de que criam realidades), como são também mutuamente imbricadas uma a outra.

Seguindo uma perspectiva que dialoga com a ideia do ciborgue, as redes sociotécnicas são um conceito central na Teoria Ator-Rede (TAR) de Bruno Latour (1975), que propõe uma compreensão expandida das associações e interações entre atores humanos e não-humanos (“actantes”). Nessa perspectiva, o social é entendido como um conjunto de redes que se formam através de alianças, fluxos e mediações, onde cada nó é definido pelas suas conexões e articulações com outros nós, numa visão relacional e não individual ou unidirecional (Cavalcante, 2017, p.3). Ainda nesse sentido, Latour (2008) sugere que devemos pensar os corpos como interfaces sensíveis que se deixam afetar por uma variedade de elementos para se tornarem descritíveis. Assim, o corpo não é tomado como entidade estática ou previamente definida, mas um conjunto (em rede) de relações e interações que se constroem e se performam continuamente através dessas influências (Latour, 2008, p. 39).

Me propus aqui a pensar o contexto das inseminações caseiras e seus grupos digitais buscando localizá-lo no que Preciado chama de “regime farmacopornográfico”, regime de poder e gestão dos corpos e sexualidades que se constroi a partir da Segunda Guerra Mundial. A farmacotopia caracterizaria-se “tanto por um abandono da noção de homossexualidade em termos médicos, quanto por uma fissura técnica entre sexualidade e reprodução” (Preciado, 2011, p.11) e, principalmente, por uma intervenção e gestão a partir de instrumentos biotecnológicos. Nesse sistema, o autor destaca por meio da análise de atores sociais como as pílulas ou a indústria pornográfica, como estas gestões de corpos e identidades feitas pelo regime farmacopornográfico são intimamente ligadas a interesses financeiros do Capital e da exploração de nossos afetos, práticas, relações e vivências de gênero e sexualidade enquanto produtos, especialmente com a expansão e hibridização do digital em nossas vidas.

Fazendo referência a Foucault, que “não estamos mais no panóptico, agora o engolimos!” (PRECIADO, 2011, p.21). Além disso, mais recentemente é possível dizer que nós também o acoplamos em nossos corpos e às nossas vivências, como fazemos, por exemplo, com os celulares.” (Carvalho, 2019, p. 50)

Com base nessas perspectivas, saliento que a construção dessas múltiplas redes que me propus a mapear não pode ser vista apenas como algo que ocorre através das redes sociais e dos grupos digitais, nem possibilitada por eles, mas também: com eles, a partir deles, na interlocução com eles e sob a influência de suas agências ativas dentro das próprias redes. Assim, não basta dizer³⁶ que a internet e as múltiplas materialidades das ICs vêm cumprindo um papel de intermediação das práticas de maternidade lésbica no Brasil, mas, sim, que devemos tentar entender também como este papel vem sendo desempenhado, quais actantes

³⁶ Como fazem parte dos estudos sobre este contexto produzidos até então.

humanos, tecnológicos e/ou ciborgues fazem parte desses processos, quais repercussões e problemáticas são (ou podem ser) levantadas e geradas a partir dessas interações sociotecnológicas e virtuais.

Para além da internet e dos agentes digitais e platafórmicos que atuam nessa rede, entretanto, me interessam em especial as agências e atuações de outros não-humanos – “actantes” (Latour, 1994) com materialidades que são particulares, peculiares e múltiplas – que compõem os contextos de inseminação caseira, tal como as construções coletivas e disputadas de saberes, técnicas e relações socio-tecno-corporais desenvolvidas nas relações e intersecções com estes agentes materiais, a partir deles e sobre eles.

Busquei aqui me aprofundar em reflexões acerca desses artefatos agentes, investigando e pensando, por exemplo: Como essas materialidades (em suas distintas “identidades”, usos e agências) estão articuladas às práticas, construções e noções de maternidade, lesbianidade e parentalidade para esses casais? Como estão articuladas em redes, tanto com tentantes, como com doadores e também com as tecnologias digitais que ajudam a conformar as práticas de IC no país? De que maneira e com base em quais critérios e saberes essas materialidades são escolhidas, utilizadas, manejadas e experienciadas? E, ainda, de que formas suas particularidades materiais atuam, agenciam e interferem na produção das práticas de inseminação caseira, especialmente em contextos de maternidades lésbicas/sapatonas? Além disso, é interessante pensar como essas técnicas de concepção autônoma e compartilhada e o manejo particular (marginal, fronteiroço) dessas tecnologias reprodutivas das inseminações caseiras estão, de alguma maneira, possibilitando que estes casais lésbicos criem suas próprias fecundações³⁷.

Por fim, destaco que esta discussão material pode ir ainda além. Pode pensar também os espaços – estes também tão distintos nas práticas de inseminação caseira com relação às reproduções assistidas – e as maneiras como os conceitos de público e privado são acionados, incorporados, negados e reconfigurados nos discursos e nas práticas (articuladamente) associados a cada um destes métodos reprodutivos. Isso se expressa em especial na complexa e conflituosa relação entre as inseminações caseiras e suas praticantes e a reprodução assistida representada pela comunidade médica. Deste encontro disputado de agendas e redes (sociotecnológicas, corporais, ciborgues, sociotécnicas) multiplicam-se também as articulações entre as esferas públicas e privadas, se desdobrando em novas e reconfiguradas articulações

³⁷ Inclusive levando a sério essas fecundações como reais e não apenas práticas ritualizadas que mimetizam um processo que só seria possível a partir de um encontro biopênis-biovagina. Afinal, ao manejar a seringa, um manejo lésbico e ciborgue desta tecnologia que é a seringa, não estaria de fato uma fecundando a outra?

entre: público e doméstico, clínico e caseiro, clínica e casa, especialista/perito e amador/leigo, controle e autonomia, regulamentado e clandestino.

Acerca dos saberes e técnicas da IC, como salientam Felipe e Tamanini (2022), eles se fazem em um processo de apropriação dos saberes e técnicas biomédicas, resultando em um novo conjunto de saberes particular dos grupos. Este novo conjunto, ao mesmo tempo, critica, renega, incorpora e refaz (coletivamente) os saberes, práticas e técnicas da comunidade médica, com características, vocabulários e técnicas próprios, e que são compartilhadas pelos membros desses e entre grupos também. Dentre estas, é possível citar, por exemplo, as práticas de compartilhamento de fotos de fluidos corporais, exames médicos, exames de ovulação e gravidez com pedidos de “leitura” pelos outros membros do grupo. Outro conjunto de interações que caminham nesse sentido são os relatos, perguntas e debates que ocorrem nos grupos acerca dos procedimentos conceptivos, através do uso de terminologias apropriadas da comunidade médica ou geradas a partir da própria interação nos grupos³⁸.

Nesta pesquisa, parti desse conjunto de saberes produzidos nos e pelos grupos não apenas como informações e dados do campo a serem mapeados e analisados, mas também como principal fonte de informações que guiaram minhas concepções e descrições acerca dos procedimentos da inseminação caseira³⁹, minhas leituras das interações nos grupos e minhas experimentações pessoais com as tecnologias e técnicas da IC. Estas experimentações corporais-artísticas-sensoriais, inclusive, são também alguns dos percursos metodológicos distintos pelos quais me enveredei, buscando explorar e criar a partir das potencialidades que as materialidades, repertórios imagéticos e fazeres artísticos permitem na produção de uma pesquisa centrada na análise de redes sociotécnicas e agentes biotecnológicos.

Por fim, dentre as vias analíticas alternativas da pesquisa, destaco ainda a maneira pela qual encaro a lesbianidade (teórica e politicamente), como um todo, e as maternidades lésbicas/sapatonas, especificamente. Muitas vezes, em estudos acerca dessas identidades e contextos, ao destacar a potência das maternidades lésbicas para a desconstrução dos projetos cisheteronormativos, ainda permanecem noções romantizadas sobre a lesbianidade. É preciso levar em consideração que dentro dos relacionamentos e parentalidades lésbicas também podem ser reproduzidas e incorporadas dinâmicas e experiências heteronormativas.

Além disso, essas concepções são por vezes conceitualmente fechadas em torno de uma

³⁸ Como “tentantes”, “positivos”, “corpo lúteo”, “método seringa”, “temperatura basal”, “folículo dominante”, “indutor”, e “ciclo anovulatório”, dentre muitos outros.

³⁹ Dentre elas, a descrição do “método seringa” presente no tópico “1.2- “Método seringa”: modo de usar, (re)agentes, riscos e precauções”.

noção de mulher que não vai ao cerne da crítica à binariedade cisnormativa, moderna e ocidental, que não questiona a divisão corporal do sexo e que pensam, assim, a lesbianidade apenas na chave das relações “entre mulheres”. Como aponta Paul Preciado (2020), nem a masculinidade, nem a feminilidade, nem a homossexualidade ou a heterossexualidade existem para além das relações sociais, das redes discursivas e de poder. Não podem ser lidas como entidades ontológicas e sim como sistemas de signos, mapas cognitivos, relações de poder e “regimes políticos de produção da vida e da morte” (Preciado, 2020, p. 79). Não podem ter a anatomia como fundamento a partir da qual constroem suas agendas políticas e morais, já que a própria anatomia é um sistema de representações mutante e fabricado política e historicamente. Assim, parto aqui de uma noção de gênero, sexo, corpo e sexualidade como construções socio-culturais, históricas, políticas e relacionais.

Pretendo, portanto, somar a essas discussões uma perspectiva crítica que se ampare em outros feminismos (trans, interseccionais, decoloniais) e em teorias e debates queer. Uma perspectiva mais política que se proponha a questionar a cisheteronormatividade em suas bases mais profundas, questionar a mulheridade com seriedade e sem desconsiderar a relevância de “também” se falar em mulheres, e não “apenas”, especialmente quando tratamos de maternidades e de sexualidades não-normativas. Nesse sentido, penso que posso acrescentar ao campo os frutos de minha própria perspectiva situada e localizada de pesquisadore sapatrans/sapatão, branca, de classe média, feminista, marcadores estes que indubitavelmente atravessam meu olhar e minhas experiências neste e para este contexto de pesquisa.

Ainda nesta senda, é relevante destacar que é desta perspectiva que advém minha escolha por utilizar majoritariamente o termo lésbicas/sapatonas ao me referir às participantes dos grupos estudados. Isso se deve a um posicionamento político de optar por não reforçar estereótipos errôneos, como aqueles que defendem que apenas “mulheres” engravidam e maternam ou, ainda, de que todas as pessoas envolvidas em relações lésbicas se identificam como mulheres. Dentro do termo lésbicas/sapatonas, portanto, pretendo englobar não apenas mulheres cis e trans envolvidas em relações lésbicas, mas também pessoas não-binares e sapatrans que se encontram em relações com mulheres ou entre si e se sentem abrangidas pelo termo sapatão. Como eu.

Capítulo 2 - Bases e percursos metodológicos

2.1 - Metodologias que me embasam

Os procedimentos de pesquisa que compõem a metodologia utilizada nesta pesquisa, que é de cunho qualitativo, centram-se na construção e utilização de metodologias advindas especialmente da Antropologia e da Arqueologia, rearranjadas e adaptadas aos ambientes digitais e seus múltiplos escapamentos elásticos para as diversas searas da vida social. Sendo assim, a pesquisa está sendo realizada através de uma amálgama de: “etnografia digital”; “etnografia multissituada”; arqueologias queer, feministas e “etnoarqueologia”; e, ainda, amparada por procedimentos e reflexões teórico-metodológicas de uma “antropologia gráfica” (e outras que utilizam de experimentações artísticas com grafismos, desenhos, fotografias e outras, na construção de suas etnografias). Descrevo a seguir, portanto, um pouco sobre estas propostas metodológicas, para no tópico seguinte contar um pouco mais sobre como incorporo cada uma delas em minha pesquisa.

2.1.1 - Etnografias digitais

Como aponta Silva (2021), há pelo menos três décadas e cada vez mais a etnografia enquanto método vem sendo confrontada com a expansão e hibridização da internet e das mídias digitais (Amit, 2000; Beaulieu, 2005; Dicks et al., 2005; Hine, 2011) e sendo obrigada a se transformar e frente às transformações geradas por estes fenômenos e potencialidades das ferramentas digitais, “mergulhando em diferentes tipologias de contextos situados online, sejam plataformas ou redes sociais (Baker, 2013; Hine, 2011)” (Silva, 2021, p.176).

Dentro da Antropologia, ainda é bastante utilizado o termo “etnografia online” (Lewgoy, 2009; Amaral, 2010; Rüdiger, 2011; Polivanov, 2014) para descrever incursões etnográficas desenvolvidas mediadas ou em interlocução com a internet. No entanto, opto aqui por me filiar aqueles que utilizam o conceito de “etnografia digital”⁴⁰, uma vez que o uso do “online” pode acabar suscitando um falso dualismo entre online/offline que não se sustenta mais. Afinal, “nossas experiências, identidades e práticas acontecem a partir da interação entre esses dois domínios no *continuum* no qual eles se auto-constroem constantemente.” (Carvalho, 2019, p.21).

Digo aqui sobre “a internet”, mas seria mais acertado falar em “o digital”, que por sua

⁴⁰ Como: Aguiar (2008); Barbosa & Silva (2017); Paiva (2020); Silva (2021); Ferraz (2019); Oliveira (2018); Ward (1999); Ferraz (2019); Murray (2008); Baker (2013); Hine (2011); Amit (2000); Beaulieu (2005); Dicks Et Al. (2005); Markham (1998); Beaulieu (2004); Miller & Slater, (2000); e Hine (2020).

vez é constituído de muitas *internets*, as quais “diferentes sujeitos ou grupos sociais se apropriam, vivenciam e conferem sentido a esses dispositivos tecnológicos, que são, como toda tecnologia, intrinsecamente sociais” (Parreiras et al., 2020, p.2). Como apontam Carolina Parreiras, Beatriz Lins e Eliane Freitas (2020), “o que chamamos aqui de digital se refere a um conjunto heterogêneo e bastante amplo de objetos, ações e relações sociotécnicas que se tornaram parte de nossa experiência cotidiana, modulada por marcadores sociais de classe, gênero, idade, raça, sexualidade, dentre outros. (Parreiras et al., 2020, p.2)

Tendo isso em vista, as etnografias digitais são aquelas cujas pesquisas se fazem “sobre, no e por meio do digital” (Parreiras et al., 2016, p.2) ou, ainda, que “estuda o digital enquanto fenômeno, [...] estuda fenômenos em contextos digitais e [...] utiliza ferramentas digitais para conhecer” (Silva, 2021, p.178). São estudos que, como faço aqui, buscam dialogar com as reconfigurações causadas pelo imbricamento da(s) *internet(s)* e de seus múltiplos aparatos digitais e algorítmicos na vida social, mas também as peculiaridades e fenômenos nativos⁴¹ que carregam e que produzem.

São, ainda, pesquisas que interpelam o digital, tendo em vista e explorando as complexidades e especificidades que ele apresenta, afinal, seu “discurso próprio, objetos situados (digitalmente), alguns dos quais apenas visíveis de forma mais clara pela utilização de ferramentas digitais, através da observação participante de contextos digitais ou através de experiência vivida desses contextos.” (Silva, 2021, p.177).

2.1.2 - *Etnografia multissituada*

Entretanto, como apontam Parreiras e colegas, dentro das pesquisas que se amparam em etnografias digitais, muitas delas apropriam também o conceito de “etnografia multissituada” (Marcus, 1995), articulando-a aos estudos do digital e explorando as potencialidades desse encontro que parece muito profícuo para pensar as redes de relações e conexões que constituem a *internet*, “na medida em que aponta para um certo holismo (discutido também por Hine) e para a ruptura com barreiras espaciais e contextuais muito delimitadas. (Parreiras et al., 2020, p.3). Uno-me a este movimento, propondo também aqui esta articulação metodológica.

A etnografia multissituada foi proposta por George Marcus (1995) e desde então vem servindo para amparar estudos cujo objetivo é abarcar e discutir temáticas multidisciplinares e de alcance globalizado, como é o caso da *internet*, onde as fronteiras físicas e geopolíticas não

⁴¹ Como aponta Parreiras, “como as dinâmicas sociais singulares observadas em determinados fóruns online, as regras de etiqueta formuladas para regularem condutas ou a intensificação de fenômenos sociais [...] por meio dos novos dispositivos digitais.” (Parreiras et al., 2016, p.3)

se aplicam ou ao menos se refazem, se propondo a seguir “etnograficamente a 'circulação' de atores, objetos e discursos por múltiplos pontos do globo” (Cesarino, 2014, p.22). Estes movimentos etnográficos multissituados, portanto, se constroem a partir da articulação e acompanhamento de diferentes fontes: bibliográficas, acadêmicas, jornalísticas, algorítmicas e discursivas, “advindas de jornais, biografias, legislações, protestos, imagens, vídeos, entrevistas, fóruns e redes sociais, dentre outras” (Carvalho, 2019, p.22).

2.1.3 - Etnoarqueologias, arqueologias do presente e feministas

Me inspiro também nos estudos etnoarqueológicos para abordar as materialidades de meu campo e as relações dialógicas que elas criam com pessoas e outras coisas. As etnoarqueologias são abordagens teórico-metodológicas que se fazem a partir da interação e análise da cultura material, articulada com a observação, uso, análise e diálogo com populações vivas, seus participantes e agentes socioculturais, a partir de uma perspectiva arqueológica que tem a materialidade e suas múltiplas dimensões simbólicas, utilitárias, relacionais e históricas como eixo central.

Da área arqueológica e de sua particular perspectiva e bagagem no estudo e diálogo com as materialidades, também pego emprestadas as abordagens das chamadas “arqueologias feministas” “arqueologias queer” e “arqueologias decoloniais”. Me propondo a ler as materialidades de meu contexto – coisas, corpos, espaços, imagens – a partir de um engajamento político declarado e intrínseco, perspectivada pelos múltiplos movimentos e críticas feministas e antirracistas e pela decolonialidade epistemológica. Neste sentido, me amparo nos fazeres e saberes produzidos por arqueólogues feministas (Mateu, 2007; Ribeiro, 2017a, 2017b; Ribeiro et al., 2017; Furquim & Jacomé, 2019; Battle-Baptiste, 2017), que nos apontam e conclamam a explorar possibilidades de pesquisas engajadas e comprometidas com os feminismos múltiplos, pela decolonialidade epistemológica e as pautas e disputas políticas destes movimentos.

Como acusam Gabby Hartemann (2009) e Violet Anzini (2021), é histórico o embricamento da cisheteronormatividade em nossas práticas e reflexões científicas e nossas leituras arqueológicas das materialidades. Este processo resulta em perversos efeitos, como a naturalização da cisgeneridade e heterossexualidade brancas como fenômenos universais (Anzini, 2021). Desta forma, adoto em minha análise estas propostas e pesquisas de arqueologias queer, pois creio que são especialmente potentes por buscarem responder a um chamado por perspectivas e fazeres arqueológicos “que transcenda[m] esses binarismos modernos ocidentais” (Hartemann, 2019, p.1) e permitam “desconstruir os etnocentrismos e

colonialidades de gênero/sexo” (Anzini, 2021, p.347).

2.1.4 - Etnografias e experimentações gráficas

Por último, me inspiro e aproprio das propostas teórico-metodológicas de pesquisas e pesquisadoras que se propuseram a incorporar, de diferentes maneiras, o fazer gráfico em suas produções e incursões etnográficas, tal como a análise e feitura de repertórios imagéticos e materiais. em especial, me amparo em estudos etnográficos que se aprofundam nas potencialidades do desenho e da produção plástica na pesquisa antropológica. como apontam uma série de autoras (Azevedo, 2016a; Kuschnir, 2016; Gomes, 2016; Bruno, 2019; Kofes, 2020), a antropologia tem um antigo histórico de relação com a prática de desenho, mas esta relação foi se enfraquecendo no século XX. Entretanto, como aponta Azevedo, nos últimos vinte anos acompanhamos a insurgência de um novo movimento de aproximação entre estas áreas/práticas, renovada e potencializada nas maneiras de conceber as possíveis articulações entre o desenhar e o fazer da antropologia: “como observa Ballard (2013), assistimos a uma ‘virada gráfica’ no presente” (Azevedo, 2016a, p. 15).

Assim, temos cada vez mais produções, em diferentes contextos, que compõem este movimento epistemológico e metodológico, no qual o desenho é tomado e experimentado a partir de diferentes modos e perspectivas, explorando suas múltiplas possibilidades “enquanto metodologia de recolha de dados e de observação do mundo” (Gomes, 2016, p. 75), “como parte do processo de observação participante e [...] também tratados como material de análise e de apresentação dos resultados” (Kuschnir, 2016, p. 26).

Como aponta Kuschnir, trata-se de explorar o ato de desenhar como possibilidade singular de “tornar visível, narrar, compreender, produzir, apropriar-se de e conhecer.” (Kuschnir, 2016, p. 28). Assim, em algumas destas pesquisas e experimentações o desenho aparece enquanto uma metodologia de pesquisa, na qual o próprio processo de desenhar – de criar, experimentar e registrar graficamente – é parte do fazer da pesquisa. Em outras, o desenho é um resultado desta pesquisa, uma maneira de apresentá-la a partir de outras maneiras de narrativa que não apenas a textual, explorando as peculiaridades comunicativas, afetivas e afetadas que a pesquisa carrega e que produz. Outras pesquisas, ainda, tomam o desenho e outros tipos de produção gráfica enquanto objetos de estudo e de interlocução. Por fim, há aquelas que conjugam todas ou algumas destas abordagens, abraçando diferentes potencialidades e usos do desenho na pesquisa etnográfica e antropológica. Como destaca Ainá Azevedo, “o desenho pode ser entendido como um processo, uma maneira de pensar, observar, conhecer, descrever e revelar menos comprometido com o resultado final ” (Azevedo, 2016a, p. 24).

Os fazeres gráficos também podem ser criados, expressos e interpelados em diferentes e plurais formatos, suportes, materiais e estilos que, por sua vez, também criam novas e renovadas maneiras de incorporar estes fazeres nas pesquisas e carregam consigo diferentes potencialidades artísticas, analíticas, reflexivas. Afinal, como bem nos vem ensinando a Arqueologia e as Artes Visuais há décadas, os modos peculiares pelos quais as coisas e grafias se configuram materialmente dizem sobre diferentes formas dessas materialidades e imagens estarem no mundo, se relacionarem com as pessoas e outras coisas, dizem sobre suas identidades e subjetividades. Desta forma, cada maneira de fazer gráfico – lápis, pinturas acrílicas, a óleo, aquarelas, esculturas, colagens – e cada forma e perspectiva de abordá-las geram também novas e peculiares potencialidades à pesquisa que se desenvolve e à pesquisa antropológica como um todo.

Considerando esta multiplicidade de maneiras de incorporar os desenhos e produções gráficas, é possível apontar uma série de potencialidades que estas incorporações apresentam, dadas especialmente pelas peculiaridades que o desenho e o desenhar produzem. Dentre estas potências peculiares, Kuschnir aponta, por exemplo, a prática do desenho como “aprender uma nova forma de olhar o mundo” (Kuschnir, 2016, p. 28) que, tal como a antropologia, nos permite também novos modos e perspectivas de se conhecer esse(s) mundo(s).

Panfili também destaca essas relações entre o fazer antropológico e o fazer artístico, tanto como modos de se compreender a vida social, quanto como atos de criação, como formas de contar e criar histórias, narrativas e experiências, distintas, mas amplamente dialógicas se assim o quisermos. Taussig (2011) e Gomes (2016) sugerem ainda como potencialidade um “certo grau de poética” que os desenhos criam e acionam em sua interpretação do mundo, uma potência subjetiva, íntima e afetada, algo que a fotografia (a despeito de seu “encanto realista”) por vezes não é capaz de fazer.

Ingold (2011; 2013), por sua vez, também aponta o desenho como um “modo de pensar” e de “fazer”, no qual o próprio fazer é um processo de pesquisa e um modo de conhecer, mas destaca que sua potência está especialmente no fato de que a técnica do desenho depende do tempo, do movimento, do estudo e da atenção ou, para melhor dizer em suas palavras: contato e duração.

Incorporando e repensando algumas destas propostas em minha pesquisa, aciono estas potencialidades não apenas para pensar e experimentar com diferentes técnicas e formas de desenho – analógicos e digitais e com diferentes materiais – mas também para a experimentação artística com outras formas de artes plásticas, como pintura, colagens e modelagem.

Além disso, volto aqui meu olhar e meus fazeres também para o mapeamento

etnográfico e análise de repertórios gráficos, imagéticos e audiovisuais (produzidos e compartilhados por aparelhos tecnológicos e plataformas digitais, no caso do meu campo) que compõem as dinâmicas e interações sociotecnológicas do contexto das inseminações caseiras, tal como a criação de novos registros visuais e produções fotográficas e videográficas a partir da experimentação com este contexto e seus agentes humanos e não-humanos.

Assim, me inspiro e amparo nas propostas de autories que buscaram estabelecer estas linhas de diálogo entre as práticas etnográficas e os estudos, produções e experimentações com registros fotográficos e repertórios imagéticos. Nestas, as imagens e as experimentações visuais e fotográficas são trabalhadas de diferentes maneiras e defendidas como ferramentas potentes para promoção de deslocamentos do olhar e da forma de pensar e fazer etnografia, novos modos de ver e narrar os contextos que estudamos (Feriani, 2019) e novas formas de produzir conhecimento (Bruno, 2019). Respondo à proposta, portanto, de partir para os repertórios imagéticos de meu campo de modo a “olhar, selecionar, cortar, reenquadrar, deslocar, associar, imaginar, montar e dispor de maneira a “fazer ver” (Bruno, 2019, p. 200), experimentar a imagem levando em conta “sua presença como resíduos, vestígios, exercícios, memórias, imaginação, histórias, questões passadas e profecias futuras” (Bruno, 2019, p. 201).

2.2 – Gestando a pesquisa: caminhos metodológicos percorridos

2.2.1 – Percursos e fases do estudo

Chegando aos percursos e procedimentos realizados nesta pesquisa, eles se deram por meio de: levantamentos e revisão bibliográfica, jurídica e jornalística; entrada e contato nos/com os grupos; acompanhamento, mapeamento e observação participante em dois grupos no Facebook, tal como suas publicações, comentários, reações, respostas e interações digitais, durante o período de dois meses, julho a agosto de 2022; coleta, organização e análise das interações mapeadas nos grupos; realização de entrevistas semi-estruturadas com participantes e organizadores destes grupos digitais; e experimentações visuais, digitais, artísticas e corporais.

Revisão e mapeamento de fontes-agentes:

Primeiramente, realizei uma ampla revisão bibliográfica a respeito das temáticas de maternidade, lesbianidade, biotecnologias reprodutivas, tais como tecnologias virtuais e reprodução, a partir de algumas das múltiplas combinações destas temáticas. Ainda nesta fase da coleta, reuni também: legislações e resoluções, projetos de lei e normas jurídicas que

envolvem procedimentos de reprodução assistida, inseminação caseira e maternidades lésbicas/sapatonas; normas técnicas e materiais de instituições médicas e clínicas de reprodução assistida; coberturas jornalísticas e midiáticas acerca de casos de maternidade lésbica e sapatona, inseminação caseira, registros de dupla maternidade de casais que utilizaram IC e afins; vídeos e canais de youtube produzidos por tentantes de inseminação caseira, muitas delas em relacionamentos lésbicos, onde compartilham suas experiências com a IC, e onde informam e ensinam sobre os procedimentos, escolhas e problemáticas envolvidas nestas práticas.

Incursões etnográficas pelos grupos e categorização:

Minhas incursões etnográficas começaram pelo mapeamento destes grupos digitais na plataforma Facebook, voltados para a temática e as práticas de “inseminação caseira”, seguido da entrada em dois deles: o Grupo “Inseminação caseira A⁴²” e Grupo “Inseminação caseira B”.

Uma vez presente como participante nestes dois grupos, fiz inicialmente contato com todes es administradores e mediadores, expondo a pesquisa, seus procedimentos pretendidos e objetivos e pedindo autorização para realizá-la. Recebi, como resposta, duas autorizações da equipe do Grupo B e uma autorização da equipe do Grupo A, após uma conversa entre as administradoras e mediadoras do grupo para discutir minha proposta. Esta pesquisa dentro e com os grupos, por sua vez, se fez em duas partes. A primeira delas constituiu um acompanhamento e mapeamento geral das publicações, comentários, reações, hiperlinks e repertórios imagéticos destes grupos, ao longo de dois meses. A organização e análise destas múltiplas interações digitais foram mapeadas, a partir da construção de categorias analíticas para as publicações, conteúdos e informações agentes e agenciados nas interações dos e com os grupos.

Os resultados foram tabulados e mostram: tipos de publicação, distribuídos por formato, tema-categoria, objetivos, anônima-identificada, uso ou não de imagem e quais publicações agregam em si maiores aglomerados de interatividade; quais são as interações entre grupos (tipos de publicações compartilhadas entre eles); quais as regras de cada um (e as dinâmicas de aceite de publicações) e como isso interfere nas dinâmicas dadas dentro dos grupos.

Em dois meses de campo, foram publicadas ao todo, no Grupo A, 431 postagens, que contam com 3145 comentários e 9571 reações, dentre elas 5408 “curtidas”, 3987 “amei” e 176 outros tipos de reações (“haha”, “grr”, “uau” “força” e “triste”). Por sua vez, o Grupo B contou

⁴² Os nomes originais dos grupos foram ocultados, no intuito de proteger a privacidade de seus participantes.

ao todo com 489 postagens ao longo destes dois meses, 2684 comentários e 4886 reações, dentre elas 3109 curtidas, 1562 amei e 215 de outros tipos de reação. Ao todo, neste período, os grupos somam 920 publicações, 5829 comentários e 14457 reações, sendo esta a base de dados que compõem o mapeamento que realizei em campo nos grupos digitais (Quadro 2).

Quadro 2 – Comparação entre o número de publicações, comentários e reações do Grupo A e do Grupo B

Grupo	Número total de publicações em dois meses	Número de comentários em dois meses	Número de reações em dois meses
GRUPO A	431	3145	9571
GRUPO B	489	2684	4886
GERAL	920	5829	14457

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Estas interações - comentários e reações - são, no entanto, distribuídas de maneiras bem desiguais entre as publicações, variando de acordo com uma série de fatores, especialmente a temática da publicação, mas onde também influenciam a presença ou não de imagens ou vídeos atrelados à publicação, se a publicação foi produzida para o grupo ou se é uma publicação ou link externo sendo compartilhado lá dentro e, ainda, se ela foi publicada por um doador ou uma tentante. Um dado que aponta para a distribuição desigual de interações entre publicações é que no Grupo A, dentre as 431 publicações, um grupo de apenas 13 delas, somadas, reúnem 25% dos comentários do grupo nestes últimos dois meses. Além disso, a variação de comentários entre as publicações vai de 0 a 144, mas parte significativa das publicações variam entre 0 e 5 comentários. Um padrão similar acontece nas dinâmicas do Grupo B, onde a variação do número de comentários entre publicações oscila entre 0 e 70, mas dentre as 489 publicações, 19 delas concentram 27% dos comentários.

Em seguida, classifiquei estas interações digitais em oito categorias temáticas que produzi a partir da imersão nestas plataformas. São categorias relacionais e não-excludentes, sendo elas: “Procura”; “Oferta”; “Positivos, relatos e testemunhos”; “Técnicas, consultas e saberes”; “Reportagens e links externos”; “Chamadas, indicações e denúncias de doadores”; “dinâmicas do grupo” e “Outros temas”. Cada uma delas reúne em torno de si fluxos e dinâmicas particulares, tal como movimentam níveis de interatividade bastante distintos (Ver Quadro IV-1 e Quadro IV- 2 do Anexo IV).

Na categoria de “procura” agrupei as publicações produzidas por tentantes e suas

parceiros, nas quais fazem chamadas de busca por doadores, especificando desde já algumas características e questões importantes para delimitar os “filtros” estabelecidos para os potenciais doadores que vierem a responder à publicação.

[EXEMPLO PROCURA⁴³] = Procuro doador de Vespasiano (MG) ou proximidades.

Branco, cabelo escuro (pra parecer com minha esposa). Método seringa

Dentre estas características, uma constância são as especificações de local para a doação, em geral identificando a cidade onde residem as tentantes. Além do local, estas publicações contam também muitas vezes com características como a especificação de que o método a ser utilizado é o “método seringa”, ou ainda a raça do doador que procuram (muitas vezes especificando que estas características são buscadas para corresponder às características da mãe que não irá gerar) e outras características fenotípicas, especialmente a cor dos olhos e dos cabelos. Também são bastante frequentes as publicações que contam com pequenas descrições do status e do histórico de relacionamento da(s) tentante(s), contando por exemplo se é um casal que está procurando a doação, a configuração de gênero deste casal e, por vezes, suas histórias pessoais de “desejo pela maternidade” de uma ou ambas⁴⁴.

Na categoria de “oferta”, por sua vez, estão as publicações feitas por doadores de sêmen, nas quais eles se anunciam e disponibilizam para a doação, também já apontando algumas de suas características principais.

[EXEMPLO OFERTA] = olá, sou doador em campinas. Branco, 26 anos, 1,70

Exames em dia, interessadas é só me chamar

Dentre elas, também sempre aquela que é mais constante é a especificação dos locais (cidades ou regiões) onde ele pode realizar a doação. Nesta categoria são também ainda mais frequentes as descrições pessoais de sua raça e outras características fenotípicas (altura, cor do cabelo), além de muitas outras que acrescentam também características como: hábitos e

⁴³ Todos os exemplos desta lista que segue nas próximas páginas não correspondem a publicações verdadeiras, nem adaptações de postagens dos grupos, mas são criações minhas baseadas no mapeamento, leitura e análise do campo realizado nos grupos.

⁴⁴ Há ainda alguns casos (dentro da amostra que analisei) de publicações deste tipo nas quais as tentantes apontam outras características desejadas nos doadores, como determinadas ascendências ou, ainda, destacando a necessidade de doadores com exames atualizados.

cuidados com a saúde (por exemplo, se fuma ou bebe); idade; “descendência”; status do último exame de ISTs (em geral por meio de uma descrição breve, como “exames em dia”); número de “positivos” (ICs bem sucedidas) para os quais doou; contato no Whatsapp; e fotos atuais do doador e/ou fotos de quando ele era criança. Por fim, algumas das publicações deste tipo contam ainda com apontamentos dos doadores acerca de seu tipo sanguíneo, seus gostos e hobbies, sua sexualidade, seu QI, profissão e, ainda, suas motivações para atuar como doador de sêmen para ICs.

Já na categoria “Técnicas, consultas e saberes” – aquela para a qual meu enfoque e interesse estão voltados com mais atenção nesta pesquisa – são agregados diferentes tipos de publicação, mas o que as costura é o fato de que todas, de alguma maneira, se voltam para discutir, consultar e/ou agregar ao que venho identificando aqui como um “conjunto de saberes” e práticas próprios do contexto de inseminações caseiras no Brasil. Este conjunto é produzido coletiva e autonomamente por tentantes e doadores em diálogo nos e com os grupos digitais, mas também com diversos agentes externos, como as instituições biomédicas e o aparato legal do país. Deste modo, esta categoria agrega, concomitantemente, publicações sobre técnicas, conhecimentos e dinâmicas particulares das ICs, a começar pelas publicações que giram em torno de debater, compartilhar ou tirar dúvidas sobre os saberes (dos grupos) sobre fertilidade e tratamentos, ovulação, concepção, inseminação e gravidez, acionando as/os/es demais membros dos grupos na posição de “especialistas”.

[EXEMPLOS TÉCNICAS, CONSULTAS E SABERES] = 1. Olá meninas, queria saber qual tipo de seringa eu preciso usar pra fazer a IC e quais os procedimentos.

2. Alguma menina aqui já fez IC tendo SOP? Tem que fazer algo diferente?

3. Pessoal, olha essa foto. Fiz a IC faz 14 dias será que é nidação?

4. Olá meninas, alguém conseguiu registrar a criança com duas mães no RJ? Quais documentos precisa ter? Você indicam alguma advogada pra ajudar com isso, eu e minha esposa queremos registrar nossa filha no nome das duas, ela vai nascer em março

Neste sentido, ainda, há uma série de publicações que se voltam para questionar ou explicar o “passo-a-passo” das inseminações caseiras, listando seus materiais-artefatos, tratamentos e fármacos, e gestos e técnicas. Estão também reunidas aqui postagens que apresentam fotos e *prints* de uma série de materialidades a serem avaliadas e debatidas pela comunidade dos grupos, de modo a orientar as tentantes no acompanhamento e controle de seus

ciclos férteis, datas para inseminação e resultados de exames, como por exemplo imagens de fluidos vaginais próprios, resultados de testes caseiros de fertilidade e de gravidez ou ainda resultados de exames médicos (como sorologia, tipagem sanguínea, espermograma, beta HCG). Por fim, também agrego nesta categoria as publicações voltadas para informações e dúvidas acerca das questões jurídicas e legislações que permeiam de forma tensa e particular estas práticas, relatos pessoais de casos bem-sucedidos (ou não) de duplo-registro de filhos de casais lésbicos, tal como pedidos e respostas de indicações de advogadas especializadas neste tipo de caso.

Já na categoria “Reportagens e links externos”, busquei reunir aquelas publicações que consistem em veiculação de links externos ao grupo, sejam estas publicações dentro da plataforma do Facebook ou fora dela. É, portanto, uma categoria temática de publicações que se intersecciona ao que defini como um tipo de formato pensado como “compartilhamentos”. Para além do fato de republicarem materiais externos ao grupo, estas publicações também partilham de uma “identidade temática” particular, que não cabe nas discussões realizadas nas publicações reunidas (por mim) em outras categorias. Se encontram aqui, portanto, as publicações que compartilham reportagens, que por sua vez versam sobre as práticas de inseminação caseira no Brasil e suas figuras (doadores, sempre) de destaque neste meio, sobre direitos de famílias homoparentais e decisões judiciais nesta senda, outras que trazem relatos e notícias de casais que utilizaram das ICs para conceberem seus filhos, ou, ainda, matérias informativas sobre gravidez e fertilidade. Além destas, são também compartilhados conteúdos como: peças de divulgação de perfis, cursos e oficinas voltadas para assuntos como gravidez e direito de famílias homoparentais⁴⁵; vídeos de crianças (em geral em tom de humor), em geral acompanhadas de comentários relacionados a criação de filhos; animações e reproduções que visam retratar o processo de concepção no corpo, desde a entrada dos espermatozoides no canal vaginal até o final da gestação; dentre outros.

A categoria de “positivos, relatos e testemunhos” é também bastante relevante neste contexto dos grupos, especialmente porque movimentam de modo incomparável as interações e engajamentos dos demais membros (por meio de comentários e reações, por exemplo). Nesta categoria estão as publicações de tentantes e doadores que atuam de forma a atestar, ou “testemunhar” suas experiências com a inseminação caseira até “o positivo” (ou, no caso de doadores, “os positivos”). Estas experiências são quase sempre apontadas como difíceis, mas

⁴⁵ Como a mentoria com a advogada Ana Carolina S Mendonça, de “Filiação Homotransparental” - da qual fui alune - e o instagram profissional da advogada Tatiane Velloso (@adv.velloso), ambas referências para lidar com casos de maternidade lésbica e inseminação caseira.

gratificantes e positivas, já que estes relatos a priori são feitos apenas após a conquista do “positivo”. São poucos (mas existentes) os casos de tentantes que apontam terem tido uma má experiência e por isso desistido da prática, por exemplo. Um ponto muito relevante acerca destas publicações, entretanto, é que elas incorporam sempre junto consigo um material imagético ou audiovisual que serve de materialidade-testemunho daqueles relatos e positivos, como fotos de ultrassons, testes de gravidez, *prints* de conversas no *whatsapp* entre a tentante e o doador ou, ainda, fotos dos próprios bebês e crianças já nascidos e frutos de inseminações caseiras (em diferentes idades) ou de famílias com seus filhos de ICs. Como bom testemunho, estas publicações quase sempre terminam com alguma frase de incentivo às outras tentantes que ainda estão no processo de buscar seu positivo.

[EXEMPLO POSITIVOS, RELATOS E TESTEMUNHOS] =

1. (doador) Mais um positivo, outro sonho tornado possível. parabéns às mamães! (+ Print de conversa entre ele e as tentantes, onde o positivo foi comunicado)
2. (tentantes) Demorou mas chegou finalmente o nosso sonhado positivo. Nosso príncipe Fulano, 1 semana, as mamães te amam muito!!! Não desistam meninas, é real!
#mamaesdeic (+foto do bebê)

A categoria “Dinâmicas do grupo”, por sua vez, é menos expressiva que as anteriores, reunindo em si publicações como, por exemplo: reclamações e elogios ao grupo e sua equipe administradora; chamadas para encontros de tentantes em modo presencial; chamadas por listas e atualizações dos dados de doadores de cada grupo (e que visam reunir os perfis e características deste grupo de pessoas disponível na plataforma); e, ainda, publicações que disponibilizam acesso aos (muitos) grupos de *Whatsapp* criados para acolher membros do grupo, sendo alguns destes específicos para tentantes, outros voltados para pessoas que já se tornaram mães por meio de IC e outra parte aberta para doadores e tentantes de modo geral.

[EXEMPLO DINÂMICAS DO GRUPO] =

1. Pessoal vamos atualizar os dados de doadores do grupo? Doadores, informem os lugares onde residem, pfv.
2. Meninas, vamos fazer um encontro das tentantes do grupo que são de BH?
3. Existem grupos de whatsapp SÓ pra tentantes?

Na categoria de “Chamadas, indicações e denúncias de doadores”, agrupo as publicações que participam ativamente de um processo de formação de redes (digitais, ciborgues, coletivas) de cuidado e de segurança mútua. Desta rede, participam publicações que incorporam pedidos (de tentantes e para tentantes) por indicações de doadores e chamadas por relatos e impressões acerca de doadores específicos e/ou fotos de crianças que foram concebidas com sua doação. Além disso, estão também as publicações que trazem denúncias de comportamentos abusivos e/ou antiéticos por parte de determinados doadores do grupo e, em alguns poucos casos, também por parte de tentantes (sendo os mesmos sempre excluídos do grupo).

[EXEMPLO CHAMADAS, INDICAÇÕES E DENÚNCIAS DE DOADORES] = Oi meninas, quem aqui teve positivo com o Fulano? Como foi? Postem foto dos bebês de doação dele aqui

Por fim, a categoria “outros temas” trata das publicações que fogem aos limites de minhas outras classificações, mas dentre as quais algumas questões se destacam e agrupam dentro dela temas que fogem ao escopo auto-definido do grupo, sendo elas: publicações sobre valores; e indicações de tratamentos no âmbito da reprodução assistida e postagens que de pessoas buscando outros tipos de doação (óvulos ou gestação por substituição) ou parentalidade (como a coparentalidade). Estas últimas, em geral, recebem comentários indicando (mais ou menos agressivamente) a existência de outros grupos para tais interesses, por vezes trazendo também os *links* que encaminham para tais “outros grupos”.

A aplicação das metodologias de "etnografia multissituada" e "etnografia digital" foram fundamentais na condução do mapeamento e análise dessas publicações e suas interações nos grupos digitais, distribuídas nesses diferentes agrupamentos, assim como suas implicações e agências na construção e modulação das redes das inseminações caseiras e as identidades e relações que as compõem.

Partindo delas, pude explorar diferentes contextos e locais. Isso possibilitou a observação de como as práticas de inseminação caseira são influenciadas e transformadas pelas interações em diversas plataformas digitais, mas também suas interlocuções e dinâmicas de relação com agentes humanos e não-humanos que habitam e atuam nesses contextos. Através desta lente, foi possível vislumbrar ao menos parte dessas conexões e movimentos, tendo em mente o imbricamento indissociável entre o digital e as demais esferas da vida social.

Além disso, essas perspectivas metodológicas integradas me ofereceram um olhar atento

para captar nuances, mecanismos e dinâmicas particulares das interações digitais. Com isso, me propus a prestar atenção não apenas às relações dadas pelos participantes dos grupos e as maneiras pelas quais negociam significados, constroem narrativas e estabelecem relações nestas e com estas plataformas, mas também como suas ferramentas digitais de interação - publicações, comentários, reações, links, imagens, etc. - participam de forma ativa nesses processos.

A segunda parte deste trabalho de pesquisa com/nos grupos vêm se dando mediante consentimento dos membros autores de publicações e comentários nos grupos (dado por assinatura do TCLE II) e consiste na coleta e análise mais detalhada de algumas destas interações digitais mapeadas na primeira fase, de maneira a aprofundar mais minuciosamente em seus elementos discursivos e nas reações e respostas que despertam.

Entrevistas:

Inicialmente, o planejamento era a realização de entrevistas com membros dos grupos de diferentes perfis de interlocutores, visando estabelecer diálogos qualitativos com eles, por meio de roteiros semi-estruturados, mas com flexibilidade para permitir que as conversas seguissem rumos espontâneos. Os grupos/perfis de interlocutores desenhados para a pesquisa incluíam três categorias principais: tentantes e mães de IC lésbicas/sapatonas (administradoras, mediadoras e/ou membros dos grupos); as parceiras e parceiros dessas tentantes; e os doadores (administradores, mediadores e/ou membros) que utilizam os grupos digitais para se conectarem com tentantes e realizarem doações de sêmen para concepção por inseminação caseira.

No entanto, ao longo da realização do campo da pesquisa, enfrentei dificuldades em conseguir entrevistas com tentantes e mães de IC. Além disso, os caminhos de interesse e análise foram se modificando ao longo do processo, levando a um ajuste no recorte analítico para focar nos saberes, técnicas e nas diferentes materialidades que participam das redes que compõem o contexto da IC no Brasil.

Realizei, por fim, cinco entrevistas, todas com doadores/administradores dos grupos. Essas entrevistas foram usadas como fonte de informações sobre o contexto e material epistemológico para a construção do texto e das análises. Através delas obtive *insights* valiosos sobre as práticas e discursos dos doadores, que contribuíram para entender melhor o contexto das interações digitais e suas implicações nas práticas de inseminação caseira. Apesar disso, essas entrevistas não serão detalhadas e aprofundadas na pesquisa, tanto pela pequena amostragem (considerando o tamanho e diversidade de participantes dos grupos), mas especialmente por conta dessa mudança de recorte/foco.

Análise dos repertórios gráficos e experimentações:

Concomitantemente a todos estes processos, especialmente nos meses em que realizei o campo e a partir deles, busquei experimentar e criar com repertórios gráficos e produções visuais, artísticas, literárias, corporais e digitais. Por um lado, me propus estudar os repertórios gráficos, materiais e imagéticos dos grupos digitais de IC, a partir de análises reflexivas e textuais destas imagens (aquelas publicadas, compartilhadas, mas também a própria estética da plataforma que incorpora esses grupos).

Em minhas observações e acompanhamentos, pude constatar que há, nos grupos que compõem meu recorte, um repertório imagético muito particular das publicações, comentários e outros modos de interação e conexão nestes grupos. Testes de gravidez, de ovulação, fotos de fluidos e excreções corporais, prints de conversas, fotos de crianças de diferentes idades, geradas por meio de inseminação caseira, e de suas famílias (quase sempre lésbicas) e selfies de doadores são alguns dos agrupamentos gráficos que este repertório imagético dos grupos me permitiu mapear. Ao todo, como resultado do mapeamento que fiz deste acervo fotográfico ao longo dos dois meses em que realizei meu campo, reuni e dei início a análise de um conjunto de 477 imagens, distribuídas em 160 publicações, sendo 238 do grupo A e 239 do grupo B (Ver Quadro 3). Busco, partindo deste conjunto, pensar como essas imagens são utilizadas, veiculadas e acionadas dentro dos grupos, o que elas nos dizem sobre as interações nos/dos grupos, sobre as materialidades da inseminação caseira e como tanto coisas quanto imagens atuam nessas redes.

Quadro 3 – Números relativos às imagens publicadas e comentadas nos grupos de IC

GRUPO	NÚMERO DE PUBLICAÇÕES COM VÍDEOS	NÚMERO TOTAL DE IMAGENS PUBLICADAS EM DOIS MESES	NÚMERO DE PUBLICAÇÕES COM IMAGENS NO CORPO OU NOS COMENTÁRIOS
GRUPO A	17	238	139
GRUPO B	17	239	121
GERAL	34	477	260

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Por outro lado, busco colaborar com a feitura de novas imagens (fotografias, gráficos, QR codes, desenhos, redes) em diferentes formatos e técnicas (digitais, plásticas, colagens, materiais) e imergir criativamente em experimentos com as materialidades físicas e digitais da

inseminação caseira, fazendo uma observação participante e reflexiva com estes agentes materiais e explorando como essas materialidades múltiplas estão articuladas a uma produção (disputada) de saberes próprios das ICs.

São muitas as potências que venho descobrindo neste processo criativo, produtivo e experimental: a de criar repertórios imagéticos e materiais como forma de ser afetada por eles e aprender com/por eles; de gerar novas e potentes narrativas e modos de contar este contexto; desenhar coisas e corpos como maneira de ser afetada por eles e de estudar, me embrenhar em sua materialidade estudando suas linhas, suas cores, seus formatos e curvas, sua opacidade, os gestos que o manipulam, as possibilidades de relação tecnocorporais que eles permitem. Tenho desenhado, pintado e moldado para me integrar às coisas; para experimentar os diferentes materiais que nos permitem reinventar esses corpos e objetos; para aprender, epistemologicamente, com os saberes e coisas que esses materiais e ferramentas podem nos ensinar; para mostrar o corpo, as técnicas, as posturas e movimentos corporais de maneiras distintas daquelas possibilitadas pelas descrições textuais.

Desenhar e criar para tentar burlar a vigilância dos metadados⁴⁶ e a exposição (pornográfica e misógina) dos corpos com vagina, sem porém abdicar de mostrá-los. Desenhar para explorar os repertórios imagéticos dos grupos, sem de fato expô-los, para tomar para mim a responsabilidade de minha própria exposição. Desenhar, registrar, digitalizar, “pintar” o digital para explorar os possíveis emaranhamentos entre os fazeres digitais e os experimentos de tinta e papel. Desenhar para criar imagens que sejam capazes de nos dar e criar panoramas mais interessantes sobre as várias redes que estudo.

Busquei explorar as múltiplas potencialidades de pesquisar e experimentar (com “arte”, corpo e literatura) as materialidades e imagens das inseminações caseiras, e também de mapear e criar com esses repertórios imagéticos que estão nos grupos, tal como produzir mapas visuais das interações em rede contidas neles. Algumas dessas experimentações são: um inventário tecnopoético/arqueoartístico dos seres-coisas da inseminação caseira, composto por desenhos, fotos e descrições imaginadas dos principais elementos materiais da IC; experimentos tecnocorporais, estudando, descrevendo/imaginando e experimentando com cada um desses materiais/tecnologias “inventariadas”, fazendo estudos corporais dos gestos, das posturas, das imagens, da lide com os materiais, de como eles agem, performando as práticas presentes na IC

⁴⁶ Os metadados são informações embutidas em arquivos, como imagens, que podem incluir dados sensíveis, como localização, data, dispositivo usado e até mesmo a identidade da autora. Esses dados podem ser acessados e usados para rastrear a origem do arquivo ou expor informações pessoais. Ao criar minhas próprias imagens, sem relação com arquivos originais, evito que metadados herdados exponham as autoras, buscando maior segurança ao eliminar riscos de rastreamento.

em meu próprio corpo, fotografando, filmando, desenhando e editando/intervindo nesta produção de imagens e, ainda, fazendo também um relato de todo esse processo; mapeamento das hashtags e “reações” presentes nas publicações dos grupos; e colagens com as materialidades da IC em redes, digitais e físicas, brincando com seus diálogos e possibilidades.

É preciso ressaltar, entretanto, que embora o processo de experimentação corporal e artística tenha sido essencial no fazer da pesquisa, de forma inclusive bastante potente em termos metodológicos, nessa dissertação o que fiz foi apresentar muito mais os resultados materiais e imagéticos desse processo (espalhados pelo texto articulados às temáticas e dinâmicas aos quais estão relacionados) do que desenvolver análises acerca desses processos. Pretendo, em trabalhos subsequentes, explorar mais a fundo esse processo de produção e suas contribuições e potencialidades para o fazer da pesquisa.

2.2.2 - *Ética*

Descrito este percurso, penso ser pertinente apontar alguns passos e procedimentos que realizei para assegurar garantias éticas⁴⁷ de segurança, privacidade e respeito aos direitos dos participantes da pesquisa. Em primeiro lugar, a realização da pesquisa em cada um dos grupos só teve início mediante autorização de ao menos uma pessoa que consta como administradora ou mediadora do grupo, autorização esta que foi dada a partir da assinatura de um TCLE voltado para administradores e mediadores (Anexo I). Esta autorização permitiu a realização de acompanhamento e observação das publicações e comentários dos grupos, ao longo dos dois meses de campo da pesquisa.

Em segundo lugar, apenas as pessoas que assinaram as autorizações contidas no TCLE voltado para membros/integrantes dos grupos (Anexo II) tiveram suas informações de fato coletadas, analisadas mais profundamente em termos de conteúdo e utilizadas, sempre de maneira anônima. Importante informar, entretanto, que essa abordagem condicionante à assinatura do TCLE II diz respeito à parte qualitativa das análises das interações dos grupos e não para as medições e análises quantitativas de publicações, comentários e reações do período analisado. Para recolhimento destas assinaturas, realizei chamadas periódicas nos grupos, apresentando a proposta da pesquisa e convidando os/as membros do grupo a autorizarem a coleta e análise de suas interações naquele ambiente digital, disponibilizando assim o link para leitura e assinatura do TCLE II.

Por fim, foram realizadas chamadas periódicas nos grupos (também em formato de

⁴⁷ O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais da Unicamp em junho de 2022, pelo parecer de número 5.457.411 e CAAE 56634322.8.0000.8142.

publicações virtuais nos grupos, mas separadamente daquelas explanadas acima) para entrevistas semi-estruturadas individuais. Também nestas chamadas estava o link para um terceiro TCLE, este voltado para realização das entrevistas (Anexo III) e as participantes específicas desta fase da pesquisa. Um objetivo significativo dessas entrevistas, portanto, para além das informações adicionais que podem me dar acerca de uma série de temáticas interessantes à pesquisa, é que estas serão também oportunidades de garantir com que as pessoas participantes da pesquisa tenham acesso ao TCLE II e à Política de Privacidade de Dados para que, se assim quiserem, assinem também as autorizações necessárias para o uso de suas publicações e comentários na produção da análise da pesquisa e da dissertação. Todas as autorizações da pesquisa são dadas a partir de uma plataforma de assinaturas digitais chamada *ZapSign*.

Durante a feitura da pesquisa, os arquivos foram mantidos armazenados localmente e virtualmente, no computador e na nuvem: o armazenamento local de vídeos, áudios, documentos e planilhas resultantes das entrevistas (pelo *Zoom* e *Jitsi Meet*) e da observação e coleta nos grupos do *Facebook* estão mantidos em partição cifrada no computador, com dados cifrados pelo software *VeraCrypt*. Com relação ao armazenamento na nuvem, os arquivos e dados foram mantidos no Drive, após passarem por encriptação através da plataforma *cryptomator.org*. Outro ponto relevante a ser também assegurado é que, durante a coleta de dados nos grupos, nenhum conteúdo disponibilizados nos grupos (publicações e/ou comentários) foi registrado através de *prints* e, na redação e publicação do texto de dissertação, todos os trechos e recortes de textos retirados destas plataformas digitais (os dois grupos analisados) serão modificadas, de maneira a dificultar a busca e acesso dessas publicações através de mecanismos de busca do Facebook e outras plataformas digitais.

2.3 - Redes, agentes, relações e intersecções: uma aldeia inteira para fazer uma criança

Venho falando muitas vezes, até aqui, na ideia de um mapeamento/cartografia de “redes”. Tomo, portanto, este espaço para delinear um pouco melhor o que quero dizer quando utilizo este conceito. Embora o termo rede seja incorporado por determinadas teorias e correntes epistemológicas, uso aqui uma noção de rede que se faz numa bricolagem de noções sobre modos de conexão e interconexão complexos e multiagentes. Falo em redes-emaranhados, cujos fluxos são fluidos, dialógicos e relacionais e cujos agentes são tanto humanos, sociais, quanto maquínicos, ciborgues, algorítmicos, digitais, corporais, clínicos, biotecnológicos, políticos, morais e ideológicos. Fui guiada aqui, portanto, por uma ideia híbrida que integra as

propostas de: Bruno Latour (1994), com a “Teoria Ator-rede” (TAR) e seus conceitos de redes e atores/agentes sociotécnicos, actantes; e de Donna Haraway (1985), da qual pego emprestada a ideia de (ubíquas e políticas) redes “ciborgues” e a ideia de fluxos tecnossociais que compõem e movimentam o ciborgue, em suas convivências, resistências e utilidades à “informática da dominação”.

São redes ciborgues, biotecnológicas e sociotécnicas. São redes que agregam, relacionam, interseccionam, reconfiguram e movimentam agentes múltiplos: pessoas, seus múltiplos e subjetivos arranjos identitários, corpos, fluidos, células gametas e embriões, saberes e técnicas, leis e regulamentos, o Estado, a Medicina, o Capitalismo, as múltiplas materialidades ciborgues da inseminação caseira, as biotecnologias e as tecnodigitalidades que compõem a maternidade sapatona, os algoritmos e as seringas, as tentantes, a plataforma *Facebook/Meta*, os doadores, administradores e mediadores dos grupos digitais, as hashtags, curtidas, comentários e “reações”, a lesbianidade.

São redes que se fazem nas fissuras deixadas pelos atritos e disputas, diálogos e trocas entre diferentes sistemas de poder e as resistências a eles. Assim, convivem e disputam aqui o poder biomédico e a farmacopornografia, a cisheteronormatividade e as transgressões queer transviadas, o patriarcado e o heterossexismo de Estado, as apropriações autônomas e ciborgues de corpos e reproduções, os algoritmos como ferramenta de controle, os usos e (re)apropriações resistentes da rede, a modernidade e o regime disciplinar.

Neste sentido, mapeei e elenquei um amplo, mesmo que certamente incompleto, conjunto de agentes que compõem esta rede relacional. “Tentantes”, “doadores”, “mães de IC”, “administradores e mediadores” dos grupos digitais, “advogadas” especializadas e a própria “plataforma do *Facebook/Meta*” são todes actantes dessas redes responsáveis pela materialização de relações dessa rede por meio das “publicações”. As publicações, por sua vez, atuam como principais agentes desse meu mapeamento, pois é a partir delas que todos os outros agentes se conectam, assim como pelo acionamento dos mecanismos de interação do grupo, sendo esses os “comentários” e “reações”, mas também a incorporação de “mídias” (fotografias, prints, vídeos, emojis, gifs) e de links externos às postagens e comentários e as “marcações” de perfis alheios. Os links externos, por sua vez, quando incorporados às publicações, por meio de compartilhamentos de conteúdos vindos de outras fontes, são especialmente importantes pois são também pontes de conexão com os discursos sobre inseminação caseira e maternidades lésbicas/sapatonas vindos de outros sistemas e esferas diretamente relacionados (muitas vezes conflituosamente) com os contextos de IC, sendo eles o “sistema jurídico e legal” brasileiro, que nesse contexto se interligam diretamente com o mecanismo do “duplo registro” (e às

“advogadas”), mas também os discursos do “sistema médico” - onde se articulam de maneiras distintas com as inseminações caseiras o “SUS”, por um lado, e as “clínicas de RA”, por outro, ambos excludentes - e os discursos jornalísticos das notícias e reportagens do tema. Por fim, em uma relação de constante tensão com esses agentes “externos” e seus discursos, estão os conjuntos de “técnicas e saberes” particulares da inseminação caseira no Brasil, produzidos coletivamente nos/pelos/com os grupos digitais e onde figuram também agentes, mecanismos e materialidade como “seringas e potes”, “testes caseiros” e “consultas coletivas” feitas nos grupos. Todos esses estão, como venho tentando discutir aqui, diretamente imbricados nos processos de construção e modelagem dos “corpos” (de doadores, tentantes, mães de IC) e das próprias concepções e des “filhes de IC” gerades a partir delas.

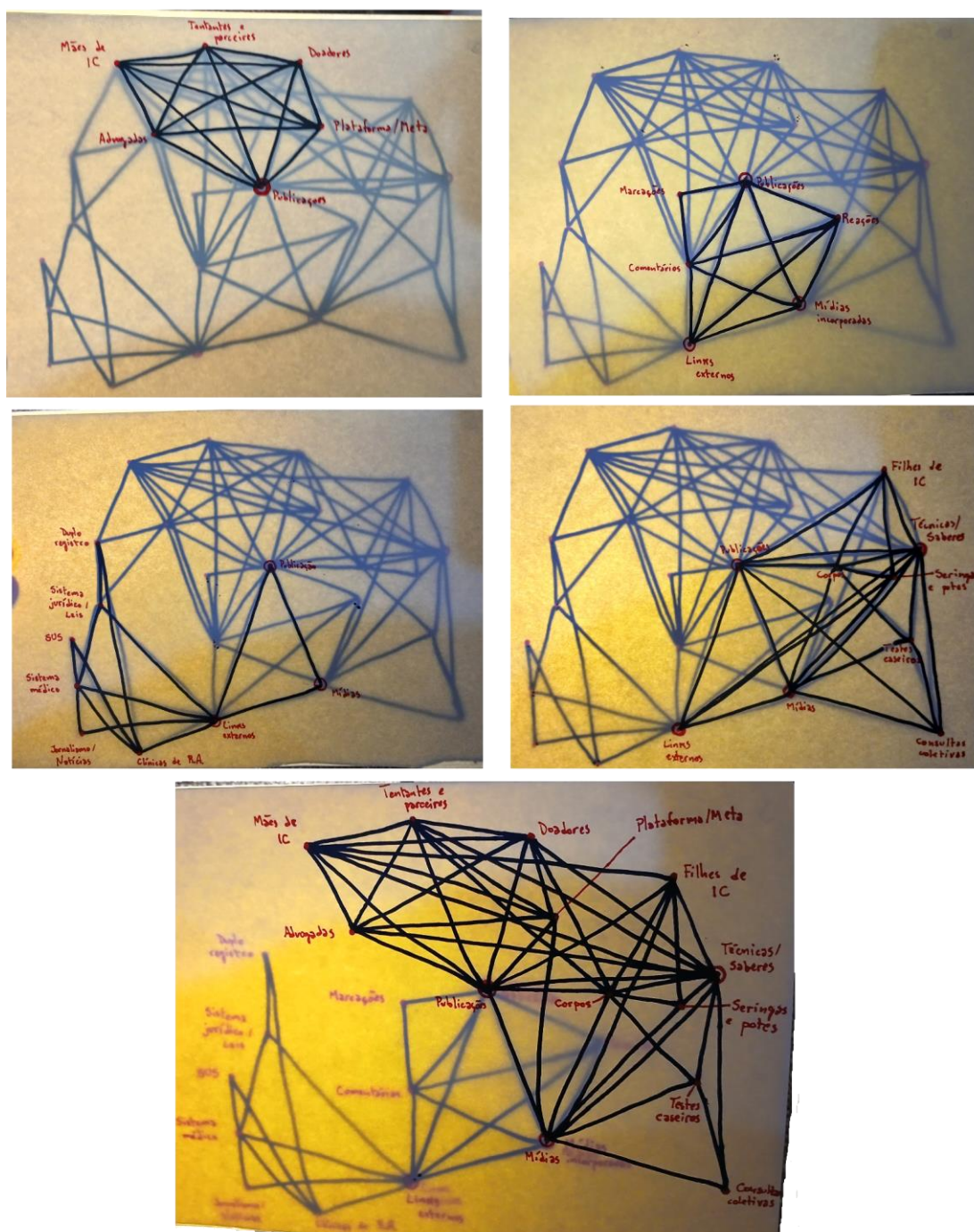


Figura 21 - Agentes-actantes, relações e intersecções da inseminação caseira: mapeando redes - experimentos com caneta e luz na construção de redes. Fonte: Elaborado pela autora, 2024.⁴⁸

⁴⁸ Aqui, nesse experimento, busquei produzir uma rede desenhada mas interativa. Para criação dele, primeiramente listei os agentes/actantes da rede e, em seguida, conectei-os uns aos outros na medida em que são relacionados na criação e movimentação dessa rede ou não. Com isso, identifiquei aqueles agentes que parecem ser polos de relações, conectando inclusive o que classifiquei como subgrupos de relações. O resultado disso foi o seguinte:

Mães de IC, tentantes e parceiros, doadores, advogadas, plataformas e publicações;

o agente "publicações" se demonstrou um conectivo para um novo subgrupo, onde estão os comentários, reações, marcações, mídias incorporadas e links externos;

o agente "links externos" se demonstrou um conectivo para um novo subgrupo, onde estão o jornalismo/notícias, o Sus, as instituições médicas, as clínicas de RA, o sistema jurídico legal e, por fim, ligado a esses últimos, está o duplo registro como mecanismo legal;

Experimentando traçar aquelas que considero serem as principais relações que interligam estes agentes-actantes, apresento nos desenhos acima e no que vem a seguir uma ideia do que seria essa rede com suas relações – simbióticas, recíprocas e dialéticas – e seus “pontos de intersecção” que surgem no entrecruzamento destas relações complexas: diálogos, disputas, ambiguidades e complexidades.

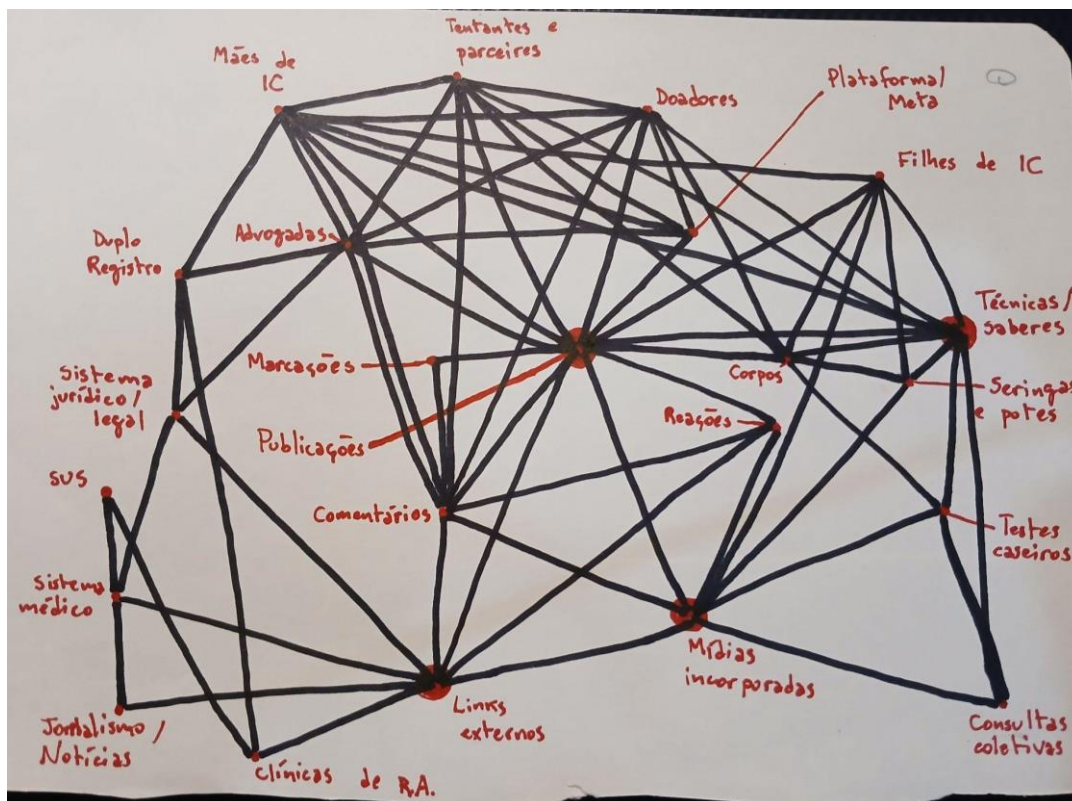


Figura 22 - Redes sociotécnicas, redes ciborgues: imaginações das redes formadas pelas/nas maternidades lésbicas/sapatonas por IC. Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Considero nessa “minha” rede todos estes elementos como agentes, que estabelecem relações dialógicas entre si. Assim, são parte também de um entendimento de que coisas-artefatos, espaços, corpos, máquinas e imagens “são tão vivas, agentes, dinâmicas, inseridas na vida social e dotadas da capacidade de afetamento – dos corpos, identidades, subjetividades, vivências e interlocuções entre/com as pessoas – quanto as pessoas que atuam nessa rede de

os agentes publicações”, “links externos” e “mídias incorporadas” são também conectivos para um novo subgrupo, composto pelas técnicas/saberes da IC, seringas e potes, testes caseiros, os corpos, as consultas coletivas e filhos de IC. Esse subgrupo, por sua vez, se conecta de múltiplas formas com o primeiro, a partir de diferentes configurações e agentes conectivos.

No experimento, temos então esses agrupamentos de agentes/actantes e, a cada foto, temos um desses subgrupos destacado. Entretanto (iluminada pela luz) a rede completa segue aparecendo no fundo, buscando construir em narrativa visual esse conjunto de dinâmicas (sempre conectadas e mutantes) que compõem as redes da inseminação caseira.

relações” (Carvalho, 2022, p. 20).

No próximo capítulo, adentrarei as múltiplas dinâmicas dadas nos grupos digitais de inseminação caseira com os quais pesquisei, buscando explorar suas diferentes categorias, os agentes-actantes que se movimentam de forma relacional, dando também mais materialidade para essa rede que me propus mapear.

Capítulo 3 - Adentrando os grupos: categorias, dinâmicas e relações

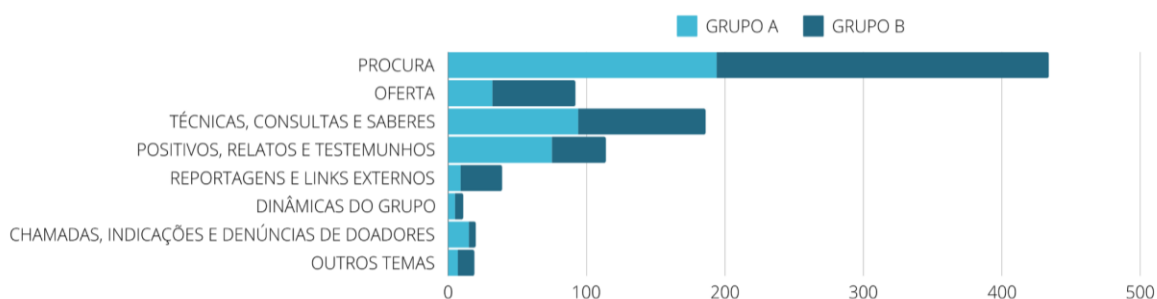
Mapeados e introduzidos estes agentes múltiplos e dinâmicos que venho perseguindo e dialogando, podemos adentrar de fato nos grupos digitais e conhecer mais a fundo seu amplo e particular repertório. No total, o mapeamento e categorização que produzi se distribuiu da seguinte maneira:

Quadro 4 - Distribuição das publicações do Grupo A e Grupo B nas categorias

CATEGORIA	GRUPO A	GRUPO B	GERAL
PROCURA	194	240	434
OFERTA	32	60	92
TÉCNICAS, CONSULTAS E SABERES	94	92	186
POSITIVOS, RELATOS E TESTEMUNHOS	75	39	114
REPORTAGENS E LINKS EXTERNOS	9	30	39
DINÂMICAS DO GRUPO	5	6	11
CHAMADAS, INDICAÇÕES E DENÚNCIAS DE DOADORES	15	5	20
OUTROS TEMAS	7	12	19

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Gráfico 2 - Distribuição das publicações do Grupo A e Grupo B nas categorias



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A seguir, apresento um aprofundamento nos resultados e análises produzidas a partir das pesquisas de campo realizadas, abordando com mais cuidado conteúdos e categorias temáticas,

dinâmicas e relações produzidos nos e pelos dois grupos digitais pesquisados.

3.1 - Procura

Quadro 5 - Quantitativos de postagens, comentários e reações da categoria de “Procura”

PUBLICAÇÕES	%	COMENTÁRIOS	MÉDIA DE RESPOSTAS POR PUBLICAÇÃO	%	GRUPO A	GRUPO B
434	47,3%	1746	4	29,9%	194	240

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

As publicações de “Procura” são aquelas com presença mais significativa em ambos os grupos de minha pesquisa, de modo que, nos dois meses de interações que analisei, mapeei ao todo 434 postagens desta categoria. Dentre elas, 194 estão presentes no Grupo A (44,5%) e 240 (55,5%) delas estão presentes no Grupo B.

Através dessas publicações, as tentantes se conectam com doadores disponíveis e estabelecem seus primeiros e principais filtros com relação ao que seus doadores precisam corresponder. Essas publicações nos ajudam a entender quais são, portanto, os aspectos mais relevantes da busca para cada tentante e, analisando de maneira mais geral esse grupo de publicações, também quais aspectos parecem ser mais relevantes na busca digital por doações de inseminação caseira.

Além disso, também é possível analisar, especialmente por meio dos comentários nas publicações, como se dão os contatos produzidos entre tentantes e doadores e como são tratados, discutidos e negociados de maneira pública (aqueles que vão para as publicações e comentários dessa categoria), e quais deles são delegados aos espaços (também digitais) privados como *chats* no Messenger, no Whatsapp ou telefonemas. Esta dinâmica de passagem da discussão da esfera pública à privada é, muitas vezes, acionada por meio de comentários com variações do clássico jargão “chama no pv” (“chama no privado”).

Com relação ao formato dessas publicações, é interessante notar que elas são quase sempre curtas e diretas, apresentando poucos elementos, sempre textuais, de modo que quase nunca há imagens vinculadas a esse tipo de postagem. Quase todas as publicações de “Procura” dos grupos se direcionam diretamente para os doadores. Entretanto, uma parcela dessas publicações (especialmente no Grupo B) se direcionam a outras tentantes. Neste caso, as autoras do *post* apresentam todas as características de uma postagem de “procura”, mas além de se virarem para outro público, também apresentam outro objetivo: o de ativar uma rede de

confiança e segurança entre tentantes, para que dessa rede saiam contatos e nomes de doadores que são confiáveis. Frases como “meninas, alguém sabe de um doador com x características, em x lugar?” ou “alguma indicação de confiança em Cidade X?” são exemplos desse tipo de postagem voltada para outras tentantes. Há também algumas publicações que são derivações de publicações de “procura”, sendo essas uma procura por um doador específico ao invés de qualquer um que leia a postagem, de maneira que se consulta na rede de tentantes quais delas teriam, por exemplo, o contato de um doador x ou, ainda, “tinha visto um doador com características X e X, que residia em tal lugar, alguém sabe quem é?”.

De modo geral, entretanto, os aspectos presentes nas publicações que compõem essa categoria variam, mas alguns elementos são bem mais presentes do que outros. Aprofundando, portanto, nessas características que compõem este primeiro filtro estabelecido nas publicações de procura das tentantes, um elemento que é quase constante são as especificações de local para a doação, em geral identificando a cidade, estado ou região onde residem as tentantes autoras da postagem e, portanto, delimitando o raio de onde os doadores podem lhe atender.

Alguns números que expressam a relevância do elemento “localização” no estabelecimento da busca por doadores e dos filtros que orientam esta procura é que, dentre as 436 publicações que mapeei nos dois meses de campo que fiz nos grupos A e B, 424 (97%) delas especificam de onde os doadores devem ser. Boa parte dessas postagens, inclusive, contém apenas alguns poucos elementos, como nos exemplos: “Algun doador do Ceará disponível?”; “Procuro doador próximo a BH”; ou “Boa noite, estamos procurando doador da zona leste de SP.” Ainda neste sentido, em uma parcela das publicações que veiculam o elemento do lugar, as tentantes também oferecem a possibilidade de custearem o deslocamento de doadores até elas, procurando portanto por doadores “com disponibilidade para viajar”.

Um aspecto importante que pude observar ao mapear os lugares indicados presentes nas publicações que analisei nesses dois grupos é que o resultado do mapa a seguir (Figura 23) é bastante desigual em termos de distribuição regional no país.

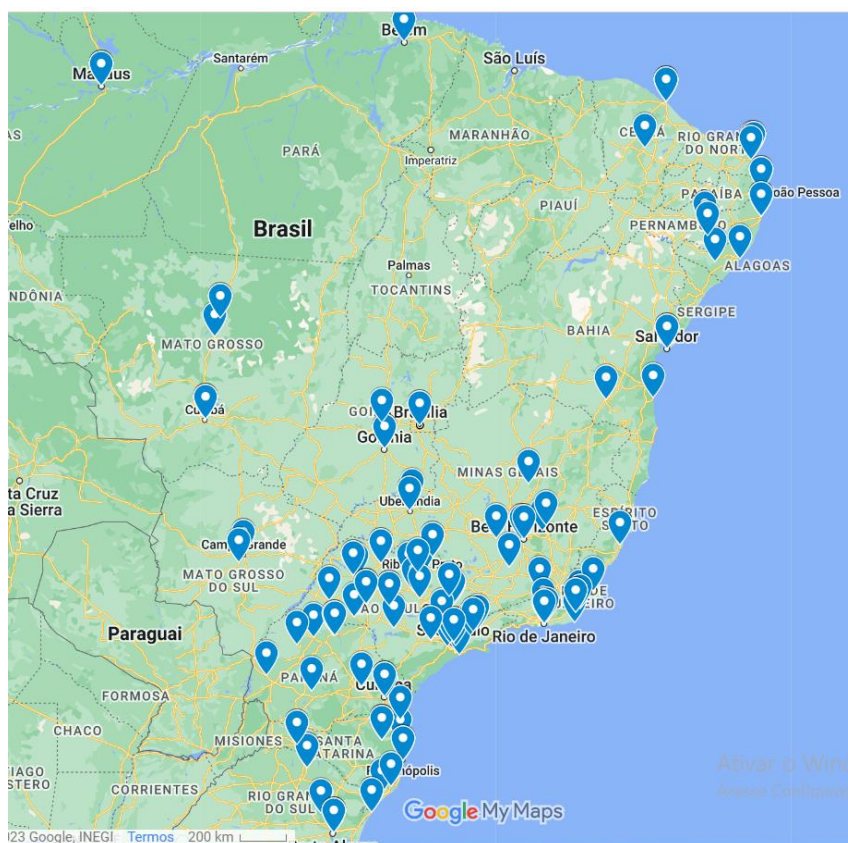


Figura 23 - Mapa dos locais de “procura” das tentantes pelas postagens. Fonte: Elaborado pelo autor a partir da plataforma Google My Maps, 2023.

Dentre as 434 publicações de procura que analisei, dos dois grupos somados: 45% delas procuram doadores na região Sudeste, com destaque para o estado de São Paulo, que concentra sozinho 110 (25%) publicações de procura por doadores deste lugar; 22% procuram doadores do Nordeste, com destaque para o estado do Ceará, aquele com maior expressividade na procura (8,4%), mas também para estados como Sergipe (0,4%), Maranhão (0,6%) e Piauí (0,6%), onde a procura é especialmente pequena; 21% procuram doadores do Sul, com especial destaque para o Paraná (8,4%); 7% doadores do Centro-Oeste, onde Goiás (2,2%) é o mais expressivo; e, ainda, 3% buscam doadores do Norte, a região com menos procura nestas publicações, na qual o Amazonas, com 1,6% é o estado mais representativo nesta procura, mas também onde os estados do Acre, Amapá, Roraima e Tocantins nem chegam a aparecer na coleta realizada.

Uma hipótese que pode nos ajudar a compreender essa distribuição desigual na procura por doadores nestes espaços digitais é a própria desproporção na dispersão populacional do Brasil em cada região do país e em cada Estado, movida por inúmeros fatores socioeconômicos e políticos que marcam a história nacional. Entretanto, se compararmos as porcentagens de procura por doadores com os números que representam a distribuição populacional dessas regiões no total da população brasileira é possível ainda dizer que: especialmente o Norte, mas

também o Nordeste, estão sub-representados; e especialmente o Sul, mas também o Sudeste, estão super-representados.

Quadro 6 - Distribuição dos locais de “Procura” das tentantes, de acordo com as postagens dessa categoria

LOCAL	NÚMERO DE PUBLICAÇÕES	PORCENTAGEM NO TOTAL DE PUBLICAÇÕES	PORCENTAGEM POPULACIONAL DE CADA ESTADO NO PAÍS
SUDESTE	198	45%	42,1%
SÃO PAULO	110	25,2%	21,8%
ESPÍRITO SANTO	4	0,9%	1,9%
RIO DE JANEIRO	50	11,4%	8,3%
MINAS GERAIS	34	7,7%	10,0%
NORDESTE	99	22%	27,8%
PARAÍBA	5	1,1%	1,9%
SERGIPE	2	0,4%	1,1%
BAHIA	20	4,5%	7,2%
MARANHÃO	3	0,6%	3,4%
CEARÁ	37	8,4%	4,3%
PIAUÍ	3	0,6%	1,5%
RIO GRANDE DO NORTE	6	1,2%	1,7%
ALAGOAS	5	1,1%	1,6%
PERNAMBUCO	18	4,1%	4,5%
CENTRO-OESTE	30	7%	7,2%
GOIÁS	10	2,2%	3,4%
BRASÍLIA	6	1,3%	1,5%
MATO GROSSO DO SUL	7	1,6%	1,3%
MATO GROSSO	7	1,6%	1,7%
NORTE	14	3%	8,6%
PARÁ	6	1,3%	4,1%
AMAZONAS	7	1,6%	2,0%
RONDÔNIA	1	0,2%	0,9%
SUL	94	21%	14,3%
RIO GRANDE DO SUL	26	5,9%	5,4%
SANTA CATARINA	31	7,1%	3,5%
PARANÁ	37	8,4%	5,5%

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Outro conjunto de elementos presentes na categoria de publicações de “Procura” são os filtros colocados pelas tentantes relacionados a características físicas, fenotípicas e raciais que desejam nos doadores. Ao todo, 61 publicações (14%) contêm elementos desse tipo, dentre as quais: 19 delas procuram por doadores negros (identificados nessas postagens como doadores “negros”, “morenos”, “pardos” ou “com pele morena”); 27 delas, por sua vez, procuram por doadores brancos, loiros e/ou de olhos claros (verdes, azuis ou “claros”), em diferentes combinações destes aspectos⁴⁹; 8 buscam por doadores com características chamadas

⁴⁹ Agreguei no mesmo conjunto as buscas por essas 3 características, pois no Brasil, em geral, quando se fala em pessoas “loiras de olho claro” refere-se a pessoas brancas, mesmo que a cor da pele não seja explicitada.

“orientais” ou “asiáticas” nos grupos, ou ainda especificadas as descendências como “japonês” ou “coreano”. Outras características físicas desejadas, entretanto, também aparecem nas publicações, ainda que menos comuns, como cabelos cacheados, lisos, preto, castanho, olhos grandes, lábios pequenos, alto, atlético, ruivo, ou ainda de descendência indígena.

Um ponto importante que marca o aparecimento desses elementos nas publicações de “Procura” é que parte significativa delas defende, após descrever as características desejadas, que esse filtro serve a encontrar um doador que se assemelhe fisicamente com a parceira (esposa, noiva, namorada) que não irá gestar a criança ou, ainda, para parecer com a própria tentante em alguns casos (especialmente tentantes que irão maternar de maneira solo). Esse ponto aparece também no episódio “Posteridade” do podcast da Rádio Novelo, no qual um casal de mães de IC conta sobre seu processo de procura por seu doador nos grupos e a relevância e lugar que ocupam esses aspectos físicos nessa escolha, especialmente quando aliado a outras questões como “boas referências” e “positivos no currículo”:

“Cláudia: Ele tinha boas referências. Todas as pessoas com quem a gente falou, falou que era tranquilo. Ele tinha muitas crianças nascidas de inseminação caseira...”

Branca Vianna: Além desse cara ter muitos “positivos” no currículo – que é como eles chamam quando a gravidez dá certo –, ele tinha as características físicas que a Cláudia e a mulher dela estavam procurando. Porque, nesses casos, muita gente procura um doador que seja parecido com a outra metade do casal. Ou seja, se forem duas mulheres, você procura um doador que seja parecido com aquela que não é a dona do óvulo que vai ser usado. Pra criança parecer uma misturinha das duas.

Cláudia: Minha esposa, ela era loira, de olhos claros...

Branca Vianna: Aquele doador também era loiro de olhos claros. Aprovado” (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p.13)

Esse aspecto é especialmente relevante, pois essa parece ser uma das estratégias utilizadas por mães lésbicas, tanto para constituir e fortalecer vínculos biosocioafetivos e parentais, quanto na construção de um reconhecimento dessas maternidades, jurídico, social e político. Falo em “estratégias” não como sinônimo de “artifício” ou “subterfúgio”, mas sim no sentido de considerar que essas escolhas e procedimentos são fruto de uma agência ativa⁵⁰ dessas mães na construção e defesa de suas parentalidades. Falo em “estratégias”, pois em um sistema desigual, que se estabelece a partir de uma série de “escalas de legitimidade”, é preciso de fato existir estrategicamente. Essas “escalas de legitimidade” são tentativas de condensar em palavras um conjunto amplo e fluido de experiências do maternar lésbico que, ao se relacionarem com/em diferentes instâncias da vida social e as disputas ideológicas que lhes atravessam, são articuladas e se articulam em diferentes hierarquias de validação, onde algumas

⁵⁰ No entanto, não necessariamente essas estratégias são pensadas ou planejadas pelas tentantes que as utilizam, sendo que muitas vezes estas práticas fazem parte das vivências e experiências que compõem as dinâmicas de parentalidade destas lésbicas e sapatonas e de suas demandas e necessidades pessoais, familiares, afetivas e políticas.

dessas maternidades precisam ser mais provadas, defendidas e performadas para serem reconhecidas do que outras. Partindo de uma noção alargada (e estratégica) de biologia, essas práticas de escolha de características físicas do doador que coincidam com as das mães, especialmente a que não vai gestar, embora não garantam um reconhecimento de filiação biológica (na lei), visam produzir “biolaços” com a criança a partir da aparência e do pertencimento/ascendência (racial, especialmente).

Essa questão da semelhança física entre mães (mãe que não gesta) e bebê é bastante importante nas dinâmicas estabelecidas nas escolhas e interações envolvidas nas práticas de inseminação caseira e nos grupos que participam de seus processos de construção, especialmente entre as tentantes lésbicas. Nos grupos de inseminação caseira são muito comuns frases do tipo “que se pareça com a minha esposa” ou “para se parecer com a minha esposa”, seguidos de uma lista de características físicas, com enfoque na cor da pele, cor e textura do cabelo e dos olhos (Felipe, 2019)

Na pesquisa de Mariana Felipe (2019) ela aponta por exemplo que, ainda que a localização geográfica do doador seja a característica apontada pela autora como mais presente nessas escolhas, outro elemento muito importante seriam as características físicas desse doador e seu nível de semelhança com pelo menos uma das partes do casal. Os exemplos de postagens de “Procura” apresentados pela autora (que, na pesquisa de Mariana são agrupadas na categoria de “Busca”) que contam com a presença dessa descrição de características físicas procuradas revelam um padrão parecido com o que encontrei, com expressões como "sou casada com uma mulher de descendência alemã. Procuro por um doador branco e de olhos claros para que o bebê possa ter traços parecidos com os dela" e "Alguém da região que seja branco, com todo respeito, sou descendente de italiano e por isso procuro esse perfil."

Essas questões vão também ao encontro de um movimento similar observado por outras pesquisadoras do campo em diferentes contextos de maternidades lésbicas (Souza, 2005, 2006a; Amorim, 2013; Amorim, 2018; Souza *et al.*, 2020), tanto nas práticas de reprodução assistida pelas clínicas particulares quanto nas ICs, inclusive em pesquisas anteriores minhas nos grupos que analiso para a dissertação. Nesse movimento, a escolha do doador é muitas vezes orientada pela busca pela similaridade física – fenotípica – entre mãe (mães, no caso) e criança, tal como a "fabricação" de laços parentais, criação de pertencimento e de uma aproximação biológica entre as mães que não emprestam seu material genético à criança e os bebês. Como descreve Felipe (2019), o casal de tentantes

[...] avalia as opções e faz o contato com o que mais se aproxima das características físicas que elas buscam. Essas características tem a ver com a semelhança com ela ou

com a companheira que provavelmente não irá gerar a criança, assim quem não irá gerar constrói a parentalidade através das características físicas [...] Podemos observar, principalmente nas buscas por doadores que carregam características que condizem, segundo elas, com a ascendência familiar das tentantes, que existe uma lógica de continuidade familiar. Elas buscam um filho que “faça sentido” fisicamente com elas e com o lugar de onde vêm (Felipe, 2019, p.65).

Esse movimento, penso eu, concentra em si dois movimentos controversos, mas não opostos: ao mesmo tempo é uma estratégia poderosa de legitimação social das maternidades destas mães lésbicas e, portanto, uma utilização subversiva dos agentes biocorporais, genéticos e tecnológicos que ajudam a compor este contexto, por outro lado é também um movimento que colabora (e, talvez, corrobora) com projetos políticos eugênicos de "continuidade racial".

Novamente, aqui, o episódio “Posteridade” da Rádio Novelo Apresenta nos fornece mais alguns elementos para essa discussão. Nele, Bia Guimarães e Branca Vianna entrevistam um doador negro que atua em grupos de Facebook de inseminação caseira, e ele compartilha sua experiência e leitura da maneira como as relações raciais se desenvolvem na atuação de doadores negros não apenas nas ICs, mas também em contraposição às clínicas de reprodução assistida. De acordo com ele, as Ras se dão em ambientes mais segregadores, principalmente porque a própria clínica impõe um crivo daqueles que podem ou não doar, no qual a questão racial, mesmo que não explicitamente, atua como componente importante nesta decisão, sendo esse um dos motivos pelos quais ele prefere as inseminações caseiras:

Bia Guimarães: Foi interessante ter conversado com ele porque ele tem um perfil completamente diferente do João. Ele é um homem negro...

Branca Vianna: O Moisés contou que antes de embarcar na inseminação caseira, ele procurou um banco de sêmen pra tentar fazer a doação pelo caminho mais formal.

Bia Guimarães: E ele falou que ele e outros doadores negros já sofreram discriminação em banco de doação de semen.

Branca Vianna: Que? de querer doar e o banco dizer não, não quero homens negros?

Bia Guimarães: De dar uma desculpa que eles percebem que é discriminação racial, de pensar: “Ah, o espermograma não está tão bom”. Mas aí do amigo branco que está igual esse espermograma tá ótimo, entendeu?

Moisés Rodrigues: É altamente segregador. Tanto é que não só eu como outros outros doadores que tinham esse perfil mais afro, eles inventam qualquer coisa para tirar do cadastro, ou nem realiza.

Branca Vianna: Não é exatamente surpreendente o fato de que esse mercado da reprodução não tá imune ao racismo e aos padrões de beleza” (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p. 22).

Além desse caso, as entrevistadoras também conversam com aquele que vem a ser o principal interlocutor do episódio e uma das maiores figuras da inseminação caseira no Brasil, não apenas por sua atuação bastante expressiva como doador (acumulando mais de 100 positivos atualmente), mas também por exercer significativo e reconhecido papel dentro dos grupos digitais no geral, sendo bastante proativo nas interações traçadas neles e por meio deles,

especialmente por sua experiência e histórico com as doações: o Jocax⁵¹. Não por acaso, Jocax tem sua ampla atuação nas ICs atravessada por marcadores raciais bastante específicos, o que ele mesmo aponta na entrevista concedida ao podcast:

Branca Vianna: Não é exatamente surpreendente o fato de que esse mercado da reprodução não tá imune ao racismo e aos padrões de beleza. O Jocax acredita que a aparência dele é a segunda coisa mais atrativa pras tentantes.

Jocax: Muitas querem ter filho de olho claro e pele branca. Então acho que o primeiro lugar é a segurança e depois é o tipo físico.

Branca Vianna: A segurança é aquilo que a gente já falou: de ele ter referências de outros casos bem sucedidos, de mulheres falando que ele foi bacana, enfim. E o tipo físico é a pele branca, os olhos azuis, os 1,80 de altura e o cabelo que hoje é grisalho, mas que um dia foi loiro. Lembra que esse foi um dos motivos pra Cláudia escolher o Jocax? A mulher dela tinha características parecidas, e aí, pelo menos na fisionomia, o filho ia poder ser essa misturinha das duas. Mas nem sempre é essa tentativa de mistura que guia a escolha. A Bia conversou com uma outra mulher que fez inseminação com o Jocax. A Fernanda.

Fernanda: Eu sou de Foz do Iguaçu, tenho 38 anos e sou professora.

Bia Guimarães: A Fernanda foi a terceira nessa lista de centenas dele. Então foi lá no comecinho.

Fernanda: Tanto que meu filho, ele é o terceiro filho de inseminação do João, e é o primeiro filho homem.

Branca Vianna: Ela encontrou o João muito rápido, pelas características que ela queria, mas também porque tinha muito poucos disponíveis naquela época.

Branca Vianna: E quais são as características que ela queria?

Fernanda: Eu sempre quis ter uma criança assim, loirinha, bem clarinha. Era um desejo meu, né?

Branca Vianna: A Fernanda é uma mulher branca, mas tem olho castanho e cabelo castanho. Na época, ela era casada, mas a mulher dela já tinha filhos de outro relacionamento, e elas não faziam questão dessa misturinha.

Fernanda: Que normalmente faz isso quando as pessoas nenhuma tem filho. E daí fala: “Não, vamos procurar uma pessoa parecida”. Mas no nosso caso não. Eu mesmo que escolhi por questão de aparência... Aí eu vi o João e gostei da fisionomia da pessoa dele, do físico, vamos se dizer a princípio, né? (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p. 23)

É relevante aqui pontuar que os padrões de preferências raciais no contexto das inseminações caseiras, assim como no âmbito das clínicas de reproduções assistidas, revelam expressões da branquitude e do racismo estrutural que são basilares em nossa sociedade. A preferência dominante por doadores brancos, loiros e de olhos claros, justificada frequentemente pela necessidade de parecer com a parceira que não irá gestar, revela mais do que um simples desejo estético ou de proximidade biológica. Essas escolhas são moldadas por um imaginário social onde a branquitude é idealizada e normatizada como o padrão de beleza e aceitabilidade. A recorrência da justificativa de “parecer com a esposa” pode muitas vezes

⁵¹ Jocax é o único doador cujo nome é exposto aqui e isso se deve ao fato de que ele foi amplamente divulgado, não apenas no podcast citado, da Rádio Novelo Apresenta, mas também por inúmeras reportagens e notícias de veículos midiáticos ao longo dos últimos anos. Além disso, apesar de talvez ser hoje o nome mais conhecido da inseminação caseira no Brasil, Jocax não é integrante dos dois grupos que são meu foco de análise, já que atualmente, em geral, suas interações digitais no âmbito da inseminação caseira no Facebook giram em torno de grupos e páginas por ele mesmo criados.

camuflar preferências raciais que, consciente ou inconscientemente, reforçam as dinâmicas de exclusão e marginalização racial. Analisar criticamente esse contexto significa reconhecer que, embora as escolhas das tentantes atuem como estratégias de legitimação em um sistema racista, elas também reproduzem e perpetuam esse mesmo sistema.

É relevante destacar ainda, entretanto, que embora a busca por características físicas e fenotípicas específicas esteja presente nas publicações de “Procura”, ela parece ser menos relevante do que outras, como a localização do doador ou, ainda, as especificações acerca do método de inseminação a ser executado.

Este é, portanto, mais um elemento presente em uma parcela das publicações (67 postagens, representando 15,3%) dessa categoria, quase sempre através de frases como “doadores que façam método seringa”, “somente método seringa” ou apenas “método seringa”. É interessante notar que variações desta nomeação para o método também são utilizadas, todas cumprindo a função de delimitar que a maneira de doação será através do uso da seringa e não através de contato sexual, como “método seringa”, “que faça por seringa”, “método de inseminação caseira”. Outra variação desse elemento, mais direta na delimitação da obrigatoriedade do método seringa e sua contraposição ao “método natural”, são sentenças como “nada de método natural, apenas IC” ou “nem vem dizer que seringa não dá certo”. Ainda nesta senda, há publicações que colocam como parte dos filtros da busca outras demarcações de acordos e limites aos quais os doadores devem corresponder ao se disponibilizarem para participar da IC com as tentantes autoras do *post*. Publicações que incluem apontamentos como “não quero intromissão na criação do meu filho” ou “o doador não terá contato com a criança”, por exemplo.

É interessante registrar, ainda, que este é um dos elementos com maior discrepância na presença entre o Grupo A e o Grupo B, dentro da categoria “Procura”, uma vez que no primeiro grupo ela aparece em 28 publicações (9,7%) e, no segundo, em 49 (20,3%). É também no segundo grupo onde estão as publicações que reforçam a obrigatoriedade do método seringa, reforçando sua eficácia e colocando-o em contraposição ao “método natural”. Uma hipótese para explicar essa diferença é que no grupo B os doadores são figuras mais ativas, tanto na administração do grupo, quanto na participação enquanto membros, de maneira que também é mais comum neste grupo que haja defensores do “método natural” para inseminações caseiras. Desse modo, talvez por isso as tentantes sintam mais necessidade de demarcar o uso da seringa desde a publicação de “Procura”, para barrar e/ou filtrar este tipo de doador e aproximação.

Mais um elemento que aparece nas publicações dessa categoria, mesmo que de maneira muito tímida, são os pedidos por doadores com “exames em dia” ou “atualizados”. É interessante notar que em nenhuma dessas publicações que mapeei no campo, mas também boa parte das outras publicações do grupo do tipo “Procura”, sempre que esse elemento é inserido nas publicações, não se explicita quais exames são esses. Entretanto, analisando publicações de outras categorias, em geral, ao falar dos exames básicos que “todo doador deveria ter” de acordo com os saberes e combinados dos grupos, refere-se ao conjunto composto de: exame de sangue básico; espermograma, que avalia o número, a motilidade e a morfologia dos espermatozoides; e testes para infecções sexualmente transmissíveis, como HIV, sífilis, hepatite B e C, gonorréia e clamídia.

Ao todo, apenas 11, dentre as 436 publicações, citam a questão dos exames, representando apenas 2,5% dessas postagens, de modo que este não parece ser um fator tão determinante para a maioria das tentantes do grupo, até porque é também costumeira a prática de que as tentantes custeiem uma atualização dos exames do doador quando combinam a IC, caso desejem que ele os realize. É relevante destacar, ainda, que embora seja bem pequena a parcela de publicações que contêm este filtro dos exames atualizados - e nisto talvez as inseminações caseiras se diferenciem de maneira veemente das clínicas de reprodução assistida, onde os exames médicos assumem outro lugar de importância e obrigatoriedade primária – cabe adiantar que este tópico não se encerra nesse tipo/categoria de publicação dentro dos grupos. Ao contrário, ele está nas publicações de oferta e, de maneira forte, nas publicações de método e saberes, sendo discutidos, elencados, problematizados e defendidos nas interações dadas nos e com os grupos.

Mariana Felipe e Marlene Tamanini (2020), tendo também identificado a presença desses elementos no conjunto de publicações que analisaram nos grupos com os quais pesquisaram, apontam que esses elementos presentes na escolha dos doadores se introduzem em um contexto de formação de “redes de cuidado” entre as tentantes, como é o caso: da presença de exames dos doadores, pedidos pelas tentantes, como “exames básicos [...] (em específico, exames que indicam ausência de doenças que possam ser transmitidas), [enquanto] outros exames que reportam a fertilidade, como os espermogramas, por exemplo, nem sempre são solicitado” (Felipe & Tamanini, 2020, p. 35); e, além disso, o elemento de confiabilidade por parte de determinado doador, que pode ser “verificada” a partir, por exemplo, da indicação/recomendação (ou não) de outras tentantes ou ainda, em alguns casos, “o doador

indica casais que ele já atendeu faz a ponte do contato [...] esse tipo de informação reforça a rede de cuidado entre elas” (Felipe & Tamanini, 2020, p. 35).

Por fim, vale ainda citar que outros filtros e características desejadas nos doadores são também incluídos em parte das publicações de “Procura” (24 delas), relacionados tanto a atributos “biológicos”-“corporais” - como buscas por doadores em determinadas faixas etárias, com tipos sanguíneos específicos ou ainda com históricos médicos/reprodutivos familiares, como histórico de gêmeos ou já ter tido “filha menina” - mas também aspectos sociais e morais, como “ser estudado”, não ter histórico criminal ou ter o hábitos e habilidades esportivas. O critério mais citado, entretanto, diz respeito ao caráter e comprometimento do doador, demarcando filtros como “que não desmarque”, “que seja de palavra” ou “que tenha real comprometimento com a doação”.

Para além destes elementos que apresentei, que estão presentes como elementos-chave dos filtros que as tentantes incorporam em suas publicações de procura por doadores, há também outros componentes e tópicos que estão presentes na constituição de parte destas postagens. É o caso de indicações, incluídas pelas tentantes, da maneira como desejam estabelecer contato com os doadores, ou seja, através de quais plataformas irão dar continuidade nas negociações e conversas a respeito da doação, mas também indicando, indiretamente, qual das partes (tentantes ou doadores) terá a agência na escolha e iniciativa desse primeiro contato. Isto, pois dentre as 41 publicações que indicam maneiras de contato: uma parcela pequena delas (14%) inclui o número de Whatsapp da autora do *post*, delegando aos doadores interessados que entrem em contato direto com a tentante, mesmo que isso implique em uma maior exposição de seus dados, já que o número de seu telefone ficará público aos outros membros do grupo.

Há também uma parcela maior (60%) que pede aos doadores interessados que entrem em contato com as tentantes através do *chat* do Messenger, ainda dentro da própria plataforma Facebook. Neste espaço, entretanto, as conversas são privadas, de modo que a agência do contato ainda é dada aos doadores, mas nesses casos se limita a exposição das tentantes, uma vez que o controle desse *chat* privado permite ser mais rigoroso e não se compartilha uma nova informação não previamente disponibilizada (no caso os números de telefone delas). E, ainda, parte delas (24%) indica que os doadores deixem os seus contatos de Whatsapp/telefone nos comentários da publicação, casos nos quais as tentantes assumem o papel de agentes sobre a iniciativa do contato e na escolha de quem contactar ou não.

Cabe salientar, entretanto, que para o restante das publicações que não fazem esse tipo de indicação da maneira de contato, costuma-se subentender e se valer das normas gerais de funcionamento do grupo: a tentante faz uma publicação de “procura” e os doadores respondem indicando sua disponibilidade, lugar e, por vezes, seus números de telefone, sendo a tentante quem, em geral, faz a seleção dos comentários e escolhe ou não contactar os doadores pelo Messenger ou o Whatsapp.

Além do contato, outro elemento incorporado em parte dessas publicações diz respeito às datas para a inseminação. Dentre as 30 publicações que incluem este tipo de informação como parte das estratégias de filtragem, parte delas questiona a disponibilidade de doadores para intervalos de dias específicos, em geral os dias previstos para a ovulação da tentante. Outra parte procura por doadores que estejam disponíveis de imediato, em geral com elementos como “urgente”, “pra hoje” ou “pra amanhã”, quase sempre casos de tentantes cuja ovulação já começou e que tiveram imprevistos com outros doadores sem aviso prévio (como é explicado nos comentários de parte dessas publicações).

Por fim, estão ainda incorporadas em (47) publicações dessa categoria pequenas descrições da acerca das tentantes, contando informações acerca de si, como a idade que têm, ou explicações sobre a falta de informações, com colocações acerca do medo da exposição causada pelas interações no grupo e apontando por exemplo que “o perfil fake para não me expor” ou afirmando que a procura é para uma parente, pois a mesma “não quer se expor”. É especialmente comum que compartilhem o *status* e o histórico de relacionamento das tentantes, contando, por exemplo, se é um casal que está procurando a doação e a configuração de gênero/sexualidade deste casal (dentre as quais 82% relatam estarem em relacionamentos com outras mulheres). Além disso, outra narrativa frequente nessas publicações são partilhas das tentantes acerca de suas motivações para buscar a maternidade e a inseminação caseira enquanto método para tal, relatando, por exemplo, que “sempre sonharam ser mães”, engravidar ou o “desejo por formar uma família”. Há, ainda, algumas postagens relatando que não têm condições de pagar pelos tratamentos de reprodução assistida e desta maneira chegaram aos grupos, ou publicações onde as tentantes compartilham seu histórico nessa identidade, contando, por exemplo, há quanto tempo tentam engravidar, se já tentaram outras ICs ou outras técnicas antes, dentre outros.

Finalizado meu mapeamento acerca da distribuição desses vários elementos nas publicações de “Procura”, o quadro geral que se apresenta é:

Quadro 7 - Porcentagem dos elementos das publicações de “Procura” em cada um dos grupos digitais analisados

PROCURA	GRUPO A	% NO GRUPO A	GRUPO B	% NO GRUPO B	TOTAL	% NA CATEGORIA
LOCALIZAÇÃO	188	96,9%	236	97,5%	424	97,2%
RAÇA, FENÓTIPO, CARACTERÍSTICAS FÍSICAS	36	18%	25	10,3%	61	13,9%
MÉTODOS, ACORDOS E LIMITES	18	9,2%	49	20,2%	67	15,3%
EXAMES	4	2%	7	2,8%	11	2%
DATA	11	5,6%	18	7,4%	29	6,6%
CONTATO	16	8,2%	25	10,3%	41	9,4%
OUTRAS CARACTERÍSTICAS DOS DOADORES	3	1,5%	21	8,6%	24	5,5%
HISTÓRIA E MOTIVAÇÕES DAS TENTANTES	26	13%	21	8,6%	47	10,7%

Fonte: Elaborado pelo(a) autor(a), 2024.

Faço por fim, a seguir, um pequeno passeio pelas interações relacionadas à categoria de “Procura”. No Grupo A, temos ao todo 687 comentários e 831 reações distribuídas, de forma não uniforme, nas 194 publicações de “Procura” (Ver Quadro IV- 3, do Anexo IV) desse grupo. Nele, os comentários nas publicações dessa categoria variam de 0 a 32 comentários, sendo que 63 publicações não tiveram nenhuma resposta, enquanto 43 delas tiveram mais do que a média de 4 comentários. Dentre essas que receberam mais comentários, nas quais me detive mais aprofundadamente, 41 delas tem especificações do local onde estão e de onde o doador preferencialmente deve ser, sendo 20 delas de São Paulo (as quais engajam até 18 comentários), 10 do Rio de Janeiro (onde se agrupam até 32 comentários), 3 de Pernambuco (até 11 comentários), 2 no Ceará (até 7 comentários), 2 de Minas Gerais (até 10 comentários) e 2 de Curitiba (até 9 comentários).

Dessas postagens de maior engajamento, 9 delas têm também especificações de características físicas: 2 publicações da mesma pessoa pedem por um doador negro e acumulam juntas 23 comentários; 5 publicações pedem doador branco que acumulam 67 comentários; 4 trazem ainda algumas características como “cabelo, preto e liso” e “olhos claros”. Há, ainda, 3 delas que trazem ainda relatos sobre o desejo de formar família e realizar sonho de maternidade,

ou ainda contando dificuldades enfrentadas em seu histórico de tentantes, que reúnem juntas 43 comentários.

Já no Grupo B, temos um conjunto de 1059 comentários e 861 reações distribuídas nas 240 postagens, sendo que o número de comentários nas publicações de “Procura” varia de 0 a 33, sendo que 57 publicações não tiveram nenhuma resposta, enquanto 92 delas tem mais do que a média de 4 comentários (Ver Quadro IV- 4, do Anexo IV). Dentre as 92 publicações que reúnem em torno de si mais do que 4 comentários (média da categoria), 87 delas tem informações sobre o local onde residem as tentantes e onde a IC será realizada, considerando que o número de comentários, assim como de publicações onde se distribuem esses locais desejados é novamente bastante desigual. Dentre os estados com maior nível de resposta, destaca-se São Paulo recebeu 212 comentários distribuídos em 27 publicações e o Rio de Janeiro recebeu 213 comentários em 23 postagens, mas também Minas Gerais (que recebeu 91 respostas em 7 publicações), o Paraná (com 70 respostas em 7 publicações) e o Ceará (com 37 comentários em 5 postagens). Outros estados também entram na lista daqueles cujas postagens recebem engajamentos maiores do que a média, entretanto, ao contrário do Grupo A, sendo eles o Rio Grande do Sul (16 comentários), Goiás (16), Bahia (17), Manaus (12), Maceió e Mato Grosso (ambos com 5 comentários cada).

Ainda dentro desse grupo de postagens “mais populares” dentro da categoria no Grupo B, 10 publicações incorporam características físicas desejadas nos doadores que se prontificassem a realizarem a IC com as autoras dos posts, considerando que: Nenhum pede explicitamente por doadores brancos no Grupo B, mas 4 publicações pedem por doadores de olhos claros, somando 53 comentários, e 3 pedem por doadores loiros, somando 49 comentários; 3 publicações pedem por doadores de pele negra, somando 41 comentários. Há ainda um conjunto de 8 postagens de tentantes que especificam outros tipos de características para os doadores procurados, sendo que 4 delas pedem indicações de “doadores confiáveis” a outras tentantes, reunindo 39 comentários quando somadas, 2 delas pedem por doadores com histórico de gêmeos, recebendo 12 comentários somados, enquanto outra pede por doadores que já tenham filhas meninas, pois é o que ela deseja ter também, recebendo 13 comentários. Outra publicação pede ainda que os doadores sejam “estudados e sem antecedentes criminais” e que não queiram contato com a criança, recebendo 33 comentários.

Além disso, 12 publicações nesse conjunto especificam que a doação deverá ser realizada por meio do método seringa, que somadas receberam 115 comentários, e uma delas diz que aceita doadores que façam pelo método seringa ou o método natural, recebendo 8

comentários. Por fim, 3 publicações trazem ainda relatos com o histórico da autora e de sua parceira e seu processo com a busca pela maternidade (já tem filhos e quer mais, está na fila pra adoção mas também tentando IC, pois adoção demora, desejo de ser mãe por produção independente), que somam 44 comentários.

A maioria das respostas é de doadores, mas também há comentários de tentantes. As respostas de doadores trazem, em especial, manifestações nas quais afirmam corresponder às características pedidas, com elementos como “eu aqui”, “sou de lugar x”, “me encaixo no seu perfil”. Há também muitas delas em que os doadores passam seus contatos de Whatsapp ou indicam que as autoras dos posts o procurem no Messenger. Há, também aqueles que incorporam ao comentário fotos de si ou indicam que as tentantes entrem em seus perfis para verem suas fotografias e/ou imagens de quando criança, assim como alguns trazem descrições de seu próprio “perfil”, com elementos como idade, histórico de positivos, características físicas e hábitos de vida e saúde. Por fim, há ainda alguns doadores que indicam outros que, segundo eles, se encaixam nas características pedidas, quase sempre marcando o perfil desses indicados na resposta.

As respostas de tentante, por sua vez, trazem indicação de doadores (com ou sem marcação), por vezes trazendo também descrições sobre eles, geralmente adjetivos e relatos sobre serem “de confiança”. Outros incorporam também os contatos de Whatsapp desses doadores indicados. Alguns desses comentários são, inclusive, respondidos pelos próprios doadores (especialmente mas não apenas quando são marcados no comentário), com frases como “agradeço imensamente pela confiança e carinho, obrigada por me indicar amada!”. Outro tipo de respostas de tentantes trazem reclamações sobre dificuldades em encontrar doadores com as características pedidas - “tem estado muito foda encontrar doador nesse grupo”, “Também queria em Recife, mas tá quase impossível achar” ou, ainda, “nossa, está mais provável achar uma nota de 30 reais do que doadores negros aqui nesses grupos”. Essa última, inclusive, desperta uma conversa em que outras tentantes se manifestam, concordando com a afirmação, inclusive uma que acrescenta “os doadores negros que publicam no grupo só querem ficar famosos e conseguir seguidores, mas não respondem”.

Por fim, há ainda muitas respostas feitas por tentantes, trazendo expressões como “up” e “AC” (acompanhando comentários). Comentários que utilizam desse mecanismo do “up”, em plataformas como o Facebook, servem para influenciar os algoritmos da plataforma de maneira a manter a visibilidade da postagem no feed de notícias ou trazê-las de volta para as publicações visíveis a demais membros, fazendo com que vá “para cima” na ordem de rolagem do grupo.

Já o “AC” é outro mecanismo que serve a um propósito similar, mas também diz sobre um desejo dessa pessoa de ser notificada toda vez que alguém comentar nessa mesma postagem, já que uma vez tendo comentado ela, a plataforma entende que o usuário tem interesse na discussão dada em suas respostas. Além disso, outras respostas são de tentantes que, mesmo não incorporando esses “mecanismos”, pedem para serem avisadas caso a autora do post consiga o doador que procura como “se conseguir um com essas características me fala? ou “se achar me passa tbm por favor?”

3.2 - Oferta

Quadro 8 - Quantitativos de postagens, comentários e reações da categoria de “Oferta”

PUBLICAÇÕES	%	COMENTÁRIOS	MÉDIA DE RESPOSTAS POR PUBLICAÇÃO	%	GRUPO A	GRUPO B
92	9,8 %	123	1,3	2,1%	32	60

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Diretamente relacionada às publicações de “Procura”, a categoria de “Oferta”, por sua vez, apresenta um número menor de postagens no período dos meses em que mapeei os grupos, estando presente ao todo em 92 publicações (9,8% do conjunto de 920 analisadas no campo). É interessante notar, entretanto, que essas publicações estão distribuídas de maneira desigual entre os dois grupos, de modo que no Grupo A (no qual as tentantes têm maior controle sobre o fluxo de interações no/do grupo) há apenas 32 postagens de “Oferta” (representando 2,2% das 431 publicações deste grupo) e no Grupo B (administrado por doadores e no qual os doadores têm participação mais ativa) há 60 publicações (representando 7,1% das 489 postagens deste grupo).

Assim como acontece com as publicações da categoria de “Procura”, as postagens de “Oferta” são quase sempre curtas e diretas, com poucos elementos. O objetivo destas publicações, sempre feitas por doadores, é que estes possam se apresentar às tentantes do grupo, selecionando quais elementos a respeito de si expor, para compor seu perfil a ser avaliado.

Essas publicações nos dizem sobre quais são, portanto, os aspectos mais relevantes que esses doadores decidem apresentar e quais atributos podem passar (ou não) para as crianças a serem geradas através de ICs com seu material genético, uma vez que as tentantes do grupo tenham “interesse em seu perfil”. Digo nestes termos, pois as publicações de “Oferta” parecem, de fato, um anúncio no qual os doadores selecionam elementos para incorporar ou não à sua

descrição, que atuam como elementos-agentes que atestam/comprovam a qualidade daquilo que oferecem, ou seja, sua doação e seu material genético e, em alguma medida, a si mesmos.

Parte importante dessa construção de perfil do doador e de seu produto genético são as imagens incorporadas nessas publicações. Ao contrário da categoria de “Procura”, 40% das postagens de “Oferta” têm imagens que as acompanham, totalizando 49 mídias (46 fotografias e 3 vídeos), distribuídos em 37 publicações.

Destas, 87% são fotos do próprio doador, grande parte delas, *selfies* tiradas por eles mesmos. Mas há também a presença de fotos dos próprios doadores quando crianças e, ainda, alguns casos em que compartilham fotos de seus filhos. Outro grupo de imagens que também aparece, ainda que timidamente, são fotografias e/ou prints de exames realizados pelo doador (como hemogramas, exames de ISTs negativos: HIV, hepatites, sífilis) ou por tentantes para as quais ele realizou doações de sêmen, como imagens de ultrassom atestando a gravidez.

Essas imagens participam nos/dos grupos como agentes-atestados da qualidade do seu material genético dos doadores que produzem essas publicações, especialmente quando somadas a outras características e elementos como descrições de características físicas, biológicas e psicossociais ou o número de “positivos” (doações de IC bem sucedidas) que o doador acumula.

Quadro 9 - Distribuição dos elementos da categoria de “Oferta” nos Grupos A e B

	GRUPO A	% NO GRUPO A	GRUPO B	% NO GRUPO B	TOTAL	% NA CATEGORIA
LOCALIZAÇÃO	30	93,7%	55	91,6%	85	92,3%
CONTATO	23	71,8%	36	60%	59	64,1%
CARACTERÍSTICAS FÍSICAS	2	6,2%	8	13,3%	10	10,8%
OUTRAS CARACTERÍSTICAS	7	21,8%	11	18,3%	18	19,5%
HISTÓRICO DE SAÚDE, GENÉTICA, EXAMES E AFINS	7	21,8%	11	18,3%	18	19,5%
MÉTODO	3	9,3%	9	15%	12	13%
FOTO/VÍDEO	14	43,7%	23	38,3%	37	40,2%
MOTIVAÇÕES PARA DOAR, A QUEM QUEREM DOAR	6	18,7%	4	6,6%	10	10,8%
POSITIVOS, FILHOS E EXPERIÊNCIA DE DOAÇÃO	2	6,2%	15	25%	17	18,4%

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Tal como as publicações de “Procura”, o elemento do lugar/localização dos doadores – onde residem ou, ainda, as áreas nas quais podem “atender” na realização de doações para IC – também tem presença significativa nas publicações de “Oferta” dos grupos analisados. Dentre as 92 publicações dessa categoria, 85 delas (representando 92% destas postagens) têm este elemento do lugar incorporado ou, ainda, a informação de que estão “dispostos a viajar” para qualquer lugar.

Ao contrário das publicações de “Procura” produzidas por tentantes dos grupos, entretanto, apenas uma pequena parcela de postagens de “Oferta” apresentam apenas o elemento da localização, de modo que quase sempre são compostas de outros elementos considerados relevantes pelos doadores na composição de seu perfil, como seu contato pessoal ou fotos.

Em termos da distribuição geográfica dos lugares apontados nessas publicações de “Oferta”, elas também apresentam um padrão bastante desigual entre as regiões e estados brasileiros.

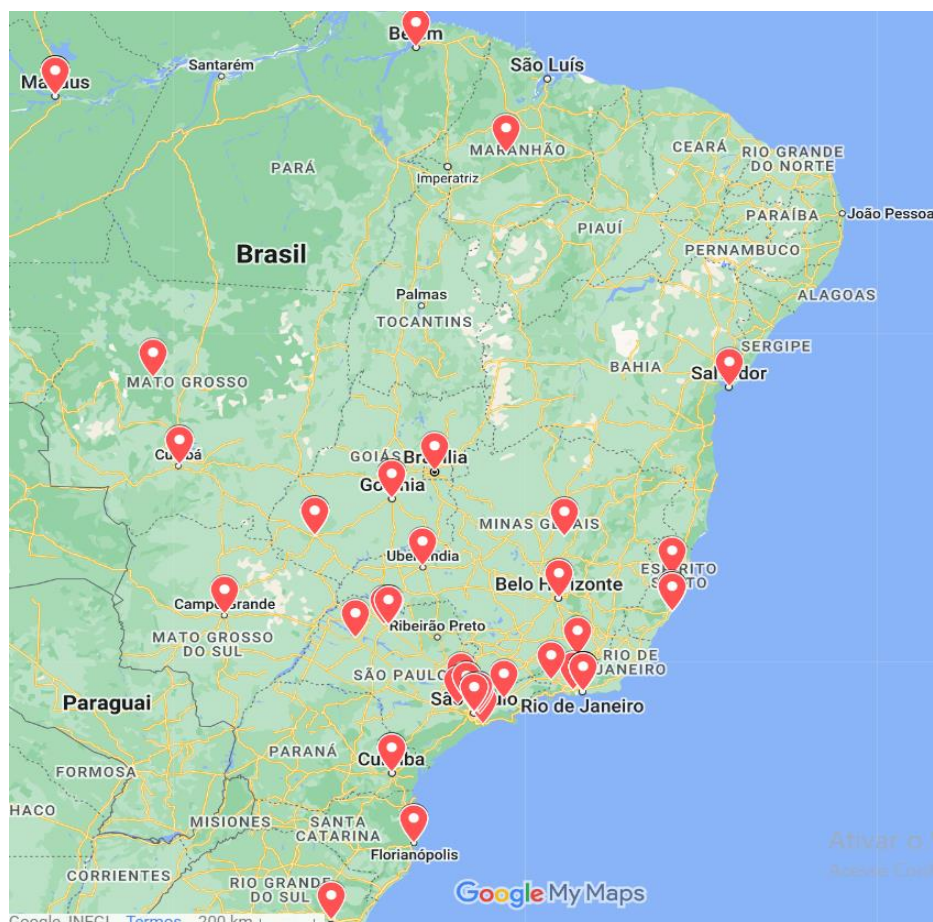


Figura 24 - Mapa dos locais de “oferta” dos doadores pelas postagens. Fonte: Elaborado pela autora a partir da plataforma Google My Maps, 2023.

É possível observar esse fenômeno através de alguns números significativos. Dentre as 92 publicações de “Oferta” destes dois meses de mapeamento: 62% delas são de doadores da região Sudeste, com destaque mais uma vez para o estado de São Paulo, que concentra sozinho 32 (34,7%) publicações de doadores deste lugar; 10,8% doadores do Centro-oeste, onde Goiás (6,5%) é o mais expressivo; 6,5% buscam doadores do Norte, onde o Amazonas (5,4%) é o estado mais representativo, mas tal como o Nordeste, muitos de seus estados não chegam a aparecer na coleta que fiz; 4,3% são de doadores do Sul; e apenas 2,1% (2 publicações apenas) dos doadores autores dessas publicações são do Nordeste e apenas dois estados, Bahia e Maranhão, estão presentes nessa categoria.

Ao observar os dados que mapeei nos dois grupos, pude perceber que esse desequilíbrio parece ser, no entanto, bem mais profundo na oferta de doações de sêmen do que na procura por doações, apresentando alta e desproporcional concentração nos centros político-econômicos do país, em especial os estados do Sudeste, como São Paulo. Esta desproporcionalidade se dá ao observarmos sob diferentes e combinadas perspectivas.

Por um lado, essa distribuição da oferta de doação de sêmen para IC é desproporcional (Ver Quadro IV- 5, do Anexo IV) em relação à distribuição populacional das regiões e estados brasileiros - 42,1% Sudeste, 27,8% Nordeste, 7,2% Centro-Oeste, 8,6% Norte e 14,3% Sul - onde o Sudeste aparece bastante super-representado (com especial destaque para o Espírito Santo), assim como o Centro-Oeste, mas de maneira bem menos expressiva. Por outro lado, as regiões Sul e Nordeste (em especial este último), possuem uma porcentagem populacional muito mais expressiva do que a presença de publicações de doadores destas regiões.

É também desproporcional com relação à procura de doação para IC nesses mesmos grupos - 45% Sudeste; 22% Nordeste; 21% Sul, 7% Centro-Oeste, 3% Norte - de modo que embora algumas regiões, como Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste, pareçam ter um número mais equilibrado de procura-oferta no âmbito das ICs, outros, como o Nordeste e o Sul, têm muito mais tentantes em busca de doadores do que doadores disponíveis.

É interessante observar que essa desproporcionalidade da oferta de doadores nos/dos grupos digitais se assemelha (e até mesmo supera) a própria disparidade na distribuição de clínicas de reprodução assistida no Brasil que, de acordo com o 13º Relatório do SisEmbryo de 2019, aponta que dentre as 183 BCTGs (Bancos de Células e Tecidos Germinativos) presentes no país, 56% estão no Sudeste, 20% no Sul, 13% no Nordeste, 6,5% no Centro-Oeste e 2,7% no Norte. É importante destacar, entretanto, que, ainda assim, a maneira como se dá a técnica da IC e como se arranjam as dinâmicas particulares do contexto onde as inseminações caseiras estão incorporadas oferecem possibilidades de mitigar essa desigualdade na distribuição regional da oferta de doadores/doações/sêmen. Como, por exemplo, que o doador viaje até onde as tentantes moram e/ou desejam realizar a doação, algo que não é possível na reprodução assistida, por exemplo.

Assim como a localização, outro elemento que ocupa de maneira intensa as publicações dessa categoria são as informações de contato do doador ou, ainda, indicações de como desejam ser contactados por tentantes “interessadas”, para dar continuidade às conversas e negociações e, especialmente, para que possam “passar mais informações”. Como apontei anteriormente, através da presença (ou ausência) e da maneira de contato indicada nesses elementos, os doadores indicam, indiretamente, se eles ou as tentantes terão agência na iniciativa do primeiro contato.

Das 92 publicações de “Oferta”, 59 (64%) delas incorporam esse elemento, dentre as quais: 49 (83%) incluem o número de Whatsapp dos doadores, assumindo para si o risco de exposição de um dado pessoal e delegando às tentantes o papel de tomar a iniciativa e escolha do contato; 13 (14,1%) indicam que as tentantes que tiverem interesse no perfil, “chamem no

privado/no *inbox*”, também permitindo que as tentantes assumam a iniciativa sobre o primeiro contato, mas diminuindo a exposição de seus dados (além do perfil do próprio Facebook). Pensando nessa perspectiva, é especialmente interessante observar como o contraste entre a presença desse elemento nas publicações de “Procura” e “Oferta” é intenso, de modo que na primeira ele está presente em apenas 9,4% das postagens, em contraposição às 64% da segunda, o que indica um resguardo bem maior por parte das tentantes com relação ao compartilhamento de suas informações pessoais, do que dos doadores.

Cabe apontar, ainda, que esse padrão onde mais da metade das publicações indica uma maneira de contato que não sejam as respostas à publicação em forma de comentário, parece refletir diretamente na frequência de interações (comentários e reações) desta categoria, que é o menor de todos os tipos de publicação. Nela, a média de respostas por postagem é de 1,3, de modo que em média apenas 2,1% dos comentários feitos nos grupos ao longo destes dois meses são feitos a postagens de “Oferta”; a média de reações por publicação, por sua vez, é de 2,6 por postagem, de modo que apenas 1,6% das reações do grupo são em resposta a postagens desta categoria.

Já os elementos relacionados às características físicas que o doador seleciona para descrever a si mesmos não são tão expressivas, totalizando 10 publicações (10,8%) onde estão incorporados estes elementos. Dessas 10, entretanto, é interessante observar como elas aparecem: tanto elementos também procurados pelas tentantes em suas publicações de procura, como raça/cor da pele (que aparece em 9 publicações de “Oferta”, dentre as quais 8 doadores se identificam como brancos e apenas 1 como “cor moreno claro”), além de cor dos olhos (4 publicações) e cor do cabelo (3 publicações); mas também aparecem descrições de características físicas e fenotípicas que são pouco ou nunca incluídas nos filtros de tentantes em suas publicações de “Procura”, como altura do doador (5 publicações) e peso (4 publicações).

Por sua vez, a presença de elementos que incorporam outras descrições de características que os doadores escolhem acerca de si são bem mais frequentes nas publicações de “Oferta”, sendo estas incorporadas em 18 publicações (19,5%) da categoria, como por exemplo: a idade do doador, presente em 15 destas postagens; hábitos de saúde e (ausência) de vícios, com descrições como “não bebo”, “não fumo”, ou “faço suplementação”, presente em 8 dessas publicações; seu status de relacionamento; ou, ainda, curso e formação do doador. Além disso, há também a presença de uma série de características que são incorporadas nessas publicações no sentido de compor o perfil do material genético do doador, mas que não são de

fato características hereditárias, como é apontado nos comentários de parte dessas postagens, sendo elementos como traços de personalidade, hobbies e QI.

Ainda nesta senda estão as declarações de “exames em dia” (que assim como na “Procura”, em geral diz respeito a hemogramas e exames de ISTs por parte do doador), assim como descrições de seu histórico médico e genético, tais como condições e hábitos de saúde e cuidado. Ao todo, esses elementos somados estão em 18 publicações (que representam 19,5% das postagens dessa categoria), número bem mais significativo para a presença desse aspecto do que na categoria de “Procura”, onde apenas 2,5% das publicações citam pedidos por “exames atualizados” e afins do doador. Além disso, elementos e informações novos aparecem aqui nas postagens de “Oferta”, como o tipo sanguíneo dos doadores (presente em 8 publicações), a condição de “doador de sangue” e até mesmo a descrição de hábitos de cuidado com a qualidade e produção de esperma. É interessante ver como esses elementos aparecem nessa categoria, pois isso denota um conjunto de preparos prévios (à publicação) feitos pelo doador, na construção/manutenção de sua “função” de doação de sêmen. Isso pode ser percebido também quando eles indicam que já atuaram como doadores anteriormente, quando realizaram os exames clínicos, por exemplo.

Já no que diz respeito ao elemento de especificação do método a ser utilizado na doação, ele também se faz presente nas publicações de “Oferta”, mais especificamente em 12 delas (13%), dentre as quais 11 delimitam que as doações serão por “método seringa”, “apenas por método seringa” ou, ainda, “método seringa sem enrotação”. Na única publicação que foge a essa regra, por sua vez, o doador aponta que realiza “o método que a tentante escolher”, deixando em aberto a possibilidade de uso do “método natural”.

Também presente, de maneira mais tímida, nas publicações de “Oferta” estão as descrições dos doadores acerca de seus objetivos e motivações com a doação de sêmen para inseminação caseira. Ao todo, nos dois grupos, 10 postagens dessa categoria incorporam elementos desse tipo, dentre as quais algumas das motivações para o engajamento na prática são, por exemplo: “gostar de ajudar” ou “para ajudar casais”; querer “fazer o bem”; querer “ser pai”; e, especialmente, desejam doar às mulheres/casais que querem realizar um/o sonho, de ter filho ou de ter uma família, ou mesmo “doar para realizar um sonho”. Um relato acerca disso, que recebi de um dos meus interlocutores entrevistados vai nessa mesma direção, mas me chamou atenção por trazer mais elementos para a discussão, do que somente o “altruísmo” da doação. Ao ser questionado sobre os motivos de realizar doações de sêmen para inseminações caseiras, diz que é “para ajudar”:

“Ajuda, mesmo, pra ajudar. Eu acho que eu to pagando algum mal bem grande que eu fiz em alguma outra vida, então é meu jeito de retribuir, com essa ajuda mesmo. Até porque praticamente 95% dos casais homoafetivos que tão lá são pobres e aí você chega em uma clínica e vão te cobrar 4 mil reais pelo sêmen e a chance de dar certo ainda é muito pequena. Aí não dá.”

[...] “tem muito problema lá, muita picaretagem, os caras que tão lá pra ganhar dinheiro ou atrás de sexo, etc. Aí tem muita gente aproveitadora. (Entrevista realizada com Doador 1, realizada em 15 de outubro de 2022)

É interessante apontar que mesmo tendo pouca expressividade, esse é um elemento que também se distribui desigualmente entre os grupos, de modo que no Grupo A, 20% das publicações de “Oferta” apresentam essas motivações, enquanto que no Grupo B, apenas 8% delas contêm esses elementos. Talvez, o fato de que no primeiro grupo a atuação das tentantes seja mais ativa faça com que os doadores se sintam pressionados ou incentivados a expor sua relação com as práticas de inseminação caseira, e quais caminhos e objetivos lhes levaram a ser doadores.

Um elemento presente em uma parcela das publicações de “Oferta” que não está presente (apenas em uma publicação) nas postagens de “Procura” são os “positivos, filhos e experiência/histórico de doação” de cada doador. Ao todo, 17 publicações (18,4%) apresentam este elemento. Nestas, o doador descreve seu histórico e experiência com as doações, seja apontando a quantidade de “positivos” que tem no total e/ou no grupo (com tentantes que os contactaram através dessa plataforma), seja destacando há quanto tempo atua com doações de sêmen para IC. Inclusive, em parte significativa desses casos, os doadores se definem como “doador iniciante”.

Mariana Felipe (2019), ao investigar publicações de grupos digitais semelhantes, também as categorizou e chegou a um conjunto de postagens,, apontando como são frequentes os elementos que dizem respeito à “qualidade” e eficácia do sêmen e do material genético de cada doador, através de dispositivos como o “número de positivos” (a mais utilizada ferramenta de comprovação de qualidade utilizadas nas interações dos grupos).

Destaco ainda que esse elemento se manifesta majoritariamente no Grupo B (presente em 30% das publicações de “Oferta”). Este parece ser um aspecto bem mais relevante do que no Grupo A (onde está presente em apenas 6% das postagens da categoria), talvez justamente por ser o primeiro aquele cujas dinâmicas e interações giram mais em torno dos doadores e da construção coletiva dessa identidade, do que no Grupo A. Além disso, esses “índices de positivo” parecem atuar como qualificador individual que incorpora a própria identidade e *status* de cada doador. Tanto é que colocam-se os positivos, mas nunca os negativos.

Esse elemento da quantidade de positivos, é importante destacar, é especialmente importante para alguns doadores, como é o caso do Jocax, entrevistado no *podcast* da Rádio Novelo Apresenta. Jocax já atua como doador de sêmen para inseminações caseiras há alguns anos e construiu ao longo desse período (e mesmo antes) toda uma filosofia de vida em torno da ideia de repassar seus genes ao máximo de crianças possível: o “genismo”. Ele afirma, portanto, ter encontrado na IC uma forma eficiente de atingir esse objetivo e, mais do que isso, de conseguir mapear para onde está indo essa sua “herança genética”, o que as doações em clínicas, por exemplo, não permitem, dada a questão do anonimato. Jocax, inclusive, é contra o anonimato e afirma que esse traria desserviços para ambos os lados, para as tentantes e os doadores, como vemos a seguir:

Branca Vianna: Quando o Jocax tomou aquela decisão de ter muitos filhos e de passar os genes dele pra frente o máximo possível, teve dois motivos que fizeram ele embarcar na inseminação caseira em vez de doar para um banco de sêmen. O primeiro motivo é que, aqui no Brasil, a doação formal de gametas é anônima. Você consegue saber as características do doador, mas não dá pra ver foto dele nem conversar com ele. O Jocax é contra esse anonimato. Ele quer que as tentantes – e os filhos que elas vão ter se tudo der certo – saibam quem ele é.

Jocax: Quando você pega um sêmen de doação, você não sabe se o cara é bolsonarista. Se o cara é ex-presidiário, se o cara é muito feio, porque não tem foto. Se o cara é burro. Se o cara foi um estuprador. Você não sabe nenhum aspecto psicológico dele. Branca Vianna: Ele até escreveu uma carta – a “Carta aberta ao meu filho/filha de IC” – IC, inseminação caseira. Essa carta tá online pras crianças que nasceram da doação dele poderem acessar no futuro. Lá ele conta tudo o que ele acha importante que os filhos saibam. Ele fala sobre as coisas boas e ruins da família dele. Sobre a timidez que acompanha ele desde criança. Sobre ele ser ateu e de esquerda. Sobre as mulheres e os filhos que ele teve. Sobre a escolha de virar doador. Sobre o genismo e outras teorias que ele criou. Ele conta que esse filho ou filha que tá lendo a carta tem mais de 100 meio-irmãos por aí, e que seria legal eles se manterem unidos e se ajudarem. Ter esse contato também deve ser útil pra evitar que um filho acabe se interessando por outro sem querer – porque, afinal, é muito filho. [...]

Branca Vianna: E o segundo motivo que fez o Jocax escolher a inseminação caseira é que ele também quer saber onde é que os genes dele vão indo parar. Até pra garantir que eles estão, mesmo, indo adiante. (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p. 24)

Além desses índices, entretanto, também outros elementos são acionados, como número e fotos de filhos como atestado de paternidade (e da capacidade de gerar crianças saudáveis) anterior de filhos biológicos ou índices de espermograma (atestados médicos da qualidade e eficácia do sêmen).

Fazendo, por fim, uma pequena apresentação das interações relacionadas à categoria de “Oferta” (Ver Quadro IV- 6 e Quadro IV- 7, do Anexo IV). Das 32 publicações que agrupei nessa categoria e habitam o Grupo A, apenas 15 delas têm comentários e, das 60 do Grupo B, apenas 26 possuem comentários. Esse é um conjunto de postagens com uma média muito pequena de respostas por publicações, o que talvez indique que, mais do que responder a elas por meio dos comentários, é possível que as tentantes acionem os doadores diretamente por

outros meios, como o messenger, por exemplo. Ou, ainda, é possível dizer que o baixo engajamento por interações, por parte das tentantes, nas postagens de “Oferta” talvez indique que os perfis de características incorporados por esses doadores nas postagens não correspondam aos filtros que a maioria das tentantes procura no grupo.

Dentre as 15 publicações com respostas, 4 delas têm apenas um comentário, enquanto 11 apresentam mais respostas do que a média, variando entre 2 e 13 por postagem e reunindo ao todo 58 comentários em torno delas. Dentre essas 11 publicações mais populares, todas incluem a informação do local dos doadores, sendo: 5 de São Paulo, que juntas acumulam 31 comentários, 2 de Curitiba, somando 12 comentários, 2 do Rio de Janeiro, com 6 respostas, e outras 2 do Amazonas e do Pará, que juntas reúnem 9 comentários. Cinco dessas publicações incluem fotos dos doadores, totalizando 26 respostas, enquanto três trazem tanto fotos quanto relatos da experiência e dos resultados positivos do doador, somando 22 comentários ao todo.

Além disso, duas publicações mencionam as idades dos doadores, ambos com 30 anos, e essas publicações recebem 11 respostas. Seis dessas postagens incluem os números de WhatsApp dos doadores, um elemento que parece ter um impacto significativo no engajamento, já que juntas acumulam 35 comentários. Apenas uma publicação traz características físicas do doador, especificamente a altura, resultando em 7 comentários, enquanto outras duas mencionam hábitos de saúde, somando 11 comentários ao todo. Esses detalhes adicionais parecem influenciar o número de interações, indicando que informações mais pessoais ou específicas podem aumentar o engajamento nas publicações.

Por sua vez, dentre as 26 publicações que possuem comentários no Grupo B, 12 delas têm apenas um comentário, o que se aproxima da média da categoria, enquanto 14 apresentam maior engajamento, com variações entre 2 e 11 respostas. Nessas 14 publicações concentram-se 62 comentários, resultando em uma média de 4,4 interações por publicação, o que ainda é um número relativamente baixo quando comparado a outras categorias, como “Consultas, técnicas e Saberes” e “Positivos, relatos e testemunhos”. Dentro desse grupo de 14 publicações com maior engajamento, seis incluem fotos dos doadores, somando 27 respostas, sendo a postagem mais popular uma que inclui também fotos e prints de seus últimos resultados positivos com outras tentantes. Além disso, 13 dessas postagens indicam o local do doador, com destaque para cinco de São Paulo, que juntas acumulam 32 comentários, quatro do Rio de Janeiro, somando 26 comentários, e duas do Espírito Santo, que juntas recebem 4 comentários. Também aparecem, embora com menor frequência, publicações de doadores do Rio Grande do Sul e Mato Grosso, que juntos somam 6 comentários.

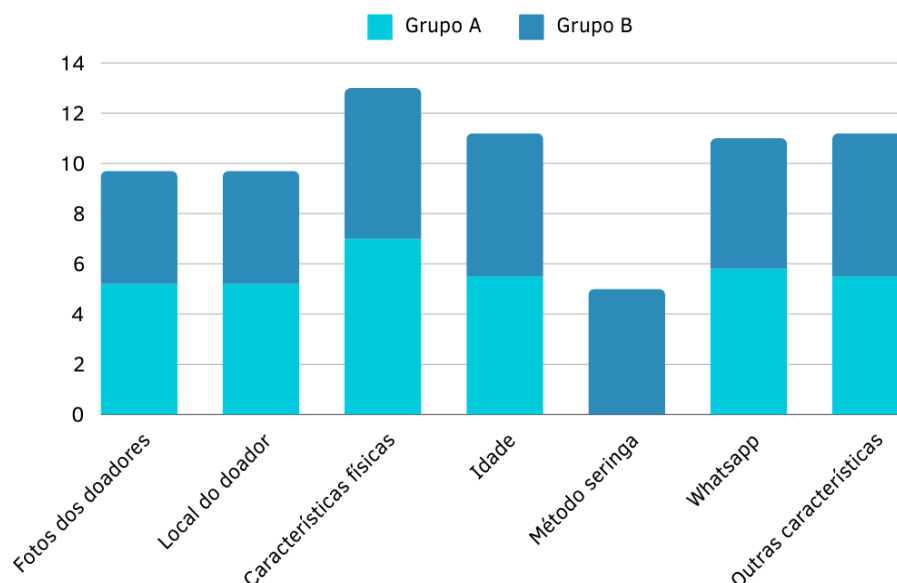
Ainda dentro desse conjunto de 14 publicações, apenas duas trazem informações sobre características físicas dos doadores, resultando em um total de 12 comentários, ambos referentes a doadores que se descrevem como brancos. Em contrapartida, quatro publicações destacam as idades dos doadores, que estão entre 25 e 30 anos, e essas publicações acumulam 23 respostas. Três postagens especificam que o método utilizado pelos doadores é o método da seringa, somando 15 comentários. Nove dessas publicações incluem os contatos de WhatsApp dos doadores, o que parece ser um fator significativo para o aumento do engajamento, já que essas postagens acumulam 47 comentários. Por fim, quatro postagens, que juntas somam 23 comentários, trazem ainda outras características dos doadores, como tipo sanguíneo, estado civil (solteiro) ou a motivação para doar, demonstrando que detalhes pessoais adicionais também têm impacto no número de interações.

Quadro 10 - Média de respostas de acordo com a presença de cada elemento, nas publicações de “Oferta” dos grupos

Elementos nas postagens	Publicações com mais de 1 comentário		Número de comentários somados		Média de respostas	
	Grupo A	Grupo B	Grupo A	Grupo B	Grupo A	Grupo B
Fotos dos doadores	5	6	26	27	5,2	4,5
Local do doador	Geral - 11	Geral - 13	58	59	5,2	4,5
	São Paulo - 5	São Paulo - 5	31	32	6,2	6,5
	Rio de Janeiro - 2	Rio de Janeiro - 4	6	26	3	6,5
	Outros estados - 2	Outros estados - 4	9	10	4,5	2,5
Características físicas	1	2	7	12	7	6
Idade	2	4	11	23	5,5	5,7
Método seringa	0	3	0	15	0	5
Whatsapp	6	9	35	47	5,8	5,2
Outras características	2	4	11	23	5,5	5,7

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Gráfico 3 - Média de respostas de acordo com a presença de cada elemento, nas publicações de “Oferta” dos grupos



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Dentre as 62 respostas que se aglomeram nas publicações de maior popularidade no Grupo B e as 58 respostas do Grupo A, observa-se uma dinâmica semelhante, mas com algumas diferenças no que diz respeito à distribuição da autoria dos comentários. No Grupo B, 28 comentários são dos próprios autores, enquanto no Grupo A, 19 comentários seguem o mesmo padrão. Em ambos os grupos, todas as publicações que tiveram mais de seis comentários contavam com pelo menos metade desses produzidos pelos próprios autores, refletindo o esforço de engajamento e a tentativa de manter ativa a conversa ao redor de seus posts. No Grupo B, 19 comentários vêm de tentantes, enquanto no Grupo A esse número é significativamente maior, com 36 comentários de tentantes. Essas tentantes geralmente expressam seu interesse através de frases como “tenho interesse”, “me chama no privado” ou “te chamei no privado”, buscando um contato mais direto. Em ambos os grupos, também há pedidos de informações adicionais não incluídas na publicação inicial, como características físicas, cidade do doador, disponibilidade para viajar, número de telefone, se já tem filhos, tipo sanguíneo, entre outras. Os comentários das tentantes são sempre respondidos pelos autores das postagens, demonstrando uma comunicação ativa e interesse em facilitar o processo de seleção de doador.

Finalmente, os 15 comentários restantes no Grupo B e os 3 no Grupo A são de outros doadores, que frequentemente se oferecem para as tentantes que demonstraram interesse nas características informadas pelo autor do post. Além disso, esses doadores estabelecem conversas com os autores das publicações sobre diversos tópicos, como dar as boas-vindas a doadores iniciantes em sua primeira publicação de “Oferta”. Esses diálogos entre doadores, observados principalmente no Grupo B, incluem interações descontraídas, com brincadeiras e

provocações entre aqueles que já se conhecem há mais tempo. Um exemplo disso é um comentário no Grupo B onde um doador marca outro, brincando sobre a imagem do post (fotografia de um doador, em sua postagem de oferta): “olha só, Doador X, parece você só que com cabelo”, ao que outro comenta “parece mesmo, vcs são irmãos? kkkk”. Esse tipo de interação sugere uma camaradagem dentro da comunidade, onde os doadores não apenas oferecem seus serviços, mas também constroem relações sociais entre si, embora essa dinâmica de interação entre doadores seja menos presente no Grupo A.

3.3 - Técnicas, consultas e saberes

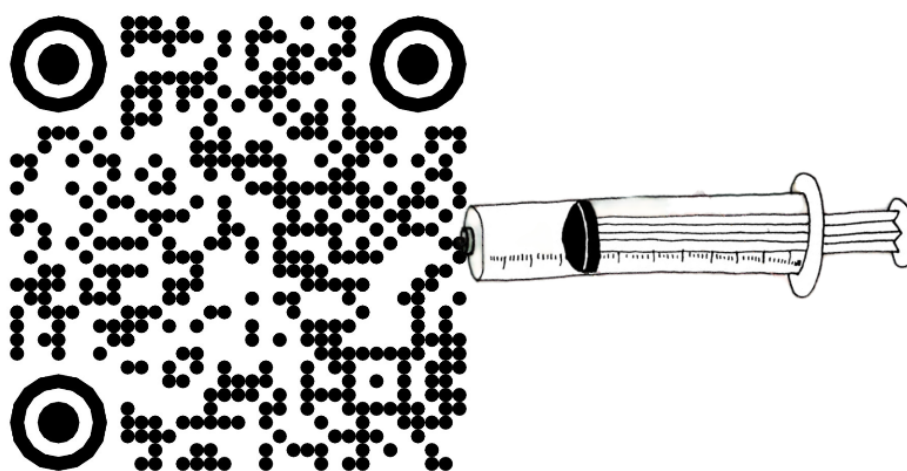


Figura 25 - Vídeo de “recriação” do método seringa pensado a partir da agência de suas tecnomaterialidades, produzido em modelagem 3D. Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

As publicações que categorizei como “Técnicas, Consultas e Saberes” são aquelas cujas identidades e peculiaridades são mais relevantes para a minha pesquisa. Nas interações traçadas nessas postagens, tentantes e doadores constroem, discutem e disputam coletivamente o conjunto de técnicas e saberes (biomédicos, das práticas e jurídicos) da inseminação caseira, seus agentes tecnocorporais e materiais. É também através da atuação das publicações dessa categoria que são colocadas dúvidas e feitas “consultas” à comunidade da inseminação caseira, acerca dos casos, sintomas, fotos, testes e ciclos férteis das tentantes que produzem essas publicações.

Assim, as interações digitais associadas a essa categoria nos comunicam e ajudam a compreender uma série de fatores acerca do contexto das inseminações caseiras, suas práticas, agentes e particularidades. Dentre elas, podemos ter uma ideia mais precisa do próprio “método seringa”, como ele é feito, como é elaborado e por quem, quais os pontos de disputa acerca das técnicas e gestos que o compõem e de que maneiras cada um destes pontos é discutido dentro dos grupos.

Além disso, também é possível analisar quais os tipos de dúvidas que as tentantes têm, como articulam estas dúvidas nos grupos, a quem se dirigem e por quem são respondidas. Dúvidas essas que dizem respeito aos materiais que devem ser utilizados no método seringa, da eficácia do método, do calendário de testes e tentativas, do resultado de seus próprios testes, dos ciclos férteis de cada uma, dos acordos e procedimentos jurídicos para o registro de maternidades via IC, dos sintomas que fazem parte de etapas como a ovulação e a gravidez após tentativas de inseminação, dentre muitas outras.

Quadro 11 - Quantitativos de postagens, comentários e reações da categoria de “Técnicas, consultas e saberes”

PUBLICAÇÕES	%	COMENTÁRIOS	MÉDIA DE RESPOSTAS POR PUBLICAÇÃO	%	GRUPO A	GRUPO B
186	20,1%	1649	8,9	28,2 %	94	92

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

As publicações da categoria de “Técnicas, consultas e saberes” somam ao todo, nos dois grupos, 186 postagens, sendo essa a segunda categoria mais expressiva dentre aquelas que integram o meu campo, representando 20% do total de interações mapeadas. Essa é uma categoria cuja distribuição entre os grupos é bastante igualitária, de modo que o Grupo A tem 94 postagens deste tipo, enquanto o Grupo B tem 92. É interessante notar, entretanto, que embora haja proximidade entre esses números, esta é uma das poucas categorias mais expressivas no Grupo A do que no Grupo B, fenômeno que se repete apenas com as categorias “Positivos, relatos e testemunhos” e “Chamadas, indicações e denúncias de doadores”.

Observar essa peculiaridade me chamou atenção, pois são justamente essas três categorias aquelas nas quais as tentantes estabelecem redes de saberes, cuidados e apoio entre si (de diferentes maneiras), o que reforça uma proposição que eu gostaria de fazer: de que em grupos coordenados por tentantes e mães de IC, a formação dessas redes parece mais propícia e intensa do que em grupos coordenados por doadores. Por outro lado, em grupos onde a administração é feita por doadores homens, como o Grupo B onde realizei minha análise, a comunidade de doadores também se sente mais à vontade para participar dos debates que compõem a formação destas redes, como também é o caso das publicações da categoria de “Técnicas, consultas e saberes”.

Nesta, de modo geral, as publicações são quase sempre feitas por tentantes, já que dentre as 186 publicações desta categoria que mapeei, apenas 16 delas (8,6%) foram feitas por doadores, em contraposição a 136 postagens de tentantes (73,1%), 25 feitas por membros

anônimos (13,4%) e 8 por advogadas (4,3%) que participam de algumas discussões, prestando informações e apoio jurídico às tentantes de IC. Entretanto, dentre as 16 postagens de doadores que pertencem a essa categoria, 14 estão no Grupo B, além do fato de que neste os doadores participam de maneira bem mais intensa nos comentários das publicações dessa categoria.

Já no que diz respeito ao “endereço do *post*”, ou seja, a quem as autoras direcionam suas dúvidas, consultas e dicas, muitas vezes não há indicação ou estas dizem respeito a um perfil mais geral de pessoas, como “grupo”, “gente”, “pessoal” ou “alguém”. Quando há uma especificação, por outro lado, essas publicações se direcionam especialmente a outras tentantes, com destaque para “meninas/casais que já positivaram” e que, portanto, teriam uma experiência “bem-sucedida” para partilhar de seus conhecimentos adquiridos no percurso. São, portanto, muitas publicações “de tentantes para tentantes”, mas isso não implica que necessariamente apenas tentantes a respondam. Além disso, algumas dessas postagens também se direcionam a perfis específicos de mães/tentantes de IC, como: pessoas que tenham SOP (síndrome do ovário policístico) ou miomas; que amamentem ou “que não tenha gestado, mas amamentaram”; que usaram aplicativo de controle menstrual, seringa ou medicamento X; ou, ainda, que pertençam a determinada faixa etária (como 40+). São também comuns publicações que se direcionam especificamente a “casais lésbicos” ou “casais homossexuais”, especialmente casais que tenham conseguido registrar seus filhos com dupla maternidade. Por fim, há também algumas poucas publicações que se dirigem a figuras “de autoridade”, como advogadas ou “pessoas da área da saúde”.

Outro esforço que fiz ao analisar as publicações dessa categoria foi classificá-las em três subgrupos de “objetivos”. O primeiro é de “Dúvidas e pedidos”, nos quais as tentantes fazem perguntas diretas e formulam pedidos por informações e dicas de materiais, de como e quando realizar testes, dosagens de remédio, modelos de acordos legais com doadores, dentre outros, muitas vezes pedindo pelos relatos da experiência de quem já passou pelo processo de IC. Ao todo, são 98 postagens deste tipo (53% da categoria de técnicas), sendo 50 do Grupo A e 48 do Grupo B.

O segundo grupo seria de “Consultas”, publicações nas quais as tentantes apresentam um “caso pessoal”, pedindo pela opinião informada de outros membros do grupo acerca de seus resultados: se é normal aquele quadro, se seus testes foram positivados, se outras passaram pelo mesmo, se e quando devem realizar os testes, dentre outros. Na apresentação deste “caso pessoal”, as tentantes apresentam, por exemplo, um conjunto de sintomas, fotografias de testes caseiros de ovulação e/ou gravidez, relatos com as datas/calendário de tentativas e períodos do ciclo, dentre outros. Nos dois grupos somados, são 65 postagens deste tipo (35% da categoria)

nos meses que acompanhei, sendo 37 no Grupo A e 28 no Grupo B.

E, por fim, as postagens de “dicas e indicações”, que são aquelas publicações nas quais, ao invés de uma dúvida, as autoras trazem as próprias indicações e informações para a comunidade, que giram em torno das técnicas particulares do método de inseminação caseira ou ainda dos procedimentos legais envolvidos neste contexto, sendo estas as postagens da categoria onde estão concentradas as publicações de doadores e advogadas. Ao todo, há 23 publicações deste tipo, sendo 6 do Grupo A e 17 do Grupo B.

Além das distinções acerca dos diferentes formatos e agentes acionados nas interações da categoria de “Técnicas, Consultas e Saberes”, também busquei mapear quais as temáticas e elementos presentes nas publicações deste tipo, distribuídas nas postagens como demonstram o Quadro a seguir.

Quadro 12 - Quantitativos da expressividade de cada elemento/temática nas publicações de “Consultas, técnicas e saberes”

TÉCNICAS	GRUPO A	% NO GRUPO A	GRUPO B	% NO GRUPO B	TOTAL (186)	% NO GERAL
DICAS E DÚVIDAS GERAIS SOBRE TÉCNICA E IC	10	8,5%	16	17%	26	14%
CONSULTA DE POSITIVO	28	30,4%	15	15,9%	43	23,1%
CONTROLE DO CICLO MENSTRUAL E DA OVULAÇÃO	26	28,2%	24	25,5%	50	26,8%
DIREITO, CONTRATOS, MENTORIAS	15	16,3%	10	10,6%	25	13,4%
MATERIAIS E TÉCNICAS TECNOCORPORAIS DO MÉTODO SERINGA	5	6,5%	12	7,4%	17	9,1%
REMÉDIOS, HORMÔNIOS, TRATAMENTOS E CUIDADOS COM O CORPO	4	5,4%	10	12,7%	14	7,5%
SOP E OUTROS “DIFICULTADORES”	6	5,4%	7	4,2%	13	6,9%
EXAMES	5	4,3%	4	10,6%	9	4,8%
CUSTOS E PRODUTOS	3	3,2%	4	1%	7	3,7%
GRAVIDEZ E AMAMENTAÇÃO	3	3,2%	1	4,2%	4	2,1%

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A começar pelas “Dicas e dúvidas gerais sobre técnica e IC”, ao todo, são 26 publicações desse tipo, 14% da categoria (Ver Quadro IV- 10, do Anexo IV). Nessas publicações são pedidas (ou fornecidas) informações gerais acerca da inseminação caseira. São especialmente postagens com pedidos de dicas por “tentantes iniciantes”, buscando noções gerais do método (desde a procura por doadores até a realização da inseminação em si) para a “primeira vez/tentativa”. São publicações que trazem dúvidas como: “como funciona a ic?”; como fazer? Qual o processo? Como faz?; e também aquelas que pedem por relatos da experiência de tentantes e mães de IC experientes, como “Quem tiver feito mande informações de como faz a ic” e “o que vocês fizeram para alcançar o positivo? O que tomou? Quantas vezes tentou? Quantas tentativas por ciclo”.

Há também, nessas publicações, tentantes e doadores que as produzem para fornecer “dicas e indicações”, mas as indicações que não se distinguem a depender do perfil de quem produz as publicações. As tentantes geralmente dão dicas gerais sobre os cuidados na escolha do doador, ressaltando a necessidade de se investigar bem a pessoa escolhida, mas, por outro lado, destacam também que é melhor um doador “desconhecido” das tentantes, já que se houver uma proximidade prévia são maiores as chances de que ele possa querer ultrapassar os limites do seu lugar de doador e interesse em participar da vida e criação da criança, por exemplo. Elas também indicam e defendem o uso exclusivo do “método seringa” para fazer o procedimento, sem usar outros instrumentos que possam causar riscos ou complicações.

Os doadores, por outro lado, também direcionam suas postagens às tentantes do grupo e quase nunca a outros doadores. São dicas, por exemplo, de alimentação – indicando alimentos como beterraba, abacaxi e abacate, pois seriam bons para estimular a produção de folículos – de tratamentos a se fazer ou não – citam, por exemplo, que os suplementos para endometriose não são recomendados pois atrapalha a fertilidade – e de estilo de vida e “mentalidade”, enfatizando, por exemplo, que “sem sacrifício não há conquista” e que é preciso “disciplina, persistência e consistência” para alcançar o positivo.

Uma característica interessante dessas publicações feitas por doadores é que elas parecem ter sempre elementos que construam a credibilidade do doador acerca daqueles conhecimentos, seja pela experiência ou por buscar se informar para ter “dicas informadas”. Costumam falar nessas publicações, por exemplo, de seu tempo de percurso pessoal na inseminação caseira, das informações que acumularam de outras tentantes, por estarem há muito tempo no grupo, das leituras e estudos de materiais médicos especializados em reprodução humana e fertilidade. Todos estes elementos que ajudam a consolidar o doador no

lugar de um “especialista-leigo” (inclusive com amplo uso de termos médicos), lugar este que as tentantes, por outro lado, não sentem a necessidade de demarcar.

Essa busca dos doadores pelo lugar da “especialidade” nos saberes e técnicas da inseminação caseira se faz, ainda, através de uma espécie de confronto com as próprias tentantes ou, pelo menos, algumas delas. Nesse sentido, quase todas essas postagens têm elementos que materializam esse confrontar, como, por exemplo, “tem tentante que não colabora em nada no grupo, mas põe defeito nas dicas que eu publico” ou “pra conquistar seu positivo não basta querer, tem que fazer por onde e pagar o preço pra isso, vocês tem que parar de preguiça e ter os hábitos certos pra conseguir essa conquista. Bora time!”

Na conversa que tive com um de meus interlocutores, cuja atuação dos grupos é já antiga e bastante expressiva, ele expressa essas disputas e relações de autoridade no saber entre tentantes e doadores:

Doador 1: “Agora, sobre as informações que tem lá, em geral os doadores sabem mais do que as tentantes, tanto é que quase todas as perguntas que tem nos grupos são das tentantes, elas não sabem muito. Aí tem lá as perguntas, sobre o ácido fólico que tem que tomar, quando que tá ovulando, os ciclo de ovulação, isso tudo elas perguntam lá.”

Flora: “Vocês doadores, por terem uma participação mais continuada na prática, acabam se tornando uma espécie de especialistas no assunto?”

Doador 1: “É, é isso mesmo. Um exercício “ilegal” da medicina né? [Risos].” (Entrevista com Doador 1, realizada em 15 de outubro de 2022).

Esse lugar de “especialista” que ocupam os doadores ficará mais evidente à medida em que adentrarmos, nas próximas páginas, nas dinâmicas de consultas coletivas nas quais se engajam as tentantes nas publicações e os doadores nos comentários de respostas, mas vale aqui explorar um pouco mais essa questão antes de passar a elas. Analisando um contexto de grupos bastante similares aos que pesquisei, Mariana Felipe (2019; Felipe & Tamanini, 2020) também aponta que interlocuções com os conhecimentos e técnicas biomédicos, tal como as dinâmicas muito particulares de interações nos grupos de Facebook analisados, resultam na construção de redes de saberes próprios, criados, compartilhados e trocados entre as mulheres dos grupos.

A autora discute, desse modo, como essas interações dos grupos “contribuem através da interação para a fabricação de novos saberes não médicos em coletivo.” (Felipe, 2019, p. 56), tal como na criação do que ela vem a chamar de “peritos”: doadores e tentantes que, pela ampla prática e experiência com os procedimentos de IC, se tornam grandes conhecedores no assunto, divulgando diversos tipos de indicações e informações através de publicações nos grupos e respondendo dúvidas e questionamentos de outros membros. A este respeito, descreve por exemplo como estas pessoas, segundo elas, majoritariamente tentantes, assumem um lugar de autoridade para falar “sobre o próprio corpo, explicam o pH vaginal através do muco, orientam

quais são os melhores aplicativos de controle da ovulação, indicam medicamentos ou terapias alternativas que possam auxiliar as outras.” (Felipe, 20219, p. 56). De um lado teríamos, portanto, os saberes médicos e suas práticas de controle e técnicas “peritas” e, de maneira disputada, temos do outro lado as inseminações caseiras que (sob riscos maiores, mas também de maneira potentemente transgressiva) deles escapam, mas que criam aqui novos modos de conhecedores “peritos” no conjunto de saberes e técnicas próprias da inseminação caseira e do método seringas.

Também Allebrandt e Freitas (2021), ao tratar de “tentantes” influencers na plataforma Instagram e suas interlocuções com sua rede de seguidoras - as “instamigas” - também identifica um padrão semelhante. As autoras abordam o conceito de “paciente informado”, referindo-se a pessoas que, através do acesso e troca de informações especializadas na internet, se tornam mais conscientes de sua condição de saúde. Esse conhecimento adquirido permite que pacientes discutam, compreendam e até contestem diagnósticos médicos, desafiando o saber-poder tradicional da medicina. Ao participarem de grupos online, como os de tentantes, as mulheres compartilham informações precisas sobre procedimentos e tratamentos, o que desequilibra a tradicional hierarquia médico-paciente. Nesse contexto, surge uma nova dinâmica, onde aquelas que possuem mais informações e experiência ganham maior autoridade dentro do grupo, refletindo uma disputa pelo acesso ao conhecimento e pela autonomia sobre seus próprios corpos.

“Para Pereira Neto et. al (2015), essa narrativa que foca em informações especializadas, se refere ao “paciente informado”, ou seja, “alguém que se sente inteirado sobre sua condição de saúde, devido ao acesso e à troca de informações e à experiência derivada do convívio com a doença” :1655). (Pereira Neto et. al., 2015). Para os autores esse deslocamento do saber médico empoderou os/as pacientes no sentido de discussão, entendimento e até mesmo contestação de diagnósticos e profilaxia.” (Allebrandt & Freitas, 2021, p. 11)

Destacam ainda, nesse contexto, que se formam hierarquias entre as tentantes nesses perfis do Instagram, onde estabelecem-se dinâmicas de prestígio que emergem a partir do acesso à informação. No Instagram, as interações entre tentantes revela, segundo elas, uma disputa pelo conhecimento mais preciso sobre procedimentos e tratamentos, o que cria uma hierarquia na qual aquelas mais informadas e com maior experiência se tornam figuras de autoridade. Essa competição interna entre as tentantes é marcada por uma tensão entre o apoio mútuo e a busca por prestígio, que se baseia em seus históricos de tentativas de gestação e fracassos anteriores, mas que é materializada também nos maiores ou menores níveis de resposta e engajamento que criam: número de seguidores, curtidas, comentários e compartilhamento dos posts.

“Nesta pesquisa, para além dos afetos trocados através de “emojis” e “loved”, atentamos para a influência da lógica publicitário-comercial em que o aplicativo co-produz as interações ao contrastarmos o engajamento e interação de um perfil mais recente e outro consolidado. Quanto mais postagens, mais seguidoras e maior atividade da pessoa que publica e consequentemente, maior a eficácia do sentimento de pertencimento e identificação a esses grupos. Nesse sentido, o Instagram atua como uma tecnologia que mais do que mediar as relações sociais virtuais, também está as construindo” (Allebrandt & Freitas, 2021, p. 32)

Embora mantenham padrões semelhantes aos que observei nos grupos que analisei, há também algumas discrepâncias relevantes. Enquanto Felipe (2019) e Allebrandt e Freitas (2021) enfatizam a centralidade das tentantes nos grupos de Facebook e nos perfis do Instagram, o contexto que pesquisei revela uma dinâmica distinta, especialmente no que diz respeito à participação dos doadores. Diferente das plataformas analisadas por essas autoras, onde as tentantes competem entre si por prestígio com base em seu conhecimento e engajamento, nos grupos de Facebook que analisei, essa competição é muito mais acirrada entre os próprios doadores (que nessas outras pesquisas muitas vezes desaparecem ou têm um papel marginal na formação dessas redes de saberes). As hierarquias de autoridade são disputadas não apenas entre tentantes, mas, de forma mais significativa, entre doadores e entre doadores e tentantes.

Isso ressalta uma diferença fundamental entre os contextos analisados: nos grupos de Facebook, os doadores não só participam ativamente, mas muitas vezes dominam as discussões e se posicionam como figuras centrais na construção de saberes e técnicas da inseminação caseira, assumindo um papel que vai além do simples compartilhamento de informações, mas que também envolve a busca por reconhecimento e prestígio dentro dessas comunidades digitais. Eles se esforçam para consolidar essa posição, destacando sua experiência e conhecimento, o que contrasta fortemente com a postura mais colaborativa e menos autoritária das tentantes.

Essa busca por reconhecimento e prestígio entre os doadores cria uma hierarquia distinta, onde a autoridade não é apenas uma questão de conhecimento, mas também de engajamento ativo, um aspecto que é materializado pelos mecanismos próprios do Facebook, como os selos de “supercolaborador”. Esses mecanismos, embora diferentes dos seguidores e curtidas do Instagram, também parecem desempenhar um papel crucial na construção de prestígio e confiabilidade, destacando os membros mais ativos e reconhecidos dentro do grupo.

Os selos de "supercolaboradores" existem desde 2022 e são um dos vários tipos de "selos" que um membro de grupos pode ganhar, de acordo com suas participações. Este é um dos mecanismos utilizados pela plataforma que vão no sentido do que Allebrandt e Freitas apontam como a "lógica publicitário-comercial" dos aplicativos de redes sociais. Sobre eles, a plataforma informa:

"O que são contribuições? As contribuições recompensam você como um colaborador importante em seu grupo. Ao interagir com o grupo, você pode ganhar diversos selos. Como ganhar um selo de supercolaborador? Há duas formas de ganhar um selo de supercolaborador:

- Interaja com o grupo fazendo publicações ou comentários.
- Ofereça-se voluntariamente para ser administrador ou moderador

Qual é o valor de ter um selo? Se você ganhar um selo, outras pessoas poderão reconhecer você como um principal colaborador. Ele mostra que você colabora regularmente com o grupo criando publicações ou deixando comentários." (Meta, 2022, s.p.)

Em ambos os grupos que mapeei, para se tornar um supercolaborador você deve ter 200 pontos, mas os critérios específicos de pontuação para cada ação não são explícitos nos grupos ou na plataforma, afirmando apenas que:

"Você pode ganhar um selo de supercolaborador em um grupo do Facebook sendo um dos participantes mais ativos do grupo. Quanto mais você participar de um grupo e receber respostas e reações, mais pontos ganhará e maior será a probabilidade de ganhar o selo de supercolaborador. Membros, administradores e moderadores podem ganhar o selo.

Se você ganhar um selo de supercolaborador, ele aparecerá ao lado do seu nome em suas publicações e comentários e no seu perfil de membro do grupo.

Como ganhar um selo de supercolaborador? Você pode ganhar pontos e aumentar suas chances de ganhar o selo de supercolaborador em um grupo se:

- Receber respostas e/ou reações nas suas publicações
- Receber respostas e/ou reações nos seus comentários
- For um administrador ou moderador (se quiser tornar-se um administrador ou moderador, você pode enviar uma mensagem a um administrador atual e pedir que ele convide você para se tornar um administrador ou moderador)
- For um especialista do grupo (se quiser tornar-se um especialista do grupo, você pode enviar uma mensagem a um administrador atual e pedir que ele convide você para se tornar um especialista do grupo)" (Meta, 2022, s.p.)

Ao reconhecer o engajamento, esses mecanismos não só legitimam suas contribuições, mas também reforçam a hierarquia dentro dos grupos, premiando a participação ativa e consolidando o prestígio dos doadores como figuras centrais, incentivando a criação contínua de conteúdo e interação.

Passando ao conjunto de elementos cuja presença é mais expressiva na categoria “Técnicas, consultas e saberes”, trato a seguir das publicações onde acontecem conversas e consultas acerca do controle dos ciclos e da ovulação das tentantes que participam do grupo. Ao todo, 50 publicações (26,8% da postagens dessa categoria) contêm elementos como esses, e elas estão divididas de forma bastante paritária entre os grupos A e B, sendo em ambos um conjunto de temáticas-dinâmicas bastante frequente (Ver Quadro IV- 11, do Anexo IV). .

O controle do ciclo e das ovulações é muito importante no processo de buscar “o positivo” através da inseminação caseira, já que a IC deve ser feita, preferencialmente, no período de ovulação da tentante, de modo a gerar maiores chances de a IC se converter em um positivo. Esse planejamento, que conjuga o calendário de tentativas com os doadores e o

período fértil de quem vai ser inseminada, é um processo pelo qual quase todas as tentantes de IC passam e experienciam, sozinhas ou com seus parceiros, mas conta também com a agência de uma rede coletiva, com participações de outras tentantes e doadores dos e nos grupos.

Para esse controle, as tentantes utilizam e discutem nessas publicações:

- Testes caseiros de ovulação, de diferentes tipos e marcas, mas especialmente os testes de tira (que podem ser comprados em farmácias normais ou na internet). Os testes caseiros parecem ser o principal modo de controle utilizado e indicado, sendo muitas vezes fotografado e compartilhado com essa rede de participantes para consulta, buscando o auxílio de outras tentantes e doadores para compreender seus resultados. Há ainda nessas postagens indicações ou levantamentos de opiniões/experiências sobre determinadas marcas e tipos de teste, além de dúvidas acerca de como e em qual momento do ciclo usá-los.
- Aplicativos, de modo que as tentantes perguntam umas às outras se já utilizaram aplicativos menstruais para controlar seu ciclo fértil; quais são melhores, mais confiáveis ou precisos; mas também compartilham *prints* de seus calendários menstruais dos aplicativos como material para consultar outras tentantes acerca de seus períodos férteis, como por exemplo “no aplicativo está assim, faz x dias que eu menstruei, mas minha menstruação é desregulada. Vocês acham que já tô ovulando? Devo fazer o teste?”
- Controle através de relatos (e dúvidas) de sintomas corporais (como cólicas, consistência das secreções vaginais, muco, dentre outros) e as datas dos últimos ciclos, a serem checados sempre pelo coletivo.

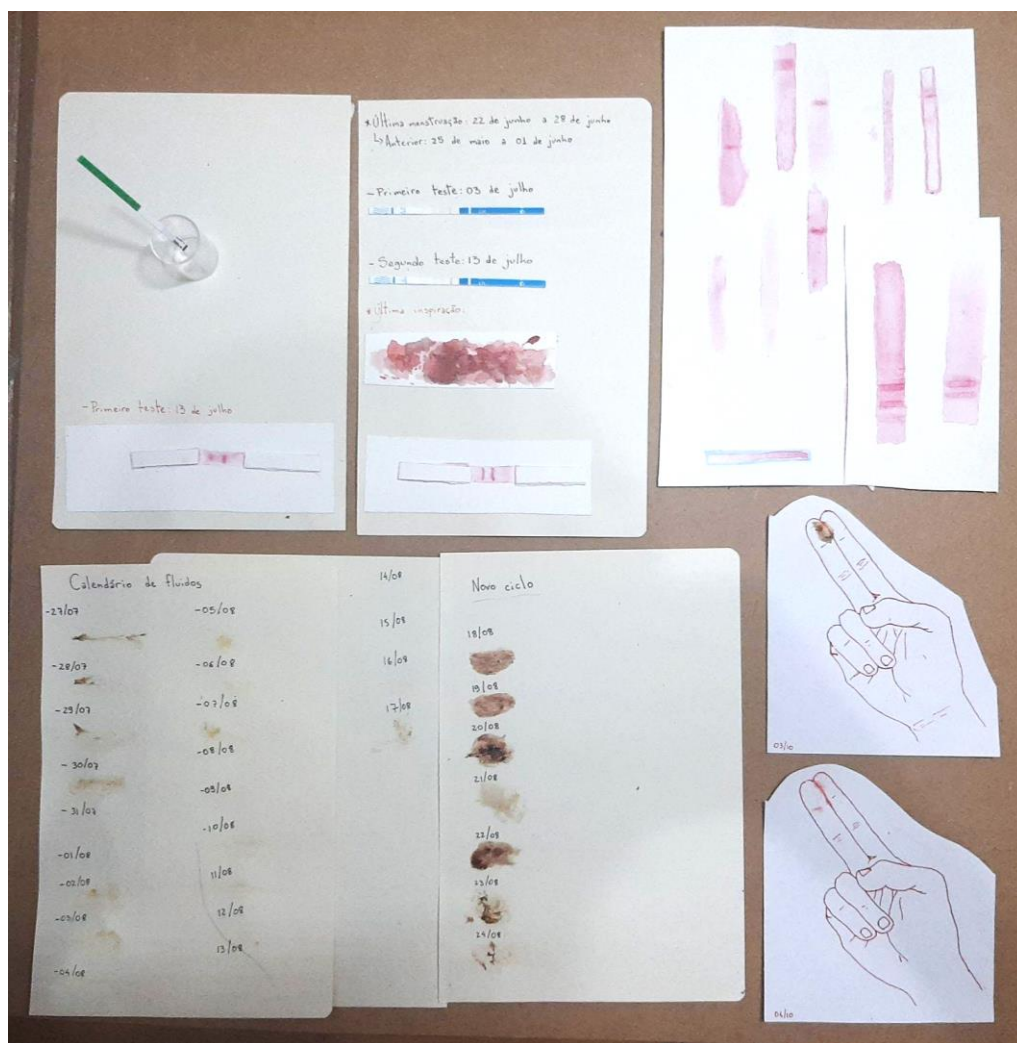


Figura 26 - Colagem com diferentes métodos de controle do ciclo e fertilidade experimentados. Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Junto a essas descrições múltiplas que compõem a construção desses “casos” que são apresentados para consulta dos pares no grupo, em muitas destas publicações há ainda perguntas sobre o momento de se realizar a inseminação, em relação à ovulação, com tentantes pedindo conselhos sobre quando realizar a inseminação após um teste de ovulação positivo, por exemplo. Uma prática comum, descrita pelas tentantes e registrada/compartilhada por meio de fotografias, é a produção de “calendários” de inseminação caseira, nos quais são anotados os dias de ovulação e menstruação passadas e previstas, os dias em que foram realizados testes caseiros de ovulação, os dias em que foram feitas tentativas de IC e os testes de gravidez. Acompanhando e materializando esses registros de datas, são coladas também as próprias fitas dos testes caseiros (de ovulação e/ou gravidez).

Os registros imagéticos produzidos e anexados a estas publicações são parte bastante significativa de sua identidade. São agentes (visuais e materiais) importantes desse tipo de publicação de “consulta”, estando presentes em 30 das 50 publicações (36 fotos ao todo)

voltadas para o controle dos ciclos menstruais e ovulações, sendo elas imagens de testes caseiros utilizados, prints de apps menstruais, calendários de IC e fotos de secreções (mucos vaginais, sangramentos, nidações). Algumas usuárias também compartilham suas experiências com diferentes tratamentos e medicamentos de estímulo da ovulação, como progesterona e Ovitrelle e Clomid. Esse “controle compartilhado” e a maneira como se desenvolve esta dinâmica, portanto, fazem parte de um conjunto maior de saberes da inseminação caseira de grupos digitais como um todo.



Figura 27- Print da tela do meu aplicativo Flo, de controle menstrual. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.
 Figura 28 - Imagem de corrimento simulando as fotografias compartilhadas nos grupos para controle dos ciclos e fluidos. Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

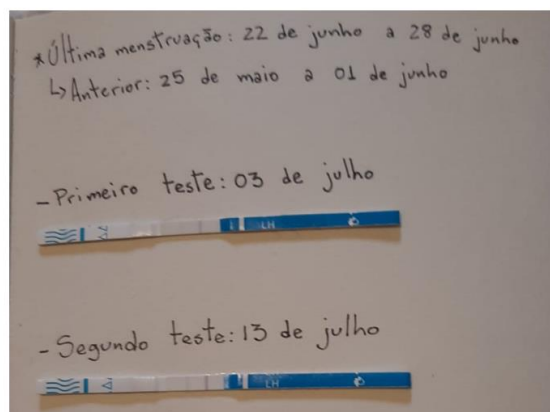
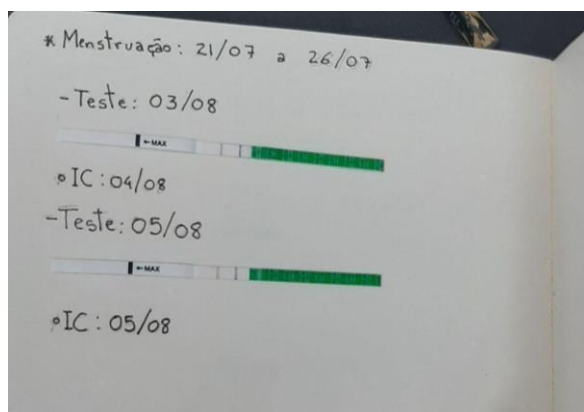


Figura 29 e Figura 30 - Caderno com “agenda” de inseminações, testes de gravidez e períodos menstruais, similar àqueles produzidos e compartilhados por tentantes nos grupos. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Também bastante expressivas nos grupos que analisei, outro grupo de interações de consulta à rede formada nos/com os grupos e os saberes construídos nessa rede, são as publicações de “consultas de positivos”. Ao todo, somando as interações de ambos os grupos, há 43 postagens, o que representa 23% das publicações de “Técnicas, consultas e saberes”, mas é importante destacar que elas são mais comuns no Grupo A, do que no Grupo B (Ver Quadro IV- 12, do Anexo IV).

Neste conjunto de publicações e interações, as tentantes ou suas parceiras e parceiros compartilham nos/com os grupos as fotos de testes caseiros de gravidez e/ou relatam seus e conjuntos de sintomas corporais experienciados após a realização de uma ou mais tentativas de IC. Buscam, por meio dessas informações e imagens das discussões materializadas a partir delas, a ajuda umas das outras para dar diagnósticos de sua gravidez, ou não.

Muitas das postagens expressam dúvidas, portanto, sobre possíveis sintomas de gravidez, como cólicas, dores nas costas e nos seios, secreção vaginal e nidação. Há também muitas perguntas sobre o momento certo para fazer um teste de gravidez e como interpretar os resultados.

Outras, por sua vez, apresentam as fotografias de testes caseiros utilizados e apelam para a expertise de outras tentantes e doadores para decifrar seus resultados, especialmente quando os testes são do tipo de “tira” ou do tipo “caneta”, nos quais a visibilidade e intensidade das “linhas” é o que determina seu resultado: uma linha rosa/azul, significa um negativo; duas linhas, um positivo. São vários os tipos de testes caseiros disponíveis hoje, sendo que eles variam em uma série de elementos, como: eficácia e precisão, o momento do ciclo no qual o teste deve ser realizado, o tipo de informação que ele fornece e a maneira como ela é dada, no modo de uso, dentre outros.



Figura 31 - Diferentes tipos de testes de gravidez utilizados e desenhados. Fonte: Elaborado pela autora, 2022 e 2024.

Os testes de gravidez de “tira”, especialmente, mas também os testes “caneta” são os personagens mais comuns nas imagens dessa categoria, sendo eles também vendidos como aqueles com “melhor custo-benefício”, já que são também os mais baratos. Os testes de tira, apesar de variar nas cores e marcas, funcionam sempre sob o princípio básico das “duas linhas” paralelas, que aparecem ou não em contato com a urina da tentante, dão o resultado em até 5 minutos e podem ser feitos até 4 dias antes do chamado “atraso menstrual” (o primeiro dia após o dia previsto para a menstruação).

Os testes de caneta, por sua vez, funcionam sob o mesmo fundamento, são “imunoensaio cromatográfico rápido, para a detecção qualitativa de Gonadotrofina Coriônica humana (hCG) na urina” (MIÓ, 2024), mas o formato e design dos testes desse tipo são distintos dos de tira, pois são maiores, feitos de plástico, apresentam um suporte para que ele seja segurado pela pessoa que o manuseia e uma tampa para selar a ponta que entrou em contato com a urina do ambiente. Todas essas diferenças no formato do teste, é interessante notar, visam facilitar o movimento corporal exigido para realização do teste (que exige urinar em cima do teste, acertando sua marca de “limite”, de onde a urina não pode ultrapassar) e, especialmente, limitar o contato da usuária do produto com a própria urina durante a sua realização. Os testes de caneta apresentam ainda pelo menos duas variações, os normais e os de “detecção rápida”, que prometem apresentar resultados em até 1 minuto após a realização, mas são também mais caros.

Os testes digitais, por outro lado, cujo resultado é dado e tomado como não dependente de uma interpretação humana (como a intensidade da cor de uma linha ou ausência dela, por exemplo), nunca aparecem nesse tipo de publicação que aciona uma rede coletiva de consulta

e diagnóstico, mas sim em outros tipos de postagem, como aquelas utilizadas para dar a confirmação final de um positivo ao grupo.

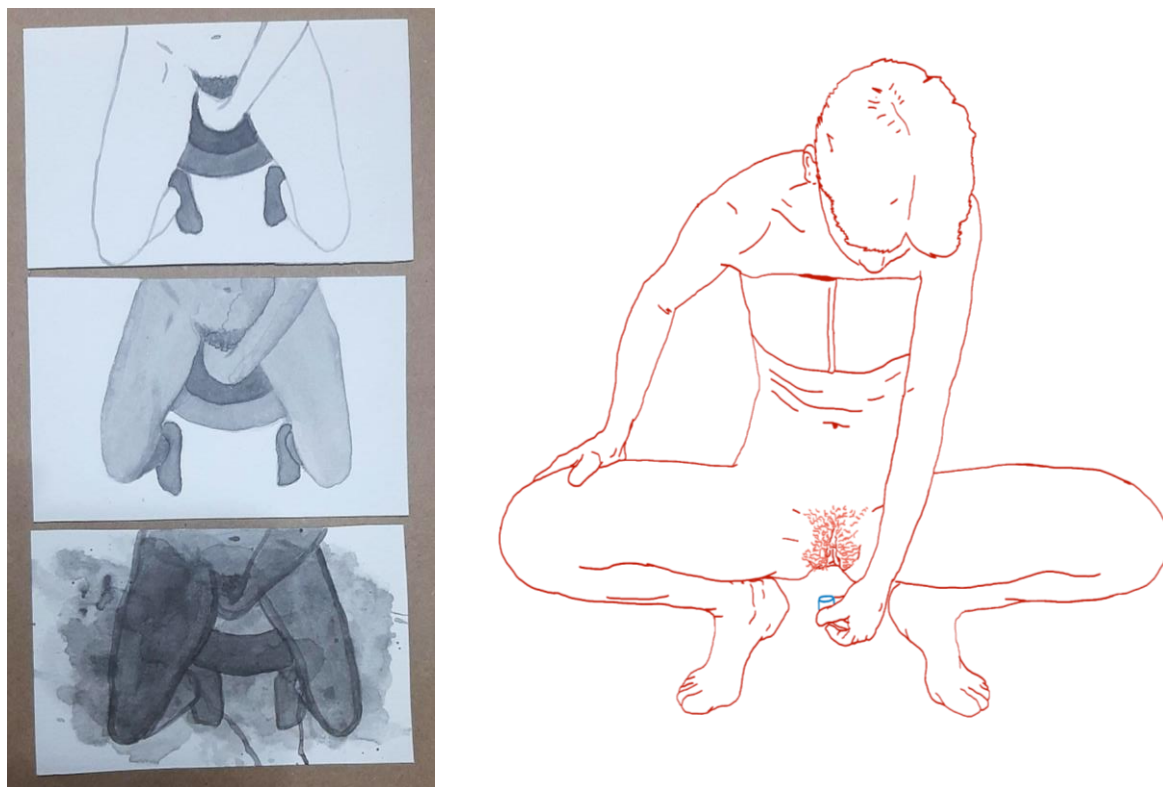


Figura 32 e Figura 33 - Tecnogestos da realização de testes caseiros em nanquim e caneta digital. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

É interessante observar como diferentes tipos de testes de gravidez caseiros - e suas diferentes materialidades e capacidades tecnológicas - apresentam maiores ou menores subjetividades e certezas na leitura de seus resultados, fazendo também com que as tentantes, parceiras e parceiros acessem/interajam mais ou menos esta rede de saberes e “especialistas” amadores. Ainda nesse sentido, as publicações desse tipo e interações agenciadas por elas compartilham dúvidas e indicações acerca de quais tipos de testes utilizar e seus níveis de eficácia.

Em um pequeno grupo de interações, que caracterizei como “consultas”, as “tentantes” já grávidas e/ou suas parceiras buscam por informações e relatos de experiências de outras mães de IC acerca de sintomas comuns (ou não) durante a gravidez ou, ainda, sobre amamentação de seus bebês. Há, inclusive, postagens deste tipo nas quais são pedidas e dadas dicas do que tomar quando se é a mãe que não engravidou e se quer estimular a amamentação, de modo que essa função possa ser compartilhada entre ambas as mães.

Mais um subgrupo de publicações relacionadas às “Técnicas, consultas e saberes” são aquelas que buscam e fornecem informações e discussões acerca de aspectos jurídicos e legais

da inseminação caseira, sendo presentes em 23 publicações, o que significa 13% das postagens desta categoria (Ver Quadro IV- 13, do Anexo IV). Os principais tópicos discutidos neste tipo de postagem estão relacionados aos aspectos legais ligados à inseminação caseira, especialmente as inseminações caseiras feitas por casais de mulheres lésbicas e seus processos de busca pelo registro de dupla maternidade na certidão de seus filhos gerados por IC. Muitas das postagens são de advogadas que compartilham informações e dicas sobre como navegar pelos processos legais envolvidos, especialmente duas advogadas muito atuantes nos grupos digitais, ambas mulheres lésbicas/sapatonas bastante vocais com relação a causas voltadas para as maternidades lésbicas/sapatonas nesses grupos, e também em seus perfis pessoais⁵².

Há, deste modo, muitas perguntas sobre como registrar o bebê com o nome das duas mães e sobre como encontrar advogados que possam ajudar nesse processo. Outras publicações, por sua vez, também oferecem mentoria e atendimento pro bono para casais LGBTQIA+ que precisam de ajuda para dar andamento em seus processos e entenderem os aspectos legais da inseminação caseira, além de discussões acerca da validade e os modos de se fazer um contrato com o doador para evitar problemas futuros com a paternidade.

Outro conjunto de postagens que me interessa especialmente e que também compõe essa categoria (17 postagens, 9% da categoria) se relaciona aos materiais e técnicas tecnocorporais da inseminação caseira em si (Ver Quadro IV- 14, do Anexo IV). Muitas das postagens expressam dúvidas e perguntas sobre como realizar o procedimento de inseminação caseira, incluindo quais materiais usar e como usá-los. Em resposta, tentantes e doadores compartilham suas experiências com diferentes técnicas de inseminação caseira e oferecem dicas e conselhos.

⁵² Uma dessas advogadas faleceu em junho de 2023. Seu perfil no Facebook, entretanto, continua ativo e participativo nos grupos de inseminação caseira, sendo ele agora administrado por outras advogadas. Atualmente, também, outras advogadas vem aparecendo cada vez mais nos grupos, todas autodeclaradas mulheres lésbicas e especializadas em duplo registro, uma delas inclusive mãe de uma criança gerada por meio de inseminação caseira, com sua parceira.

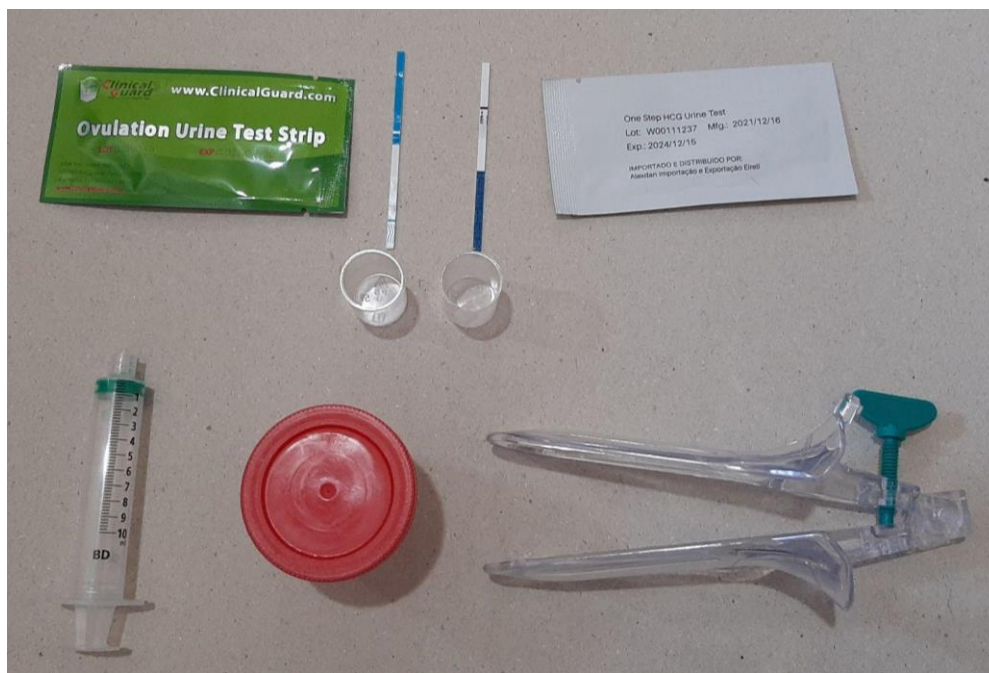


Figura 34 - Conjunto de tecnomaterialidades da inseminação caseira, incluindo seringa, pote coletor, espéculo, teste de ovulação e teste de gravidez de tira. Elaborado pela autora, 2023.

Perguntam, por exemplo: qual a melhor seringa para usar no procedimento; onde comprar os materiais a serem utilizados; se é possível usar um extensor na seringa, como uma sonda; dúvidas sobre o uso (ou não) do espéculo e quais tipos (em geral o indicado é que, se for utilizado, o espéculo seja descartável e de plástico, podendo ser comprado em farmácias); perguntas e indicações sobre a técnica de deixar as pernas esticadas para cima após a inseminação e sua eficácia; e, ainda, pedem vídeos e imagens que ilustrem a técnica de inseminação em si e o manejo de seus agentes materiais (seringas, potes coletores, espéculos e afins).⁵³

Algumas disputas em torno dessas materialidades são também geradas e/ou trazidas nos e para os grupos digitais, em publicações e comentários dessa categoria. Dentre elas, por exemplo, estão as postagens que trazem dúvidas ou opiniões acerca do uso (ou não) do espéculo (em geral o indicado é que, se for utilizado, ele seja descartável e de plástico, podendo ser comprado em farmácias). Dentro do meu recorte, por exemplo, a maior parte das tentantes comenta que não utilizou essa tecnologia ou que, se tentou, causou desconforto, mas há também aquelas que dizem ter utilizado, terem tido boa experiência e com ele conseguido seu positivo. Entre os doadores, por sua vez, também são divididas as opiniões, mas estão entre eles aqueles

⁵³ Vídeos com este objetivo existem, de fato, na internet, especialmente em canais de Youtube e TikTok, como “Um vlog para duas”, “Somos Mães de 2”, “ANGELS”, “Canal Pimenta Cereja e Mãe Só Tem DUAS” (ambos da mesma pessoa), “Filhodasmães”, “Karine e Késia”, “Sandy Nunes” e, especialmente, “Mamães e Filhos Filhos” e “Inseminação Caseira Amor ao Próximo”.

que são árdios defensores do uso do espéculo como técnica imprescindível para o positivo. Com menos força, mas também aqui entram algumas indicações acerca do uso de catéter que, assim como o espéculo, serviria teoricamente para injetar o esperma o mais perto possível do útero. Há alguns poucos doadores, inclusive, que estabelecem seus “próprios métodos”, intitulado-os com seus nomes pessoais, por exemplo, a partir do uso de uma combinação desses diferentes materiais.

Outros pontos de disputa que, no meu ponto de vista, são especialmente interessantes giram em torno da transparência e do caráter “medidor” das seringas e potes coletores, dois aspectos bastante fundamentais da constituição identitária dessas duas materialidades. Digo isso, pois há, por exemplo, diferentes posições acerca: do tamanho ideal de uma seringa para realização de ICs, considerando um equilíbrio entre “eficácia” e “conforto/desconforto” no uso (sendo as mais recomendadas aquelas de 5ml ou 10ml); a quantidade necessária de sêmen e a “qualidade” visual do esperma; e, ainda, um debate em torno da necessidade de “envolpar” ou não a seringa e o pote para preservar o esperma no escuro, sendo que esse procedimento consiste em passar fita isolante em torno desses materiais, para cobrir sua transparência e passagem de luz. Esse último ponto, em especial, é alvo de críticas e suspeitas. Muitos doadores apontam para a necessidade de embalar a seringa e o pote para evitar a exposição do sêmen à luz, mas há também aqueles que questionam a real intenção desse ato. Um exemplo é um doador que entrevistei, que mencionou casos em que

“tem doador que fala que tem que colocar, por exemplo, fita preta em volta da seringa, pra evitar a exposição do sêmen com a luz. Só que a maioria dos que fazem isso é só pra não deixar a tentante ver o que tem dentro, pra tentar enganar, às vezes nem tem nada, já vi algumas denúncias desse tipo. Mas isso aí é os caras que tão interessados em dinheiro só né, porque só o escuro (o ambiente escuro) já é suficiente, já serve.’ Isso revela a tensão entre a prática de assegurar condições ideais para o sêmen e a potencial manipulação de expectativas e confiança por parte de alguns doadores, levantando questões éticas sobre o controle do processo e a veracidade dos procedimentos.” (Entrevista com o Doador 1, 2022).

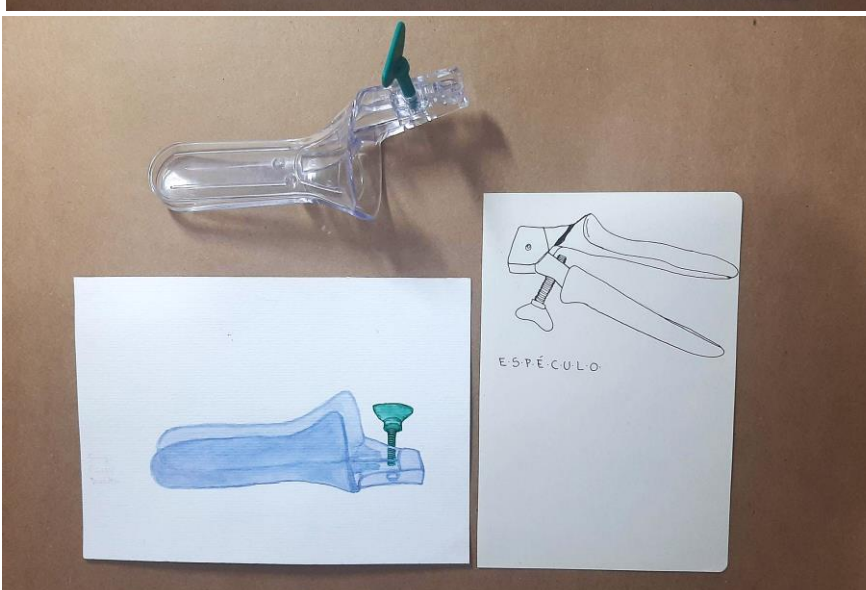
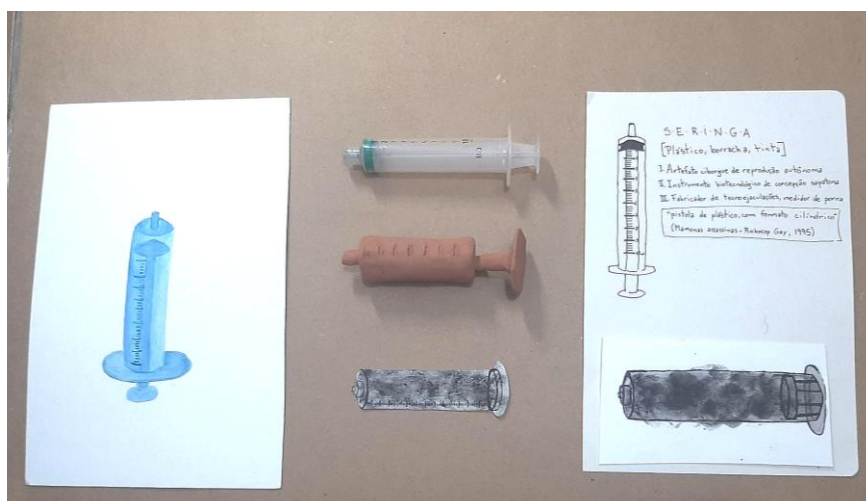


Figura 35 - Experimentações com a seringa em diferentes suportes e materiais. /

Figura 36 - Experimentações com o pote coletor em diferentes suportes e materiais. /

Figura 37 - Experimentações com o espéculo descartável em diferentes suportes e materiais. Fonte: Elaborados pela autora, 2022 e 2023.

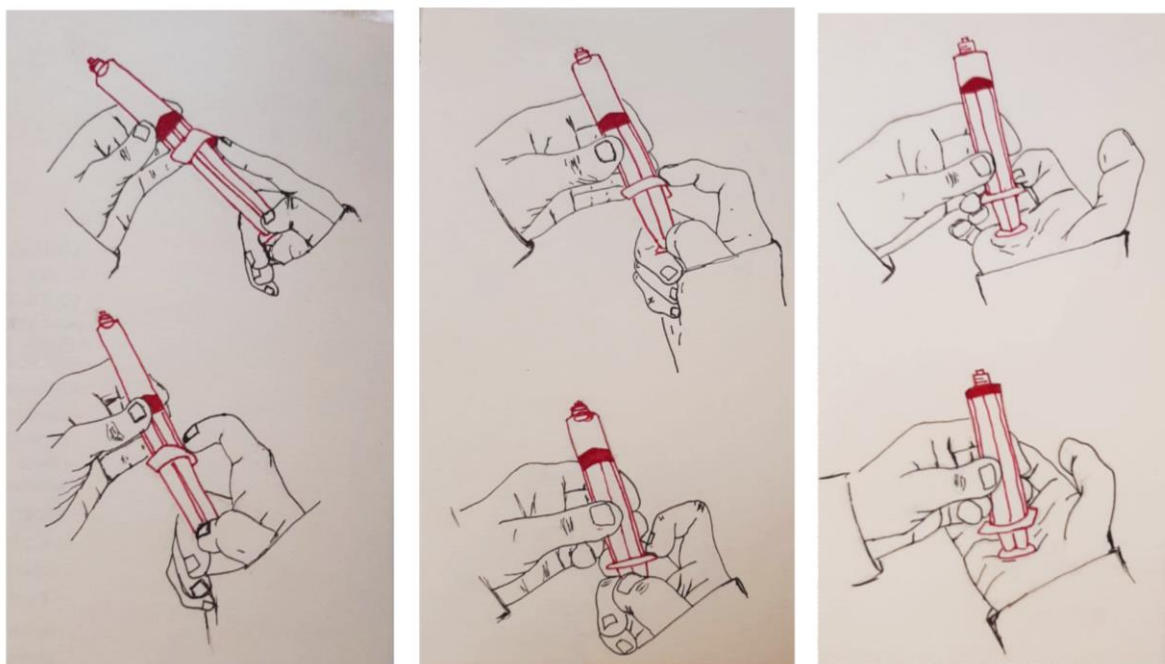


Figura 38 - Tecno-gestos das inseminações caseiras e lesboinseminações. Elaborado pelo autor, 2022.

Menos frequentes (14 postagens, 7% da categoria⁵⁴), estão as publicações voltadas para discussões e trocas a respeito de remédios, hormônios, tratamentos e cuidados com o corpo (da tentante e do doador) para uma “boa inseminação caseira”, ou seja, com chances altas de positivo. Muitas das postagens expressam dúvidas e perguntas sobre como preparar o corpo para a inseminação caseira e quais alimentos, medicamentos ou suplementos podem ser úteis na potencialização da fertilidade, como Clomid, progesterona, injeção de ovidrel, ovitrelle e ácido fólico, tal como as dosagens adequadas destas substâncias.

Há também muitas dicas e conselhos, vindas especialmente de doadores, sobre como manter um estilo de vida saudável e um “corpo fértil”, para aumentar as chances de engravidar. Este tipo de postagem, por sua vez, ocorre apenas no Grupo B que, como venho defendendo aqui, me parece ser aquele onde doadores têm mais espaço e liberdade para serem agentes ativos (ou mais ativos) na construção coletiva de saberes e cuidados com os corpos e processos de inseminação caseira. Algumas publicações neste formato recomendam práticas e cuidados amplamente aceitos como, por exemplo: tomar vacina contra rubéola; “otimizar” e acompanhar com médico a saúde vaginal da tentante; utilizar apenas lubrificantes de pH neutro na inseminação, que são os únicos inofensivos aos espermatozoides; se alimentarem de forma saudável, com diversidade de vitaminas e nutrientes; evitar certos alimentos e bebidas, como

⁵⁴ Ver Quadro IV- 15, do Anexo IV.

ovo e peixe cru, produtos lácteos não pasteurizados, fígado e legumes não lavados, de modo a evitar possíveis problemas de saúde como salmonella, listeria e toxoplasmose; tomar ácido fólico; interromper o uso de substâncias como álcool, drogas e nicotina.

Outras publicações, por sua vez, dão dicas que parecem ser mais embasadas em crenças pessoais e morais desses doadores. A já mencionada maior atuação dos doadores no Grupo B parece lhes conferir, assim, uma certa liberdade para adentrar e opinar abertamente sobre os processos e corpos de tentantes, fazendo-lhes juízos de valor e atribuindo-lhes culpa e responsabilidade sobre seus resultados positivos ou negativos. É o caso de, por exemplo, defenderem que manter-se “em forma” e com “um peso saudável” poderia aumentar as chances de gravidez de uma tentante, ou ainda, defendendo que as tentantes “não podem ser preguiçosas” e não pesquisarem por si próprias acerca de seus ciclos, que precisam ter persistência e disciplina “sem desculpas”.

Outro subgrupo dentro da categoria de “Técnicas, consultas e saberes” (Ver Quadro IV-16, do Anexo IV) são dúvidas, relatos e dicas sobre aspectos “dificultadores” da inseminação caseira e da gravidez, especialmente a SOP (síndrome do ovário policístico). Muitas das postagens se constroem a partir de perguntas acerca de como lidar com a SOP na busca por uma gravidez por inseminação caseira, se é necessário tratamento para regular a menstruação antes de fazer IC e, especialmente, buscam por casos de positivos cujas tentantes também tinham a Síndrome, de modo a confortar aquelas que buscam ajuda pelas publicações e validar sua busca como algo possível, além de encontrarem maneiras de “remediar” as dificuldades que a SOP pode trazer para a conquista de um “positivo”.

Ainda nessa senta, mas menos frequentes, há também publicações com perguntas sobre como lidar com outras condições que podem dificultar a gravidez, como miomas e diabetes, por exemplo, as quais são respondidas por tentantes que compartilham suas experiências e oferecem dicas e conselhos para outras tentantes.

Há, também, aquelas postagens que se centram no compartilhamento de dúvidas e resultados (cujas imagens incorporadas às publicações materializam) de exames médicos, feitos tanto por doadores, quanto por tentantes, e que são frequentemente apontados nos grupos enquanto indispensáveis para realização de inseminações caseiras mais seguras. É interessante notar, entretanto, que por mais que este tema, quando abordado, seja sempre tratado em tom de obrigatoriedade dos exames para realização de ICs - especialmente os exames de ISTs para doadores - pouco se fala deles nas publicações em si, em ambos os grupos. Este fato se desenha, por exemplo, quando observamos que apenas 9 postagens (4,8% da categoria) são focadas nessa temática (Ver Quadro IV- 17, do Anexo IV). É possível - e algumas das entrevistas com

doadores que realizei parecem confirmar isso - que esse seja um dos tópicos reservados aos espaços de troca direta entre doador e tentante, os espaços do “privado”, onde os detalhes das interações não-digitais e da inseminação em si são discutidos entre as várias partes.

As postagens que se centram nesses aspectos, buscam em especial saber quais exames são necessários para realizar uma inseminação caseira segura e encontrar maneiras de garantir a saúde do doador, da tentante e das possíveis crianças geradas através dessas inseminações caseiras. As tentantes e (alguns poucos) doadores, por meio dessas publicações, procuram tirar dúvidas como: quais exames são necessários para tentantes antes de começar a IC, como é o preparo para eles e como foi o acompanhamento médico nesse processo; como interpretar os resultados; quais exames são necessários de pedir para doadores, citando por exemplo o espermograma e exames de ISTs sorologia ou teste rápido; além de perguntas sobre a confiabilidade dos exames feitos pelos doadores.

Os debates sobre exames se conectam diretamente ao último elemento que discutirei aqui, que é a questão dos custos e dos produtos envolvidos nas inseminações caseiras, especialmente quando doadores mencionam a necessidade de ajuda financeira para cobrir esses procedimentos médicos. Como indicado em um episódio do podcast da Rádio Novelo Apresenta (2023),

“Branca Vianna: [...] apesar de não ser recomendada pelos médicos, não é proibida aqui no Brasil.

Ana Pinho: Ela vive num limbo. Ela não é nem proibida nem regulamentada. Ela existe.

Branca Vianna: O que é proibido por aqui é vender qualquer tipo de material biológico humano. Isso inclui, claro, vender óvulo e sêmen. Só pode fazer doação. Então, pelo menos em teoria, as negociações que rolam nesses grupos de Facebook envolvem só uma ajuda de custo, pro doador do sêmen ir se encontrar com a pessoa que quer engravidar.

Ana Pinho: Uma passagem de ônibus, uma estadia numa pousada, alguma coisa assim...

Branca Vianna: O produto é grátis. O frete, nem sempre.” (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p. 13)

Embora pouco expressiva em meu recorte (Ver Quadro IV- 18, do Anexo IV), a questão da cobrança por doação de sêmen é recorrente nos grupos dedicados à inseminação caseira e provoca discussões intensas, refletindo uma variedade de experiências e perspectivas entre doadores e tentantes. As postagens demonstram uma preocupação constante das tentantes em compreender as práticas comuns, especialmente aquelas que chegam aos grupos sem conhecimento prévio sobre o funcionamento desses processos.

A discussão sobre a cobrança envolve um dilema entre o ideal de uma doação altruísta, sem qualquer forma de pagamento além dos custos essenciais, e a realidade prática enfrentada por muitos doadores, que sentem a necessidade de alguma compensação para cobrir suas despesas. Em muitas interações, prevalece a ideia de que a doação em si não deve envolver

cobrança direta pelo sêmen, mas é considerado justo solicitar "ajuda de custo" para despesas como locomoção, hospedagem, suplementação e exames. A questão do pagamento pelo deslocamento parece ser amplamente aceita, mas outras despesas geram opiniões divergentes.

Alguns doadores argumentam que é razoável repassar esses custos, considerando os desafios logísticos e financeiros envolvidos, enquanto outras tentantes veem qualquer cobrança adicional como uma venda disfarçada de sêmen, o que descaracterizaria o ato de doar e poderia configurar crime. Essa perspectiva é reforçada por muitas tentantes e moderadores, que insistem que a doação deve ser voluntária e altruísta, sem intenção de lucro. Por outro lado, uma minoria expressa frustração com as dificuldades do processo e sugere que uma cobrança formal e regulamentada poderia tornar as experiências menos desgastantes. No entanto, a maioria dos participantes defende a gratuidade como princípio fundamental, alertando para o perigo de transformar a prática em transação comercial, o que poderia violar a confiança e a solidariedade que sustentam essas comunidades.

As discussões também evidenciam a preocupação com "aproveitadores" que tentam lucrar, cobrando valores excessivos e distorcendo a prática da doação. Há uma vigilância ativa para identificar e excluir esses indivíduos, como demonstrado em várias publicações onde doadores que tentaram cobrar foram denunciados e removidos dos grupos. As noções sobre o que constitui uma "ajuda de custo" legítima são complexas e revelam diferentes entendimentos sobre o papel do doador. Enquanto alguns defendem a cobertura de custos relacionados à suplementação e exames, outros alertam para a linha tênue entre o ressarcimento justo e a cobrança abusiva, especialmente em relação ao deslocamento e hospedagem.

Em última análise, as discussões nos grupos revelam uma rede complexa de expectativas e valores, onde a prática de inseminação caseira é mediada por noções de justiça, reciprocidade e legalidade. As tensões entre a necessidade de cobertura de custos e a ética do altruísmo mostram que, embora os grupos compartilhem um objetivo comum, as interpretações sobre como alcançá-lo variam consideravelmente, refletindo a diversidade de experiências e posicionamentos dentro dessas comunidades.

Nos grupos digitais estudados, muitas tentantes compartilham informações sobre produtos que podem ajudar na fertilidade, acompanhadas de imagens de seus próprios conjuntos de materiais de inseminação caseira. Esses conjuntos geralmente incluem testes de ovulação e de gravidez, suplementos, lubrificantes, seringas, potes coletores e outros itens necessários para o processo. Além disso, no grupo em geral (extrapolando meu recorte mapeado), há frequentes pedidos de indicações de materiais utilizados na inseminação, como seringas e espêculos, com um foco especial nos testes de ovulação e de gravidez. As tentantes questionam sobre as

melhores marcas, modelos, locais de compra, preços, custo-benefício, confiabilidade e eficácia desses produtos, como exemplificado em perguntas do tipo: "Preciso de indicações marcas de testes de ovulação bons e em conta" ou "Alguém sabe dizer onde ou quem vende testes de ovulação e de gravidez?". Há, também, as publicações em que tentantes e doadores anunciam a venda ou pedem indicações de onde comprar de “kits de inseminação caseira”, que em geral contam com uma seringa, um pote coletor e diferentes quantidades de testes e gravidez e ovulação combinados, sendo que alguns poucos incluem espécies, catéteres e lubrificantes próprios para concepção. Entretanto, na maioria das interações com essas publicações, boa parte das respostas indicam que comprar os itens separadamente, em farmácias locais e sites de material médico (que foram as minhas escolhas para as experimentações que realizei, por exemplo), sai muito mais em conta e “o resultado é o mesmo”.

Outras publicações desse tipo mencionam também produtos ou marcas específicas, com as tentantes pedindo relatos de experiências e avaliações de outras usuárias. Essas respostas não se limitam a simples avaliações, mas incluem comparações entre diferentes marcas, links para compra e estimativas de preços. Vale notar que as opiniões sobre esses produtos raramente são unânimes entre as tentantes. Além das discussões, o grupo também é um espaço para a divulgação de propagandas e ofertas de kits e promoções específicas, muitas vezes acompanhadas de imagens dos produtos anunciados.

Entre os produtos mencionados nas postagens analisadas, destacam-se os testes de ovulação da marca "Teste on Step" (internacional, mas disponível em lojas online brasileiras como o Mercado Livre), os testes de ovulação da marca ClearBlue (tanto em versão de fita quanto digitais) e, especialmente, os testes de ovulação e de gravidez da marca Famivita. Um dos produtos da Famivita, o Spermifica, foi especificamente discutido, com tentantes perguntando se outras já o haviam experimentado, ao que receberam respostas com "up", indicando interesse na continuidade da discussão.



Figura 39 - Imagens do produto SpermiFica. Fonte: Famivita, 2022.

O SpermiFica é descrito no site da Famivita como "O auxiliar para concepção que mantém o espermatozoide perto do colo do útero após a relação sexual" (Famivita, sem data, online). O produto é semelhante a um diafragma, mas com um formato adaptado⁵⁵, como mostra a Figura 39, acima.

Além dos testes e do SpermiFica, a Famivita é um agente externo amplamente presente nas interações dos grupos digitais analisados. A marca é talvez o maior exemplo brasileiro de produtos voltados especificamente para "tentantes" e suas dinâmicas reprodutivas. Na seção "Sobre" do site da marca, apresenta-se a seguinte descrição:

"Iniciada em 2012, como um blog sobre os 7 anos de tentativas da nossa Patrícia Amorim, ajudamos mais de 2 milhões de mulheres, todo mês, na jornada até a maternidade. Usando uma abordagem holística, criamos soluções que combinam informações com produtos inovadores, acompanhamento profissional, exames domiciliares e cursos online para garantir sua fertilidade e gestações saudáveis. [...] A Famivita nasceu de um momento-chave: o encontro da Patrícia Amorim com os alemães Franz Geissler e Sebastian Sommer. Surgiria, assim, em meados de 2012, o portal "Trocando Fraldas" – agora chamado "Famivita Conteúdos". Foi esta iniciativa que deu origem ao desenvolvimento de produtos e serviços para tentantes, em parceria com médicos e outros especialistas, a partir de 2016" (Famivita, sem data, online).

A seguir listo alguns dos produtos da marca Famivita, dentre eles, quase todos indicados ou questionados em outras publicações do grupo fora do meu recorte:

- Para o preparo do corpo: FamiPré (vitamina para engravidar), FamiUp (Suplemento alimentar para o doador), Cápsulas de Inhames da Famivita e Maca Peruana da Famivita⁵⁶.

⁵⁵ O produto é vendido no site da marca por R\$ 69,90. Valor em agosto de 2024.

⁵⁶ FamiPré, FamiUp e Cápsulas de Inhame, vendidos no site da marca por R\$54,90 e Maca Peruana da Famivita, vendida a R\$ 59,90. Valores em agosto de 2024.

- Para testar a fertilidade e a gravidez de forma caseira: Testes de ovulação e de gravidez da Famivita são muito citados nos grupos. São 3 tipos de testes da marca: Teste de Ovulação Famivita, Teste de gravidez Famivita e Teste de fertilidade masculina Famivita⁵⁷.
- Para realização da inseminação em si (por método seringa e/ou “natural”): o termômetro basal Famivita, o FamiGel (lubrificante íntimo com pH Neutro) e os aplicadores vaginais para lubrificante íntimo Famivita⁵⁸.

Embora a Famivita seja uma marca amplamente discutida, há outras marcas e produtos voltados para a reprodução e administração caseira de ciclos, remédios e suplementos. Entre os produtos citados nos grupos estão medicamentos para estimular a ovulação, como letrozol e indux, além de suplementos como Effective Endo Smartcare para tratamento de endometriose, Clomide, Fertilcaps, Conceive Plus (Sasmar - 30ml), FemiFert e Endofolin 5mg (ácido fólico - 30 comprimidos). Também são mencionados testes de ovulação e de fertilidade de marcas como ClearBlue, Dauf Lh, Fast Test (Cepalab) e Confirme, além de testes de gravidez das marcas Fast Test e ClearBlue. Produtos naturais industrializados, como Maca Peruana e Elix & Inhame Goulart (elixir de inhame com suplemento de vitamina C), também aparecem nas discussões, junto com lubrificantes específicos para fertilidade, como o Fertility Lubrificant.

⁵⁷Também vendidos no site da marca: Teste de Ovulação Famivita (R\$29,90 por 5 testes), Teste de gravidez Famivita (5 tiras por R\$19,90) e Teste de fertilidade masculina Famivita (59,90 por 1 teste). Valores em agosto de 2024.

⁵⁸Termômetro basal Famivita (R\$69,90), FamiGel (R\$74,90 por 30g) e aplicadores vaginais para lubrificante íntimo Famivita (R\$ 17,90 o pacote). Valores em agosto de 2024.

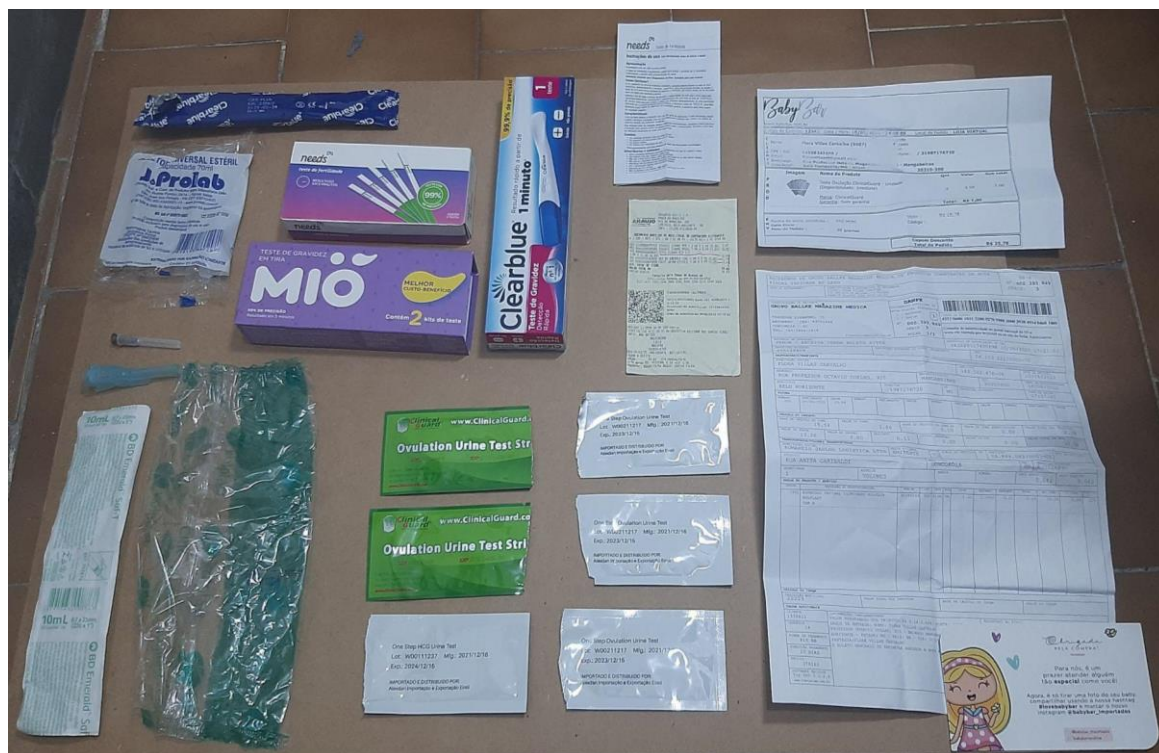


Figura 40 - Materialidades mercadológicas da IC: embalagens e notas fiscais dos produtos comprados para experimentações. Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

É importante ressaltar que embora a Famivita e essas outras marcas e sites de vendas comercializem produtos frequentemente apropriados e consumidos nos/pelos contextos de inseminação caseira, elas não produzem nenhum tipo de produto que seja especificamente voltado e adaptado para essas práticas. Digo isso, pois me chamou atenção, pesquisando na internet sobre materialidades e ICs, descobrir que no exterior (especialmente nos Estados Unidos), já existem diversos produtos e mesmo marcas construídas em torno dessas práticas e voltados para esses públicos, explorando o viés de mercado criado pelo uso de práticas reprodutivas em contextos não-médicos. Dentre eles, cito por exemplo a marca Mosie Baby (citada em algumas publicações dos grupos, inclusive) que criou toda uma linha de produtos e kits específicos para essas práticas. De acordo com o site dessa iniciativa:

"Mosie Baby criou o mercado de inseminação caseira em 2015 com o lançamento do inovador kit de inseminação caseira Mosie Baby. Maureen e seu marido, Marc, criaram o Mosie após enfrentarem dificuldades com infertilidade inexplicada e são pais do primeiro Mosie Baby, nascido em 2016. Desde então, Mosie Baby ajudou mais de 100.000 pessoas em seu caminho para a parentalidade, oferecendo-lhes uma opção acessível de inseminação em casa. Na Mosie Baby, estamos comprometidos em capacitar as pessoas com as ferramentas necessárias para formar sua família de acordo com seus próprios termos e em celebrar as diversas definições do que significa ser uma Família Mosie." (Mosie Baby, 2022, sem página).

De seus produtos, um exemplo são as “seringas de inseminação mosie”, o “pote coletor mosie” (ambos não vendidos separadamente) e o “kit básico” chamado “The Mosie Baby Kit for Home

Insemination”, vendido por 99 dólares \$99, que inclui duas das “seringas adaptadas” e dois potes coletores.



Figura 41 - imagens de alguns dos produtos da marca The Mosie Baby. Fonte: The Mosie Baby, 2017.

Além da Mosie Baby, outras marcas também produziram produtos específicos para inseminação caseira, esses, inclusive, com design e funções voltadas para também desempenharem um papel de “brinquedos sexuais”, dois deles especificamente divulgados como produzidos para a comunidade lésbica, sendo eles: o WAY e o Project Aidn⁵⁹.

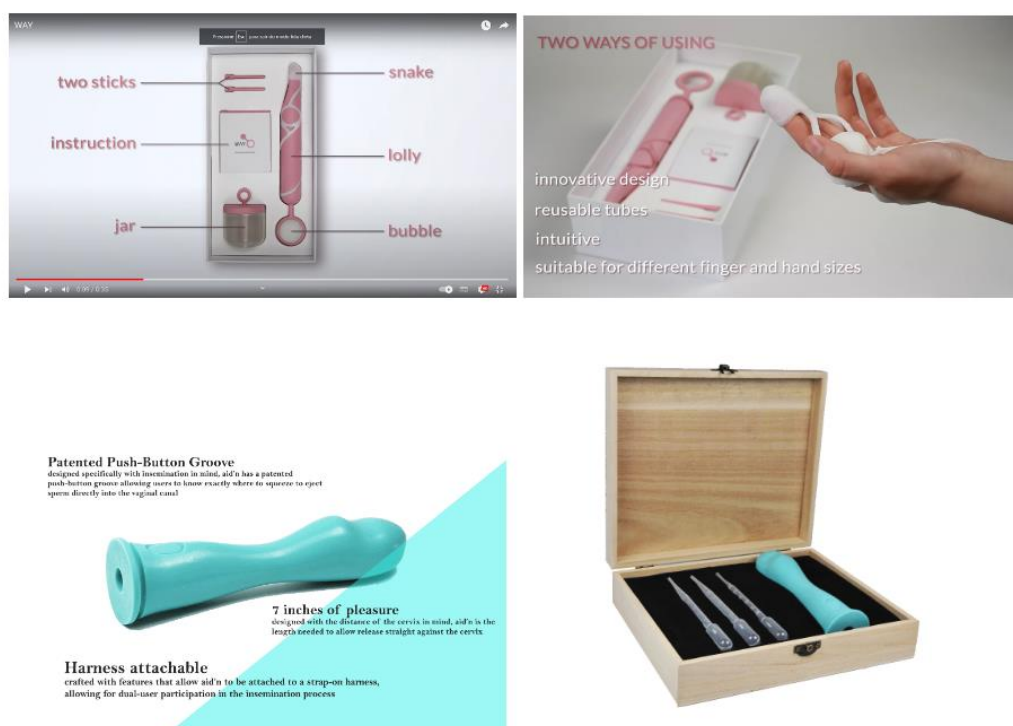


Figura 42 - Colagem de imagens promocionais dos produtos WAY (acima) e Project Aidn (abaixo). Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

⁵⁹ Disponíveis em: <https://wevux.com/way-kamila-rudnicka0059510/> (WAY) e <https://projectaidn.com/> (Project Aidn)

Analisando todos esses produtos e as peculiaridades materiais que eles trazem como adaptações dos mecanismos inseminadores de objetos como as seringas, inclusive pensando suas interações com corpos e dinâmicas sexuais lésbicas, me propus a experimentar artisticamente com elas e na criação de outras possibilidades de materialidades desse tipo.

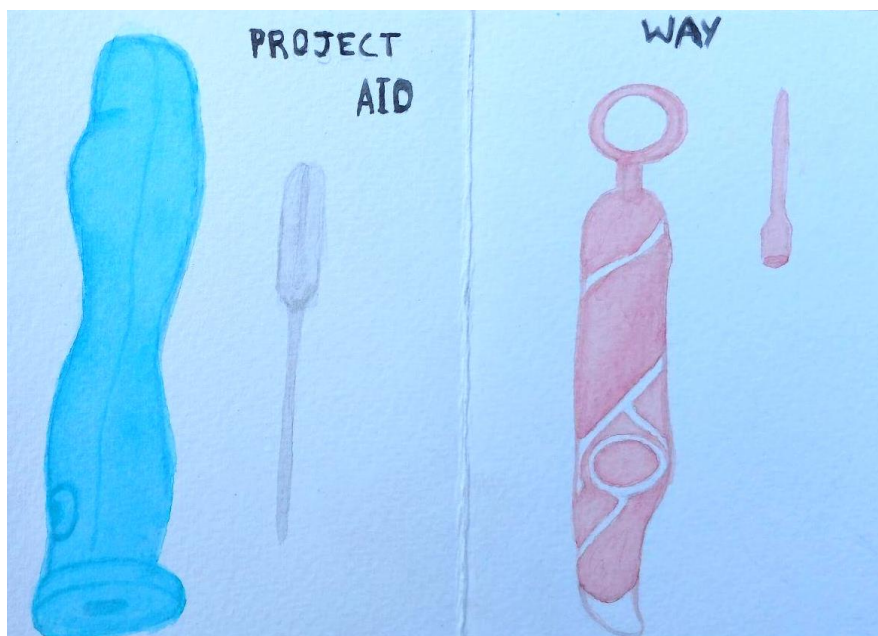


Figura 43 - Pinturas em aquarela dos produtos WAY e o Project Aidn. Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Desenvolvi essas experimentações através da pintura e da modelagem 3D e com cerâmica, explorando como cada uma dessas diferentes formas de produção (e os limites de minha habilidade de criar com cada uma delas) para desenvolver novas possibilidades e características para esses artefatos criados que apresento a seguir.



Figura 44 - Criações cerâmicas de materialidades inseminadoras lésbicas e caseiras: dildo-seringa, dedo-seringa, pote coletor vaginal. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

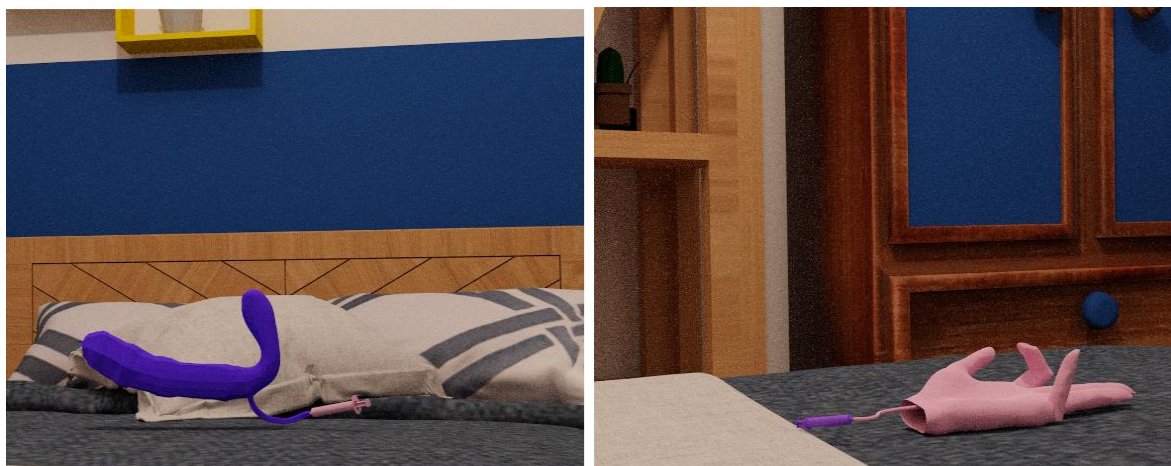


Figura 45 - Criações em modelagem 3D de materialidades inseminadoras lésbicas e caseiras: dildo duplo com seringa, luva-seringa. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Por fim, para que se tenha uma ideia dos custos de parte desses agentes-produtos, compartilho um trecho de meu caderno de campo das experimentações corporais e imagéticas que realizei com as técnicas de inseminação caseira:

[...] é muito comum dizermos que os custos da IC são “quase nulos”, especialmente ao contrastar esse método conceitual às práticas de reprodução assistida em clínicas privadas, onde os custos dos procedimentos são extremamente altos. Quase nulos, no entanto, não é a mesma coisa que nada. A inseminação caseira tem sim seus custos monetários que, apesar de baixos nesta comparação à RA, implicam necessariamente em uma transação comercial, mercadológica. No total, meu custo com todos os materiais que comprei custaram R\$ 202,35, distribuídos em duas levadas. Na primeira, realizei quatro diferentes compras, em quatro estabelecimentos diferentes, sendo que em dois deles estive presencialmente e outros dois através de compras online. Nelas comprei os elementos do “kit básico” da inseminação caseira - seringa, pote coletor, teste de ovulação, teste de gravidez - e um espécule, para realizar minhas próprias experimentações com o método seringa. Na segunda leva, alguns meses depois, fui presencialmente a duas farmácias próximas de minha casa, no centro de Belo Horizonte, onde comprei diferentes tipos de testes de gravidez disponíveis nesses lugares (todos eles também utilizados e compartilhados em imagens nos grupos).

PRIMEIRA LEVA:

DROGARIA ARAÚJO (PRESENCIAL)

- TESTE PARA GRAVIDEZ EM TIRA MIÓ (MARCA DA ARAÚJO) - 2

UNIDADES = R\$ 12,99

- SERINGA BD ESMERALD SAF-T - 1 UNIDADE - 10ML = R\$ 5,79

- COLETOR UNIVERSAL ESTÉRIL J.PROBLAB - 70ML = R\$ 3,49

TESTE PARA GRAVIDEZ MIÓ CANETA - 2 UNIDADES = R\$ 16,99

TESTE DE GRAVIDEZ DIGITAL CLEARBLUE (COM INDICADOR DE SEMANAS) - 1 UNIDADE = R\$ 46,49

TESTE DE GRAVIDEZ DE GRAVIDEZ CLEARBLUE (DETECÇÃO RÁPIDA - 1 UNIDADE = 14,99

SITE BABY BAR (ONLINE)

- TESTE DE OVULAÇÃO CLINICALGUARD - 1 UNIDADE POR
 EMBALAGEM (COMPRI DUAS) = R\$ 3,50 (UN) + R\$ 18,78 (FRETE) =
 TOTAL R\$ 25,78

SITE MAGAZINE MÉDICA .COM (ONLINE)

- ESPÉCULO VAGINAL ILUMINADO KOLPLUX KOLPLAST (M) = R\$
 2,39 (UN) + R\$ 13,26 (FRETE) = R\$ 15,54

DROGA RAIA (PRESENCIAL)

TESTE DE FERTILIDADE NEEDS - 5 UNIDADES DE TESTES NA CAIXA
 = R\$ 49,39
 TESTE DE GRAVIDEZ NEEDS EM TIRA (RESULTADO 4 DIAS ANTES)- 1
 UNIDADE = 10,90

TOTAL = R\$ 112,98

SEGUNDA LEVA**DROGARIA ARAÚJO (PRESENCIAL)**

TESTE PARA GRAVIDEZ MIÓ CANETA - 2 UNIDADES = R\$ 16,99
 TESTE DE GRAVIDEZ DIGITAL CLEARBLUE (COM INDICADOR DE
 SEMANAS) - 1 UNIDADE = R\$ 46,49
 TESTE DE GRAVIDEZ DE GRAVIDEZ CLEARBLUE (DETECÇÃO
 RÁPIDA - 1 UNIDADE = 14,99

DROGASIL (PRESENCIAL)

TESTE DE GRAVIDEZ NEEDS EM TIRA (RESULTADO 4 DIAS ANTES)- 1
 UNIDADE = 10,90

TOTAL = R\$ 89,37

Encerrando por enquanto as discussões acerca dessa categoria de “Técnicas, consultas e saberes”, penso ser produtivo recuperar o conceito de “saber-poder” de Michel Foucault. Esta é uma ideia importante em seu pensamento, explorada principalmente em obras como "Vigiar e Punir" (1975), no qual Foucault argumenta que o poder e o saber não são entidades separadas, mas estão intimamente conectados e se reforçam mutuamente, interligados em uma relação que

molda e controla a sociedade. Para ele, o poder não apenas controla o conhecimento, mas também o produz. Esse saber-poder não é apenas exercido por autoridades políticas ou legais, mas está presente em diversas instituições e práticas sociais, como a medicina, a psiquiatria, a educação e o sistema penal. O saber-poder opera através de discursos que normatizam comportamentos e produzem sujeitos.

Foucault aplica o conceito de saber-poder ao campo médico, especialmente na sua obra "Nascimento da Clínica" (1963) e "História da Sexualidade". Ele argumenta que a Medicina, como instituição, não é apenas um campo neutro de saber, mas é também uma poderosa máquina de normalização social, uma das principais fontes de definição do que é considerado "normal" ou "patológico". Através de práticas médicas, a Medicina exerce poder sobre os corpos, disciplinando-os e moldando-os de acordo com certos ideais de saúde, higiene e eficiência. Foucault descreve como, a partir do século XVIII, os corpos foram cada vez mais medicalizados e submetidos a uma vigilância constante, seja por meio de exames médicos, tratamentos ou intervenções cirúrgicas. Esse controle sobre os corpos é uma manifestação do saber-poder e produz discursos que são considerados verdadeiros. Esses discursos não apenas descrevem a realidade, mas também a constroem, ao definir o que é considerado saúde, doença, risco e cura. O conceito de saber-poder também está intimamente relacionado ao de biopoder, que Foucault desenvolve para descrever como, a partir do século XVIII, o poder começou a se exercer não apenas sobre territórios e populações, mas sobre a vida biológica dos indivíduos. A medicina é uma ferramenta central do biopoder, pois é através dela que se controlam os processos de saúde, natalidade, mortalidade e sexualidade.

Acredito que esse seja um contexto que nos permite refletir acerca do que propõem Araújo, Manica e Kanashiro no dossiê “Tecnopolíticas de gênero” (2021), onde estabelecem-se

“associações entre técnicas, artefatos, tecnologias, informação, corpos e gênero. Inspiradas por uma noção aberta de técnica e de tecnologia, que incorpora e expande sua acepção restrita às tecnologias de informação e comunicação (TICs), propomos discussões que levam em conta as ações técnicas e agenciamentos de corpos, linguagens, coisas e artefatos em conexão com as diversas redes que os constituem, e as questões de gênero que emergem com esses processos.” (Araújo et al, 2021, p.1)

De maneira dialógica com o que defende Souza (2021) em sua pesquisa sobre os “hackeamentos” e (re)apropriações de corpos trans por meio de técnicas autônomas, opera aqui “uma rede sociotécnica de elementos humanos e não-humanos que os afeta e efetua, coproduzindo movimentos e realidades vividas para além do que a Medicina define e entende sobre esses corpos” (Souza, 2021, p. 14). Neste contexto, Érica descreve como os homens trans acionam, criam e trocam experiências e usos de diferentes formas de apropriação e manipulação

de seus corpos, “transformar seus corpos e suas vidas através de uma apropriação consciente e subjetiva da testosterona e de outras técnicas, numa rede que lhes permite a experimentação e a “aquisição” de um corpo masculino ou masculinizado em alguma medida” (Souza, 2021, p. 9).

Como afirma Preciado, “nas formas farmacopornográficas de controle do corpo e da sexualidade [...] as técnicas performativas são biotecnológicas, não são unicamente estilos corpóreos, nem técnicas unicamente discursivas” (Preciado, 2010, p. 19). Por isso mesmo, faz-se necessário, “coletivamente, estabelecer alianças, talvez com quem primeiramente era impensável, e criar técnicas de resistência aos diversos regimes de controle e produção da subjetividade” (Preciado, 2010, p. 26). Não quero aqui romantizar as relativas alianças que se formam nas redes sociotécnicas dos grupos digitais de inseminação caseira que são, aliás, constantemente tensionadas nas dinâmicas dos grupos e atravessadas por uma série de fragilidades. Entretanto, de uma forma ou de outra, os movimentos de relações estratégicas entre tentantes, doadores, advogadas, administradores e da própria plataforma Facebook/Meta na qual se formam nos grupos, vão ao encontro dessas provocações de Preciado (2010) e Souza (2021), pelo menos nessa construção coletiva de técnicas e saberes próprios e biotecnológicos. São redes sociotécnicas e ciborgues, em que seus múltiplos agentes-actantes constroem coletivamente (e disputadamente) materialidades e realidades, inclusive transgressoras. Ou que, ao menos, disputam a autoridade de dizer e fazer sobre seus próprios corpos e reproduções com o poder-saber médico.

3.4 - Positivos, relatos e testemunhos

As publicações da categoria “Positivos, relatos e testemunhos”, de modo geral, são aquelas nas quais tentantes e mães de IC trazem relatos de suas experiências pessoais com a inseminação caseira, os resultados de seu processo e as crianças geradas por ele, e também aquelas nas quais tentantes e doadores comunicam e compartilham com grupo a conquista de uma inseminação bem sucedida, um “positivo”. Essas podem ser feitas logo após o resultado positivo de um teste caseiro, logo depois do nascimento da criança, ou mesmo anos depois. Há, também, alguns relatos de experiências “mal-sucedidas” com a IC, por assim dizer. Neste caso não se trata de tentativas de inseminação com resultado negativo, em si, já estes parecem ser aceitos como parte do próprio processo de “ser tentante” e participar do contexto das ICs. Mas sim de desistências da inseminação como um todo, e assim interrupções radicais nas próprias identidades de doador ou tentante. Entretanto, é interessante notar que relatos desse tipo são

extremamente incomuns, quando comparados aos relatos e comunicações de “positivos”, em ambos os grupos, pois isso diz diretamente daquilo que me parece ser um dos principais objetivos e dinâmicas dessa categoria de postagens que é o compartilhamento de “testemunhos” da eficácia da própria inseminação caseira enquanto prática e da sua agência como ferramenta capaz de “realizar sonhos” de maternidade.

Quadro 13 - Quantitativos de postagens, comentários e reações da categoria de “Positivos, relatos e testemunhos”

PUBLICAÇÕES	%	COMENTÁRIOS	MÉDIA DE RESPOSTAS POR PUBLICAÇÃO	%	GRUPO A	GRUPO B
114	12,2%	1648	14,5	28,2%	75	39

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

A categoria “Positivos, relatos e testemunhos” é a terceira mais expressiva de meu recorte, quando somadas as publicações dos dois grupos que a ela pertencem, totalizando 114 postagens ao todo. Entretanto, sua distribuição entre os dois grupos é discrepante, já que no Grupo A estão 75 destas publicações (65,7%), e no Grupo B há 39 postagens dessa categoria. Outro aspecto que segue esse padrão é expressividade de interações do grupo com as publicações dessa categoria, entre um grupo e o outro. De modo geral, essas publicações têm uma frequência de interações - comentários e reações - bastante intensas: são 1648 comentários nas 114 postagens (28,2% dos comentários dos grupos somados), com uma média de 8 respostas por *post*; e ao todo 9962 reações (68,9% das reações dos grupos), com uma média de 88 reações por publicação.

Essa expressividade nas interações é, entretanto, bem diferente entre o Grupo A e o Grupo B. Por um lado, no Grupo A, essas 75 postagens acumulam 1210 comentários, que representam 38,4% de todos os comentários do grupo somados, e 7142 reações às publicações, que por sua vez representam 74,6% do total de reações do grupo. No Grupo B, por outro lado, a quantidade de reações também é bastante expressiva - 2820 reações nas 39 publicações da categoria, representando 57,7% das reações do grupo - mas a quantidade de comentários é significativamente menor, havendo 438 comentários nas publicações dessa categoria no Grupo B, o que representa apenas 6,3% do total de comentários. Essas diferenças se aprofundam e se complexificam à medida que as publicações da categoria são destrinchadas nos diferentes tipos de postagem que a compõem.

Um ponto importante sobre essas postagens, que densifica essa trama de relações, é que elas evidenciam a discrepância entre a maneira como doadores, por um lado, e tentantes, por

outro, agenciam a rede formada pelo grupo e com ela compartilham seus positivos: quais seus objetivos com a publicização desses resultados, quais informações são expostas e quais elementos discursivos e imagéticos participam da construção desses comunicados e relatos, em qual momento escolhem para compartilhá-los e, ainda, na própria expressividade quantitativa desse tipo de publicação. Isto, pois além das publicações dessa categoria estarem muito mais presentes no Grupo A, do que no Grupo B, elas são também postagens cuja autoria é muito mais expressiva entre tentantes do que entre doadores, somando ao todo 77 publicações delas, em contraposição a 36 deles. Também nos comentários dessas postagens, que são abundantes, vemos uma maioria de tentantes e mães de ICs, ao passo que apenas alguns doadores comentam nesse tipo de publicação.

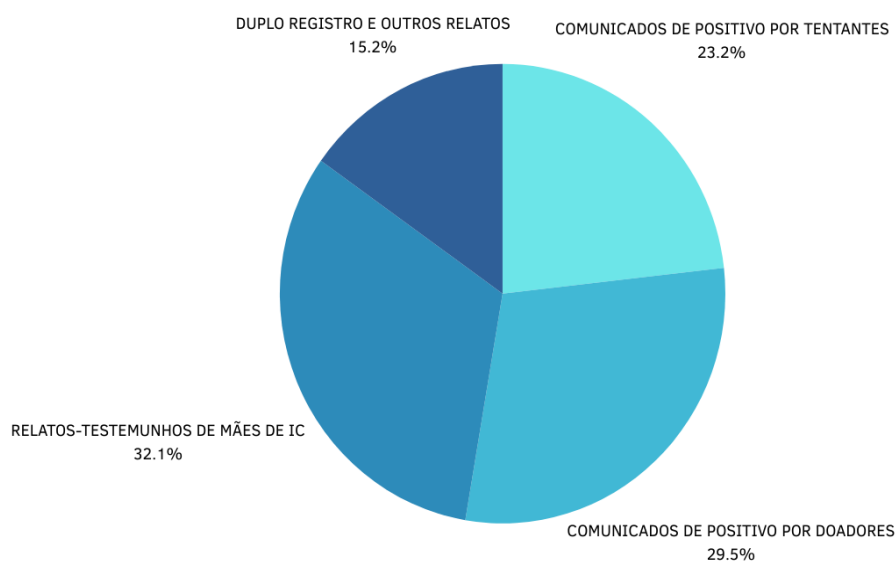
No entanto, como citei, essa discrepância entre os relatos, comunicados e testemunhos de tentantes e de doadores vai muito além dos números de *posts* ou comentários, ela diz do próprio conteúdo e estruturação dessas postagens. Este foi, inclusive, um dos fatores chave na construção de uma tipologia para essa categoria que abrange quatro grupos de publicações, com diferentes formatos e objetivos, mas que também compartilham alguns elementos: Comunicados de positivo pelas tentantes (26 publicações); Comunicados de positivo por doador (33 publicações); Relatos-testemunhos de mães de IC, acerca de seus filhos e incentivo para outras tentantes através desses relatos e fotos (36 publicações); Duplo registro e outros relatos (16 publicações).

Quadro 14 - Distribuição dos subgrupos da categoria de “Positivos, relatos e testemunhos”

“POSITIVOS, RELATOS E TESTEMUNHOS”	GRUPO A	GRUPO B	TOTAL	PORCENTAGEM NA CATEGORIA
COMUNICADOS DE POSITIVO POR TENTANTES E MÃES DE IC	13	13	26	23,2%
COMUNICADOS DE POSITIVO POR DOADORES	15	18	33	29,5%
RELATOS-TESTEMUNHOS DE MÃES DE IC	31	6	36	32,1%
DUPLO REGISTRO E OUTROS RELATOS	16	1	17	15,2%
TOTAL	75	38	111	100%

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Gráfico 4 - Distribuição dos subgrupos da categoria de “Positivos, relatos e testemunhos”



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Embora esses quatro grupos de publicações mantenham elementos compartilhados, cada um deles agrega um conjunto específico de características e conteúdos, e gera também suas próprias dinâmicas de interação com os demais participantes da comunidade. O único elemento que é consistente em praticamente todas as publicações são as imagens e vídeos incorporados. Ao todo, 105 postagens, dentre as 113 que compõem essa categoria, têm atreladas a si esses elementos audiovisuais (93% da categoria, portanto), que cumprem um papel bastante relevante nesse contexto, que é o de atestar/provar os testemunhos dos relatos e depoimentos de tentantes e doadores, especialmente aqueles que conquistaram o positivo. Em seu artigo “‘Antes’ e ‘Depois’: o uso de imagens de pacientes na área da saúde e as cirurgias plásticas no facebook”, Fabíola Rohden e Camila Cavaleiro (2022) trazem uma investigação acerca do contexto de produção e circulação das imagens de “antes” e “depois” de transformações corporais após procedimentos estéticos, perda de peso ou ganho de massa muscular. No texto, as autoras abordam como, ao expor essas imagens em redes sociais, geralmente incorporadas a depoimentos acerca dos processos que levaram a essa transformação, os usuários buscam fornecer evidências visuais que validem e sustentem seus testemunhos. Como apontam Rohden e Cavaleiro (2022), essas imagens não são apenas registros estáticos, são “provas” dinâmicas que sustentam a eficácia dos tratamentos e conferem validade aos relatos compartilhados.

Analogamente, nos grupos digitais de inseminação caseira, tentantes e doadores que alcançaram sucesso na concepção compartilham as imagens de seus “positivos” - seja por meio de testes ou fotos de seus bebês - que atuam como elementos importantes na validação dos depoimentos compartilhados nos grupos digitais. Mais do que apenas “sustentar” os

testemunhos, entretanto, creio que as fotos aqui atuam como agentes materiais. Sua agência passa pela materialização e corporificação dos depoimentos-testemunhos, inclusive pelo próprio conteúdo que compõe essas imagens, que em geral aciona também outros tipos de materialidades da inseminação caseira (testes de gravidez, de ovulação, fotos de fluídos e secreções corporais, *prints* de conversas, dentre outros). Além disso, assim como os depoimentos que compõem toda essa categoria de “Positivos, relatos e testemunhos”, essas imagens são incorporadas nos grupos de modo a reforçar as redes coletivas de incentivo entre membros e a confiança que esses têm na função e nas dinâmicas dos grupos. Como apontam as Rohden e Cavaleiro (2022), “entende-se “testemunho” a partir da perspectiva de Teixeira (2016), enquanto uma prática que atribui valores, que pode sinalizar a ‘reconstrução moral de si’ e que não se limita à construção de uma narrativa e performance do indivíduo” (Rohden & Cavaleiro, 2022, p. 24). Essas imagens, portanto, não apenas validam os testemunhos individuais, mas também fortalecem a função e identidade dos grupos, reafirmando o propósito compartilhado por seus membros. Esses agentes imagético-materiais são importantes elementos e dispositivos que atestam a qualidade e eficácia tanto para as identidades individuais dos doadores enquanto tal - já que a quantidade de positivos de um doador conta como importante elemento de escolha, por supostamente dizer de sua “capacidade reprodutiva” - quanto para o método em si.

Além das imagens, entretanto, há outras características compartilhadas entre essas publicações: são sempre relatos, muitos trazem agradecimentos por parte das tentantes (30 publicações, 26% da categoria) ou parabenizações por parte dos doadores (16 publicações, 14% da categoria); muitos trazem palavras de incentivo para tentantes que ainda não conseguiram seu positivo, para que “não desistam” (44 publicações, 39% da categoria); muitos depoimentos de tentantes trazem declarações acerca da maternidade como realização de um sonho (37 publicações, 33% da categoria) e, por outro lado, relatos de doadores trazem declarações de como a doação para ICs como possibilidade de realizar o sonho alheio (24 publicações, 21% da categoria); muitos trazem informações acerca das dificuldades do processo de busca pelo positivo (30 publicações, 26% da categoria), mas também do pós, como os relatos de busca pelo duplo registro (10 publicações, 8% da categoria); outras publicações trazem também informações sobre os filhos nascidos ou ainda em gestação (54 publicações, 47% da categoria), sobre os doadores (27 publicações, 24% da categoria), ou ainda sobre as tentantes (21 publicações, 18% da categoria), além das informações e indicações de advogadas que lidam com casos de dupla maternidade (5 publicações, 4% da categoria).

A seguir, irei aprofundar um pouco mais nos quatro grupos de publicações que criei em

minha tipologia dessa categoria.

Comunicados de positivo por tentantes e mães de IC

Começando pelos “Comunicados de positivo por tentantes e mães de IC”, neste conjunto estão reunidas aquelas publicações produzidas com o objetivo geral de comunicar aos grupos digitais a conquista de um positivo por meio da técnica da inseminação caseira e fruto das relações estabelecidas nesses grupos. Além de informar, entretanto, essas publicações também são agentes para outros objetivos daquelas e aqueles que as produzem, dentre eles o de agradecer as pessoas envolvidas nessa conquista de um positivo e a realização de um “sonho de maternidade” e, ainda, de incentivar outras tentantes a continuar em seu percurso com este método, por mais difícil que ele possa ser.

Ao analisar as publicações relacionadas aos positivos relatados das tentantes nos grupos estudados, é observável uma distinção entre dois conjuntos distintos. O primeiro conjunto compreende aquelas publicações realizadas após o nascimento da criança, totalizando 12 registros. Nestes, é notável a presença recorrente de elementos como imagens das crianças, informações básicas sobre elas (como nome e, em muitos casos, data de nascimento, tamanho e peso), agradecimentos, bem como incentivos e mensagens de encorajamento. Além disso, em algumas poucas publicações desse tipo, são também fornecidas informações detalhadas sobre o doador, incluindo nome e características, ou ainda é relatada a quantidade de tentativas até chegar ao positivo.

Por outro lado, o segundo conjunto, composto por 14 publicações realizadas logo após a confirmação do positivo nos testes ou exames, mas antes do nascimento, apresenta características distintas. Nestes registros, é comum encontrar imagens dos resultados positivos dos testes ou exames, sendo que a maioria das postagens inclui mensagens de estímulo como “não desistam meninas”. Metade das publicações fornecem informações sobre os doadores, especialmente seus nomes e, em alguns casos, suas cidades de origem. No entanto, apenas um número reduzido de postagens oferece detalhes sobre os bebês, como seus nomes, e informações sobre a gestação, como a quantidade de semanas. Essa diferenciação sugere uma mudança de foco nas publicações entre os estágios pré e pós-natal, destacando a ênfase nas conquistas imediatas e nos desafios enfrentados durante o processo de tentativa de inseminação caseira.

É interessante notar que a distribuição desses dois conjuntos de publicações se dá de maneira desigual nos dois grupos estudados. Enquanto dentre as publicações feitas logo após um teste positivado e antes do nascimento 71% estão no Grupo B, apenas 28% estão no Grupo

A. Já aquelas postagens produzidas pelas tentantes após o nascimento da criança, 25% estão no Grupo B, em contraste com os 75% que estão no Grupo A.

Já no que diz respeito aos elementos e conteúdos das informações incorporadas nos textos, imagens e links dessas publicações, pode-se dizer que as postagens deste subgrupo são, em geral, bem “completas”, ou seja, cada uma delas contém uma série de diferentes elementos, expressos de diferentes formas, mas de maneira bastante constante (Ver Quadro IV- 19, do Anexo IV).

Aprofundando um pouco nesses elementos, um dos mais expressivos que identifiquei (presente em 21 publicações, dentre as 26) são os depoimentos sobre o significado que tomou a maternidade para essas grávidas e mães de IC e as mensagens de incentivo e apoio para que outras tentantes continuem a trilhar esse caminho. Sobre esses “incentivos”, bastante comuns também em outros tipos de publicação, alguns exemplos de como se expressam esses elementos seriam: “Não desistam, meninas, o positivo de vocês também vai chegar!”, “Não desanimem, pois o sonho é real, eu sou prova disso. Continuem tentando” e “Meninas, IC funciona mesmo, nunca desistam, vai valer tudo a pena depois! Tenham fé!” A interação dada por essas frases, que servem aqui de elemento agente dentro dessa rede, revela um importante aspecto das maneiras como os laços e dinâmicas de apoio e solidariedade dos grupos, especialmente entre tentantes e ex-tentantes/mães de IC, se constroem.

Essas frases não apenas transmitem encorajamento e esperança, mas revelam tanto um sentimento de reconhecimento coletivo das dificuldades e decepções que muitas vezes permeiam o processo de tentativas até o “sucesso” - o positivo, no caso - mas também demonstram como esse mesmo “sucesso” é percebido como fruto, portanto, de exercícios de fé, de foco, de esforço continuado, mas especialmente pela perseverança no processo e no resultado. Através dessas mensagens, as mulheres que alcançaram sucesso na gravidez por IC tecem essa rede de apoio emocional e esperança para aquelas que ainda estão na jornada, fortalecendo inclusive o senso de comunidade e experiência partilhada, que é uma das mais importantes dinâmicas dos grupos.

Já no que diz respeito aos depoimentos de ex-tentantes grávidas e mães de IC, sobre os significados da maternidade, alguns exemplos seriam: “Finalmente nossa família está completa! Nosso anjo veio para encher de amor minha vida e da Fulana de Tal.”, “Hoje, junto com minha esposa, celebramos a realização do nosso maior sonho: nossa família.” e “Ser mãe é sentir a plenitude do amor transbordando a cada vez que olhamos pro nosso presentinho de deus.” Através das frases exemplificadas é possível entender quais discursos e significados a maternidade e as crianças assumem as autoras e suas companheiras.

A ideia de realização de um sonho, no caso “o sonho da maternidade” é certamente o ideal mais acionado nesses elementos, sendo constantemente reiterado no grupo, em diferentes categorias de postagens. Mais uma vez, esse contexto nos permite traçar alguns paralelos com outros estudos de contextos “biomédicos”. Em artigo sobre as próteses de silicone, Rohden e Cavalheiro (2020), por exemplo, apontam para a presença de depoimentos de mulheres em sites de clínicas de cirurgia estética, testemunhando a transformação que a cirurgia gerou em suas vidas. Estes depoimentos visavam promover “um determinado tipo de serviço médico, nos quais se misturavam a produção de uma narrativa acerca da transformação de si e a gratidão ao especialista e aos serviços que produziram a “realização de um sonho” (Rohden & Cavalheiro, 2020, p. 4).

Além da ideia de “sonho”, entretanto, o maternar é também associado a outros conceitos, como a ideia de que seria resultado de fé e perseverança, de que a maternidade transformou suas vidas ou de que ela representa uma jornada de crescimento pessoal. Já as crianças são apontadas algumas vezes como presentes divinos, como símbolos e receptáculos de amor incondicional ou, ainda, o que acho mais interessante que é a ideia do filho como elemento finalmente presente para garantir a completude da família, antes composta apenas pelo casal.

Essa noção de completude remete a uma percepção ocidental de parentesco, onde a família é centralizada na ideia de substância e sangue, conforme discutido por Janet Carsten. Em seu capítulo “Uses and Abuses of Substance” (Carsten, 2004), Carsten explora como substâncias corporais, como sangue e fluidos sexuais, são entendidas como fundamentais para a criação de laços familiares. Recuperando Schneider (1968) e Strathern (1995), a autora defende também que, no contexto ocidental, os laços de parentesco são frequentemente interpretados em termos biogenéticos, com a reprodução sexual sendo vista como um aspecto central na formação desses laços. No entanto, Carsten argumenta que essa perspectiva não é universal, propondo a ideia de “*relatedness*”, ou “relacionalidade”

“no seu sentido mais amplo, *relatedness* (ou parentesco) é simplesmente as maneiras como as pessoas criam similaridade ou diferença entre si próprios e os outros” (CARSTEN, 2004: 82), seja na noção de casa, do gênero, etc, estes encontrados de formas variadas em diferentes sociedades. O deslocamento de um estudo clássico de “parentesco” para as “relacionalidades” abriria assim as portas para novos tipos de análises sobre o próprio parentesco em si.” (Silva, 2007, p. 4)

Nesse sentido, a percepção de que a família só se completa com a chegada de um filho pode ser vista como um reflexo dessa concepção ocidental de parentesco, onde o laço biológico e a reprodução sexual desempenham um papel central na legitimação e na constituição da

família. Neste contexto, essa ideia de completude poderia ser analisada mais profundamente como uma manifestação de como as práticas de inseminação e a subsequente gravidez são compreendidas e valorizadas dentro de um contexto cultural que dá ênfase à biogenética e à substância como elementos constitutivos da família.

Outro ponto importante é que esse agrupamento é também mais um dos espaços (não tão comuns, como venho buscando demonstrar até então) nos quais a dupla maternidade e a configuração de gênero desses casais de mães é exposto: a figura da esposa é constantemente citada nesse tipo de publicação e a ideia de famílias de duas mães, não-normativa - ainda que interligada diretamente com um ideal de maternidade idealizado - aparece explicitamente, ocupando um lugar importante nem sempre reivindicado por essas mulheres.

Outro elemento bastante presente nessas publicações são os agradecimentos, que aparecem de forma bastante expressiva nessas publicações de comunicação de positivos pelas tentantes e mães de IC. Além de comunicar ao grupo sobre a conquista do positivo ou do nascimento da criança (e com isso ajudar a atestar também a confiabilidade e efetividade do método), essas publicações são também espaços de publicização e compartilhamento de declarações de gratidão e reconhecimento do papel que diferentes agentes/actantes da trama da inseminação caseira tiveram no seu processo de tentante de IC. Assim, a presença desses elementos e para quem são direcionados são dois fatores com potencial importante de nos ajudar a investigar como essa rede de relações entre diferentes agentes se forma e quais os significados e sentimentos associados a cada um deles, por parte das tentantes que conseguem chegar ao “final” do seu processo com a IC.

São, ao todo, 20 publicações que trazem esses agradecimentos, que se destinam a Deus, aos doadores que participaram da IC das tentantes autoras, às suas companheiras e companheiros, e ao grupo do Facebook como um todo (ou, talvez, como “entidade”). Dentre aquelas publicações em que um dos elementos são agradecimentos a Deus, as mais comuns, atribui-se a ele uma forte agência no positivo, pelo concedimento de uma bênção, como por exemplo “Agradeço a Deus, primeiramente, por me abençoar com essa dádiva tão preciosa!”, “Minha gratidão a Deus é infinita por este presente maravilhoso que ele nos concedeu”, ou ainda “Somos imensamente gratas a Deus por nos presentear com a maior bênção da nossa vida”. É interessante destacar esses elementos, pois eles nos ajudam também a perceber a importância da fé e espiritualidade para as tentantes de IC, que entendem essas gravidezes como presentes ou bênção, e encontram conforto e esperança na sua relação com o divino e a religião durante esses processos de busca pela concepção que são, por vezes, inclusive demorados, aflitivos e/ou penosos para as tentantes e suas companheiras.

Já dentre aquelas que se dirigem aos doadores, também bastante comuns, elas trazem agradecimentos ao doador, apontando não apenas sua contribuição biológica para a concepção positivada, “para realização de um sonho”, mas também ressaltando características como generosidade e atenção atribuídas a alguns deles pelas tentantes. Alguns exemplos dessas frases seriam: “Expressamos aqui nossa profunda gratidão ao doador Fulano Santos, por sua generosidade e apoio inabalável em tornar possível a realização deste sonho tão aguardado por nós”; “Sou eternamente grata ao doador Ciclano Oliveira, sem você não seria possível tornar realidade meu sonho”; e outras um pouco mais diretas e sucintas como “Agradecemos também ao nosso doador” e “Muito obrigada ao nosso doador Beltrano Silva, sempre muito atencioso”.

Há, também, as publicações nas quais as tentantes agradecem a contribuição de suas esposas no processo de busca pelo positivo, ressaltando seu companheirismo e o compartilhamento de um sonho conjunto, com frases como: “Sou eternamente grata à minha esposa Fulana Carvalho por ser minha companheira nesta jornada. Seu amor e força me inspiram todos os dias”; “Agradeço de todo coração à minha esposa Ciclana Oliveira por estar ao meu lado e tornar possível este momento tão especial”; e “Obrigada Beltrana Moraes, você é a mulher da minha vida e não poderia imaginar essa jornada sem você ao meu lado”.

Por fim, há ainda publicações de agradecimento ao grupo como um todo, apontando a colaboração dessa rede como fundamental para conquista de uma concepção bem-sucedida, como “Estamos imensamente agradecidas a este grupo por ser a fonte de incentivo e apoio” e “Agradecemos também a todos aqui do grupo pelo apoio e a ajuda que nos deram ao longo dessa jornada. As informações que vocês daqui nos deram foram fundamentais pra realizarmos nosso sonho!”. Ainda nesta senda, por vezes há expressões de gratidão a outras tentantes específicas do grupo, como por exemplo “Quero expressar minha profunda gratidão à minha amiga irmã do grupo, Fulana da Silva, por me presentear com o meu primeiro teste de ovulação, você foi crucial nesse processo”. É importante ressaltar, ainda, que muitas vezes, nessas publicações, esses múltiplos agentes a quem se dirigem os agradecimentos são combinados, de forma que uma só publicação traz expressões de gratidão a diferentes pessoas/entidades.

Outro elemento presente nas publicações produzidas por tentantes, ao comunicar seus positivos, são informações acerca de seus filhos. Essas informações estão presentes em 17 das 26 publicações analisadas e categorizadas nessa tipologia. Mas cabe ressaltar que elas são bem mais comuns estarem presentes em postagens do Grupo A do que no Grupo B, o que corrobora com outras dinâmicas nas quais as tentantes parecem estar mais confortáveis em expor informações sobre seus bebês nos espaços digitais protagonizados por outras tentantes, ao invés daqueles protagonizados e organizados por doadores. Dentre as informações que são

compartilhadas por elas, a mais comum é o nome da criança. É importante dizer, entretanto, que essa informação apesar de bastante comum nas comunicações de positivo, quase não estão presentes naquelas que são feitas antes do nascimento e, quando o são, em geral acompanham registros de chás de revelação. Outras informações dos bebês compartilhadas pelas tentantes são, por exemplo, a quantidade de semanas da gestação em curso ou terminada, o peso e tamanho que nasceram e, especialmente, as datas em que as crianças nasceram. Essa última informação é interessante pois nos ajuda a entender depois de quanto tempo de nascido o bebê essas tentantes recorrem aos grupos para apresentar o “resultado” de suas ICs e compartilhar suas declarações aos bebês. Dentre aquelas que trazem esse tipo de informação, é importante notar que essas comunicações acontecem poucos dias após o nascimento dos bebês.

Além de informações sobre os bebês, entretanto, as tentantes também compartilham com os grupos e, especialmente, com outras tentantes ainda em busca de seu positivo, informações sobre os doadores e sobre a quantidade e os procedimentos das tentativas que fizeram até alcançarem seus positivos. Ao contrário do compartilhamento de dados sobre seus filhos, entretanto, esses elementos, que estão presentes em 16 das publicações dessa tipologia, são distribuídos de maneira bastante igualitária entre os dois grupos digitais que estudei.

Acerca dos doadores, são comumente compartilhados tanto alguns dados pessoais como nome⁶⁰ e cidade na qual eles atuam com doações de sêmen para inseminação caseiras - expressas por meio de frases como “direto de Belo Horizonte” ou “doador do Rio de Janeiro capital” - como também traços de suas personalidades e suas atitudes na relação com as tentantes durante as tentativas, geralmente acompanhadas de indicações diretas desses doadores às outras tentantes dos grupos. Exemplos disso seriam elementos como “nosso doador foi Ciclano da Silva, muito respeitoso e prestativo”, “agradecemos ao Doador X que teve muita paciência e dedicação a nos ajudar nesse processo, indicamos muito” ou, ainda, outras que indicam uma participação ainda mais ativa desses doadores nas tentativas, como por exemplo “meninas de São Bernardo, o Fulano foi nosso doador e nos ajudou muito, seguimos todas as dicas que ele deu e assim conseguimos nosso positivo rapidinho!”

Sobre os processos de tentativas dessas tentantes e mães de IC que conquistaram seu positivo por meio do método seringa, estão presentes e são especialmente comuns os compartilhamentos da quantidade de tentativas que realizaram até chegarem no resultado positivo (ou, ainda, a quantidade de tentativas especificamente realizadas com o doador que fez

⁶⁰ Não apenas os nomes são compartilhados nesses casos, mas também são marcados esses doadores nas publicações, de modo que assim as tentantes permitem um acesso dos outros membros do grupo ao perfil digital desses doadores que estão indicando.

a doação final)⁶¹. Essa informação é importante, pois permite um pequeno *insight* de uma parte do processo das inseminações caseiras que em geral não está tão exposto nos grupos, que são as tentativas em si. É interessante notar que, dentro da amostra que analisei mais profundamente, mas também fora dela, os depoimentos como “foi de primeira tentativa” ou “de primeira com o doador Joaquim, três vezes no mesmo ciclo e o positivo veio” são os mais comuns nesse tipo de publicação, mas também são comuns relatos de positivos que chegaram após “muitas tentativas fracassadas” ou mesmo desistências por certos períodos, trazendo as angústias e dificuldades enfrentadas nesse processo de busca por um maternar tão desejado, mas ao mesmo tempo penoso de ser conquistado. Estudos, exames e tratamentos, além de persistência e de “encontrar o doador certo”, são apontadas como ferramentas utilizadas por elas para chegar ao fim desse processo “com sucesso”. Mesmo esses relatos, entretanto, parecem visar um incentivo às outras tentantes que também estão passando por tentativas frustradas de IC e não conseguiram ainda engravidar, inclusive várias delas são acompanhadas de mensagens como “Deus sempre sabe a hora certa de acontecer” ou “é tudo no tempo Dele e não no nosso”.

Por fim, há ainda outros tipos de elementos, de outras materialidades (digitais) distintas daquelas expressas por meio dos textos das publicações, que são incorporados nas postagens de “comunicação de positivo pelas tentantes” (Ver Quadro IV- 20, do Anexo IV).

As imagens, como relatei, são importantes agentes em toda a categoria de “Positivos, relatos e testemunhos”. Nesses comunicados, por sua vez, estão presentes principalmente as imagens que atuam como provas do positivo, mas também como testemunhos visuais da conquista de um objetivo compartilhado pelas outras do grupo. Ao todo, nesse sub-grupo, há 36 imagens e 5 vídeos, sendo 70% delas fotografias dos bebês recém nascidos e os outros 30% fotos e prints de testes caseiros (de fita, de caneta e digitais) e de exames médicos (exame BETA HCG positivo e vídeos de ultrassom). Um ponto importante é que as fotos dos filhos das mães de IC autoras dos posts são bem mais comuns no Grupo A, do que no Grupo B.

Há ainda, algumas imagens e vídeos, menos comuns, de chás de revelação do sexo do bebê cujas autoras da publicação estavam esperando. Isso me levou a prestar atenção ainda a um outro ponto interessante que é sobre a apresentação desses bebês nas fotos. Embora talvez venha a extrapolar os limites da análise, especialmente sem conversar com as mães sobre este aspecto, acredito que, ainda assim, esse é um tema que vale a pena ser destacado, sobretudo

⁶¹ Não foi possível medir uma média dessa quantidade de tentativas, mas vale dizer que, dentre aquelas que incorporam esse elemento, esse número varia entre uma e quatro tentativas com o mesmo doador, sendo que a média gira em torno de duas tentativas.

considerando a perspectiva de relações de gênero e sexualidade. Isto, pois analisando as imagens que compuseram esse subgrupo, em todas elas o padrão de roupas e apetrechos é o mesmo: os bebês com roupas azuis, especialmente, mas também cinza e pretas são sempre “meninos” e os bebês com roupas cor de rosa, estampas floridas e/ou laços na cabeça são sempre “meninas”. Branco e vermelho parecem ser os “territórios neutros”, compartilhados por bebês designados como de ambos os sexos. O mesmo padrão está nos vídeos de chá de revelação, onde o rosa e o azul contrapostos, como é tradicional, são as materialidades indicativas do sexo do bebê na dinâmica que compõem esses ritos.

Já no que diz respeito ao segundo tipo de material visual, ao todo, são 10 imagens contendo 13 testes caseiros (de fita, caneta e digitais, com indicador de semana) e 5 imagens contendo fotos e vídeos de ultrassons e exames Beta HCG qualitativo positivado. Há, ainda, publicações que trazem mais de um desses elementos, de modo a atestar mais enfaticamente as provas de seu positivo e seu processo para confirmá-lo, que geralmente se inicia nos testes caseiros e finaliza nos exames performados por agentes médicos. Em algumas dessas imagens é também comum aparecerem associados aos testes caseiros ou exames médicos positivados, outros ligados ao universo dos bebês, mesmo para aqueles que ainda não nasceram, mas que aqui aparecem para de alguma maneira materializar a criança que “está a caminho”, tanto para os grupos quanto para si, como chupetas, cadernetas de gestante, sapatinhos e *bodies*. Um último detalhe interessante a se notar sobre essas imagens, tanto dos bebês quanto dos testes, é que as mães de IC raramente estão presentes nelas. Fotos das barrigas grávidas, por exemplo, existem, mas são bem mais raras do que se esperaria considerando que também poderiam atuar como “provas” da eficácia do método e como um dos mais fortes símbolos imagéticos da gravidez conquistada.

Para além das imagens, entretanto, há mais um elemento interessante nessas publicações e que está permeado pelo tipo de materialidade e dinâmica própria do digital, que são as “marcações de perfis” feitas pelas autoras dessas postagens, expressas tanto no texto em si, quanto por meio da ferramenta “está com” que o Facebook fornece, mas em ambos os casos o perfil dos companheiros dessas mães de IC e/ou de seus doadores é então linkado e, portanto, acessível a todos os membros do grupo a um clique. É importante destacar que essas marcações são muito mais do que a simples citação do nome das parceiras e parceiros, são uma porta de acesso aos membros do grupo a todo o seu perfil.

Acredito que essas marcações nos auxiliam a ter uma leitura mais refinada de dois aspectos. O primeiro é que elas trazem à tona e à público o envolvimento de parceiros não apenas na gestação e criação das crianças e nas narrativas criadas e compartilhadas sobre elas,

mas também nas próprias dinâmicas dos grupos, já que convocam esses perfis à publicação e, para isso, essas parceiras precisam necessariamente serem membros nesses grupos de Facebook. Ainda nesta senda, essas marcações funcionam também como uma forma de reconhecimento público e validação das parceiras e parceiros na dinâmica familiar, o que se torna especialmente potente considerando tratarem-se de parentalidades que desafiam os modelos heteronormativos, atuando portanto como mais um agente de resistência e consolidação de um espaço para essas outras formas de família. O segundo aspecto, por sua vez, é que o uso dessa ferramenta que são as marcações é especialmente interessante justamente por utilizar de características peculiares da própria materialidade e arquitetura digital, que de outra maneira não seriam possíveis, permitindo por exemplo, o acesso e navegação de outros membros entre os perfis das duas partes desse casal.

Relatos-testemunhos de mães de IC

Passando ao segundo sub-grupo, nele estão reunidas as postagens que chamei de “Relatos-testemunhos de mães de IC” e que são aquelas nas quais uma das mães de filhas concebidas por meio de inseminações caseiras - especialmente mas não exclusivamente com a participação de doadores dos grupos onde postam - utilizam essas redes para compartilhar com ela sobre sua criança e seu maternar. O objetivo principal dessas postagens parece ser o de apresentar as filhas aos grupos, de maneira que as imagens aqui tomam uma relevância novamente muito expressiva, já que são elas que carregam em si a maior potência dessas postagens, mostrando e materializando aos demais participantes do grupo essas crianças. Junto das fotografias das filhas, essas publicações também trazem relatos sobre quem são as crianças - idades, nomes, suas características - e histórias sobre processo de concepção, da gravidez, do parto, do registro e da maternidade compartilhada.

Além de introduzir, ou atualizar, essas crianças às redes, essas postagens também cumprem a função de serem espaços-agentes para que essas mães e seus companheiros possam fazer declarações e depoimentos pessoais sobre a experiência do maternar e os impactos e significados das filhas e da maternidade para elas. Assim como o resto dessa categoria de postagens como um todo, esses elementos parecem servir ainda como ferramenta de incentivo às redes que compõem esses grupos: aos doadores, para que sigam doando, de maneira que possam ver o resultado do “trabalho coletivo” que os grupos de IC trazem; às tentantes e parceiros para que continuem tentando conceber para que possam assim atingir seu sonho de maternidade também; e aos grupos como espaço-entidade-dinâmica para que sigam articulando

esses diferentes agentes e suas relações, de modo que mais crianças e maternares possam sair desse emaranhamento.

A principal diferença entre esses relatos-testemunhos e o subgrupo anterior, dos "Comunicados de positivo pelas tentantes e mães de IC", está nas diferentes abordagens e objetivos que desempenham dentro dessa rede de relações e agentes sociobioteecnológicos e materiais que é o contexto das inseminações caseiras (IC) e seus grupos digitais. Ao contrário dos comunicados, essas postagens não têm o intuito de informar sobre o positivo, mas sim de compartilhar histórias, fotos e depoimentos sobre as crianças e as experiências de maternidade. Outra diferença importante é que, enquanto no primeiro subgrupo são informados (e mostrados) os positivos, quando os bebês ainda são recém-nascidos ou quando a gravidez ainda está em curso (especialmente nas primeiras semanas, quando ela é confirmada), neste segundo subgrupo são compartilhadas fotografias e informações sobre crianças já nascidas, frequentemente meses ou mesmo anos após o parto.

Uma última característica que diferencia esses dois tipos de publicações e que é uma das maiores peculiaridades da forma como se expressam os relatos-testemunhos é sua distribuição bastante desigual entre os dois grupos de Facebook estudados. Enquanto no Grupo A mapeei 31 postagens desse tipo, no Grupo B há apenas 6 no período dos dois meses em que acompanhei os grupos. Aprofundando um pouco mais nos elementos que compõem essas publicações é possível também entender melhor o porquê dessa distribuição e também sobre as próprias diferenças que marcam as dinâmicas entre um grupo digital e outro.

São vários os tipos de elementos presentes e agentes nessas publicações (Ver Quadro IV- 21, do Anexo IV), alguns similares aos comunicados de positivos, outros diferentes e alguns que aparecem nessa tipologia, mas em proporções bem distintas. Os três principais elementos que compõem esse subgrupo de relatos-testemunhos são as informações sobre os filhos, depoimentos sobre a maternidade e as redes de incentivo entre mães de IC e tentantes, frequentemente expressas pelo “não desistam, meninas”.

Dentre as publicações nas quais estão presentes informações sobre os filhos trazidas pelas autoras e autorias, o que acontece em 33 das 37 publicações de relatos-testemunhos, a idade é a informação mais recorrente, junto das imagens, o que é especialmente interessante pois nos permite observar por quanto tempo estas mães seguem de alguma maneira engajadas com o grupo e com as outras tentantes. O principal objetivo destas postagens parece ser o de fortalecer a rede criada entre tentantes, tanto por meio do incentivo àquelas que ainda estão na busca do positivo construído, a partir dos testemunhos e imagens de suas crianças de IC, quanto

por meio da continuidade na relação com o grupo, mantendo umas às outras atualizadas sobre as crianças e seu crescimento.

No total, 23 postagens mencionam a idade dos filhos, dentre as quais observa-se uma predominância de postagens de mães com bebês mais novos, sendo uma publicação com criança de 1 mês, quatro com crianças de 2 a 3 meses e onze com crianças de 4 a 5 meses. Esta frequência diminui à medida que a idade das crianças aumenta, com apenas duas publicações sobre crianças de 7 a 9 meses e mais duas sobre crianças de 1 ano. Além disso, há duas publicações que mencionam crianças de 2 a 3 anos e uma publicação de crianças de 4 a 5 anos. Esses dados sugerem que, embora as mães continuem a interagir com o grupo à medida que os filhos crescem, há uma ênfase particular no compartilhamento de experiências durante os primeiros meses de vida das crianças.

Já o gênero das crianças muitas vezes não é uma informação dada por escrito (“menino” ou “menina”, “filha” ou “filho”, “ela” ou “ele”), mas são utilizados termos e adjetivos gendrificados para descrevê-los: príncipe, bebezinha, nossa linda, nosso pequeno. Apenas cinco não tem nenhuma indicação do gênero da criança, utilizando apenas termos como “meu/nosso bebê”, “nosso amor” ou apenas não citando nada nesse sentido. Além dessas, há também algumas das postagens que trazem características de personalidade das crianças e elogios como linda, inteligente, grande ou, ainda, parecida com a esposa.

Por outro lado, são bem menos expressivas as informações sobre aqueles que realizaram a doação de esperma participando da concepção nesse papel de doadores (5 publicações), o que é bastante discrepante e por isso incita uma comparação interessante com outros subgrupos dessa categoria de “Positivos, relatos e testemunhos”. Desenvolverei um pouco melhor esta reflexão à medida que apresentar os comunicados de positivos realizados por doadores, mas desde já penso que cabe introduzir uma interpretação nascida nesta dinâmica de comparação que me leva a pensar que: se, por um lado, os comunicados e também os relatos-testemunhos de tentantes focam em suas próprias filhas, suas experiências e processos de concepção e maternar e nas relações com outras tentantes, os comunicados de doadores, por sua vez, têm seu enfoque voltado para si mesmos e sua atuação como doador de sêmen.

Como citado, outro tipo de elemento bastante presente nestas publicações (21 postagens) são declarações às crianças e acerca dos significados que as maternidades e filhas representam para as “mães de ic”. Novamente, aqui, abordar as filhas como sonho (e da maternidade como realização de um sonho) é bastante comum, mas outros conceitos também aparecem atrelados às crianças, como milagre, orgulho, benção e recompensa, muitas vezes acompanhadas de declarações de amor, como “mamães te amam muito!” Além disso, pelos

menos três ou quatro vezes, dentro de meu recorte, a ideia da maternidade como o aspecto faltante para a completude da família ou da vida, com declarações como “agora nossa família está completa” ou “o que faltava para eu ser completa”.

Outro forte elemento das postagens de relatos-testemunhos é aquele que venho aqui apelidando de “não desistam, meninas” (18 postagens). Ele está diretamente associado ao tópico anterior, onde reuni as declarações de mães de IC acerca dos significados que a maternidade assume para elas, o papel de realização de um sonho, e que o positivo representou em sua caminhada: a conquista final de uma caminhada. Esta caminhada, entretanto, é comumente descrita nos grupos como difícil, tortuosa, uma caminhada que exige acima de tudo persistência e, por isso mesmo, são tão constantemente presentes incentivos feitos por doadores e tentantes, também, mas especialmente de mães de IC para tentantes. Incentivos como muitos “não desistam” e também variações como “não desanimem do sonho” “tenham fé e persistam”, “vim renovar a esperança que o positivo vem, sejam fortes” e “persistência e determinação são o segredo”. Força, determinação, persistência, sorte, fé, esperança. Todos estes são atributos listados nessas publicações, indicados pelas mães àquelas que ainda estão no meio dessa caminhada.

Esse discurso das mães de IC é especialmente interessante, especialmente quando pensamos nos contrastes que coexistem aqui. Por um lado, gastam dinheiro, interagem diversas vezes e de diferentes formas nas relações doador/tentantes/grupos, se envolvem com procedimentos biomédicos (conhecimento, informações, exames, medições, tabelinha, ciclos), usam ferramentas e materialidades (seringas, testes, potes, etc), lidam com substâncias corporais, suplementos e remédios. Por outro lado, ao mesmo tempo em que essas pessoas se envolvem em processos e redes bastante concretos e defendem a necessidade de dedicação e esforço pessoal na construção de um “corpo fértil” e suas concepções, o resultado positivo é atribuído ao divino, ao milagre. Ao mesmo tempo que incentivam e reforçam a técnica como cientificamente eficaz - por meio de todos esses aparatos e conhecimentos, inclusive se opondo ao mercado da Reprodução Assistida - o resultado positivo também parece materializar-se como fruto de uma prática de fé e persistência

Embora estas mulheres se envolvam em processos práticos, como o uso de seringas, potes, e testes, ao mesmo tempo interpretam o sucesso da inseminação caseira como milagre ou uma bênção divina, mas especialmente como fruto de uma prática de fé e persistência. Este fenômeno não apenas reflete a coexistência de fé e ciência, mas também sugere uma fusão entre o material e o espiritual, onde a eficácia técnica é corroborada pela fé e vice-versa. Esse processo se alinha com o que Allebrandt e Freitas (2021) observaram em suas pesquisas sobre

tentantes de reprodução assistida, onde a religiosidade é frequentemente ativada nos tratamentos de infertilidade, mesmo que sem uma conexão direta com práticas religiosas conservadoras. A fé, nesse sentido, torna-se um elemento indispensável para a narrativa de sucesso, interligada intimamente com os procedimentos técnicos.

“A religiosidade é comumente ativada nos tratamentos de infertilidade. Autoras que têm explorado esta questão afirmam que não há uma conexão direta entre a fé e uma devoção e práticas religiosas mais conservadoras (Franklin, 1995; Franklin & Ragone, 1998). Mas, as mesmas autoras afirmam que há nas práticas de RA a necessidade de acreditar em milagres e ter fé de que eles acontecerão em breve” (Allebrandt & Freitas, 2021, p. 10).

O relato de quem já chegou ao final dessa jornada se torna, assim, testemunho do valor da persistência e da efetividade da própria técnica, algo como “se eu consegui, vocês também podem” e “vim provar que IC e método seringa funcionam”. Esses incentivos, portanto, nunca vêm sozinhos nas publicações, mas sempre acompanhados da confirmação (imagética, inclusive) de que é possível conquistar este sonho compartilhado e de que, portanto, é preciso “não desistir”.

Menos comum, mas ainda agentes de maneira significativa em algumas das publicações de relatos-testemunhos, estão as chamadas e dinâmicas que convidam a interações diretas com os membros do grupo, não apenas informando sobre essas crianças e maternidades conquistadas, mas chamando demais membros ao diálogo sobre esses contextos. Esse é outro elemento que reforça a ideia de que estas publicações servem, acima de tudo, para fortalecer uma rede de cumplicidade e incentivo entre mães de IC e tentantes, através de relatos e imagens que atuam como testemunhos. Podem ser desde simples identificação como “meninas, boa tarde” ou “hoje vim atualizar com vocês, meninas”, mas também podem ser publicações que fazem convocações por opiniões de outras tentantes e mães, como “quem vocês acham que nosso filho puxou, eu ou minha companheira?” ou, ainda, que expõe um sentimento de família entre mães de IC, com frases como “oi tias, olha minha roupa nova”. Este é um ponto importante, mesmo que nem sempre esteja colocado à mostra tanto quanto neste exemplo. Ele aparece, por exemplo, quando tentantes chamam os filhos de um mesmo doador de irmãos, por exemplo, ou promovem encontros entre as mães e crianças de um mesmo doador, por considerar que, de alguma maneira, estas crianças estão relacionadas por laços de parentesco, sem no entanto estender estes mesmos laços aos doadores. Reconhecer os filhos de IC gerados a partir do mesmo esperma como irmãos não significa, para estas mães, reconhecer este doador como pai. É uma reorganização dos laços de parentesco utilizada de maneira estratégica.

Essas questões também aparece nos relatos de mães de IC que participaram do episódio da Rádio Novelo Apresenta, onde é apresentado o caso de Joxax, onde a dinâmica de

estabelecimento de laços entre mães que tiveram seus positivos com um mesmo doador é promovido e incentivado pelo mesmo:

“Branca Vianna: Se de um lado dessa história tem um homem em busca da imortalidade, do outro, tem uma porção de famílias que se formaram. E muitas acabam tendo contato entre si. Toda vez que entra uma positiva nova pra lista, o Jocax coloca ela num grupo de WhatsApp chamado "Positivas com Jocax". Também tem uma comunidade de Facebook com cem pessoas, mas ele acabou perdendo o controle da situação e já nem sabe se quem tá lá é positiva ou não.

[...] Quando a Ana e a Bia foram na casa dele, o grupo tinha entre 30 e 40 participantes. Ele disse que muitas entram e saem depois de um tempo. Lá o assunto principal são as crianças. [...] Também é nesse grupo que elas organizam encontros de vez em quando. E depois, claro, postam as fotos lá.

Jocax: Ah, é uma foto que estão numa espécie de uma garagem, um galpão de uma casa com cerca de umas 20 mães com os 20 filhos no colo.” (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p. 26 e 27)

Por outro lado, como apresentam Branca Vianna e Bia Guimarães no podcast, a criação dessas redes de mães, mesmo com o próprio Jocax, se dá para além de sua influência e/ou atuação, tanto na vida das crianças, quanto na aproximação e mediação das relações entre elas. No episódio, elas contam como se por um lado algumas das mães desse grupo mantêm uma relação mais próxima com o próprio doador do que com o grupo em si, por outro lado outras, como Cláudia, estabelecem o oposto. Cláudia, inclusive, traz relatos bastante interessantes sobre a maneira como encara essa formação de laços fraternais entre filhos, e mesmo entre mães, mas que não acompanham laços parentais com os doadores. Ela conta:

“Claudia: Porque realmente ele não é o pai do meu filho. Mas o grupo que se formou foi muito gostoso e eu acabei fazendo amizade com algumas mães. Já recebi algumas mães na minha casa, com os filhos. E de vez em quando a gente fazia encontro. A gente chama de encontro dos irmãos – que não deixam de ser irmãos, mas ao mesmo tempo não são irmãos.

Branca Vianna: Os encontros dos irmãos ficaram suspensos durante a pandemia, mas agora elas já agendaram um pro final do ano. Vai ser num sítio perto de São Paulo.

Claudia: E parece que vai ser muito legal, assim. Então eu acho legal porque são todas mulheres sapatão, são todas lésbicas, né? Todas com filho. E além do fato deles serem irmãos consanguíneos, eu acho legal porque é como se fosse uma comunidade de mães com filhos, que é difícil da gente ter no nosso dia a dia. Lá onde eu moro não tem muitos casais de mulheres com filhos, entendeu?

Bia Guimarães: Então o grupo é muito maior que ele, assim. A figura dele às vezes está presente, às vezes não. Mas essa comunidade que se formou de mães lésbicas, que não é algo que você encontra em qualquer lugar, então elas acabaram encontrando essa comunidade.” (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p. 26 e 27)

Para compreender essa reorganização do parentesco, é útil recorrer à Janet Carsten (2014). A autora argumenta que, em vez de se concentrar na dicotomia entre o “biológico” e o “social”,

“Ao contrário, uso sua discussão, assim como escritos sobre parentesco de outros acadêmicos, para ir além e pensar sobre “espessamento” e “diluição” do parentesco, sobre como ele é feito e dissolvido ao longo do tempo, sobre gradações de parentesco e sobre diferentes substâncias e metáforas por meio das quais esses processos ocorrem.” (Carsten, 2014, p. 103)

Esse contexto revela de forma significativa as complexidades e coexistências nas práticas e concepções de parentesco dentro das comunidades de inseminação caseira, especialmente entre mães lésbicas. Nesse sentido, essas práticas e concepções de algumas das mães de IC demonstram como a noção de parentesco pode ser reorganizada e manipulada para se adaptar a novos contextos sociais e tecnológicos, reconfigurando a própria noção de consanguinidade e filiação. Em um cenário onde a inseminação caseira é utilizada, o sêmen (em sua materialização da genética), tradicionalmente seria visto como um marcador biológico de parentesco e filiação, é ressignificado e transgredido em seu significado: negando a filiação entre doador-filho, mas mantendo a possibilidade de que essas substâncias signifiquem e materializem vínculos de consanguinidade entre irmãos.

Essa concepção, embora inovadora e disruptiva, ao mesmo tempo continua a se basear em dicotomias ocidentais tradicionais, como o vínculo por meio do sangue, que historicamente tem sido central para a ideia de parentesco nas sociedades euro-americanas. Esta é uma reorganização dos laços de parentesco que não apenas desafia as concepções tradicionais, mas também oferece uma visão complexa de como os vínculos familiares são estrategicamente moldados em contextos de inseminação caseira.

Ao contrário das publicações de comunicação de positivo pelas tentantes e pelos doadores, as postagens que são relatos-testemunhos de mães de IC tem alguns elementos que aparecem em bem menor expressividade, como os agradecimentos e os relatos acerca da quantidade de tentativas que levaram até o positivo e detalhes acerca dos métodos e técnicas utilizadas e testadas. Neste caso, apenas quatro (dentre as 36 que integram essa subcategoria) trazem relatos do processo e quantidade de tentativas até o positivo, que variam de uma a sete tentativas negativas, e são expressas através de frases como “conseguimos de terceira”, “finalmente deu certo, depois de seis negativos conseguimos nossa tão desejada gravidez” ou “com todo o preparo necessário, engravidei de primeira”.

Já os agradecimentos, por sua vez, também estão em quatro publicações, dentre eles: alguns estão direcionados a Deus e Jesus, pelo positivo, com frases como “obrigada meu senhor, por essa benção concedida”; à esposa, pela maternidade compartilhada, como por exemplo “agradeço à minha esposa, por ser uma parceira e mãe maravilhosa”; mas também às pessoas do grupo (doadores e tentantes) pelas informações, a força e pelos relatos de outras mães de IC que lhe antecederam na tarefa de compartilharem seus testemunhos-positivos, acionando a própria rede de apoio da qual participa e com a qual contribui agora sob outra perspectiva-lugar. Essa presença discreta desse elemento-agente que são os agradecimentos, me parece, está ligada justamente ao objetivo distinto que cumprem os relatos-testemunhos, em comparação aos

comunicados de positivos, uma vez que já houve tempo e espaço para agradecimentos com a chegada da gravidez ou do bebê e, agora, esses relatos visam “devolver” aos grupos em forma de esperança no método. Além disso, essa “ausência” é interessante, pois marca também essa passagem final entre a recém ex-tentante e a mãe de IC.

Por fim, de forma ainda menos expressiva, estão presentes em duas publicações desse subgrupo as informações sobre o doador “utilizado”⁶² e, coincidentemente ou não, ambas as vezes em que esse elemento aparece ele age de maneira a demarcar que o doador que doou não foi do grupo, sendo esse de outro grupo ou, por exemplo, um amigo ou parente do casal.

Além dos elementos textuais, imagéticos e digitais, podemos observar nesse subgrupo mais uma vez uma ampla presença de imagens, mas também de *links* para outros perfis e páginas, dentro e fora da plataforma Facebook (Ver Quadro IV- 22, do Anexo IV).

Detalhando um pouco mais os elementos narrativos visuais incorporados nessas publicações, temos no Grupo A (com 31 publicações desse subgrupo), temos um total de 55 fotografias e 5 vídeos, distribuídos em 29 postagens. Já no Grupo B (com 6 publicações desse subgrupo), temos 19 fotografias e 2 vídeos distribuídos em 6 postagens, de modo que ao todo temos uma somatória de 76 fotos e vídeos, presentes em 35 das 37 publicações desse subgrupo. Dentre essas, temos 58 imagens e vídeos que mostram os bebês e crianças que estão sendo apresentados ao grupo, sendo esse o conteúdo mais comum associado aos elementos audiovisuais. Nessas, na maioria das vezes os filhos são fotografados sozinhos, na cama ou berço, sem muitos elementos associados na foto, mas são também comuns imagens em momentos importantes da vida dessas crianças e da dinâmica familiar, como fotos em festas de aniversário ou *mêsversário*, apresentações escolares e celebrações como festas juninas. Um elemento importante, presente nesses agentes imagéticos e que tem continuidade no subgrupo anterior, são as roupas com que estão vestidos esses filhos, que em sua grande maioria corresponde a uma separação de gênero binária bem demarcada e que reflete um estereótipo tradicional das distinções de cores gendrificadas, de modo que quase sempre as meninas estão vestidas com roupas e/ou fantasias rosas, vermelhas e brancas (muitas vezes com laços e babados) e os meninos vestidos de roupas azuis, cinza e pretas.

Ainda sobre esse conjunto imagético, é importante lembrar, ele cumpre com uma função importante nos grupos de apresentar provas materiais/visuais desses testemunhos apresentados e da confiabilidade do método. Mais uma vez aqui, a instrumentalização das imagens de "positivos" nos grupos de inseminação caseira ecoa as práticas observadas por

⁶² Uso aqui esse termo pois ele é amplamente incorporada nos discursos dos grupos.

Rohden e Cavalheiro (2022) em relação às cirurgias estéticas. Assim como os depoimentos de mulheres em *sites* de clínicas de cirurgia estética promovem tanto a transformação pessoal quanto a gratidão aos especialistas, as publicações nos grupos de inseminação caseira constroem narrativas de sucesso, gratidão e incentivo em relação à comunidade que compartilha experiências.

Outro conjunto de imagens que aparece aqui, com bem mais força que em outros subgrupos, são fotografias das próprias mães de IC, seja acompanhadas dos filhos (14 imagens ao todo) ou mesmo apenas do casal (4 publicações). Esses “ensaios familiares” (sejam eles profissionais ou amadores) são bastante potentes, pois eles materializam e dão corpo e cara a essa presença das parceiras e parceiros que aparece de forma mais evidente nessa categoria e também a própria presença dessas famílias lésbicas e sapatonas que compõem boa parte dos grupos, mas que raramente aparecem de maneira visual ou textual nas publicações deles como um todo. Além disso, nos ajudam a ter uma ideia um pouco mais apurada da distribuição de algumas características desses casais que de outra forma não seria possível, como o perfil racial dessas mães, por exemplo, ou mesmo algumas questões (ainda mais) subjetivas como se elas tem uma apresentação física mais socialmente entendida como “feminina” ou “masculina”.

Além das imagens, entretanto, há também aqui a presença de outros elementos digitais como as marcações de perfil ou, pelo menos, a citação do nome da esposa na postagem de relato-testemunho. Este tópico, assim como no subgrupo anterior, também é especialmente interessante, pois nos ajuda a compreender a maneira como as “mães de ic”, incluindo aquelas que não engravidaram, se envolvem nas tramas de relações do grupo, para além das dinâmicas e interações dadas na procura de um doador até o positivo, mas também depois dele. Além disso, nos ajuda a ter também uma ideia de quem são as e os parceiros dessas ex-tentantes e em que medida e em quais contextos essas personagens se engajam nas dinâmicas dos grupos. Há de se notar, por exemplo, que essa é a categoria na qual as marcações de perfis são mais expressivas, o que mostra um engajamento mais ativo de ambas as partes do casal no compartilhamento de positivos do que na busca por eles.

É importante notar que, nestes casos, são as parceiras que postam, mas na maioria das vezes é impossível saber se aquela que posta foi necessariamente a ex-tentante. Ao contrário das publicações de procura, onde é bem mais possível perceber se a tentante está procurando doador para ela engravidar ou sua parceira, as categorias de “tentante” e “parceira” se dissolvem bem mais aqui, de modo que ambas se tornam “mães de ic” e a necessidade de explicitar quem foi a mãe que engravidou se torna bastante incomum.

Por fim, são ainda “anexadas” às postagens desse subgrupo, *links* para outros perfis e

páginas dentro e fora do Facebook, e também *hashtags* associadas ao conteúdo da postagem. Este é um ponto muito interessante, pois não aparece em praticamente nenhum outro tipo de publicação do grupo. Nas 9 publicações que incorporam esses elementos, há ao todo 10 *hashtags* listadas, sempre ao final do *post*, sendo que giram em torno de demarcar especialmente três pontos/pautas através dessas ferramentas digitais: a maternidade lésbica através de *hashtags* como #duasmaes e #maternidadedupla; o fato de que os bebês são fruto de procedimentos de inseminação caseira, com *hashtags* como #bebêdeinseminacaocaseira, #filhodeic e #maesdeic; e a origem do doador, com *hashtags* como #doadordogrupo ou #doador_nao_é_do_grupo.

Além das *hashtags*, 4 dessas publicações contêm a indicação de perfis no Instagram e Tiktok. São perfis feitos por estas mães de IC para compartilhar a trajetória não apenas de suas crianças, mas da família e da experiência de maternidade delas como um todo, sendo todos eles vocais acerca da dupla maternidade, por exemplo, ou parentalidades.

Comunicação de positivo por doador

Passando ao terceiro agrupamento da tipologia que produzi para as postagens dessa categoria, os “Comunicados de positivos por doadores”, neste conjunto estão reunidas as publicações nas quais os doadores de sêmen são os responsáveis por divulgar aos grupos um positivo conquistado por tentantes que contaram com a sua colaboração. De modo geral, como citei anteriormente, o objetivo principal de ambas é a comunicação de um teste positivado ou do nascimento de uma criança concebida por meio da IC. Assim, a principal diferença entre os comunicados de positivos por tentantes e por doadores é que se esse primeiro é sempre focado nas mães, nas crianças, na trajetória das tentativas até o positivo e no encorajamento de outras tentantes. Por outro lado, o segundo o foco, está no próprio doador (mesmo que sirva para comunicar um positivo) e em divulgar seu papel e disponibilidade enquanto tal, de forma similar à categoria de “Oferta”, mas dessa vez utilizando-se do próprio positivo comunicado como um elemento que compõe seu perfil e credibilidade enquanto doador.

Em termos de distribuição dessas postagens entre um grupo digital e o outro, essa é, ao contrário das postagens produzidas por tentantes e mães de IC, um subgrupo bem distribuído entre os dois: o Grupo A, que conta com 15 postagens desse tipo, e Grupo B, que conta com a presença de 18, somando ao todo 33 publicações. Mas, dentre essas, várias delas são repetidas entre os grupos, de modo que o doador publicou a mesma postagem em um grupo e no outro, relatando portanto um só positivo. Assim, para ter uma ideia melhor da quantidade de positivos que estavam sendo relatados nos grupos pelos doadores, ao longo dos dois meses em que os

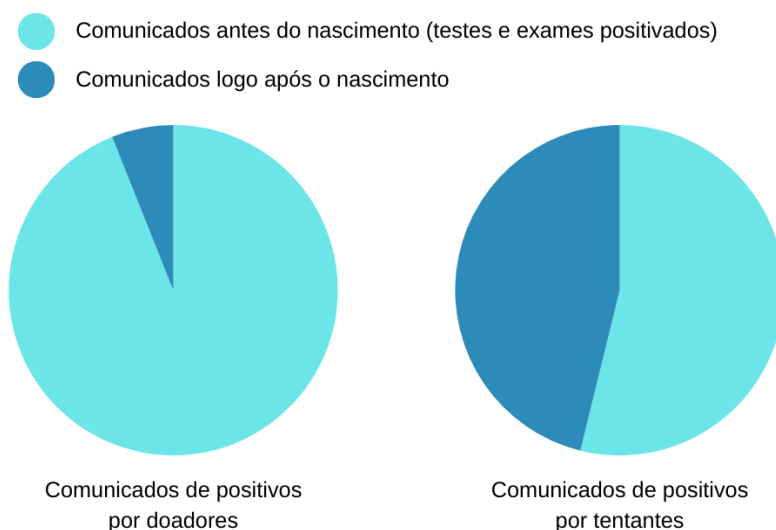
analisei, foi possível contabilizar ao todo 22 positivos comunicados. Ao observar quem eram os autores dos *posts*, um fato muito interessante me chamou a atenção, que são as repetições dos próprios doadores. Para esses 22 positivos, temos apenas 9 doadores, considerando que 10 deles foram conquistados com a doação de uma só pessoa e, além dele, pelo menos mais quatro doadores comunicaram nesse espaço de tempo mais de um positivo.

Um ponto importante a se destacar sobre esse agrupamento de “comunicados de positivos por doadores”, antes de adentrar em seus elementos, é que todas as publicações têm imagens, sendo que quase todas elas apresentamos *prints* das conversas de confirmação do positivo entre tentantes e/ou suas companheiras e o doador, sempre na plataforma do Whatsapp. Assim, temos dois conjuntos de informações agenciados nesses *posts*: aquelas que compõem os textos escritos pelos doadores na própria publicação; e aquelas contidas nas mensagens trocadas por tentantes e doadores, presentes nesses *prints* de conversas. Esse segundo conjunto de informações é interessante pois nos permite (assim como permite aos demais membros do grupo) ter um vislumbre das interações entre esses diferentes agentes que extrapolam o espaço do grupo, da própria plataforma. São recortes de um tipo de dinâmica que é distinta daquelas presentes nos grupos, tanto pelas peculiaridades impostas pela plataforma do Whatsapp, quanto pela intimidade de uma conversa exclusiva entre doador e tentante, que é bem diferente das conversas e interações públicas presentes nos grupos.

Assim como os comunicados de positivos feitos por tentantes, também aqueles produzidos por doadores dos grupos se dividem em dois conjuntos, sendo um deles de postagens compartilhadas nas plataformas logo após o teste positivado, ainda durante a gravidez, e o segundo de comunicados dados logo após o nascimento da criança. Entretanto, há uma drástica diferença na distribuição das publicações nesses dois conjuntos, de modo que se por um lado os comunicados feitos tentantes 54% foram produzidos antes do parto e 46% após o nascimento de filho, nos comunicados de doadores 96% são feitos no momento do teste ou exame positivado e apenas 4% depois do parto.

Uma boa hipótese para essa diferença (e que contribui para entendermos as agências de cada grupo social nessas dinâmicas digitais e na inseminação) é que, grande parte das vezes, é justamente no momento logo após o resultado positivo de um teste caseiro ou um exame médico em que os doadores são informados pelas tentantes acerca do positivo. Ademais, é também ali onde desejadamente ou costumeiramente se encerra o ciclo de participação desse doador na dinâmica da concepção dessa gravidez e, portanto, o compartilhamento desses comunicados é também um marco desse encerramento.

Gráfico 5 - Distribuição de comunicados de positivos antes e depois do nascimento, por tentantes/mães de IC versus doadores



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

As características desses dois conjuntos quando feitos por doadores, no entanto, são bastante similares entre eles, de modo que incorporam elementos e atuam em dinâmicas bem parecidas antes ou depois do nascimento das crianças (Ver Quadro IV- 23, do Anexo IV). Dentre esses elementos incorporados estão informações sobre os próprios doadores e sua atuação e trajetória na IC, declarações das motivações que os levam à doação de sêmen por inseminação caseira e colaboração nas redes de incentivo construídas nessas redes, parabenizações às tentantes que conquistaram o positivo informado e, ainda, informações sobre essas tentantes e sua trajetória de tentativas com elas.

Um elemento que é bastante comum nessas publicações são as parabenizações de seus autores, para as tentantes cujos positivos estão sendo comunicados, sempre expressas de maneira bem simples e direta, com um “parabéns” acompanhado de *emojis* (quase sempre corações e fogos de artifício). Já as informações sobre as tentantes são bem poucas, sucintas e pouco expositivas. Os nomes das tentantes são sempre apagados, riscados ou escondidos de alguma forma nos *prints* de conversas no Whatsapp que são compartilhados. Assim, o que resta de informação sobre elas são especialmente dois pontos: a cidade e/ou estado onde realizaram a inseminação e a “configuração” de gênero do casal (se são, por exemplo, um casal de lésbicas/sapatonas ou um casal heterossexual). Pelas conversas dos *prints*, somadas aos textos dos doadores nas publicações, todas estão em relacionamentos lésbicos/sapatões, mas isso só é possível de ser subentendido por meio de frases como “as futuras mamães” ou “parabéns, meninas, vocês merecem esse positivo”, pois essa informação nunca é dita diretamente.

Já sobre o local de onde esses positivos vieram, mais uma vez o eixo Sul-Sudeste

aparece de maneira bem mais expressiva do que as outras regiões, havendo em especial uma concentração de positivos no estado do Rio de Janeiro e São Paulo. As informações sobre as crianças/bebês, por sua vez, são quase ausentes nesse tipo de postagem, nunca expondo dados como o nome pessoal (mesmo quando já nascidas) e, no máximo, informando onde nasceu/nasceram e quantos bebês foram.

Os principais elementos que compõem esse tipo de publicação, portanto, dizem respeito aos dados dos próprios doadores e uma utilização do positivo atuando como ferramenta de divulgação de sua trajetória e disponibilidade na doação de sêmen para ICs. Assim, parte das publicações desse subgrupo (9 publicações) trazem informações sobre a atuação do doador, como local onde doa, contato do Whatsapp, quantidade de positivos que o doador já participou (e que, neste caso, variam de um a 30, dentre as postagens mapeadas) e o tempo de trajetória com doação de sêmen para IC. Alguns exemplos de como aparecem esses elementos nas postagens são frases como “moro na cidade X e posso viajar”, “caso se interessem pelo meu perfil podem me chamar no número xxxxxxxxxx”, “meu primeiro positivo”, “com esse são 25 positivos que tenho” ou “comecei como doador há dois anos”.

O elemento mais expressivo nesse tipo de publicação (24 postagens) são os relatos de “motivações para doar” que cada doador apresenta ao comunicar os positivos. Dentre essas motivações apresentadas, todas giram em torno do mesmo conceito que é o de ajudar “a realizar sonhos” (de família, de maternidade, de casais), “a criar lares felizes” ou, ainda, “a formar uma família”. É interessante notar que, junto dessas motivações, muitas vezes estão também ou incentivos às tentantes para que sigam nas tentativas (com base na ideia de que “é difícil, mas elas se esforçaram e conseguiram, vocês também podem conseguir”) ou agradecimentos declarações às tentantes, por darem a eles a oportunidade de contribuir nessa construção de novas famílias.

Outro elemento comum nessas postagens desse subgrupo (10 publicações) são os relatos desses doadores acerca do processo de inseminação em si, trazendo aspectos como a quantidade de tentativas até o positivo que está sendo comunicado e os cuidados e tratamentos acionados pelas tentantes para conquistá-lo. No que tange à quantidade de tentativas, eles costumam relatar apenas aquelas feitas com eles mesmos que, em geral, nunca são muitas, pois após algumas tentativas frustradas com um doador as tentantes costumam trocar. Desse modo, nesses relatos, as tentativas até o positivo variam de uma a três, sendo que na maioria das vezes são relatados positivos conquistados de primeira. É interessante notar, entretanto, que das 33 postagens desse subgrupo, apenas dez trazem essa informação, de modo que é possível que apenas aqueles doadores cujas tentantes conseguiram nas primeiras tentativas incorporar esse

elemento das postagens, já que isso é um aspecto desejado para um doador (conseguir positivos rapidamente). Além da quantidade, no entanto, por vezes aparecem mais alguns elementos do processo de inseminação com as tentantes, detalhando mais sua conquista, como em que dia do ciclo foi feita a inseminação positivada, quantas tentativas por ciclo, em quantos ciclos fizeram, dentre outros.

Como é de praxe para essa categoria de “Positivos, relatos e testemunhos”, as imagens adquirem aqui um papel especialmente relevante e uma presença significativa, de modo que estão presentes em todas as publicações desse subgrupo. No Grupo A são 40 fotografias e 1 vídeo distribuídos em 16 publicações e, no Grupo B, temos 56 fotografias e 1 vídeo distribuídos em 19 postagens. Ao todo, portanto, mapeei 98 imagens (fotos e vídeos) nesse subgrupo, somando as análises que fiz ao longo desses meses nos dois grupos. Como citei acima, a maior parte desses agentes imagéticos são *prints* de conversas na plataforma do Whatsapp, o que nos fornece mais uma série de informações sobre as interações entre doadores e tentantes, para além do texto produzido na própria publicação, que costuma ser mais sucinto.

As imagens desse subgrupo também se dividem em dois tipos: os *prints* de conversas; e fotografias de exames, testes caseiros e, principalmente, fotos dos próprios doadores, geralmente as mesmas que eles compartilham nas publicações de oferta.

O primeiro tipo é composto por 47 *prints* de conversas entre tentantes e doadores no privado, somando as imagens dos dois grupos. As conversas geralmente começam com as tentantes comunicando o resultado positivo, mas por vezes temos o movimento contrário, no qual os próprios doadores chamam as tentantes para perguntar acerca do resultado da IC. Exemplos de interações mostram fotografias de testes caseiros realizados, por vezes com pedidos ajuda das tentantes para interpretação de seus resultados, detalhamento de como foi o processo de confirmação da gravidez (quantos testes fez, em quais dias, de que tipo), agradecimentos ao doador e compartilhamento de emoções e sentimentos com a chegada do positivo. São comuns frases de tentantes como “Precisamos da sua ajuda para entender o resultado desse teste”, “Bebê a caminho, obrigada por todo o carinho e dedicação” e “Positivo, Fulano! Finalmente chegou! Estamos esperando pra fazer o exame de sangue, te aviso quando sair”, indicando tanto a celebração do sucesso quanto a busca por apoio e confirmação. Por outro lado, de doadores encontramos frequentemente frases como “Parabéns! Vocês merecem esse positivo”, “Muito feliz por vocês, deus abençoe você e sua esposa com mais esse sonho realizado”, “Feliz por ter ajudado” e “Depois me fala o resultado do exame”.

Os tipos de testes presentes nos *prints* incluem testes caseiros de fita (12 ao todo), de caneta (14) ou digitais (2), mas também fotografias e *prints* do resultado de exames de sangue

Beta HCG (6 ao todo). As interações entre tentantes e doadores nos *prints* e a escolha por materializar nos grupos essas interações dadas no privado é bem interessante, especialmente considerando que são os próprios doadores que compartilham nos grupos *prints* dessas conversas privadas. A escolha dos doadores de publicizar essas interações pode ser vista como uma estratégia para construir e valorizar sua persona como doador. As comunicações de positivos, com frequentes agradecimentos e elogios, servem como testemunhos de sucesso, reforçando a credibilidade e reputação dos doadores dentro da comunidade. São bastante comuns frases de tentantes presentes nos *prints* como: “Fiz tratamentos por anos em clínica e sempre negativo, nem acredito que você e deus me abençoaram”, “Obrigada por realizar nosso sonho” e “Obrigada Fulano, nem sei como agradecer, estou muito muito feliz”.

Pensando os positivos como mecanismos de um certo capital social que é constituído nas e pelas interações dos grupos e do contexto das ICs como um todo, é interessante pensar como são acionados esses *prints* pelos doadores. Ao compartilharem essas interações, elas atuam como testemunhos visuais do potencial positivo do doador e de sua relação com as tentantes, não só demonstrando a eficácia de suas doações, mas também fortalecendo as redes de confiança das/com as tentantes. Os *prints* aqui, portanto, são manejados de modo a consolidar o reconhecimento e validação desse doador acerca de sua importância no processo.

Entretanto, além dos *prints*, temos também mais uma série de materiais visuais incorporados nessas postagens de comunicados de positivos produzidas por doadores. Dentre elas, temos, por exemplo, 43 fotografias dos próprios autores da postagem, atuais e quando criança, ou ainda fotos dos filhos desse doador, mas é importante demarcar que boa parte delas são as mesmas sete imagens, do mesmo doador, repetidas em diferentes postagens que comunicam diferentes positivos. Temos também 5 fotografias de testes caseiros e exames Beta HCG positivados e, ainda, 2 dos bebês resultantes da IC comunicada, já nascidos.

Duplo registro e outros relatos

Chegando finalmente ao quarto e último subgrupo dessa categoria, é importante destacar que esse é o subgrupo mais “diferente” dos outros, tanto por seu conteúdo, quanto pelo formato que não tem uma padronização de seus elementos ou estruturas básicas que se repetem. Reuni aqui dois tipos de postagens. Por um lado, temos os relatos de “duplo registro” por mães de IC (11 postagens), ou seja, compartilhamento de histórias acerca do processo de busca e conquista (ou não) do registro de ambas as mães na certidão de nascimento de filho. Por outro lado, temos alguns (5 publicações) compartilhamentos de relatos acerca de desistências, dificuldades e frustrações de tentantes e doadores com a IC.

Um ponto relevante sobre esse subgrupo está na discrepância de sua distribuição entre o Grupo A e o Grupo B. Se já havíamos uma disparidade bem acentuada entre grupos digitais nos “Relatos-testemunhos de mães de IC”, essa discrepância se torna ainda mais evidente quando se tratam de relatos acerca dos processos de busca pelo duplo registro das mães ou depoimentos de tentantes e ex-tentantes que relatam decepções, abortos espontâneos e desistências da gravidez ou da inseminação caseira. Assim, ao todo, temos 14 publicações de “Duplo registro e outros relatos” no Grupo A e apenas 1 postagem desse tipo no Grupo B.

Essas diferenças me parecem estar diretamente ligadas à maneira como esses diferentes grupos, e a maneira como são administrados, ocupados e agenciados por seus membros, estão distintamente configurados. Se no Grupo B, por exemplo, os comunicados de positivos logo após o resultado positivo, especialmente por doadores, são mais expressivos, por outro lado a ocupação continuada das mães de IC na rede de relações do Grupo A e a confiança e segurança para expor seus filhos depois de nascidas é muito maior, não à toa (creio eu), no grupo que é administrado e mediado por tentantes e mães de IC e onde essas são o centro das interações.

No caso dos relatos de “duplo registro”, os textos dessas publicações são compostos por uma série de elementos, sendo os principais deles: as informações sobre advogades cujos serviços e auxílio foram utilizados na busca legal pelo duplo registro; agradecimentos a esses profissionais, às parceiras e ao grupo pela colaboração nessa luta pela garantia desse direito; relatos das dificuldades enfrentadas nesses processos judiciais; e informações sobre os filhos.

O nome das advogades que as representaram nos processos judiciais aparece frequentemente nas postagens, acompanhado de agradecimentos a essas figuras e relatos detalhados de como seu desempenho foi crucial para a conquista da dupla maternidade. Essas publicações frequentemente incluem indicações dos perfis das advogades nas redes sociais, recomendando seus serviços a outras tentantes na mesma busca pelo duplo registro e indicando seus contatos, com frases como “muitas vezes o registro é difícil para muitos casais de mães e por isso vamos indicar nos comentários o contato do Fulano de Tal, que conseguiu a sentença para nós”. Ao todo, os nomes e perfis de sete advogades foram acionados por meio de marcações e/ou citados nessas publicações que mapeei, todas muito bem recomendadas nas publicações e des quais são citados aspectos como eficiência, compromisso, competência, trabalho feito com amor e elogios ao conhecimento e atuação na causa das maternidades lésbicas/sapatonas.

Entretanto, os agradecimentos que compõem essas publicações não apenas se direcionam a advogades responsáveis pelos processos, mas também às companheiras e ao próprio grupo, por participação ativa em tornar possível que um sonho e um direito fossem

conquistados. Nesta senda, uma questão que aparece aqui é o “direito” e a “luta” pela dupla maternidade assegurada legalmente. Esse ponto é interessante, pois a presença deste elemento no discurso dessas pessoas é uma das poucas menções abertas à questões políticas da maternidade compartilhada e da sexualidade transgressora destas mães.

O reconhecimento da felicidade em garantir que a criança e suas mães tenham seus direitos garantidos, apesar dos entraves legais que são impostos pela lei brasileira às crianças e mães de IC, são costumeiramente expressas em declarações como: "Muito felizes por nossa filha finalmente possa ter o direito de ter o nome de suas duas mamães registrado"; "Filha de duas mamães e com o nome das duas na certidão! Eternamente agradecidas a Deus e à nossa advogada por todo o auxílio em conquistar nossos direitos!"; ou ainda "Nossa criança arco-íris vai ter duas mães na certidão sim! Agora é só esperar nosso bebê chegar”.

Outros elementos presentes nestas publicações são os relatos acerca das dificuldades encontradas nos processos judiciais, as “batalhas na justiça”, dentre elas especialmente o tempo despendido até a sentença. De acordo com estes e outros relatos do grupo, os processos costumam girar em média em torno de seis meses a um ano e meio, ou seja, por vezes bem mais do que o tempo da própria gestação como um todo.

Assim, como é relatado nesses depoimentos, em geral as mães entram com esse processo na justiça logo nos primeiros dois a três meses de gravidez, para que, assim, a sentença não saia muito depois do nascimento da criança, embora, dependendo do estado, de juize e de advogade utilize, esta não seja uma garantia. Alguns exemplos significativos de narrativas bastante comuns no grupo são dadas por frases como “entramos com o processo no início do terceiro mês de gestação e graças a deus tivemos hoje a boa notícia de que a sentença saiu, logo quando nosso bebê completou dois meses de vida”, ou ainda, “finalmente conseguimos a dupla maternidade na certidão, depois de 1 ano e 3 meses na batalha judicial”. Por fim, são poucas as postagens que compartilham informações sobre os filhos das autoras, mas, quando acontece, é sempre citado seu nome e quando nasceu.

Já no caso do conjunto imagético que compõe esses relatos de duplo registro, as imagens mais uma vez servem de prova-testemunho de uma conquista, mas desta vez não do positivo, mas do processo judicial que garante o direito ao duplo registro de maternidade na certidão de nascimento. São também imagens que contêm informações importantes acerca das crianças, suas mães, avós, e do próprio processo em si, a depender se é uma foto da sentença do alvará judicial emitida por um juize ou da própria certidão de nascimento da criança, em ambos os casos constam os nomes de ambas as mães, mas no caso das sentenças é possível distinguir qual das mães engravidou. No meu recorte, são três certidões de nascimento e três sentenças.

As sentenças, nesses casos, são todas emitidas antes do nascimento das crianças, o que reforça e ilustra o fato de que os processos de pedido pelo duplo registro têm início nos primeiros meses da gravidez, como recomendado pelas advogadas que atuam neste tipo de caso, já que assim as chances de que a sentença já esteja pronta no momento do registro do bebê e, assim, a dupla maternidade esteja também já assegurada na primeira certidão. É interessante também observar estas sentenças, pois elas nos permitem um vislumbre de quais aspectos e quais discursos são articulados por cada juíze.

Dentre os pontos e características presentes nestas sentenças, há a presença de uma série de informações sobre o caso, as requerentes e a criança nascida ou “a nascer”. As informações que podem ser encontradas nessas sentenças são, por exemplo: o Tribunal, Comarca, Vara e Estado do processo, sendo eles sempre julgados nas Varas de Registro Público; nome de Juíze de Direito responsável pelo caso e, por vezes, do Oficial Maior; data da sentença; e o nome completo de ambas as mães e especificação de qual a mãe que engravidou. Além disso, se a criança ainda não nasceu, especifica-se o tempo de gestação no momento da sentença. Por outro lado, se ela já nasceu, não há informações acerca de sua idade. Se é o caso, o processo de pedido pelo alvará judicial é distinto, pois seu objetivo é de retificar a certidão de nascimento já emitida, para incluir a filiação da outra mãe (que não engravidou) e des avós. É interessante notar que, dentro do meu recorte, apenas em um caso de sentença deste tipo contém o termo “dupla maternidade” é utilizado.

Dentre as motivações elencadas nas sentenças emitidas, algumas ferramentas legais são articuladas, sendo estas agenciadas como provas de uma maternidade que é compartilhada entre as duas “requerentes” para justificar a inclusão de ambas no registro da criança. A principal ferramenta citada são o casamento e/ou união estável das mães, que atuam como comprovações da estabilidade da união do casal e de uma ideia de planejamento familiar duradouro e desejo pela maternidade compartilhado e anterior à concepção. Outros aspectos conectados a essas ideias, mas que extrapolam a esfera das ferramentas legais, são relatos de que o relacionamento mantido entre as requerentes, que será a base para a criação compartilhada da criança, é uma relação instituída em características como “amor”, “respeito”, “cumplicidade”.

Além disso, também é citado o Provimento 63/17 do CNJ como ferramenta legal na qual o processo pode ser enquadrado/registrado. O Provimento 63/17:

“Institui modelos únicos de certidão de nascimento, de casamento e de óbito, a serem adotadas pelos escritórios de registro civil das pessoas naturais, e dispõe sobre o reconhecimento voluntário e a averbação da paternidade e maternidade socioafetiva no Livro “A” e sobre o registro de nascimento e emissão da respectiva certidão dos filhos havidos por reprodução assistida.” (CNJ, 2019, sem página).

Por fim, sobre os métodos reprodutivos utilizados especificamente, é ainda citado em algumas destas sentenças as motivações que levaram as requerentes a optar por uma concepção através de inseminação caseira, citando especificamente a falta de recursos financeiros para arcar com os procedimentos de reprodução assistida em clínicas especializadas.

Já no caso das certidões, esses aspectos nos escapam, sendo elas muito mais poderosas por sua mensagem e agência como testemunho visual da conquista final daquilo que é talvez a fragilidade mais latente da inseminação caseira: a dificuldade de mães lésbicas/sapatonas conseguirem registrar ambas as mães. Um ponto importante, acerca dessas imagens, é que todas elas sofrem intervenções visuais-digitais para esconder e preservar os dados mais sensíveis dos bebês e de suas mães, como sobrenomes, CPF e número de matrícula.

Além dos relatos de duplo registro, temos ainda um conjunto de publicações dessa categoria que compartilham da identidade de relatos acerca das experiências de tentantes com a inseminação caseira, mas essas experiências não se tratam nem da conquista de positivos e nem da desistência ou frustração delas com a prática. Os relatos são variados em tema e formato, tornando difícil descrevê-las como um grupo de publicações que compartilhem características comuns, mas ainda assim nos informam sobre a multiplicidade de experiências e momentos pelos quais as tentantes passam, ou podem passar, durante o processo das tentativas e em que medida elas escolhem ou não compartilhar com as redes dos grupos digitais e incluí-las na construção dessas experiências.

Três delas são publicações nas quais as tentantes relatam terem acabado de realizar suas primeiras tentativas de inseminação caseira, compartilhando sua ansiedade e/ou convocando outras tentantes a descreverem quais as sensações que mães de IC tiveram ao conquistar seus positivos, para incentivá-las na espera pelos resultados de suas inseminações. Outra é construída a partir do relato de uma tentante que compartilha com o grupo sua gratificação e felicidade ao ter uma resposta positiva de sua esposa para que ingressem juntas no processo de buscar doadores para iniciar as tentativas de inseminação caseira, em busca de um positivo. A última, deste subgrupo, se trata do relato de uma tentante acerca de um aborto espontâneo que ocorreu cerca de um ano e meio antes da publicação, cujo impacto emocional ainda afeta intensamente sua disposição em permanecer na busca por uma gravidez. Na postagem, a tentante conta que após o aborto, seguiu com as tentativas de inseminação caseira, mas que sente sua força para permanecer na empreitada se esvaindo. Mais do que isso, na realidade, o principal elemento dessa publicação é a imagem que a compõe, sendo ela uma fotografia de uma carta escrita a mão, endereçada ao filho que perdeu, uma carta de amor.

Chegando ao último conjunto de publicações dessa categoria que reuní, temos postagens cuja identidade é constituída por relatos que vão na direção contrária a do restante dessa categoria, cujas histórias compartilhadas relatam narrativas de “sucesso” com a inseminação caseira. São, assim, relatos de pessoas - tentantes, em sua maioria, mas também de um doador - que passaram por desistências, dificuldades e frustrações em suas experiências de inseminação caseira. Nesse sentido, esse conjunto de postagens, mesmo que pouco expressivo no contexto dos grupos (e talvez justamente por isso), me levou a pensar que é interessante questionar até que ponto essas dinâmicas de testemunho e compartilhamento de “positivos” podem ser consideradas representativas e inclusivas, já o foco no “positivo” pode silenciar as experiências de falha e frustração, perpetuando uma narrativa de sucesso linear e incontestável.

Portanto, enquanto reconhecemos o valor dos testemunhos e das imagens de “positivos” como formas legítimas de compartilhar experiências e oferecer apoio mútuo, é crucial também questionar as narrativas dominantes e promover uma abordagem mais reflexiva e inclusiva que reconheça a complexidade e diversidade das jornadas individuais de fertilidade. Como aponta Fabíola Rohden, no contexto das postagens digitais dos resultados de cirurgias estéticas: “Nas redes sociais, a publicização das imagens enquanto ‘provas’ dessa transformação de si parece evocar a sustentação do testemunho: são mais válidos os discursos proferidos pelos indivíduos cujos resultados são mais exitosos.” (Rohden, 2024, p. 6)

Dentre as dificuldades relatadas, está a falta de doadores em determinados lugares (inclusive algumas cidade e estados como o Rio de Janeiro) e doadores famosos que são muito requisitados e, por conta disso, “escolhem demais” as tentantes que vão ou não atender; há também críticas e julgamentos enfrentados por tentantes de IC, voltados para desacreditar a efetividade da técnica (especialmente), mas também acusando as tentantes de “enganarem” suas parceiras ao se engajarem em atividades sexuais ou percebidas como tal, uma vez que a técnica não seria capaz de gerar gravidez.

Dentre os motivos citados que levaram às desistências de tentantes com o processo de inseminação caseira, estão: Muito tempo em tentativas, levando a uma desistência pelo cansaço, falta de doadores em determinada cidade e mau caratismo de doadores de tentativas ou interações anteriores, que “enganam as tentantes” (acompanham esses relatos os agradecimentos ao grupo como rede de apoio e incentivo). Esse conceito de “muito tempo” ou “muitas tentativas”, entretanto, varia de acordo com cada tentante, de modo que no recorte desta pesquisa, esses relatos abrangem tentantes desistentes com 3 meses ou até 3 anos. Já a única publicação desse subgrupo feita por um doador aponta que a grande maioria das tentantes é respeitosa e prestativa com os doadores, mas que está desistindo de doar por conta das atitudes

de algumas tentantes que estariam “julgando” os pedidos de doadores por ajuda de custo no deslocamento, acusando-os de cobrar pela doação de sêmen, que é proibida por lei (acompanha justificativa da reclamação, dizendo que doadores “já vão com o maior intuito de ajudar” e ainda assim essas tentantes querem que eles “arquem com o transporte”).

3.5 - Reportagens e links externos

Quadro 15 - Quantitativos de postagens, comentários e reações da categoria de “Reportagens e links externos”

PUBLICAÇÕES	%	COMENTÁRIOS	MÉDIA DE RESPOSTAS POR PUBLICAÇÃO	%	GRUPO A	GRUPO B
39	4,2%	89	2,2	1,5%	9	30

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

A categoria de publicações “Reportagens e *links* externos” nos grupos digitais sobre inseminação caseira compreende um total de 39 postagens (4,2% das publicações em geral), distribuídas nos dois grupos digitais estudados, sendo 9 delas no Grupo A e 30 no Grupo B. Nessa categoria estão reunidas aquelas postagens que se caracterizam por serem interações que são compartilhamentos de outros *links*, externos aos próprios grupos. Esse conjunto nos oferece uma rica rede de interações e diálogos que diz sobre esse contexto social e digital da inseminação caseira no Brasil, permitindo uma análise tanto dos temas e elementos incorporados nos textos e mídias das publicações e nos conteúdos originais que foram compartilhados nos grupos, quanto dos formatos e das plataformas de origem desses conteúdos e *links*.

Essas publicações servem como um espaço dinâmico para compartilhar e discutir reportagens, notícias e artigos que exploram as diversas dimensões da IC, incluindo as opiniões e debates com jornalistas, médicos e juristas sobre essa prática. A análise dessas interações revela não apenas como os membros dos grupos reagem às críticas e defesas externas, mas também como essas discussões contribuem para uma compreensão mais profunda e crítica da inseminação caseira. As publicações oferecem, assim, alguns *insights* importantes sobre o impacto dessas diferentes perspectivas e a maneira como elas interferem e ajudam a moldar o debate sobre a prática.

Além da discussão do contexto da IC, essa categoria desempenha um papel crucial na divulgação de conteúdos, produtos e serviços relevantes para mães lésbicas/sapatonas,

abrangendo desde tratamentos e processos judiciais até matérias que trazem dicas e informações sobre recursos e métodos práticos para a concepção. A análise também revelou uma diversidade de conteúdos sobre a criação de filhos, que variam de informações educativas a conteúdos virais divertidos, refletindo a amplitude de temas trazidos à rede dos grupos digitais, além de nos ajudar a refletir sobre as diferentes funções que essas plataformas assumem, inclusive o de criar um senso de “comunidade” entre membros.

O exame das fontes originais dos conteúdos compartilhados inclui uma variedade de plataformas como sites de notícias e uma forte presença do próprio Facebook como fonte, permitindo investigar a influência desses diferentes agentes/actantes na formação e disseminação das informações sobre inseminação caseira.

Os temas e elementos são extremamente diversos. Decidi organizá-los por agentes envolvidos na criação das publicações, pois os grupos temáticos e usos específicos da possibilidade de compartilhamento de links externos ao grupo que cada conjunto de agentes faz é bem distinto. Embora a maior parte das publicações que compõem a categoria de “Reportagens e links externos” tenham sido produzidas por doadores, somando ao todo 24 entre os dois grupos estudados, esse é um agrupamento de postagens cuja autoria se dispersa por diferentes tipos de agentes, incluindo 10 publicações de advogadas e 5 de tentantes. A disparidade existente entre tentantes e advogadas, por um lado, e doadores, por outro, refletem também a distribuição bastante desigual das publicações entre grupos. Não à toa, penso eu, o Grupo B, que é administrado por doadores e frequentemente mais ocupado por eles, como venho discutindo até aqui, é também aquele que reúne significativamente mais publicações dessa categoria.

Das 5 postagens de “Reportagens e links externos” produzidas por tentantes, uma se encontra no Grupo A, um vídeo religioso de uma pregação que fala sobre ir atrás de sonhos com fé, compartilhado do perfil pessoal de um pastor na própria plataforma do Facebook, e as outras quatro que se encontram no Grupo B, por outro lado, fazem uso da plataforma dos grupos de uma maneira bem particular e parecida entre si. Nessas, as tentantes se instrumentalizam das publicações de maneira que essas sejam direcionadas a públicos interessados em vídeos e canais – todos na plataforma Youtube – voltados para o dia a dia e os processos envolvidos na própria inseminação caseira ou na criação das crianças a partir de maternidades (lésbicas/sapatonas) compartilhadas. Essas aberturas de caminhos digitais até essa outra plataforma dada a partir do compartilhamento desses *links* é interessante pois não apenas mostra um uso desses grupos que gira em torno de captar público, visualização e permitir a divulgação de conteúdos digitais pessoais ou familiares dessas tentantes e mães de Ic, mas também dá aos grupos (e,

consequentemente, nos dá acesso) a um novo nível de intimidade e contato com o processo de inseminação de cada casal, ao mostrá-lo a partir dos vídeos. Há, ainda, uma última publicação de tentante no Grupo B, que faz uma instrumentalização parecida dos grupos, no sentido de utilizá-lo para conquistar um público e visibilidade, mas com outro objetivo, que é o de divulgar uma “vaquinha” virtual para auxiliar em seu tratamento de FIV.

Em geral são publicações que têm texto, mas são bem diretos e sucintos, apenas convidam as redes de membros dos grupos a entrarem no *link* e contam com algumas palavras do que se trata o que estão divulgando, como “vaquinha pra ajudar na minha FIV” ou “Estou começando um canal pra acompanhar minhas tentativas de IC” ou ainda “fiz esse vídeo contando minha história tentando engravidar”.

Das 10 postagens de “Reportagens e *links* externos” veiculadas por advogadas, duas habitam o Grupo A e 8 estão no Grupo B. Ao todo, entretanto, apenas quatro advogadas diferentes estão envolvidas no processo de formulação dessas postagens, sendo que duas delas (parceiras e do mesmo escritório) são responsáveis por 8 das publicações. Dessas oito, seis publicações são em geral bem parecidas entre si, por se tratarem de repetições do mesmo *link* ou diferentes postagens anunciando a mesma coisa. Neste caso, tratam-se de divulgações do trabalho que desenvolvem com processos jurídicos de busca pelo registro de ambas as mães na certidão de filhas gerados por IC e, principalmente, a divulgação de diferentes edições da Mentoria de “Filiação Homotransparental”.

A mentoria se dá em uma série de encontros *online* administrados por uma das advogadas mais ativas nesses grupos digitais (a qual já referenciei anteriormente) e tem como objetivo orientar e informar pessoas LGBTQIA+ sobre os processos legais e jurídicos necessários para o registro de filhas, especialmente no contexto da inseminação caseira, mas também conhecendo e contemplando diferentes modalidades de filiação para esses grupos sociais. O curso foi oferecido, na época de meu mapeamento, por R\$150,00. As postagens de divulgação dessa mentoria incluem diversos tipos de informações, como imagens, vídeos, *feedback* de pessoas que já participaram, informações detalhadas sobre o que será ensinado, e *flyers* promocionais. Por exemplo, uma imagem incorporada a uma das publicações traz um *feedback* positivo de uma cliente, destacando a seriedade e profissionalismo da advogada e mentora, enquanto um vídeo acoplado a outra postagem mostra a própria advogada divulgando os temas principais do curso, além de informar sobre valores e datas. Além de divulgações da mentoria em si, há publicações dessas advogadas também divulgando os serviços de advocacia que oferecem. Em uma delas, por exemplo, a advogada celebra a conquista de mais um processo

de duplo registro de maternidade, contando alguns detalhes da ação ajuizada e trazendo imagens de prints da sentença que evidenciam o sucesso do processo.

Essas postagens não apenas promovem a mentoria, mas também revelam aspectos importantes das dinâmicas traçadas dos grupos digitais onde são publicadas. Uma reflexão que pode ser levantada é que os grupos digitais onde essas postagens são compartilhadas se constroem também como espaço de oferecimento de serviços especializados, como as assessoria jurídica para o registro de filhos ou os oferecidos a tentantes, mães e outras advogadas tratando das peculiaridades jurídicas e legais da homoparentalidade e transparentalidade no contexto brasileiro. Membros desses grupos, particularmente tentantes e mães lésbicas, assumem portanto novos papéis nessa rede, de clientes em potencial desses serviços. Muito mais que meros veículos de uma divulgação, essas postagens participam ativamente da conformação dessa rede e de sua constante recriação, incluindo seus usos para fins de divulgação, troca e uso de trabalho e serviços.

Por outro lado, a presença dessas postagens e a promoção dos serviços especializados dentro dos grupos também estabelecem outras formas de relação entre os participantes. Inclusive, nem todas as postagens de advogadas nessa categoria são produzidas de maneira a divulgarem seus trabalhos e assessorias, mas também são compartilhadas imagens e vídeos informativos, embora todas compartilhem *links* de seus perfis pessoais (e, portanto, abrem sempre portas a potenciais clientes). Há, por exemplo, uma publicação que compartilha um vídeo de uma dessas advogadas sobre as modalidades de adoção conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O vídeo é informativo e tem como objetivo orientar casais homoafetivos sobre as opções legais disponíveis para adoção, incentivando os seguidores a salvar a publicação para referência futura.

Em outra postagem, outra advogada compartilha “dicas essenciais” para evitar problemas jurídicos ao registrar dupla maternidade em casos de inseminação caseira. A publicação é educativa e detalhada, oferecendo conselhos práticos desde o planejamento inicial até as interações com o doador. A advogada também se coloca à disposição para dúvidas e incentiva seguidores a acompanhá-la no Instagram. Dentre essas dicas compartilhadas, por exemplo, estão: não deixar para requerer a dupla maternidade na certidão para o final da gravidez e sim após os três meses de gestação; registrar com fotos, vídeos e exames de cada etapa antes e durante a gestação, das duas mães, citando inclusive como ferramenta importante

uma declaração do médico afirmando a participação de ambas; fornecer ao doador o mínimo de dados sobre as tentantes⁶³.

Ao mesmo tempo, portanto, que se estabelecem esses laços e relações de serviço e consumo dentro dos grupos, esses mesmos serviços produzem também outras formas de relação entre participantes dos grupos. Essas relações – que coexistem – se movimentam no sentido de, também aqui, fortalecer redes de apoio entre si, dada a fragilidade e a peculiaridade dos contextos de inseminação caseira. Essa dinâmica é particularmente relevante no contexto das parentalidades não-normativas. As postagens atuam de forma a agenciar trocas de saberes e experiências pessoais e profissionais que podem servir e servem como ferramentas e mecanismos de legitimação de parentalidades não-normativas dentro de sistemas que a princípio não os comportam.

Contudo, é importante considerar que essas redes de apoio e consumo podem também refletir e reproduzir desigualdades preexistentes. O acesso a esse tipo de mentoria e serviços jurídicos especializados, por exemplo, pode ser limitado por questões financeiras e acesso, inclusive digital, o que pode excluir algumas pessoas dessas redes de apoio e de troca desses saberes.

As próprias advogadas, entretanto, talvez especialmente por serem todas também mulheres assumidamente lésbicas/sapatonas, parecem fazer alguns esforços para mitigar os efeitos desses acessos desiguais. Um exemplo disso são os serviços "pro bono" oferecidos em uma das postagens mapeadas, onde uma advogada e pesquisadora oferece atendimentos jurídicos gratuitos para casais de mulheres que precisem registrar os filhos e não têm condições de pagar por isso. A publicação ressalta o compromisso que a mesma tem com “a justiça social” e o “apoio à comunidade LGBTQIA+”, oferecendo seus serviços gratuitamente em conformidade com o Código de Ética da OAB.

Apesar disso, entretanto, é importante manter uma postura crítica em relação às movimentações desses perfis no grupos, já que não se pode ignorar que essas profissionais também operam dentro de um nicho de mercado e têm seus próprios interesses, incluindo a promoção de seus serviços. Assim, ainda que o discurso de justiça social e o fato de serem mulheres lésbicas/sapatonas possam reforçar a imagem de compromisso com a comunidade, também atuam como mecanismos de engajamento de visibilidade e confiança nesse segmento.

O fato de essas advogadas serem mulheres lésbicas pode trazer uma consciência especial

⁶³ Essa conduta recomendada pode ser, inclusive, forte motivadora da discrição de tentantes no compartilhamento de informações sobre si e sobre as crianças (para além das fotos e, eventualmente, o nome dos filhos) nos grupos, como observado até aqui.

às suas práticas. Elas parecem ter uma compreensão particular das barreiras e desafios enfrentados pela comunidade LGBTQIA+, inclusive no contexto jurídico. Essa consciência pode não só motivar a especialização em temas de homoparentalidade e transparentalidade, mas também facilitar e socializar o acesso a esses serviços e ferramentas dentro dessas comunidades que compõem identidades e sexualidades não-normativas, mas também em sua intersecção com a maternidade.

Os doadores, por sua vez, são o grupo mais ativo no agenciamento dessa categoria, de modo que são 27 postagens de “Reportagens e links externos” publicadas por eles, dentre as quais 9 estão no Grupo A e 18 no Grupo B. Além da quantidade mais expressiva, os posts que trazem compartilhamentos de links externos aos grupos de doadores são também mais plurais em seus temas e usos da rede do grupo. Um conjunto interessante de publicações desse tipo se trata de reportagens e notícias que giram em torno do contexto social e digital da inseminação caseira, homoparentalidade e transparentalidade no Brasil, revelando um panorama complexo e multifacetado. As interações geradas demonstram uma rede de apoio robusta, onde membros compartilham experiências, debatem questões éticas e legais, e se defendem contra narrativas externas que consideram prejudiciais. As discussões evidenciam tanto a resistência a discursos hegemônicos quanto a busca por reconhecimento e legitimidade das práticas de inseminação caseira, refletindo uma dinâmica de constante negociação e afirmação de identidades e direitos dentro desses grupos sociais.

Duas matérias desse conjunto, em especial, foram particularmente compartilhadas ao longo do tempo em que mapeei as publicações, em ambos os grupos. Na primeira, o texto trata a IC de forma bem crítica, inclusive da consanguinidade entre irmãos, o que já fica visível no título que traz uma problemática bem discutida quando se fala de IC: “Inseminação caseira para engravidar: Doador de sêmen diz ter mais de 100 'filhos'; entidade vê risco - Homens com altas taxas de fecundação são mais requisitados em grupos nas redes sociais; para associação, situação cria risco de consanguinidade”. Sobre essa matéria compartilhada, vale notar que o doador referido na reportagem (anônimo aqui e lá), é o mesmo que publicou a postagem que, mesmo sem texto que acompanhe o link, aponta para uma relação de conflito com a mídia, especialmente entre doadores. Isso se torna ainda mais claro quando vemos os comentários das redes de membros dos grupos, que são bastante críticas à matéria, trazendo frases como: “As clínicas devem estar pirando devido a grande demanda deste método e baixa procura nas mesmas!!!” ou “Essa matéria em si, como sempre, é bem tendenciosa. É por isso que eu acredito que a IC nunca será legalizada. Pois bem, vamos atrás de cada registro de bebês de inseminação caseira. Doador não é pai.” Nesse sentido, um comentário em específico me chama bastante

atenção, pois evidencia nele uma série de embates entre os grupos de inseminação caseira e dois grupos sociais em específico, cujos conflitos narrativos acerca da IC constantemente aparecem nessas redes mapeadas, quando trazidos à tona os discursos midiáticos ou biomédicos sobre o assunto. Nele, esse membro do grupo (A?) aponta:

Ah, o famoso medo das "relações incestuosas" e dos problemas de "má formação" em casais "consanguíneos". Esse mito aterrorizante. Me poupe. Pesquisas mais antigas já mostraram que a probabilidade de uma criança ter doenças ou má formação nesses casos não é TÃO maior que em casais sem proximidade genética. [...] O material genético que um pai passa para um filho não é sempre igual. Dois irmãos de mesmos pais podem compartilhar bem pouco DNA. [...] Não é a primeira vez na história que homens tiveram centenas de filhos e o mundo não acabou. [...] Depois, a chance de entre 11 milhões de habitantes na grande São Paulo, justamente aqueles que são "filhos" do mesmo doador se encontrarem, se apaixonarem, e ainda quererem ter filhos é muito improvável. [...] A matéria é tendenciosa, alarmista e pouco científica. Sem números reais do tal "perigo", sem profundidade em como funciona a genética, exagerando falsos perigos por sensacionalismo e preconceito. Típico do jornalismo.

Adentrando um pouco mais nas interações geradas por essa notícia, mas passando ao Grupo B, “Sempre a mesma coisa nas reportagens: Medo das crianças se relacionarem. Se as mães forem honestas esses casos não existirão.”; “O único risco são as clínicas de fertilização acabarem falindo”; “essas clínicas que exploram já devem ter perdido milhões com nós doadores”; ou ainda “vivem pagando reportagem negativa afim de acabar com as IC”. Há ainda quem discorde dessas posições, colocando-se de forma mais crítica aos riscos da IC e indo de acordo com as posições da reportagem, como “não podemos dizer que é tudo flores, pois não é, há risco de irmão se relacionar futuramente e nem saber que são irmão, já que o mesmo homem doa pra várias mulheres inclusive da mesma região, então há sim esse risco”.

Além disso, no Grupo B essa publicação suscita, nos comentários, uma discussão acerca dos limites até onde o doador pode/deve ou não ter contato ou proximidade com a criança. Coloco na íntegra (com as palavras modificadas, como sempre, para evitar a identificação das autoras dos comentários) esse diálogo, pois ele nos abre uma série de questões:

Tentante 1: Estou pensando em fazer a inseminação com Fulano de Tal, mas não quero contato algum com ele, porque sou casada e meu esposo será considerado o pai do meu filho.

Tentante 2: Acho que é impossível impedir isso completamente, acredito que é direito da criança conhecer o seu genitor, porque, querendo ou não, ele faz parte da sua história. Quem não sabe quem é o pai pode entender isso. Não concordo com esconder a verdade em nenhuma circunstância. Isso não quer dizer que quero que o doador seja pai, mas pelo menos mostrar uma foto, contar a história...

Tentante 3: Estou me organizando, estou muito interessada no Ciclano. Acredito que a criança, em algum momento, precisará saber sobre sua origem, é um direito dela, e fazer isso antes da adolescência pode prevenir possíveis relações entre irmãos biológicos. Revelar o doador não diminui o papel do pai verdadeiro. No meu caso, sou solteira e farei uma produção independente, então meu filho saberá desde pequeno.

Tentante 4: Interessante, como você pretende explicar isso?

Tentante 3: Logo nos primeiros anos, quando surgirem as primeiras perguntas (por exemplo: "Por que eu não tenho pai?"), de forma simples e gradual. À medida que ele

ou ela crescer, vou adicionando mais detalhes. Quero deixar claro que essa foi uma escolha de amor e humanidade. A identidade do doador só será revelada quando a criança for mais velha e se ela quiser saber mais detalhes. Acredito que meu filho estará em um ambiente diversificado em termos de estruturas familiares, o que pode tornar natural para ele ver crianças sem figura paterna, com duas mães, dois pais, ou sendo criadas por avós ou outros parentes. Acho que criar um filho sem preconceitos, com exemplos no cotidiano, e com liberdade para perguntar, argumentar e expressar seus sentimentos torna tudo mais fácil. Para mim, essa é a melhor abordagem.

Tentante 4: Meu receio não é esse, mas sim que no futuro ela queira procurar o doador e investigar mais profundamente.

Tentante 3: Tenho pensado muito nisso e conversado bastante com minha mãe. Existe essa possibilidade, e é por isso que a identidade do doador eu só revelarei quando a criança for maior de idade, e depois disso, vai depender muito da personalidade, maturidade, e da maneira como meu filho reagirá. Mas estou me preparando para essa possibilidade, para que, se acontecer, ela não se torne um problema para o doador (se é que você me entende). Não podemos prever o futuro, só nos preparar.

Tentante 4: Verdade, muito obrigada, me ajudou muito.

Tentante 3: Por nada! É sempre bom trocar ideias e pontos de vista, assim estamos sempre aprendendo, acrescentando ou desapegando de algo. Eu aprendo muito com vocês e sou grata por isso. Um grande abraço, tudo já deu certo para você.”

Esse diálogo gerado pela postagem e pela reportagem, entre tentantes, é bastante interessante, pois nos ajuda a ter um pouco mais de ideia de como cada uma lida com essa questão dos limites e, além disso, como pretendem construir uma narrativa com seus filhos acerca de sua concepção e seu doador, além de entendermos melhor esse lugar de doador-genitor-pai que os doadores de IC estão, em uma categoria que ainda é disputada, mesmo pelas tentantes. As discussões mostram uma preocupação com o direito da criança de conhecer suas origens, mas também uma tentativa de delimitar a diferenciação entre o papel do pai e do doador. A troca de ideias e experiências entre as tentantes ilustra uma rede de apoio que vai além da concepção, abrangendo questões de criação e identidade.

Já a segunda reportagem também aborda o crescimento da inseminação caseira (IC) no Brasil, o lugar das redes sociais em sua expansão, os riscos envolvidos e a ausência de amparo legal para essa prática. A matéria enfatiza as disputas da IC com a comunidade médica, apontando que ela não é recomendada por médicos devido aos riscos à saúde, mas traz também uma “história de sucesso” com a inseminação caseira, entrevistando uma ex-tentante. Um ponto que me chamou atenção foi que a própria matéria passa pela promoção de redes e apoio e compartilhamento de experiências que se fazem pelos/com os grupos, apontando que “os resultados positivos de uns acabam encorajando outros casais”.

Comparada à primeira reportagem, esta teve uma repercussão significativamente menor, tanto em termos de reações quanto de comentários. Em seus três compartilhamentos, ao todo a notícia recebeu apenas 7 reações (6 curtidas e 1 amei) e nenhum comentário como resposta. É possível que a primeira repercuta mais por pessoalizar a notícia logo em seu título, falando de um doador específico e muito proativo nos grupos, o que pode gerar mais engajamento dos

demais. Além disso, a segunda aborda o contexto das inseminações caseiras sob uma perspectiva menos “polêmica” ou, ainda, menos afrontosa com essas práticas, despertando assim um engajamento de respostas menos expressivo. Outra possibilidade é que a fonte da segunda reportagem seria menor em termos de visibilidade, sendo uma página de muito menos alcance que a primeira.

O restante das reportagens e matérias desse conjunto discutem as práticas, os desafios legais e médicos, além das experiências de diferentes tipos de famílias (homo, solo e trans) no contexto brasileiro. Esse agrupamento nos permite entender como a inseminação caseira é vivenciada, regulamentada e percebida pela sociedade, destacando os diálogos e disputas entre diferentes grupos sociais.

Uma delas, por exemplo, intitulada “As mulheres que escolhem ser mães solteiras: 'Melhor decisão da vida'”, aponta uma crescente tendência de mulheres que optam por serem mães solteiras através da inseminação caseira ou reprodução assistida. Segundo a reportagem, “Mais de 50% das mulheres que usam doadores para engravidar pretendem criar seus filhos sozinhas, de acordo com os dados mais recentes de um dos maiores bancos de espermatozoides do mundo, o Cryos International”. Os comentários refletem apoio e compartilhamento de experiências similares, criando um ambiente de solidariedade e validação mútua. Outra reportagem compartilhada no Grupo B, em vídeo pelo perfil do Catraca Livre, trata da experiência de maternidades trans com a amamentação e a transfobia, a partir da história de Erika Fernandes e seu filho Noah. A notícia teve pouca repercussão no grupo, mas despertou 17 reações, entre curtidas e ameaças, a maioria, mas não exclusivamente de mulheres membro do grupo. Há, ainda, notícias veiculadas em páginas de instituições como o IBDFAM (Instituto Brasileiro de Direito de Família) que trazem à tona sentenças de processos de duplo registro nos últimos anos, uma delas, por exemplo, intitulada “Mães poderão registrar com dupla maternidade filho fruto de inseminação caseira; decisão cita Enunciado IBDFAM.”

O segundo subgrupo de publicações dessa categoria produzido e incorporado a estas redes por doadores trata de um conjunto de matérias que trazem dicas, curiosidades e informações gravidez e concepção, principalmente, mas também sobre saúde e alimentação em geral. Dentre os tópicos tratados nas 6 matérias compartilhadas, os textos e mídias originais fornecem orientações sobre saúde menstrual, alimentação durante a gestação, curiosidades, técnicas e mitos sobre métodos de concepção e parto. Mais uma vez aqui, podemos ver por meio de suas interações nessas redes (dadas nas/com as postagens) as formas pelas quais esses doadores se envolvem profundamente nessa comunidade e na construção desses saberes

compartilhados no universo da inseminação caseira, inclusive (e especialmente) em temáticas nas quais homens em geral raramente se informam e se envolvem.

Uma das publicações, por exemplo, busca desmistificar a suposta crença de que levantar as pernas após a relação sexual aumenta a chance de engravidar, de acordo com dados de organizações médicas, como a Sociedade Americana de Medicina Reprodutiva. A reportagem afirma que a anatomia feminina e o líquido seminal são suficientes para a concepção, e a migração dos espermatozoides para o útero ocorre imediatamente após a ejaculação, sem depender de posicionamento corporal. É interessante notar, entretanto, que essa reportagem (já publicada anteriormente nos grupos) não instigou nenhum comentário ou reação, o que parece dizer de um baixo envolvimento com esse tipo de matéria, especialmente quando contradiz uma técnica corporal que é parte bastante relevante do “método seringa” como ele é colocado em prática pelas pessoas dos grupos.

Uma das publicações mais “populares”, por outro lado, é um vídeo produzido e reproduzido por uma clínica de reprodução assistida internacional que retrata, através de animação por modelagem 3D, todo o “processo biológico” e “científico” da concepção e gravidez. Assim, ele inicia com a entrada dos espermatozoides no canal vaginal, até o óvulo que é então fecundado e todo o processo de desenvolvimento do feto dentro do útero até o final da gestação. O vídeo foi publicado uma vez em cada grupo digital e, embora não tenha havido interações de outros membros por meio de comentários, em ambos os casos são publicações com muitas reações (curtidas e amei) se comparado com o restante dessa categoria, indicando ser esse um tipo de conteúdo que interessa essa rede.

Outra reportagem compartilhada, e cujas reações que despertou são interessantes, é intitulada “Dar à luz não é a pior das dores. Especialistas acreditam que pode ser a dor de pedra nos rins.” afirmando que, segundo a pesquisa recente de uma psicóloga e pesquisadora, a dor gerada por pedra nos rins poderia se equiparar à dor de um parto vaginal, podendo provocar perdas de visão e audição, desorientação e perda da relação de tempo e espaço. A publicação na qual o texto foi compartilhado tem pelo menos três comentários de mulheres que afirmam já ter passado pela dor do parto e indignadas com a posição retratada na matéria, afirmando que certamente quem a escreveu nunca passou por essa experiência e indicando que isso seria minimizar a experiência das mulheres. Há, ainda, matérias sobre alimentação e saúde, como uma matéria que traz uma lista de alimentos que podem ajudar a amenizar a cólica menstrual ou outra que trata da importância de reconhecer alimentos que parecem saudáveis, mas que na verdade conteriam aditivos prejudiciais.

O terceiro conjunto é composto por 7 postagens de doadores, que compartilham vídeos mais “descontraídos” e “aleatórios”, especialmente voltados para conteúdos sobre ou de crianças. As postagens são diversas, abrangendo desde vídeos engraçados e leves até reportagens com “casos curiosos” ligados ao contexto da gravidez. Esses conteúdos refletem um interesse em compartilhar elementos menos sérios com essa rede, misturando a exibição de momentos de alegria e reflexão sobre a paternidade e a maternidade. A troca de vídeos e reportagens engraçadas ou provocativas contribui para um senso de comunidade, onde experiências e opiniões são compartilhadas abertamente. Ao mesmo tempo, esses conteúdos revelam a diversidade de abordagens e práticas na criação de filhos, refletindo as complexidades e as alegrias da paternidade e da maternidade.

Este conjunto de publicações compartilhadas pelos doadores nos grupos digitais oferece uma visão interessante sobre as motivações e as relações que esses indivíduos estabelecem com os conteúdos que compartilham. As postagens variam de vídeos engraçados, de entretenimento, a reportagens e debates mais sérios, e as reações e interações dos membros dos grupos refletem diferentes níveis e tipos de engajamento e opinião. Uma característica relevante sobre esse conjunto, é que praticamente todos os links e conteúdos originais reúnem em si uma quantidade muito expressiva de interações (reações e comentários), mesmo que não necessariamente todas tenham o mesmo efeito nos grupos.

Em uma das publicações, por exemplo, o doador compartilha um vídeo que reúne uma série de filmagens de diferentes crianças fazendo bagunça e causando estragos dentro de casa. Com 24 mil curtidas e 17,1 mil comentários na publicação original compartilhada, esses vídeos parecem ressoar com um grande público, indicando ao mesmo tempo identificação de alguns com essa espontaneidade das crianças e comentários ácidos/engraçados sobre o medo de ter uma criança dessas. A ausência de texto adicional por parte dos doadores sugere uma intenção de deixar o conteúdo falar por si só, permitindo que os espectadores projetem suas próprias experiências nas postagens.

Já a postagem de um vídeo de um bebê chorando enquanto é lavado na pia, retirada da página Wild Survival Daily no Facebook, gerou também uma reação mista. Com 21 reações e 20 comentários na publicação do grupo, e 9,8 mil reações e 3,5 mil comentários na postagem original, muitos dos comentários expressam desaprovação sobre a forma como o banho foi administrado e trazendo diferentes opiniões e práticas na criação de filhos. Por sua vez, uma das publicações traz um vídeo, compartilhado do próprio Facebook, em que um rapaz dança de

forma empolgada, sem camisa, e todos riem quando ele tira a calça, revelando uma cueca rosa. O vídeo recebeu 111 mil curtidas e 1,6 mil comentários na postagem original, e 46 reações e 6 comentários na publicação compartilhada.

Já a única notícia desse conjunto traz à tona o caso de uma mulher que deu à luz trigêmeos dez meses após ser mãe de gêmeos, totalizando dez filhos. A publicação, originária do G1, recebeu 29 reações e 4 comentários, com participantes expressando admiração e/ou surpresa. Comentários como "Tudo que eu queria era gêmeos", "Eu tive gêmeos e queria ter de novo" e "Deus abençoe essa família" convivem com outros como "Mulher forte essa, não daria conta" e "não sei como as pessoas conseguem transar com dois recém nascidos em casa", refletindo tanto a idealização da maternidade múltipla quanto os receios associados às dificuldades de criar muitos filhos.

As publicações de doadores em grupos digitais revelam uma faceta complexa e multifacetada da dinâmica das interações nesses espaços, refletindo tanto a visibilidade quanto as tensões de sua posição. A análise dos três conjuntos de publicações destaca a maneira como os doadores se inserem nas discussões e como suas práticas podem refletir e influenciar a dinâmica dos grupos. Essas publicações têm um caráter ostensivo e performático, por vezes buscando validação e reconhecimento através da visibilidade que proporcionam.

Os doadores atuam em uma dinâmica que reflete, mais uma vez, um grande engajamento em discutir e construir coletivamente a prática e a narrativa sobre a inseminação caseira, o que também serve como ferramenta de validação e fortalecimento de sua posição nesse contexto, que é uma forma de capital social nesses espaços digitais. A participação ativa e a exposição de suas ações são usadas para reforçar a percepção de um papel positivo e necessário. Ao analisarmos essas postagens, é crucial reconhecer que, embora os doadores possam estar buscando contribuir de maneira significativa, suas práticas e a visibilidade que procuram obter estão imersas em um campo de tensões e desafios, que frequentemente são negligenciados nas narrativas predominantemente positivas apresentadas.

Os dados coletados sobre os links compartilhados em dois grupos digitais revelam padrões significativos nas plataformas utilizadas, refletindo as preferências e comportamentos digitais dos membros de cada grupo, quais plataformas esses grupos atingem com suas teias de compartilhamento, em qual expressividade e o que nos dizem sobre a formação de redes e o tipo de relação estabelecida nesses contextos. No Grupo A, as principais plataformas são o Facebook (55,6%) e sites da internet em geral (44,4%). No Grupo B, o Facebook também

domina (56.7%), seguido por sites da internet em geral (33,3%), com o YouTube e Instagram apresentando menores porcentagens (6,7% e 3,3%, respectivamente).

Essa predominância do Facebook como plataforma das fontes originais de links compartilhados nos grupos, por exemplo, nos permite entender um pouco mais sobre essas dinâmicas. Penso que nos ajuda aqui pensar esses dados sob a lente da teoria ator-rede e tendo em mente a ideia de que as agências geradas pela/na estruturação algorítmica específicas da plataforma onde se encontram os grupos afeta a maneira como se traçam as relações nesse contexto analisado.

Não pretendo aqui mapear ou aprofundar nas maneiras como se dão essas relações algorítmicas no caso da plataforma Meta/Facebook, mas penso que olhar para esses contextos com estas noções em mente pode nos ajudar a refletir com mais densidade sobre como as interações desses grupos digitais moldam e são moldadas pelas plataformas e seu uso e interação com usuáries.

Nesse contexto, o Facebook não é apenas uma plataforma passiva, mas um agente que influencia como e o que é compartilhado, moldando as relações e os fluxos de informação. Algoritmos do Facebook e de outras plataformas influenciam quais conteúdos são priorizados e visualizados pelos usuários, impactando diretamente os padrões de compartilhamento. Assim, o fato de o Facebook ser a plataforma dominante pode indicar que seus algoritmos de recomendação e visibilidade desempenham um papel significativo na formação dessas redes. Os algoritmos promovem conteúdos que geram mais engajamento, o que pode explicar a alta frequência de compartilhamentos de páginas, mas também de perfis pessoais e profissionais, todos dentro da própria plataforma, de maneira a manter os fluxos de navegação e atenção dos participantes, voltados para conteúdos dentro da própria plataforma.

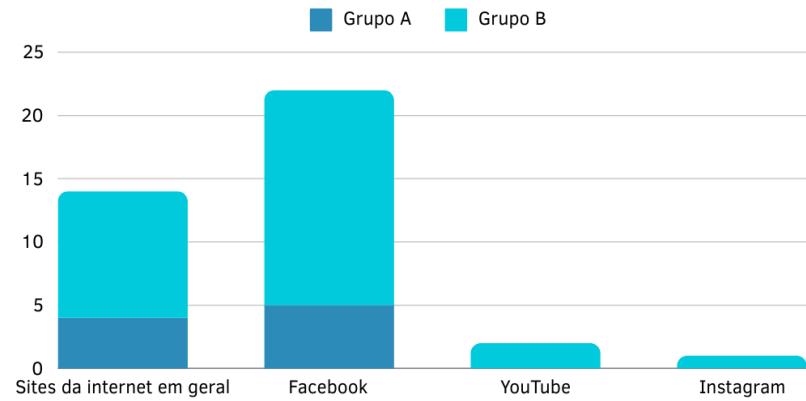
Quadro 16 - Distribuição das plataformas originais dos links compartilhados

Plataforma	Contagem - Grupo A	% na categoria - Grupo A	Contagem - Grupo B	% na categoria - Grupo B	Total - Grupos A e B	% na categoria - geral
Sites da internet em geral	4	44,4%	10	33,3%	14	36,8%
Facebook	5	55,6%	17	57,9%	22	57,9%
YouTube	0	0%	2	6,7%	2	5,3%

Instagram	0	0%	1	3,3%	1	2,6%
-----------	---	----	---	------	---	------

Fonte: Elaborado pele autore, 2024.

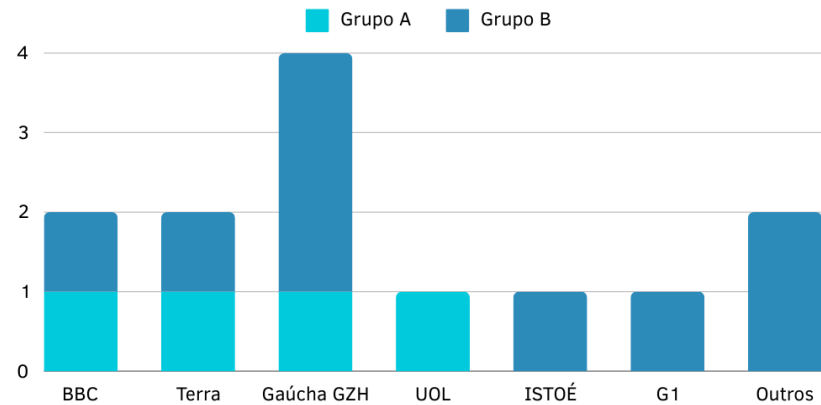
Gráfico 6 - Distribuição das plataformas originais dos links compartilhados



Fonte: Elaborado pele autore, 2024.

Uma análise mais detalhada das plataformas revela nuances adicionais. No caso de sites da internet (14 ao todo), as fontes são quase todas portais de notícias, algumas maiores e mais conhecidos como os sites da BBC, do UOL, da ISTOÉ, do G1 e do Terra, mas também alguns mais localizadas e específicas, como o Gaúcha GZH, A Gazeta e a Revista Crescer. Além de portais de notícias, entretanto, temos também outras duas fontes em sites da internet que são o site da IBDFAM e a plataforma de vaquinha virtual Vakinha (voltada para criação de campanhas com arrecadação de fundos para projetos específicos, nesse caso, a realização de uma inseminação artificial).

Gráfico 7 - Subdivisão das fontes dos sites da internet de onde vieram os links compartilhados na categoria

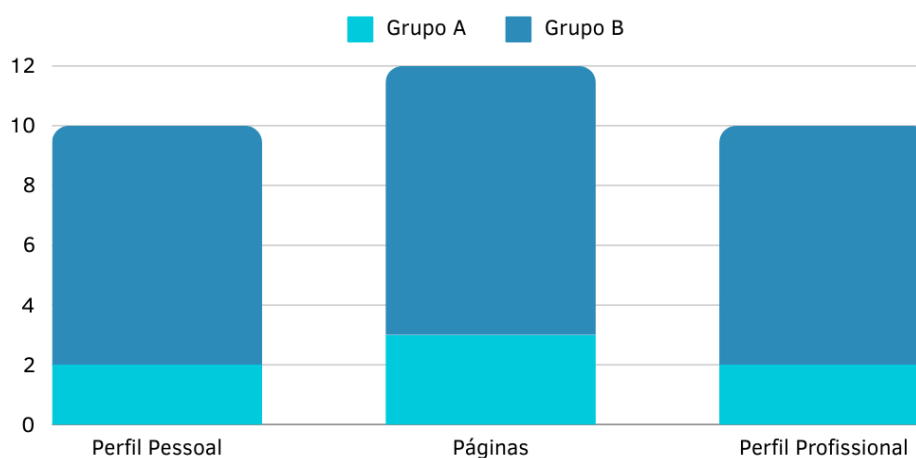


Fonte: Elaborado pele autore, 2024.

Já no Facebook, de onde temos 22 fontes, há uma distinção entre perfis pessoais, páginas

e “perfis profissionais” (que seriam perfis pessoais de advogadas utilizados para divulgação de seus trabalhos), indicando diferentes caminhos percorridos dentro da própria plataforma e escolhas do que e de onde compartilhar. No caso dos conteúdos originalmente presentes em “perfis profissionais”, eles são sempre compartilhados pelas próprias advogadas ou suas associadas, nas publicações dos grupos, por exemplo. Por outro lado, os conteúdos de perfis pessoais e também as páginas são compartilhados nos grupos por tentantes e doadores que não são autories dos posts originais.

Gráfico 8 - Subdivisão das fontes de Facebook de onde vieram os links compartilhados na categoria



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Por fim, no que diz respeito ao tipo de conteúdo, mídias e interações produzidas pelas páginas compartilhadas nessa categoria, temos alguns poucos casos de páginas de portais de notícias, como o Catraca Livre e uma página que pertence a uma clínica de reprodução assistida. Em sua maioria, no entanto, são páginas sem conteúdo específico definido, que se dedicam a reunir e compartilhar “aleatoriedades” em alta nas redes sociais, como vídeos virais, memes, vídeos de humor, conteúdo religioso, dentre outros.

3.6 - Dinâmicas do grupo

Quadro 17 - Quantitativos de postagens, comentários e reações da categoria de “Dinâmicas do grupo”

PUBLICAÇÕES	%	COMENTÁRIOS	MÉDIA DE RESPOSTAS POR PUBLICAÇÃO	%	GRUPO A	GRUPO B
11	1,1%	212	19	3,5%	5	6

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

A categoria de “Dinâmicas dos grupos” é uma das menos expressivas de meu recorte, reunindo ao todo 11 publicações, sendo 5 delas no Grupo A e 6 publicações no Grupo B. Apesar de poucas publicações, entretanto, são caracterizadas por reunirem uma expressiva rede de interações dadas por meio de comentários, reações e respostas a enquetes. Além desse ponto, as postagens desse conjunto se caracterizam por serem aquelas nas quais os próprios grupos - sua função, objetivos e a maneira como se dão as dinâmicas dentro deles e as atuações dos diferentes agentes que os compõem são colocados para debate.

Um ponto interessante a ressaltar é que as redes entre tentantes ficam bem mais fortes nessa categoria. A maioria das publicações é delas e muitas agem nesse sentido de criar, pedir ou suscitar espaços exclusivos, de diferentes formas. Além disso, a categoria de “Dinâmicas do grupo” e a categoria de “Chamadas, indicações e denúncias de doadores” são os espaços onde há mais centralidade para administradores e mediadores e seu papel, atuação e suas dinâmicas de manutenção da/na rede. Entretanto, nas postagens e interações da categoria de “Chamadas, indicações e denúncias” essa centralidade se dá pois essas figuras são acionadas, mobilizadas, chamadas a desempenhar determinadas funções como, por exemplo, expulsar um membro que está sendo denunciado. Já nessas aqui, relacionadas às “Dinâmicas do grupo”, essas figuras têm sua atuação de fato discutidas por membros do grupo, através da função que essas publicações exercem e das interações que geram.

No que diz respeito ao formato, as publicações utilizam principalmente texto, mas também se valem de ferramentas como enquetes e o compartilhamento de links de outros grupos, sem a utilização de imagens. Apesar de poucas postagens, no período em que analisei os grupos mais profundamente, elas expressam uma diversidade de temas e objetivos, de maneira que para melhor captar essa diversidade separei-as em quatro tipos.

Um desses “tipos”, ou conjuntos, tem 3 representantes em meu escopo, tratando-se de publicações de agradecimentos ao grupo ou, especificamente, a administradores: ou por terem sido aceitas como participantes, com frases como “Obrigado a todos por aceitar minha entrada!” ou “Obg adms por me aceitarem aqui”; ou pela própria existência e manutenção do grupo incorporando elementos como “agradeço muito a administração do grupo, vocês ajudam a tornar sonhos reais”.

Há, ainda, publicações cuja identidade gira em torno do compartilhamento de elogios ao grupo em si, ressaltando sua função enquanto espaço educativo, função e a maneira como se dão as interações e partilhas dessa rede. Uma dessas, por exemplo, aponta que está aprendendo

muito no grupo) e se diz muito feliz por ver as muitas mulheres dessa rede realizando seu sonho da gravidez, se sentindo inspirada por elas. É um tipo de publicação que agrega muito poucas interações, tanto reações quanto comentários, especialmente quando comparadas ao restante das postagens dessa categoria.

Por outro lado, temos também algumas postagens dessa categoria que trazem reclamações e críticas sobre o grupo e/ou sua administração e às interações dessa rede. No escopo de postagens que analisei, há duas desse tipo, sendo uma em cada grupo. Uma delas, do Grupo A, aponta que traça uma crítica ao grupo como espaço/agente de informação, apontando que o grupo já foi melhor nesse sentido. Ela não dá maiores explicações na publicação, mas nos comentários explica que isso seria pela atuação vagarosa da administração em aceitar as publicações, quando foi confrontada com a resposta de outra tentante que apontou que sua experiência no grupo seria bastante diferente e que entende essa plataforma como um espaço de muito compartilhamento, ajuda e respostas para dúvidas uns dos outros. A autora do post aponta então que sua última publicação de dúvida, por exemplo, demorou muitos dias para ser aceita e neste meio tempo seu ciclo terminou.

Já no Grupo B, temos uma publicação-desabafo de uma tentante acerca das interações dadas ali que, de acordo com ela, é atravessado por um silêncio frente a atitudes inaceitáveis que acontecem no grupo e fora dele. A autora da postagem aponta que o lugar de fala da tentante de IC existe, é válido e feito por pessoas fortes, justamente por escolherem a IC como método conceutivo, sendo esse um método controverso e que sofre com muitos julgamentos.

Ainda tímidos os fluxos de interações com essas postagens de crítica e reclamação voltadas aos grupos e suas administradoras (somadas as 2 publicações, há 14 reações e 3 comentários), mas já bem mais significativos do que no caso dos elogios e agradecimentos,

Um terceiro conjunto - o maior deles, dentro dessa diminuta categoria - reúne 4 publicações no meu recorte, que caracterizam-se por serem postagens de promoção, divulgação e/ou pedidos pela construção de novos/outros espaços nos quais essas redes de relações dadas nos grupos analisados se estendam, como grupos de Whatsapp, outros grupos de Facebook e encontros presenciais - especialmente voltados apenas para tentantes (demonstra uma necessidade de espaços restritos para essas pessoas, sem a presença de outros agentes, especialmente doadores).

Em uma das publicações do Grupo A, por exemplo, uma das mães de IC que é também administradora do Grupo A incorpora uma enquete a partir de uma pergunta como “Tentantes de São Paulo, vocês têm interesse em promovermos um encontro presencial entre nós?” As

enquetes são ferramentas permitidas pela plataforma que permitem que os demais membros do grupo escolham (com um clique) uma das opções disponibilizadas por quem produziu o post, uma outra possibilidade de gerar interações com as postagens que não apenas as reações e comentários. No caso, as opções disponíveis eram “Gostaria que acontecesse e iria no encontro”, que recebeu 52 votos (58% do total), “Apoio que aconteça, mas não quero participar”, que recebeu 30 votos (34%) e “Não apoio e não participaria”, que recebeu 7 votos (8%). No total, o apoio ao encontro foi manifestado por 82 membros, representando 92%, o que representa um amplo engajamento das tentantes na construção de redes entre elas que extrapolam os espaços digitais dos grupos. Por outro lado, 42% delas afirmam que não compareceriam a este encontro, caso ele acontecesse, o que demonstra que mesmo apoiando a conformação dessas redes, não necessariamente todas essas gostariam de se envolver tão diretamente nesses espaços e interações extra-grupos.

Há também 2 publicações de tentantes, uma em cada grupo digital estudado, nas quais procuram por links e informações de grupos exclusivos para tentantes, no Whatsapp ou no Facebook. Em uma delas, temos apenas duas respostas, ambas de outras tentantes, uma que se disponibiliza para ajudar, pedindo que a autora do post compartilhe suas dúvidas e outra que pede que a autora a chame no privado para que ela passe o link de um grupo exclusivo para tentantes.

A segunda publicação, que pede especificamente por um grupo de tentantes na plataforma do Whatsapp, reúne por sua vez 9 reações e 28 comentários. A maioria são comentários de outras tentantes afirmando que também gostariam de entrar em um grupo apenas de tentantes, com frases como “quero muito”, “se achar algum avisa aqui”, “gostaria de entrar também” ou “seria uma boa, se não tiver eu apoio a criação, pra gente poder tirar dúvidas com aquelas que já conquistaram o positivo”. Além desse tipo de resposta, há também comentários de outras tentantes afirmando que tem o link de um grupo e diz que irá compartilhar o link com quem chamá-la no privado, outros combinando a criação de um novo grupo com essa configuração exclusiva ou ainda respostas de tentantes marcando o perfil de seus parceiros para acompanharem a conversa. Além de respostas de tentantes, há também aquelas feitas por doadores, em menor quantidade, por exemplo, com comentários perguntando se há grupos exclusivos para doadores, outros respondendo ao pedido da publicação sobre a existência ou não de um grupo exclusivo para tentantes e afirmando que “aí é mais difícil, mas tem grupo de doador e tentante no Whatsapp, segue o link”.

Ainda nesse conjunto, há ainda uma publicação no Grupo B onde um doador (que também atua como mediador desse grupo) compartilha o link para um novo grupo de

inseminação caseira no Facebook (que hoje já conta com 8 mil participantes) criado algumas semanas antes.

No Grupo A, por sua vez, outra postagem trata de uma chamada de atualização da “lista de doadores” do grupo, pedindo para que esses se apresentem nos comentários, informando o local onde residem, além de pedir também por indicações de grupos de whatsapp exclusivos para tentantes.

Ao todo, a publicação recebeu 97 reações e 111 comentários e, como essa é uma publicação cujas respostas são bastante expressivas, me dediquei a fazer uma análise e descrição um pouco mais detalhada de quem as produz, com quais objetivos e que tipo de conteúdo trazem. O conteúdo das respostas em si é bastante relevante, pois além de dizer sobre o tipo e os elementos presentes nas interações da postagem, também nos fornece mais um quadro geral do perfil dos doadores do grupo nesse recorte de tempo em que acompanhei suas interações.

Dos 111 comentários, 48 são produzidos por tentantes, sendo 26 deles comentários “diretos” à publicação e 22 são respostas aos comentários de outras tentantes, doadores ou de seus próprios comentários. Dentre aqueles que são diretos, as tentantes trazem respostas, por exemplo, parabenizando e concordando com a iniciativa, afirmando que de fato as últimas sistematizações e listas desse tipo estão desatualizadas, e incentivando que os doadores comentem com suas apresentações, afirmando que estão procurando doadores (4 comentários ao todo). Há, também, comentários nos quais as tentantes estão procurando por doadores com características específicas, bem semelhantes às publicações da categoria “Procura” (13 comentários ao todo). Também estão presentes respostas de tentantes Procurando grupo de tentantes no Facebook ou Whatsapp para entrar (2 comentários) e e outras marcando os perfis de parceiras, para que possam ver e acompanhar também essa lista e suas atualizações (4 comentários).

Há, ainda, os comentários e também respostas, feitas por tentantes, trazendo expressões como “up” e “Ac” (acompanhando comentários). Um sintoma desses usos, penso eu, é que essa é uma postagem na qual os comentários vão desde 2 anos e 2 meses atrás (quando ela foi produzida), até 8 meses atrás (quando parou de ser comentada), com diferentes levas de respostas e conversas (respostas de respostas) que se estendem ao longo desse período de tempo⁶⁴.

Já nas respostas que tentantes produzem aos comentários de doadores, em geral elas giram em torno de demonstrar interesse no perfil dos doadores apresentados em seus

⁶⁴ Até agosto de 2024.

comentários, pedindo mais informações e/ou passando suas próprias informações, como contato - telefone - e local (13 comentários ao todo). Entretanto, há também respostas aos comentários de outras tentantes, perguntando, por exemplo, se já encontraram os doadores que procuravam em seus comentários, afirmando que procuram pelo mesmo perfil (8 comentários).

As interações de doadores, por sua vez, são mais expressivas e somam ao todo 64 comentários. Dentre esses, 50 deles são comentários “diretos” e 14 são respostas a outros doadores e tentantes. Dado o objetivo e dinâmica próprias desse tipo de postagem, o tipo de respostas dadas por doadores são justamente as apresentações de si e de sua disponibilidade para doação (54 ao todo). Nessas, temos elementos que aparecem com mais frequência, como o local, e outros que aparecem um pouco menos, como: cor da pele (citada por 6 doadores, sendo metade autodeclarados negros e a outra metade autodeclarados brancos); Cor e textura do cabelo (4 comentários); Cor dos olhos (3 comentários) Altura, peso e porte físico (5 comentários); e Tipo sanguíneo (4 comentários). Há também as contagens da quantidade de positivos (citadas em 5 comentários) dentre os quais a quantidade de positivos dos doadores vão de 4 a 11, a constatação de que tem “exames em dia” (6 comentários), o contato de telefone (compartilhado por 3 doadores) e também alguns outros elementos, como a inexistência de vícios ou doenças genéticas em sua família. Além das descrições de si e de suas atuações, há também respostas de doadores a tentantes, nos quais indicam que lhes chamem “inbox” ou afirmando que as chamarão no privado, já que acreditam se encaixarem nas descrições que pediram em seus comentários.

Embora haja apenas uma publicação desse tipo aqui e apenas no Grupo A, cabe destacar que esse é um tipo de postagem que de quando em quando volta a aparecer em ambos os grupos e são produzidas nesses espaços por tentantes e administradores, de diferentes formas.

Em geral, quando são feitas por tentantes - como a publicação representante do meu recorte - elas se direcionam aos doadores do grupo em geral, pedindo que se apresentem e informem onde atuam com a doação de semen, atualizando as “listas” disponíveis em postagens similares anteriores feitas por outras tentantes ou disponibilizadas pelas próprias administradores. Com essas postagens de chamadas por essas atualizações, as próprias autoras dos posts e as demais tentantes do grupo têm um panorama geral das “opções disponíveis”, podem tomar escolhas mais informadas, e contactar diretamente os doadores que lhes interessam sem necessariamente terem de produzir uma postagem de “Procura”. Essas postagens, embora não sejam tão frequentes quanto outros tipos e categorias, são em geral respondidas por dezenas ou centenas de comentários, sendo elas agentes cuja capacidade de gerar interações é bastante expressiva, o que ajuda inclusive que fiquem por mais tempo em

destaque na ordem de postagens exibidas, para a qual a quantidade de comentários e reações é fator bastante relevante. Isso determina o que será mais ou menos exibido para os demais membros do grupo e o que será exibido acima ou abaixo na ordem de rolagem das publicações.

Já quando são feitas por administradores dos grupos, as postagens em geral já são listas prontas ou em construção, seja no próprio corpo do texto dessas publicações ou como arquivo em planilhas do excel, produzidas a partir de um trabalho de organização das respostas a essas diferentes postagens de chamadas por listas de doadores feitas em diferentes momentos do grupo e a partir da observação da atuação dos principais e mais atuantes doadores dos grupos. Uma dessas listas, disponível no Grupo B e reunindo os dados dos doadores específicos deste grupo, é disponibilizada a partir desse recurso que é o compartilhamento de arquivos, no caso, um arquivo de excel que foi sendo atualizado e repostado ao longo dos anos de 2019 e 2020. Essa lista especificamente foi produzida por meio de um formulário no google, cujo link foi compartilhado múltiplas vezes pelos administradores desse grupo digital para que os doadores do grupo o preenchessem com seus próprios dados. Cabe ressaltar que, após esse período, essa lista não foi novamente atualizada nem compartilhada e, portanto, seus dados já não dizem respeito ao panorama geral de doadores que atuam no presente. Ainda assim, uma breve análise dos dados gerais que essas listas nos fornecem é interessante, pois não apenas este é um dos únicos mecanismos nos quais temos informações sistematizadas e autodeclaradas acerca dos perfis que compõem esses corpus de doadores que passam, passaram e ficaram nos grupos, mas também nos informa que tipo de informação foi considerada relevante para entrar nessa sistematização geral dos grupos.

Os campos disponíveis nesse formulário são: Nome ou apelido; Estado que reside; Em qual cidade reside? (Opcional); Disponível para viagens?; Em caso de viagens, as despesas devem ser pagas pela "tentante"?; Idade; Orientação Sexual; Estado Civil; Cor da Pele; Cor do cabelo; Textura do cabelo; Cor dos Olhos; Altura; Peso; Escolaridade; Hobby (Lazer); Grupo Sanguíneo; Aceita fazer exames médicos/laboratoriais ou testes rápidos pré doação?; Já doou sêmen alguma vez? Algum resultado positivo?

Analisando os 115 perfis sistematizados nessa lista, temos os seguintes quadros:

Quadro 18 - Lista de doadores: Nome e local dos doadores

Nome ou apelido	%	Estado que reside:	%	Em qual cidade reside? (Opcional)	%	Disponível para viagens?	%	Em caso de viagens, as despesas devem ser pagas pela "tentante"?	%
Aberta	-	Estados brasileiros	-	Aberta	-	Não	23%	Não	2%

						Sim, apenas meu estado	28%	Sim	65%
						Sim, também em outros estados	49%	Talvez	33%

Fonte: Lista de doadores, disponível no grupo Grupo B, 2020.

Quadro 19 - Lista de doadores: Especificações acerca da localização de doadores

Estado que reside	Número de doadores nesses estados	%
Norte	8	8%
Acre	1	1%
Amazonas	3	3%
Pará	3	3%
Tocantins	1	1%
Nordeste	17	16%
Alagoas	1	1%
Bahia	5	4%
Ceará	2	2%
Maranhão	1	1%
Paraíba	1	1%
Rio Grande do Norte	2	2%
Pernambuco	3	3%
Sergipe	2	2%
Centro-Oeste	8	8%
Distrito Federal	1	1%
Goiás	5	4%
Mato Grosso	2	2%
Sudeste	66	57%
São Paulo	40	35%
Minas Gerais	7	6%
Rio de Janeiro	15	13%
Espírito Santo	4	3%
Sul	16	15%
Rio Grande do Sul	2	2%
Santa Catarina	3	3%
Paraná	11	10%

Fonte: Lista de doadores, disponível no grupo Grupo B, 2020.

Quadro 20 - Lista de doadores: Especificações acerca da localização de doadores

Cidade que reside fica na capital do estado ou no interior	Número de doadores	%
--	--------------------	---

Capital	49	43%
Interior	62	54%
Vazio	4	3%

Fonte: Lista de doadores, disponível no grupo Grupo B, 2020.

Como demonstram as tabelas acima, 23% dos doadores listados afirma que não está disponível para viajar, em contraponto aos 77% que estão dispostos, dentre os quais 28% pode viajar apenas dentro do próprio estado e os outros 49% viajariam também para outros estados. Considerando os 78 doadores que afirmam poderem viajar, 65% deles afirmam que as despesas desse deslocamento e estadia devem ser custeadas pelas tentantes, 2% afirma o contrário e 33% deles marcaram a opção “talvez”.

Analisando mais detidamente os locais onde residem esses doadores: 8% residem na região Norte, com destaque para Amazonas e Pará; 16% no Nordeste, com destaque para a Bahia; 8% no Centro-Oeste, com destaque para Goiás; 57% no Sudeste, com destaque para São Paulo; e 15% no Sul, com destaque para o estado do Paraná. Já no que diz respeito às cidades onde moram esses agentes, 43% delas ficam na capital dos respectivos estados e 54% no interior.

Dentre os da capital (49 no total): 16 não viaja (33%), 11 viaja apenas dentro do próprio estado (22%) e 21 viajam também para outros estados (43%); 29 já tiveram positivos (59%) e 19 ainda não tinham positivos quando responderam o formulário (39%). Por outro lado, dentre aqueles que são de cidades do interior: 11 não viaja (17%), 21 viaja apenas no próprio estado (33%) e 31 viajam também para outros estados (49%); 38 já tiveram positivos (60%) e 25 ainda não tinham positivos (40%).

Quadro 21 - Lista de doadores: Idade e relacionamentos

Idade				
18 - 25 anos	25 - 30 anos	30 - 40 anos	40 - 50 anos	Mais de 50 anos
18%	26%	41%	13%	2%
Orientação Sexual				
Heterossexual	Bissexual	Homossexual	Assexual	
88%	7%	5%	0%	
Estado Civil				
Casado	Divorciado	Em um relacionamento estável	Separado, mas mora na mesma casa	Solteiro
21%	3%	21%	1%	55%

Fonte: Lista de doadores, disponível no grupo Grupo B, 2020.

Outros dados que esta tabela nos apresenta dizem um pouco mais sobre os perfis desses doadores, dentre eles, inclusive, alguns elementos que quase nunca aparecem explicitamente nas publicações de oferta, como por exemplo a orientação sexual desses doadores. Nesse sentido, eles se distribuem de maneira que 88% deles se afirma heterossexual, 7% como bissexual e 5% como bissexual. Ainda na senda dos relacionamentos que estabelecem ou não esses doadores, 21% deles estavam (no momento da lista) casados, outros 21% em relacionamento estável, 3% divorciado, 1% separado, mas ainda morando com a ex e 55% deles eram solteiros à época.

Quadro 22 - Lista de doadores: Características físicas

Cor da Pele									
Caucasiano Branco	Parda	Negra	Indiano	Oriental	Mestiço	Outro: branco amarelo	Outro: alemã e portuguesa	Outro: Moreno ou Moreno Claro	
31%	46%	7%	3%	2%	2%	1%	1%	3%	
Cor do cabelo									
Calvície		Castanho claro	Castanho escuro	Loiro		Preto		Ruivo	
2%		28%	33%	4%		32%		1%	
Textura do cabelo									
Ondulado		Liso		Crespo		Outro: cacheado		Outro: normal	
30%		54%		14%		1%		1%	
Cor dos Olhos									
Azuis		Castanho Claro	Castanho Esverdeado	Castanho Escuro		Preto		Verde	
5%		32%	5%	41%		9%		8%	
Altura									
Abaixo de 1,6m		1,6 a 1,7m		1,7 a 1,8m		1,8 a 1,9m		1,9 a 2m	Acima de 2m
0%		26%		49%		24%		1%	0%
Peso									
Menos de 60kg		60 - 70 kg		70 - 80 kg		80 -90 kg		90 - 100 kg	Mais de 100 kg
2%		26%		29%		31%		10%	2%
Grupo Sanguíneo									
A +	A -	Ab +	Ab -	B +	B -	O +	O -	Não sei	
26%	2%	7%	1%	8%	1%	42%	9%	19%	

Superior Completo	Superior Incompleto	Nível Técnico	Nível Médio	Nível Fundamental	Outros
45%	24%	11%	18%	1%	0%

Fonte: Lista de doadores, disponível no grupo Grupo B, 2020.

Há também uma sessão dedicada a explorar aspectos educacionais e de lazer dos doadores, não tão presentes nas publicações dos grupos de Oferta e Procura, fornecendo às tentantes uma visão mais completa dos perfis dos doadores. No que diz respeito à escolaridade, os dados mostram uma predominância de doadores com formação superior, sendo 45% deles formados e 24% com superior incompleto. O nível técnico é representado por 11% dos doadores, seguido pelo nível médio com 18% e apenas 1% dos doadores tem nível fundamental. Esse alto nível educacional entre os doadores pode ser um fator atraente para as tentantes que valorizam a educação como um componente importante na herança genética e cultural de seus futuros filhos.

As preferências de lazer dos doadores também foram analisadas, com a possibilidade de marcar até três opções de hobbies. Os dados revelam que a leitura é o hobby mais popular, com 42% dos doadores indicando esta atividade. Cozinhar (33%), viajar (30%), cinema (37%), correr (30%) e academia (29%) também aparecem como atividades de destaque. Essas preferências de lazer não apenas delineiam os perfis dos doadores, mas também refletem suas possíveis influências culturais e sociais. A consideração de hobbies e escolaridade dos doadores por parte das tentantes pode estar relacionada à ideia de que esses interesses e habilidades acadêmicas são desejáveis como herança genética para seus futuros filhos.

Quadro 24 - Lista de doadores: Exames e histórico de doação

Aceita fazer exames médicos / laboratoriais ou testes rápidos pré doação?		
Sim	Não	Talvez
95%	3%	2%
Já doou sêmen alguma vez?		
Sim	Não	
63%	37%	
Algum resultado positivo?		
Sim	Não	
58%	42%	

Fonte: Lista de doadores, disponível no grupo Grupo B, 2020.

Os dados sobre a disposição dos doadores em realizar exames médicos, a experiência prévia de doação e os resultados positivos oferecem uma visão aprofundada das práticas e atitudes no processo de doação de sêmen. A disposição para realizar exames médicos ou laboratoriais antes da doação é notavelmente alta, com 95% dos doadores afirmando que aceitam fazer esses testes, 3% não aceitam e 2% estão indecisos. A realização de exames, que inclui testes de ISTs e espermogramas para avaliar a viabilidade do sêmen, é um passo crucial para garantir a qualidade das doações. Esse elevado nível de aceitação pode ser visto não apenas como uma noção de responsabilidade dos doadores, mas também como uma conformidade com os acordos e procedimentos defendidos nos grupos digitais, especialmente pelas tentantes. Dessa forma, a prática de realizar exames médicos é incentivada e esperada, refletindo a importância da saúde e da segurança no processo de doação.

Quando analisamos a experiência prévia dos doadores, 63% já doaram sêmen alguma vez, enquanto 37% não têm experiência anterior. Essa divisão sugere que uma parte significativa dos doadores está familiarizada com o processo e com as expectativas e responsabilidades associadas. Doadores experientes podem ser percebidos como mais confiáveis ou conhecedores do processo, o que pode influenciar positivamente a confiança das tentantes. No entanto, é essencial considerar que a experiência prévia não garante necessariamente a qualidade ou adequação do sêmen.

Entre os doadores, 58% relataram resultados positivos, enquanto 42% não tiveram êxito em suas doações anteriores. É importante notar que esses resultados não se restringem apenas àqueles que já doaram, mas abrangem todo o grupo de doadores. Quase todos os que já doaram tiveram resultados positivos, o que pode ser um fator decisivo para as tentantes que buscam doadores com histórico de sucesso.

Quadro 25 - Lista de doadores: Contato

Quer deixar o seu contato?					
Sim			Não		
95%			5%		
CONTATO					
Perfis em redes sociais					
Facebook	Messenger	E-mail	Skype	Instagram	Vazio
20%	2%	17%	2%	3%	63%
Telefone/WhatsApp					
Número do Whatsapp			Vazio		

76%	24%
-----	-----

Fonte: Lista de doadores, disponível no grupo Grupo B, 2020.

Por fim, os dados sobre a disposição dos doadores em deixar seus contatos e as plataformas escolhidas para isso oferecem uma visão interessante. A disposição para deixar contatos é alta, com 95% dos doadores afirmando que estão dispostos a fornecer informações de contato, enquanto apenas 5% preferem não fazê-lo. Isso sugere que a maioria dos doadores está aberta a estabelecer uma comunicação direta com as tentantes, facilitando o processo de doação.

Quando analisamos as plataformas escolhidas para o compartilhamento de contatos, 76% dos doadores optam pelo WhatsApp, enquanto outras plataformas como Facebook (20%), E-mail (17%), Instagram (3%), Messenger (2%) e Skype (2%) têm uma representatividade menor. A escolha predominante do WhatsApp indica uma preferência por uma comunicação rápida e eficiente, enquanto as outras plataformas são usadas por uma minoria.

Os 24% dos doadores que deixam o campo do WhatsApp vazio e os 63% que não preenchem outras plataformas indicam uma divisão interessante nas preferências de comunicação. Isso pode refletir uma preferência por manter a privacidade ou limitar a comunicação a um canal específico, como o WhatsApp, que oferece um nível de controle e segurança percebidos. Esses dados indicam que, embora a maioria dos doadores esteja disposta a deixar seus contatos, há uma preferência clara pelo uso do WhatsApp como principal meio de comunicação, seguido pelo Facebook e E-mail.

Por fim, uma última publicação que não se encaixa nesses quatro “tipos” compõe essa categoria. Ela é feita por uma tentante sob um perfil anônimo, que utiliza o grupo para se comunicar publicamente com os administradores e os membros. A postagem aborda o fato de seu perfil ser anônimo, uma escolha motivada pela necessidade de manter a privacidade, já que sua família não sabe que ela e sua esposa estão tentando engravidar por meio de inseminação caseira. A postagem gerou nove reações e quatro comentários, todos de outras tentantes oferecendo palavras de incentivo e desejando sucesso ao casal em sua trajetória.

3.7 - Chamadas, indicações e denúncias de doadores

Quadro 26 - Quantitativos de postagens, comentários e reações da categoria de “Chamadas, indicações e denúncias de doadores”

PUBLICAÇÕES	%	COMENTÁRIOS	MÉDIA DE RESPOSTAS POR PUBLICAÇÃO	%	GRUPO A	GRUPO B
20	2,1%	242	12,1	4,1%	15	5

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Na categoria de “Chamadas, indicações e denúncias de doadores” estão reunidas, ao todo, 20 postagens, das quais 15 (75%) estão no Grupo A e 5 (25%) pertencem ao Grupo B. Essa categoria é bastante similar à categoria anterior, de “Dinâmicas do Grupo”. Entretanto, enquanto as publicações dessa categoria anterior parecem ser voltadas para discutir os objetivos e interações do grupo em si e de sua administração, essas presentes aqui são mais voltadas para debater ou criar as dinâmicas, acordos e disputas entre doadores e tentantes, especialmente através de denúncias ou pedidos de indicações ou referências específicas de doadores - construção de redes de cuidado, segurança, parentesco e indicação.

Além disso, aqui, ao contrário das postagens de “Dinâmicas do grupo”, as imagens novamente atuam com expressivo e relevante papel na construção dessas redes, seja incorporadas às postagens em si, como é o caso dos prints de “provas” de denúncias contra doadores, ou fotos incorporadas nos comentários por outras tentantes e mães de IC, atuando na materialização de positivos que estão relacionados a determinados doadores.

Temos, portanto, duas subcategorias aqui: uma de pedidos por indicações e referências de doadores, feitas de tentantes para tentantes e mães de IC; e uma de denúncias e disputas acerca dos acordos e quebras de acordo coletivos por parte de tentantes e/ou doadores.

Redes de indicação, confiança e imagens

Analisando primeiramente as publicações que acionam as redes de referência e indicações entre tentantes e mães de IC, temos ao todo em meu recorte um conjunto de 13 publicações, sendo 11 delas no Grupo A e 2 no Grupo B. Essa diferença bastante expressiva, creio eu, pode estar relacionada e justificada pelo fato de que no primeiro grupo a atuação e as interações das mães de IC é bem maior e permanece por mais tempo após o positivo do que no segundo grupo, sendo essas agentes importantes, senão centrais, nesse tipo de publicação.

Sempre realizadas por tentantes ou mães de IC, essas são em geral publicações curtas, sem imagens incorporadas, que se direcionam a “Alguém/mamães que tenha feito IC com doador X”, “Alguém/mamães que tenha tido positivos de doador x” ou simplesmente fazem pedidos diretos por “indicações” ou “fotos” de determinado doador. Nessa subcategoria temos diferentes tipos de chamadas: algumas pedem apenas referências de positivos e opiniões, outras

pedem por fotos dos bebês. Essas diferenças no tipo de chamada feita também reflete na geração de distintos níveis e dinâmicas de engajamento por parte das outras tentantes. As publicações que fazem pedidos de fotos - contando, portanto, menos com uma rede de indicações e referências e sim acionando uma rede de familiaridade entre bebês gerados pelo mesmo doador e suas mães - geram bem mais engajamento em forma de reações e comentários. Publicações que pedem por referências, recomendações e /ou opiniões sobre um doador específico ou apenas pedem para saber “quem são” seus positivos recebem ao todo 18 comentários em 8 postagens. Em contraste, aquelas que através dessas postagens pedem por fotos de bebês gerados por doadores específicos receberam 87 comentários em 6 publicações desse tipo. Dentro de cada um desses “tipos”, entretanto, os diferentes “níveis” de engajamento também são distintos, variação essa que me parece relacionada especialmente à popularidade do doador referenciado na publicação, que aciona redes maiores ou menores de tentantes e mães de IC do que outros.

Há, ainda, algumas poucas postagens nas quais não se procura referências por positivos ou relatos sobre doadores específicos, mas se direcionam às mães de IC dos grupos para pedir indicações de quem foram seus doadores e/ou quem elas recomendam como doador confiável. Traço a seguir alguns exemplos de cada um desses tipos de chamadas e das interações que se reúnem em torno delas.

Começo pelas publicações que atuam no sentido de chamar e agregar em torno de si imagens-fotografias das crianças geradas a partir das doações de determinado doador. Elas o fazem a partir de frases como “Meninas, fotos dos nenéns do doador Doador X... quem aí teve positivos dele?” ou “Bom dia, alguma mamãe pode postar fotos dos positivos do Fulano? Recomendam ele?”. Algumas delas, entretanto, acrescentam elementos como “ps: só aquelas que se sentirem confortáveis”, demonstrando preocupação com as expectativas de privacidade que algumas das mães podem ter com relação à exposição de suas crianças, ou ainda frases como “tem várias tentantes querendo ver”, especialmente associadas às postagens que giram em torno dos positivos de doadores mais “famosos” no grupo e ativos nas doações. Há, ainda, algumas postagens no histórico do grupo (fora do meu recorte de mapeamento, entretanto) que citam que estão procurando por fotos dos demais bebês gerados por ICs com o mesmo doador que as próprias autoras utilizaram. Outro grupo de publicações ainda dentro desse tipo, que habitam os grupos (em especial o Grupo A), incorporam chamadas por fotos e relatos sobre dois ou três doadores de uma só vez, sendo essas bastante potentes em sua capacidade de engajar interações.

Todas essas, embora diferentes na maneira de abordar essas redes de relações dadas pelos e nos grupos digitais, nos dão mais um vislumbre das maneiras pelas quais as tentantes

utilizam dessas redes para amparar suas decisões acerca de qual doador utilizar, neste caso: visualizar o conjunto de crianças criadas a partir de sua genética para, assim, procurar prever a aparência que sua própria criança teria com essa mesma genética.

Além de permitir visualizar esses mapas visuais de “fotografias em rede” associadas a cada doador, as interações dadas pelos comentários dessas publicações também nos ajudam a entender melhor como se dá a construção dessas relações de indicação e compartilhamento de imagens-positivos. Em uma dessas publicações desse tipo, por exemplo, que reúne 19 reações e 11 comentários, as respostas de tentantes afirmam terem feito tentativas de inseminação com o doador referenciado na chamada (todas ainda em processo de tentar, quando comentaram) e recomendando-o como respeitador e educado, inclusive uma delas que afirma ter conversado com várias outras “tentantes dele” que afirmaram o mesmo. Há, também, vários comentários com “up” ou frases como “você chegou a positivar com ele?” de outras tentantes que aproveitam essas postagens para pegarem referências também para si; agradecimentos do próprio doador, aos elogios traçados para ele, já que uma delas marcou seu perfil, trazendo-o para a discussão através desse mecanismo. Nessas respostas acontece ainda um debate com diferentes pessoas, suscitado pelo comentário de uma pessoa que pergunta “Quando vejo as publicações de vocês, fico bastante intrigada. A vida dá tantas voltas, imagina se, em uma dessas, duas dessas crianças, já crescidas, podem se encontrar, se apaixonar, e descobrir que são irmãos. E aí, o que fazer? Tenho essa curiosidade...” Em resposta a este comentário, doadores e tentantes comentam que seria mais provável alguém se apaixonar por um filho perdido do pai, do que duas crianças concebidas pelo mesmo doador se encontrarem.

Outras duas publicações desse tipo, dentro de meu recorte, reúnem uma quantidade bastante expressiva de interações (57 reações e 45 comentários para uma e 24 reações e 25 comentários para a outra) e nos apresentam uma variedade ainda maior de temas e tipos de resposta. Parte significativa delas são de mães de IC que incorporam fotos de suas crianças com o doador referenciado, sempre acompanhadas de informações sobre o filho, especialmente nome e idade. Mais comum, entretanto, são respostas de outras usuárias e usuáries comentando com elogios e congratulações às fotos compartilhadas ou mesmo comentários com frases como “sempre vejo muitos bebês dele aqui, sempre maravilhosos!” Há, ainda, muitos comentários que acionam mecanismos de acompanhamento da publicação - para ficarem por dentro do restante das interações dadas a partir dela - como “ac” ou marcações dos perfis de seus parceiros - para acompanhar as interações da publicação, aproveitando essas postagens para pegarem referências também para si. Ou, ainda, mecanismos de estímulo ao engajamento e visibilidade da postagem, como “up”, sendo esses elementos bastante comuns em todas as publicações desse

tipo.

Existem, no entanto, aquelas postagens desse tipo que possuem poucas interações associadas a elas. A falta de respostas pode nos levar a pensar que a popularidade desses doadores referenciados ou seu histórico de positivos não seria expressivo o suficiente para que a rede de interações gerada por essa busca não tenha tido respostas. Entretanto, é importante lembrar que outros agentes e dinâmicas atuam na construção de maiores ou menores redes de interações suscitadas pelas publicações dos grupos, como a maneira pela qual os algoritmos da plataforma Facebook/Meta organizam a visibilidade das postagens dentro do grupo. A expressividade de atuação dentro do grupo que o autor da postagem tem, a hora de publicação e quantidade de novos conteúdos aceitos no mesmo dia, a quantidade de outras pessoas interessadas nesse mesmo doador (já que quanto mais comentários, mais tempo a postagem fica em evidência) são alguns dos vários aspectos que influenciam e são influenciados por essa agência da arquitetura da plataforma, muitos dos quais são pouco ou nada mapeáveis por nós, “meres usuáries”.

Por fim, vale ainda comentar, que em ambos os grupos há também publicações (fora de meu mapeamento, entretanto) que ao invés de pedirem pelas fotos de positivos de um doador em específico, fazem chamadas como “Meninas, postem aqui por favor uma foto das crianças de vocês? E o nome do seu doador ou indicações de doadores de confiança, se puderem”. Como abrem o leque para o compartilhamento de imagens e indicações relacionadas à atuação de diferentes doadores, essas são as postagens desse tipo cujas interações são mais expressivas, algumas delas chegando a mais de 400 comentários, especialmente aquelas presentes no Grupo A. Dentre os temas/dinâmicas dessas interações, são bem diversas, mas tratam-se especialmente de comentários com fotos das crianças (e, algumas, do casal de mães junto com elas), com relatos, citações e/ou marcações dos perfis dos “doadores de confiança” indicados, além de muitos “up” e “ac”.

Passando ao tipo de publicações em que as chamadas não são pelas fotos e sim por relatos, recomendações ou opiniões de pessoas que positivaram a partir da doação de determinados doadores, elas o fazem a partir de frases como “quem aí já fez IC com o Fulano e positivou?”, “meninas, quem são os positivos do Doador X? Como foi com ele?” ou, ainda, “olá grupo, quem aí conhece o Ciclano? É de confiança?” Como citei, ao contrário do tipo anterior, essas postagens em geral quase não recebem respostas. Dentre as poucas de meu recorte que tiveram algum comentário (duas, no total), temos algumas tentantes recomendando os doadores do qual se pede informação na postagem, citando, por exemplo, que ainda não positivou, mas já fez algumas tentativas com ele e é respeitoso e de confiança, Uma dessas duas

publicações é, inclusive, um Pedido de uma mãe de IC que já teve seu positivo com um doador específico (informação que só aparece nos comentários, quando uma tentante do grupo lhe pergunta e ela confirma) procurando por notícias/manifestações de outros positivos gerados a partir das doações desse mesmo doador. Nos comentários, quatro tentantes conversam entre si, acerca da possível saída do doador procurado na publicação, assim como relatando que ele falhou com algumas tentantes antes de ter sumido do grupo, como afirma a própria autora da publicação, que teve seu positivo com ele.

Rede de denúncias e segurança

O segundo subgrupo, por sua vez, diz respeito às publicações que expõem e ajudam a germinar territórios conflituosos das relações entre tentantes e doadores, seja agenciando a formação de redes coletivas de segurança e cuidado mútuo por meio de denúncias a doadores abusivos ou através da exposição e debate público dos limites, acordos e expectativas entre esses diferentes agentes. Dentro desse subgrupo, portanto, cabem ainda dois tipos de publicações: denúncias e discussões de quebra de acordos. O primeiro é dedicado às denúncias onde doadores e/ou perfis falsos específicos são expostos por seus comportamentos inapropriados e predatórios dentro dos grupos, que se aproveitam da vulnerabilidade das tentantes. São publicações, portanto, cuja agência cria (ou pelo menos procura criar) redes de cuidado e segurança dentro dessas plataformas, alertando outras tentantes e a administração dos grupos acerca desses perfis cujas atitudes colocam em risco as tentantes e as redes de IC como um todo, buscando com essas denúncias fortalecer a construção de um ambiente de menos risco e mais confiabilidade.

A incorporação de imagens-prints é bastante comum nessas publicações, de maneira que essas operam como agentes de comprovação e credibilidade às denúncias produzidas com essas postagens. Além disso, muitas vezes elas servem também para aumentar a efetividade do efeito de alerta da denúncia ou acusação feita, não só (mas também) porque o simples uso de imagens produz maiores engajamentos nas interações, mas também porque trazem informações importantes sobre os doadores, como nome, número de telefone, foto do rosto e/ou do perfil no Facebook e Whatsapp e prints de conversas. Neste sentido, um fenômeno interessante é que nesses prints, sejam eles compartilhados por tentantes, doadores e/ou administradores, é unânime a prática de ocultação de dados pessoais identificáveis das tentantes e demais mulheres que estejam envolvidas no post ou expostas nas imagens. Essa ocultação é materializada através de intervenções intencionais nas imagens, riscando por cima ou apagando nomes, contatos,

fotos de perfil e do rosto dessas pessoas - o que contrasta diretamente com a exposição de dados sobre os doadores denunciados.

Essa dinâmica vai ao encontro de uma provocação que fiz em em minha pesquisa de monografia, na qual produzi um mapeamento em redes sociais de campanhas políticas virtuais e hashtags de denúncia de assédio e outras violências de gênero nos últimos anos, em especial das hashtags #chegadefiuuiu, #meuprimeiroassedio e #meuamigosecreto e denúncias de motoristas de aplicativos de transporte (Carvalho, 2019). Tal como as denúncias de doadores nos grupos de inseminação caseira, as redes sociais foram então utilizadas com objetivos como os de

“visibilizar e colocar em pauta as formas de machismo e misoginia presentes no dia-a-dia no nosso país; mapear agressores e/ou agressões; criar redes de apoio e suporte entre mulheres; gerar processos curativos através do compartilhamento de experiências. A respeito deste último tópico, há uma série de textos que defendem a importância das hashtags para combater processos de culpabilização e “autoculpabilização” das vítimas, para promover uma “quebra do silêncio” a respeito dessas múltiplas violências sofridas, muitas vezes desde a infância e juventude até a idade adulta, e como um processo central de cura e apoio recíproco entre mulheres.” (Carvalho, 2019, p. 75)

Por outro lado, as hashtags também carregam consigo alguns riscos e problemáticas, em especial o fato de que

“as denunciante utilizaram de seus próprios perfis, no Twitter e no Facebook, para apontar as violências que tinham sofrido. [...] Apesar disso, muitos homens se reconheceram nas postagens e várias mulheres foram perseguidas ou sofreram sérias retaliações por conta de suas denúncias. No caso das denúncias de motoristas de aplicativos de transporte, os casos de retaliações são ainda mais comuns, uma vez que as postagens não deixam dúvida a respeito de quem são os assediadores e abusadores” (Carvalho, 2019, p. 77)

Portanto, as redes sociais se configuram como ambiente potente, mas pouco seguro para que sirva de espaço para denúncias. Ao contrário das hashtags, no entanto, as denúncias de doadores subvertem alguns desses riscos por meio de mecanismos de proteção como a ocultação dos dados de tentantes vitimadas pelos comportamentos de doadores.

Além disso, a própria dinâmica de administradores e outros doadores produzirem postagens de denúncia com prints vindos de tentantes cuja identidade não é revelada parece ser também um mecanismo que é instrumentalizado no esforço de se proteger as vítimas, por um lado, e expor os doadores denunciados, por outro. O comentário de um dos meus interlocutores a respeito desse tema nos dá um vislumbre melhor de como funciona essa dinâmica, mostrando que a iniciativa de se resguardar vem das próprias tentantes. Perguntei a ele sobre a sua atuação nos grupos, inclusive com postagens que trazem denúncias de doadores e tentantes com atitudes vistas como problemáticas, questionando como essas denúncias chegam até ele, considerando que ele não estava mais na moderação ou administração dos grupos. Ele responde que “Essa

coisa das denúncias é porque as tentantes me procuram mesmo, pelo whats e pelo facebook, porque elas não tem coragem de postar lá a denúncia, mas já me conhecem, sabe que eu faço esse tipo de coisa, aí eu posto as denúncias por elas” (Entrevista com o Doador 1, 2022).

Mariana Felipe (2019) também abarca em suas pesquisas essa formação de redes de apoio e confiabilidade, especialmente pela falta de controle biomédico, e da “confiança técnica” que lhe acompanha, e a necessidade de uma criação de laços de confiança para contingência dos riscos envolvidos nas práticas de IC. A criação desses laços e redes, aponta, é dada a partir de uma série de interações e iniciativas, colocadas em prática especialmente por tentantes, como: publicações com relatos (e, muitas vezes, fotos, prints e “provas”) de denúncia de doadores com condutas indevidas⁶⁵ que muitas vezes resulta na expulsão destes membros dos grupos uma vez averiguadas as informações expostas; publicações com indicações ou pedidos de indicação de doadores confiáveis; publicações averiguando a confiabilidade de um determinado doador; e, ainda, pedidos de indicação de advogadas que lidem com as requisições de reconhecimento jurídico de dupla maternidade. A autora aponta, desta maneira, que na falta de um controle biomédico, a contingência destes riscos é constituída a partir das relações entre as pessoas envolvidas: “essas relações são permeadas por muitas interfaces nas quais se estabelecem, ou não, relações de confiança” (Felipe, 2019, p.49).

No meu recorte tive, ao todo, seis publicações de denúncias, sendo 4 delas no Grupo B e 2 no Grupo A. Cada denúncia é sobre um doador diferente e elas expõem também distintos comportamentos por parte deles, mas todas passam pelo fato de que são doadores tentando manipular e/ou forçar tentantes a se submeterem ao “método natural” com eles.

No caso de publicações de denúncia produzidas por tentantes, todas elas trazem prints de suas próprias conversas com esses doadores denunciados. Em um deles, por exemplo, presente no Grupo A, a autora do post expõe um relato no qual um doador afirma que o uso de seringa na inseminação caseira causa abortos espontâneos, insistindo que ele apenas realiza inseminação “semi-natural”. A autora, contudo, esclarece que não julga aquelas que optam por esse método, mas reafirma a eficácia da inseminação com seringa, desmentindo a alegação do doador, afirmando: “Não acreditem nesse absurdo, a inseminação com seringa funciona perfeitamente!”. A publicação inclui seis imagens: quatro prints da conversa no aplicativo Whatsapp, entre ela e o doador denunciado, um print do perfil do doador no celular, com seu

⁶⁵Cita, por exemplo, a falsificação de exames, cobrança pela doação, assédio, falta de cumprimento dos combinados, uso de diferentes nomes e perfis nas diversas plataformas digitais.

nome e número de telefone e uma foto do perfil do doador com uma mulher, onde a face dela está intencionalmente ocultada e a dele visível.

Os comentários são majoritariamente de outras tentantes e, especialmente, mães de IC que ainda habitam e se relacionam com os grupos digitais, rechaçando a atitude denunciada no post e a postura de doadores em geral que estão em busca de “sexo fácil” e utilizam da IC e da vulnerabilidade daquelas e aqueles que buscam conceber por meio desse contexto para assediar e tentar enganar tentantes. Além disso, o ponto que mais parece despertar o incômodo daquelas que comentam é principalmente a acusação que o denunciado faz nos prints de que a utilização da seringa causaria abortos espontâneos naquelas que utilizam desse método (segundo ele, por experiência própria, em seu histórico de doador para ICs) o que justificaria o uso do que ele chama de “método semi-natural”, mas não explica o que seria isso. Assim, os comentários de mães de IC trazem em seus relatos a existência de seus próprios filhos como comprovação material da eficácia do método e da refutação dessa teoria por ele apresentada, com comentários que trazem relatos/fotos dos filhos, acompanhados de frases como “olha aqui meu aborto por seringa”, “Meu filho de “só seringa” faz 2 anos mês que vem” ou “usamos uma seringa pequena na minha esposa e agora nosso bebê tá quase chegando”.

Já no Grupo B, em outro exemplo, a publicação de outra tentante alerta o grupo sobre um “doador falso de MG” que exige que a tentante fique nua para ajudar a estimulá-lo durante a masturbação e defende que o “método natural” seria superior ao uso de seringa, pois não exige que a tentante fique na “desconfortável posição com os pés para cima”. A publicação inclui cinco imagens: quatro prints da conversa entre eles no messenger e um print do perfil do doador dentro do grupo, mostrando que ele deixou de ser membro poucos dias depois de falar com ela e logo antes dela publicar o aviso-denúncia. A publicação recebeu 15 reações e 5 comentários. Os comentários rechaçam a atitude do doador com veemência, usando termos como “que escroto”, “nojento” e “que nojo desse tipo de cara”. Um dado interessante é a participação de outros doadores nos comentários, que também condenam o comportamento do denunciado, indicando uma preocupação genuína com a integridade do processo de doação e a proteção das tentantes.

Em uma terceira publicação de denúncia, do Grupo B, a publicação trata da denúncia de um doador que afirma utilizar o método natural de inseminação. A imagem que acompanha a publicação é um print de uma conversa entre a autora e o doador denunciado no Messenger, na qual ele oferece seus serviços como “doador de método natural”, mas a autora rebate afirmando que isso é uma tentativa de se aproveitar das mulheres. O doador é identificado pelo seu nome e foto de perfil no Facebook, o que adiciona um elemento de identificação pessoal à

denúncia. A publicação gerou 15 reações (incluindo "grr" e curtidas) e 5 comentários.

Nos comentários, uma série de respostas reforça a denúncia e fornece contextos adicionais. Um dos comentários, de um doador, afirma que o denunciado já é conhecido e tem um histórico de comportamento inadequado. Um moderador do grupo, por sua vez, afirma que irá banir o doador apontado e indica às demais tentantes ter cuidado com os "novos doadores" que teriam entrado no grupo após a repercussão de uma recente reportagem sobre doadores prolíficos em positivos de IC. Outra tentante destaca que o método de inseminação deve ser decidido pela tentante e recomenda bloquear o doador se ele não respeitar essa regra. Em resposta a ela, um doador se oferece como possível contato sério e confiável para ela.

Já no que diz respeito às duas publicações de denúncias feitas por agentes da administração e moderação, ambas se encontram no Grupo B e, portanto, são postagens produzidas por doadores que também atuam como administradores, expondo denúncias que receberam ou coletaram de tentantes. Em uma dessas postagens, que traz mais uma denúncia de um doador que afirma utilizar apenas o método natural, o texto da publicação reforça que o assédio não será tolerado no grupo e a ela são incorporadas duas imagens que são prints de uma conversa entre uma tentante e o doador denunciado, ocorrida no Messenger. Nos prints, o doador faz uma abordagem inicial, perguntando sobre a cidade da tentante e o método de inseminação que ela deseja. A conversa revela que o doador oferece o método natural, que envolve penetração e ejaculação interna. A tentante rejeita a proposta e agradece pela atenção. O doador, no entanto, continua a insistir, com frases como "fica tranquila, meu anjo".

Nos 13 comentários gerados por essa publicação, há uma forte condenação do doador e suas atitudes, por tentantes e doadores, com adjetivos como "escroto", "lixo", "ridículo" e "tarado" refletindo uma indignação profunda com seu comportamento. Essas reações também são percebidas pelas reações, 26 ao todo, dentre as quais a maioria são do tipo "Grr", utilizada para expressar raiva/indignação. Além das críticas diretas, várias tentantes compartilham experiências pessoais com o doador denunciado, contando que foram recentemente adicionadas e contactadas por ele, com mensagens inadequadas, curtidas em suas fotos pessoais e insistentes comentários em suas publicações no Grupo. Uma delas traz um print de uma conversa no messenger, onde esse doador afirma ter exames atualizados, mas não os apresenta quando solicitado, evidenciando falta de transparência. No print há uma foto do rosto dele, enviada pelo mesmo, e a tentante comenta junto à imagem "olha a cara dele aí, pra ficarem atentas".

Doadores também participam da discussão, rechaçando o comportamento do assediador e compartilhando informações sobre denúncias anteriores contra ele. Um deles, por exemplo, conta que o indivíduo já foi removido de grupos sob diferentes nomes e continua tentando

assediar tentantes. O compartilhamento de experiências e conselhos ilustra a formação de redes de suporte que visam proteger os indivíduos de comportamentos prejudiciais e reforçar a coesão social. Esse processo de construção de um ambiente colaborativo e respeitável é fundamental para a manutenção da integridade do grupo e da IC como contexto, rede e técnica.

Já a segunda publicação, por sua vez, traz uma denúncia de falsos perfis de mulheres, criados por doador mal-intencionado, para contactar tentantes dos grupos e recomendá-lo, utilizando-se do lugar que as tentantes desenvolvem entre si na rede de confiança e cuidado que formam para se aproveitar dela, se passando por mulheres tentantes e mães de IC. Além disso, o autor da publicação aponta que esse mesmo doador teve denúncia (à administração do grupo e em outras publicações) de que ele está com uma IST e relatos-denúncias de diversas tentantes com as quais tentou forçar o “método natural”.

A publicação apresenta ainda uma colagem de 4 prints em uma só imagem. Um print mostra uma troca de mensagens entre duas mulheres, uma delas recomendando um doador, com foto do mesmo, afirmando que sua irmã teve positivo com ele e ela vai tentar em seguida. Outro print mostra outra conversa, também no Messenger (provavelmente enviada por uma segunda tentante), no qual o mesmo perfil de mulher recomenda o mesmo doador, indicando seu número de telefone. Há também um terceiro print com uma visão mais detalhada do perfil dessa mulher, com suas informações básicas, incluindo uma lista dos membros da família, todas mulheres com o mesmo sobrenome, e um texto editado na colagem indicando que "Todas elas são ele mesmo se indicando" e que o perfil dessa mulher seria falso e possivelmente criado pelo próprio doador (ou alguém associado a ele) para se autopromover e fornecer recomendações falsas. Um dado interessante é que um desses perfis ainda está ativo e sua única postagem é um vídeo no qual um tiktokker aponta “incoerências femininas”, dizendo que as “mamães” não optam pela guarda compartilhada porque querem os filhos só para si, assim como as pensões.

A publicação gera um conjunto de interações interessantes, somando 22 reações (uau, haha, triste, grr e curtidas) e 12 comentários. Nos comentários, há especialmente tentantes incorporando o mecanismo do “up” nas respostas para gerar maior visibilidade à denúncia. Há, também, outras tentantes rechaçando o doador denunciado e outras marcando seus companheiros nos comentários para que estejam atentos a esses perfis e comportamentos existentes dentro da rede digital das ICs.

O mais interessante, entretanto, é notar que dentre os poucos comentários de doadores, todos visam apoiar a atitude da denúncia com base no fato de que esses perfis falsos teriam intuito de desacreditar outros doadores, falando mal deles nos grupos e no privado de tentantes. Esse mesmo padrão se mantém na única publicação que traz uma denúncia e é

produzida por doador que não atua na administração do Grupo.

Nas postagens desse tipo, por um lado, parece também operar uma dinâmica na qual esses doadores atuam na construção colaborativa de uma rede mais segura nos grupos digitais e assumir para si a responsabilidade de produzir as denúncias e a visibilidade (e possíveis retaliações) que vêm com elas. Por outro lado, parece haver também uma instrumentalização de tal visibilidade. Ironicamente, esse argumento é utilizado por um dos doadores denunciados, em um dos prints de suas conversas com o autor da publicação, acusando-o de caluniá-lo para ganhar visibilidade e status nos grupos. É interessante notar, ainda nesse sentido, que nos principais casos de meu recorte em que essas relações de violência e retaliação às denúncias (como ameaças e importunações digitais repetitivas) acontecem muito mais direcionadas para outros doadores, numa espécie de postura competitiva entre eles, do que às tentantes, pelo menos publicamente nos grupos.

Parece-me que doadores, quando denunciam outros doadores em publicações e/ou comentários, o fazem motivados por uma postura de rechaçar atitudes que “mancham” a imagem dos demais e da doação para IC como um todo. De alguma forma, parecem se preocupar mais com as atitudes desses doadores que utilizam das relações e dinâmicas da IC de maneira mal-intencionada pelo dano que causam a outros doadores, do que às tentantes em si.

A publicação de uma denúncia produzida pelo doador, no Grupo A, apresenta um conflito grave entre ele e outro doador (que por muito tempo fez parte da administração do Grupo B), com trocas de acusações de comportamento inadequado e criminoso. A publicação denuncia esse doador por diversas práticas criminosas e comportamentos ameaçadores, incluindo tráfico, porte ilegal de armas e violência doméstica. O autor do post também menciona que o denunciado está espalhando calúnias sobre ele, acusando-o de extorsão e de contaminar seringas cuspidando nelas. A postagem é acompanhada por um link para um site de registros judiciais, onde estão detalhados os processos contra o denunciado. Além disso, sete imagens-prints são anexadas à publicação, mostrando conversas e documentos que reforçam as acusações.

Três das imagens-prints materializam relatos e denúncias de tentantes contra o mesmo doador em diferentes plataformas, incluindo conversas no WhatsApp, no Messenger e em comentários de outras publicações. Uma das tentantes relata que o denunciado pediu dinheiro urgentemente e, após receber o pagamento, sugeriu que ela procurasse um homem para garantir sua inseminação por meio de relações sexuais, além de postar um vídeo armado em seu status. Ela comenta: "Me solicitou um dinheiro com urgência [...], depois ficou postando no status vídeo dele com uma pistola". Outra tentante descreve abordagens inadequadas do denunciado,

como pedidos de ajuda para gravar a inseminação e comportamento suspeito, incluindo o cheiro forte de álcool. Ela escreve: "começou com umas conversas estranhas e [...] cheirando muito forte a álcool". Uma terceira tentante expressa desapontamento com o comportamento do denunciado, relatando mensagens sexualmente explícitas e inapropriadas, descrevendo um padrão de comportamento abusivo e predatório. Ela comenta: "ficou perguntando se eu queria ver o pênis dele! Me mandou várias mensagens perguntando como era minha bcta, nojento".

Outra imagem mostra um boletim de ocorrência registrado pelo autor do post contra o denunciado por calúnia. O documento oficializa a denúncia e demonstra a intenção de levar o conflito à esfera judicial, buscando justiça contra as acusações falsas que tem recebido.

Por fim, há uma sequência de imagens-prints que trazem uma troca de mensagens acalorada entre o autor do post e o denunciado, onde este último faz ameaças explícitas de violência física. O denunciado afirma que vai processá-lo por difamação, dizendo: "aqui, vacilão, só tô mandando msg pra te avisar que to entrando com ação contra vc viu". Ele continua, alegando que as publicações do autor são falsas e desafia: "Na justiça vc vai ter que provar tudo que fala, que eu sou traficante, vendo arma, que sou estuprador em potencial." Em seguida, as ameaças se intensificaram: "Quando eu for aí na cidade vc tá fodido, vai aprender a não mexer com a facção, vou te quebrar no meio!" O autor do post responde rejeitando as ameaças e mantendo sua posição: "Aciona a justiça que eu provo o que falei. Boa sorte."

Essa publicação é, ainda, especialmente interessante por também nos permitir vislumbrar um pouco mais das complexidades que atravessam essas dinâmicas, como relatos de tentantes que afirmam terem medo de não serem escutadas caso denunciem (especialmente quando aqueles que serão acusados têm grande visibilidade dentro dos grupos digitais) ou doadores que acusam a moderação do grupo de “passar pano” pra determinado doador.

De modo geral, essas postagens de denúncia são bastante potentes, na medida em que a formação de redes de apoio e a denúncia de comportamentos inadequados são estratégias cruciais para criar um ambiente mais seguro e acolhedor para todas as participantes. Essa dinâmica ressalta a importância de solidariedade e vigilância dentro de comunidades que operam em contextos informais e frequentemente desregulamentados.

Para além das denúncias e redes de apoio mútuo, o segundo tipo de publicação diz respeito a algumas outras temáticas disputadas nessas redes de inseminação caseira, onde atitudes são denunciadas ou colocadas sob crítica e para debate, mas não se voltam especificamente para um ou outro membro. Nessas, os comentários ganham centralidade, pois é nas discussões traçadas por essas interações que se manifestam algumas das tensões dessas redes e as expectativas que permeiam as interações entre doadores, por um lado, e tentantes,

por outro. Aqui, se evidenciam e nos permitem explorar como essas dinâmicas se manifestam e se entrelaçam com questões mais amplas de reciprocidade, comunicação e confiança entre esses diferentes grupos e perfis.

As duas publicações que incorporam esses debates sobre acordos e expectativas são produzidas por doadores, uma no Grupo A e a segunda no Grupo B. Na primeira, o texto da publicação e as interações geradas por ela revelam um panorama complexo das relações entre doadores e tentantes em contextos de inseminação caseira. O post inicial expõe um sentimento de frustração de um doador que se sente desconsiderado por uma tentante que, após conseguir um resultado positivo, não deu mais informações sobre a gestação. Esse sentimento de frustração é um reflexo das expectativas e normas sociais que envolvem essas interações, onde o respeito e a gratidão são esperados, mas nem sempre reciprocados.

Os comentários e interações observados na publicação revelam uma rede disputada das dinâmicas sociais que envolvem a prática da inseminação caseira. Descrevo a seguir mais detidamente algumas das conversas geradas a partir dessa publicação, pois permitem um interessante vislumbre desses diálogos e disputas e entender as expectativas, frustrações e valores que permeiam essas interações.

Alguns dos doadores, por exemplo, compartilham nos comentários sua frustração com as tentantes que não informam sobre os resultados da inseminação, mencionando que frequentemente observam perfis de tentantes com quem tentou e que, posteriormente, bloquearam-no após a confirmação do positivo, sem qualquer comunicação ou agradecimento. Este relato evidencia um sentimento de desvalorização e a percepção de que a reciprocidade considerada “básica” - “um simples ‘obrigado’”, como apontam algumas respostas - é negligenciada. Essas normas de cortesia e gratidão são tomadas por alguns como fundamentais e para outros como uma questão de escolha atravessada por uma série de complexidades. A falta de agradecimento é percebida aqui como uma falha na adesão a essas normas, evidenciando uma possível tensão entre a individualidade das tentantes e as expectativas coletivas de reciprocidade.

Outros doadores, por outro lado, respondem afirmando que gostam de receber as confirmações de positivo, mas não fazem questão disso, acreditando que a escolha é da tentante e depende mais da postura do doador, do que da ética e responsabilidade da tentante. Um deles, por exemplo, oferece uma perspectiva que enfatiza a importância da honestidade e da integridade como fatores-chave para ser um bom doador. Ele argumenta que ser um “doador respeitado e recomendado não depende apenas do número de positivos”, mas da maneira como se trata as tentantes. Estes comentários refletem tentativas de encontrar um equilíbrio entre as

expectativas dos doadores e as necessidades das tentantes, destacando a importância da transparência e da comunicação clara nas interações antes, durante e depois da realização de tentativas de inseminação caseira. Há, ainda, respostas que apontam nessa mesma direção, mas o fazem de maneira mais agressiva, criticando abertamente aqueles que exigem notícias do resultado das tentativas que realizam. Ele diz “Que mimimi de homem barbado, meu Deus kkk cara, só doa e acabou. Se quer carinho da mulher grávida de você, arruma uma namorada e casa com ela. Agora fica aí choramingando querendo notícia de tudo sobre a tentante, aí não!”

Comentários de tentantes, em resposta a estes, parabenizam os doadores pela postura e confirmam que em suas experiências a principal preocupação era a índole e o comportamento do doador, buscando referências e garantindo que ele fosse respeitoso e ético. Destaca, com isso, a importância de estabelecer e seguir acordos claros sobre a comunicação pós-doação, ao que um dos doadores-moderadores do Grupo responde concordando e enfatizando que de fato o caráter e a integridade do doador, juntamente com a realização de exames e espermograma, são fundamentais para estabelecer uma boa reputação. Também é destacada, por outro membro, a comunicação prévia entre tentante e doador, segundo ele essencial para avaliar honestidade e caráter de ambas as partes. Ele relata uma experiência pessoal em que descobriu que uma suposta tentante era na verdade um doador disfarçado, evidenciando os riscos de fraude e má-fé.

Há, ainda, uma série de comentários de tentantes relatando diferentes - e, por vezes, conflituosas - opiniões acerca desses acordos e escolhas envolvidas na comunicação do positivo ao doador (ou não). Várias delas se colocam em posição crítica à defesa que faz o autor da publicação, defendendo que a doação é voluntária e que cada pessoa tem suas razões para não querer manter contato após a inseminação, destacando a importância de respeitar a autonomia das tentantes em decidir o que comunicar e o princípio de que as mulheres devem ter controle sobre suas decisões reprodutivas. Além disso, apontam alguns dos motivos pelos quais as tentantes podem optar, por exemplo, pela não-comunicação do positivo, como o receio de que o doador possa querer se envolver mais do que o acordado, uma vez que tenha a notícia. Ainda, nesse sentido, um comentário de uma tentante traz também um argumento interessante para o debate, afirmando que a preocupação dos doadores com o “número de positivos” pode ser vista como um desejo de contabilização e promoção pessoal inadequado aos supostos objetivos do grupo e da doação.

A insegurança sobre a intenção dos doadores revela uma dinâmica de desconfiança e tensionamento nas relações entre tentantes e doadores, mas essa dinâmica não é homogênea, de modo que temos também tentantes e doadores rebatendo esses argumentos e concordando com

os apontamentos da publicação. Algumas das tentantes, portanto, expressam sua indignação pela falta de consideração com os doadores, reforçando a perspectiva de que a reciprocidade é uma norma social esperada dentro desse contexto, enfatizando que os doadores dedicam seu tempo e esforço para ajudar as tentantes e que avisá-los seria, portanto, o mínimo de “retribuição” necessária nessa troca. Outra resposta, do próprio autor do post, é voltada especificamente para essa questão do “número de positivos”, destacando que a comunicação sobre o resultado é importante não apenas para a satisfação pessoal, mas também para a construção de um histórico de doações bem-sucedidas, que vai ser usado como referência para futuras tentantes, apontando que são elas mesmas que “fazem questão” de saber o número de positivos de cada doador. Essa resposta agencia a aglomeração de uma nova discussão dentro da publicação, que gira em torno de discutir essas “contagens de positivos” e acaba escorrendo também para debaterem as próprias motivações de doadores para atuarem como tal. Com isso, outra tentante questiona as motivações por trás do desejo de alguns homens em obter centenas de positivos, ao que uns respondem que a questão não é ter milhares de positivos, mas sim sobre ter a confirmação de que a doação foi bem-sucedida ou, ainda, de “poder ter a alegria de confirmar que está ajudando mulheres a realizarem seus sonhos de maternidade”.

Por fim, na última postagem dessa categoria, o doador traz uma problematização a ser discutida, acerca das cobranças feitas por doadores, criticando tanto aqueles que exigem valores altos para o deslocamento com aqueles que pagam suas próprias despesas. A postagem menciona, com sarcasmo, que alguns doadores pedem “945 reais de Uber” enquanto outros cobrem seus próprios custos. A publicação gerou um engajamento significativo, com 59 reações (dentre elas curtidas, haha, uau e amei) e 56 comentários. Nessa rede de interações, há diversas discussões e opiniões divergentes, especialmente em torno de determinados temas abordados pelos comentários. Esses comentários destacam as complexidades e dilemas enfrentados pelas tentantes e doadores, abordando temas como a ética das cobranças, o comportamento abusivo de alguns doadores e as motivações por trás da doação de sêmen.

Em um dos comentários, por exemplo, uma tentante expressa incredulidade sobre doadores que se oferecem para pagar a hospedagem e o deslocamento. Ela afirma nunca ter encontrado um doador assim e sugere que, em sua experiência, as tentantes são quem costumam arcar com esses custos. O autor da publicação, um doador e administrador do grupo, responde que há pelo menos três doadores que se comportam dessa forma, mas alerta que isso pode ser motivo de desconfiança, indicando a possibilidade de intenções duvidosas, como exigir a paternidade mais tarde.

Em outro comentário, uma tentante relata a cobrança excessiva que lhe foi oferecida por um doador de outra cidade, que pediu 410 reais por dia de deslocamento. A tentante propôs alternativas mais baratas, como o uso do BlaBlaCar, mas o doador insistiu em vir de carro, resultando em custos mais altos. Outra tentante expressa indignação com o valor cobrado, considerando-o um abuso. A troca de mensagens entre as tentantes destaca a vulnerabilidade financeira das mulheres que recorrem a esses serviços e a necessidade de negociar os termos com os doadores para evitar exploração. "410 reais nem se ele estivesse vindo de muito longe justificaria," diz uma das tentantes, refletindo a percepção de que tais cobranças são injustificadas e exploratórias.

Outra tentante, por outro lado, responde à publicação defendendo a cobrança pelos doadores, argumentando que se a inseminação fosse feita em uma clínica, o custo seria muito maior. Ela sugere que se alguém não pode pagar pelo doador, talvez não tenha condições de sustentar uma criança. Este ponto de vista é criticado pelo administrador, que distingue entre cobrança justa e exploração. A troca subsequente de comentários inclui uma explicação de que doadores que cobram valores abusivos serão banidos do grupo, enfatizando a necessidade de manter práticas éticas dentro da comunidade. "Se não podem pagar um doador, como vão sustentar um filho?", questiona a participante, gerando um debate sobre a diferença entre custos legítimos e exploração. Comentários de outras tentantes apontam em um sentido similar, defendendo ser razoável pagar um valor aos doadores, reconhecendo que muitos doadores também têm despesas e podem precisar de ajuda financeira. Ela compara os custos da doação informal com os valores exorbitantes cobrados por clínicas de fertilização, justificando a prática de algumas cobranças: "A clínica cobra uma fortuna, pagar um valor mínimo ao doador é justo," argumenta a tentante, mostrando uma perspectiva mais conciliadora.

Um doador, por sua vez, utiliza da publicação para expressar frustração com a imagem negativa que alguns casais tentantes projetam sobre os doadores, descrevendo-os como "estupradores, aproveitadores e oportunistas". Esse comentário revela um sentimento de injustiça entre alguns doadores, sugerindo uma tensão entre as expectativas dos tentantes e as experiências dos doadores. Outra tentante, por sua vez, questiona qual seria a "vantagem" para os doadores se eles não cobram nada, levantando dúvidas sobre a motivação altruísta por trás da doação de sêmen. O administrador responde que a nobreza do ato em si é uma motivação suficiente, sugerindo que a doação deve ser vista como um ato de bondade e generosidade.

As tensões entre tentantes e doadores expõem as diversas expectativas e necessidades que permeiam essas interações, desde considerações financeiras até questões éticas e morais. A

discussão sobre cobranças e motivações dos doadores pode ser vista como uma manifestação das normas sociais que regulam a reciprocidade e a solidariedade em contextos de vulnerabilidade e necessidade. As tentantes, muitas vezes em uma posição vulnerável, esperam que os doadores não se aproveitem de sua situação. Quando essas expectativas não são atendidas, surgem conflitos que expõem as fragilidades das relações estabelecidas.

Além disso, a mercantilização das práticas reprodutivas, evidenciada pelas cobranças abusivas, aponta para uma tensão entre a comercialização dos serviços e a manutenção de valores “comunitários” e “altruístas”. Os temas e dinâmicas dos comentários expõem disputas e discordâncias significativas, especialmente entre aqueles que veem a cobrança como justificada e aqueles que a consideram exploração. As tentantes devem navegar essas dinâmicas complexas, equilibrando suas necessidades e expectativas com as realidades econômicas e sociais do ambiente digital em que operam.

3.8 - Outros temas

Quadro 27 - Quantitativos de postagens, comentários e reações da categoria de “Outros temas”

PUBLICAÇÕES	%	COMENTÁRIOS	MÉDIA DE RESPOSTAS POR PUBLICAÇÃO	%	GRUPO A	GRUPO B
19	2,1%	158	10,1	3,4%	7	12

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Dentre as publicações que escaparam de meus agrupamentos e padrões observados, estão aquelas que pertencem à categoria “Outros temas”.

No Grupo A temos 7 publicações desse tipo, todas feitas por tentantes, mães de IC ou, ao menos, pessoas que se identificam nos grupos como mulheres. Os temas dessas postagens giram em torno de: Dúvidas, relatos e busca por informações (ou arrecadações de dinheiro) para outros modos de parentalidade e reprodução, como procedimentos de FIV, inseminação artificial, barriga solidária e coparentalidade; perguntas sobre quais convênios médicos adotar e pedidos de indicações de lugares ou profissionais para realizar pré-natal; e divulgação de produtos para bebês ou produtos personalizados com imagens dos filhos.

No que tange às interações que são produzidas em torno dessas postagens, as reações variam de 0 a 28, sendo quase todas curtidas e amei, e os comentários variam de 0 a 9, somando ao todo 26 comentários (com média de respostas, portanto, em torno de 3,7 por postagem). As

duas publicações com maior engajamento tratam de um pedido de informação acerca de valores para realização de procedimentos de fertilização *in vitro* e a postagem de uma tentante buscando parceiros para conceber uma filha em um projeto de coparentalidade.

Tomando-as como exemplo, descrevo-as brevemente, assim como as interações que engajaram. Na primeira, os comentários são todos de outras tentantes e, em geral, giram em torno de trazer os custos que cada uma encontrou em suas pesquisas de mercado, antes de chegarem na inseminação caseira. Os valores indicados nessas respostas vão de 15 a 100 mil por tentativa. Há, também, aquelas que trazem indicações de clínicas específicas, destacando que seus preços são mais em conta e elas são confiáveis. Além disso, há ainda um relato de uma tentante que conta que passou pela consulta em uma clínica para fazer o orçamento e que lhe ofereceram a possibilidade de diminuir seus custos mediante a uma doação de óvulos por parte da tentante, que fez com que o tratamento passasse a ser orçado em 10 mil, incluindo medicamentos e o procedimento em si.

Já na segunda, a autora do post se apresenta ao grupo da seguinte maneira: “Oi gente!!! Meu nome é Fulana, tenho 26 anos, moro em Recife e sou uma mulher lésbica. Eu trabalho e tenho um estilo de vida bem estável e sempre tive o sonho de ser mãe. Estou à procura de alguém que deseje se tornar pai ou mãe junto comigo, por meio de co-parentalidade. Deixo meu WhatsApp para contato caso você tenha o mesmo desejo que eu: (xx) xxxxx-xxxx.” As nove respostas, por sua vez, são majoritariamente de mulheres que afirmam terem interesse e pedem para chamá-las no privado, além de um homem que afirma ser da mesma cidade, casado com outro homem, e que ambos desejam conceber uma criança também por meio de coparentalidade. Além disso, um dos doadores do grupo comenta que “existem grupos específicos para isso”.

No Grupo B, por sua vez, temos 12 publicações ao todo nessa categoria, cujas dinâmicas e temáticas tratam majoritariamente da busca por outros modos de parentalidade e reprodução, distintos da IC, como “barriga solidária”/“barriga de aluguel” (termos utilizados nas publicações), a doação de óvulos e, especialmente, a procura por parceiros para realizar projetos de coparentalidade, sendo essas últimas equivalentes a sete das doze postagens dessa categoria no grupo. Uma diferença importante entre as publicações desse tipo no Grupo B para aquelas presentes no Grupo A é que elas são expressivamente mais produzidas por doadores e/ou pessoas que se identificam nas postagens como homens (cis, trans, hétero e homossexuais), sendo estes responsáveis por 8 delas.

Outra diferença entre grupos importante está nas interações dessa categoria. No Grupo B esses engajamentos são bem mais expressivos, de modo que as reações variam de 0 a 45,

majoritariamente curtidas e amei, e os comentários variam de 0 a 39, reunindo ao todo 132 respostas (com média, portanto, de 11 por publicação). Essa discrepância, embora por um lado demonstra que talvez aqui as redes de pessoas envolvidas nesse grupos estejam mais interessadas nessas outras formas de concepção, reprodução e parentalidade, por outro também evidencia que nesse grupo a incorporação desses temas e dinâmicas outras nos grupos é mais disputada, engajando discussões e embates que não aparecem da mesma maneira no Grupo A. Esse fenômeno pode ser observado em várias dessas publicações, dentre as quais destaco algumas a seguir, especialmente aquelas cujas interações sejam mais intensas em quantidade e debate e cujas autorias abarquem a diversidade de perfis (em termos de identidade de gênero e sexualidade) que compõem esta categoria no Grupo B.

Na primeira delas, o autor que se define como homem gay afirma que tem um grande desejo de ser pai e que, por mais que já tenha considerado ser doador de IC, conta que não se sente confortável sabendo que uma criança com seu sangue estaria por aí sem seu envolvimento, de modo que utiliza da postagem para fazer uma chamada por casais de mulheres que estejam dispostas a permitir que ele seja um “pai distante” (nas palavras dele), onde a criança saiba que ele é o pai, mas que também tenha duas mães. Reafirma, ainda, que não tem nenhuma intenção de se relacionar amorosa, afetiva ou sexualmente com as mães dessa criança e que as decisões com relação à criação serão todas delas, mas que gostaria de visitá-la e participar de sua vida de forma limitada. A publicação recebeu 36 reações (curtidas, amei e força) e 19 comentários, dentre eles, alguns que avisam que o que ele quer se chama “coparentalidade” e que existem grupos próprios para isso e outros de tentantes demonstram interesse na possibilidade (e pedem para chamá-lo no privado ou perguntam mais informações sobre ele, como seu local de moradia). Há, ainda, dois doadores que apontam que existem muito mais “mães solteiras” que topariam esse tipo de acordo, ao que uma tentante afirma ser hétero e solteira, mas diz que se ele topasse ela gostaria de participar desse projeto/sonho com ele.

Já na segunda publicação para a qual chamo atenção, a autora da publicação compartilha que, após um relacionamento com outra mulher por 2 anos e 4 meses, ambas decidiram buscar um doador para realizar a inseminação artificial. O processo foi bem-sucedido, mas a parceira decidiu se ir embora, de modo que ela agora estava em busca alguém que quisesse ser pai e estar presente na vida da bebê. Ela reafirma que não procura um relacionamento, apenas um pai para a criança, e que gostaria de conhecer pessoalmente a pessoa antes de tomar uma decisão, sendo o único “primeiro critério” ser da mesma cidade que ela. Essa publicação, por sua vez, recebeu o maior número e a maior diversidade de reações (talvez de todo o meu escopo de postagens analisadas no campo), contando com 24 curtidas, 7 haha, 5 uau, 4 triste, 3 força e 2

amei, além de 28 comentários. As respostas são bastante variadas, contando com interações de: tentantes e doadores falando que é interessante a história dela e/ou apoiando sua busca; doadores se dizendo disponíveis para entrar nesse projeto compartilhado, dentre eles um que conta, inclusive, que fez um post semelhante alguns dias antes, afirmando que “acho que nós dois encontramos o que estávamos procurando”; tentantes e doadores indicando grupos de coparentalidade, afirmando que lá será mais acolhida por pessoas que buscam o mesmo que ela, dois deles incorporando links de grupos com voltados para essas práticas; tentantes e mães de IC argumentando com a autora do post que ela não deveria se apegar na ideia de ter uma segunda pessoa e que uma criança seria feliz tendo apenas ela de mãe, dizendo inclusive que ela pode trazer riscos para ela e para a criança trazendo uma terceira pessoa desconhecida; e, por fim, outras se solidarizando com seu relato e rechaçando a atitude de sua ex.

A publicação com mais comentários dessa categoria é, no entanto, a de um doador que afirma que está em busca de uma tentante no Rio Grande do Norte que queira ter uma criança com ele, por meio de “guarda compartilhada”, não para se relacionarem, mas que seja sua amiga e que divida esse sonho de ser pai com ele, afirmando que seu interesse é poder ser um pai presente. A postagem tem 8 reações em torno de si e 39 comentários. Todos esses comentários são, entretanto, uma só “conversa”, que se inicia com uma tentante afirmando que existem grupos específicos para isso que ele busca e que ele não deveria fazer esse tipo de postagem ali. O autor da publicação, por sua vez, responde afirmando que não quer tirar o propósito do grupo e que isso não deixaria de ser uma doação, desencadeando uma longa troca de respostas, nas quais outras tentantes e doadores também se inserem, dando opiniões também distintas e combativas, nas quais se discute o conceito de doação, da inseminação caseira e especialmente dos limites de um “doador” nesse contexto, em contraste com os de um “pai”, especialmente um “pai presente”. A troca de mensagens é permeada pelo uso de diferentes graus de intensidade/conflito, especialmente por meio do uso do CAPSLOCK (comumente utilizado para dar ênfase e, em contexto digitais, muitas vezes uma ferramenta para demonstrar confronto ou irritação).

Ainda nas publicações que trazem procuras por coparentalidade ou projetos similares, há ainda uma postagem com bem menos interações (apenas 7 reações e 2 comentários, ambos dando parabéns pela iniciativa). Trata-se da publicação de um homem trans que afirma que gostaria de “apadrinhar a criança”, tendo participação em sua vida, mas sem nenhum tipo de relação com a pessoa que fosse dividir essa parentalidade com ele. É interessante, pois ele não especifica se busca por uma mulher (cis ou trans) ou por um homem (doador ou não), mas afirma que por questões pessoais e pela sua “situação sexual” não pode ser pai, mas que por

outro lado já “é retificado” e tem a documentação que lhe permite assumir a paternidade da criança no cartório.

Por fim, destaco ainda uma última publicação desse agrupamento que, mesmo também não tendo tido concentrações e fluxos de interação tão grandes quanto outras anteriormente citadas, traz uma discussão interessante. A publicação é de um homem, em um relacionamento homoafetivo que já dura uma década e já com um filho, em busca de “expandir a família” e, para isso, a postagem atua como chamada para possíveis pessoas dispostas a serem “BA ou BS” (barriga de aluguel ou barriga solidária). Se diz disposto a pagar vinte mil reais e dar suporte e apoio em todo o período de gravidez. Com 9 curtidas e 7 comentários, quase todas as respostas são de uma mesma tentante afirmando, ironicamente, que “aceitaria a proposta”, para depois ligar para a polícia e denunciar a tentativa de compra de um ser humano.

Esses contextos construídos e evidenciados pelas postagens dessa categoria, embora escapem do meu enfoque, são bastante interessantes, especialmente na medida em dizem de relações que a inseminação caseira estabelece com outras formas de conceber crianças, famílias e parentalidades. É o caso de procedimentos de reprodução assistida, por exemplo, mas especialmente as práticas de parentalidade. As relações entre contextos (ICs e os outros mencionados) se dão tanto nos fluxos de pessoas que coabitam eles e por eles se movem, quanto no estabelecimento de limites, conceitos e intersecções para cada tipo de prática e entre elas. Esse “estabelecimento” é construído nos grupos através das interações com essas postagens, que são debatidos e disputados pelos membros do grupo e suas diferentes configurações e interseccionalidades.

Considerações finais

Começo minhas considerações finais pelo que talvez tenha sido minha maior “surpresa do campo” que são os contrastes entre o grupo administrado por tentantes e mães de IC (Grupo A) e o grupo administrado por doadores (Grupo B). Essas diferenças não são apenas administrativas, mas revelam profundas dinâmicas de gênero, poder e agência que permeiam as interações e as práticas dentro dessas comunidades digitais. A principal diferença que se produz com isso está no quão ativos são os doadores e tentantes em um grupo e no outro. No Grupo B os doadores são figuras mais ativas não só na administração do grupo, mas (e essa é a tese que eu defendo através desse texto), consequentemente, também na participação dessas figuras nas publicações e interações do grupo. Por sua vez, um padrão similar parece acontecer com as tentantes e mães de IC no Grupo A.

Os efeitos disso são analisáveis principalmente quando observamos a distribuição desigual de certas categorias de publicações (seus elementos e interações) entre os grupos. Nas publicações de “Procura”, No Grupo B, as tentantes sentem muito mais necessidade de incluir “somente método seringa” e também onde estão as publicações de outras categorias que apontam para a obrigatoriedade do método seringa em inseminações caseiras, reforçando sua eficácia e colocando-o em contraposição ao “método natural”. Uma hipótese para explicar essa diferença é que, sendo os doadores mais ativos no grupo B, também é mais comum neste grupo que haja defensores do “método natural” para inseminações caseiras. Desse modo, talvez por isso as tentantes sintam mais necessidade de demarcar o uso da seringa desde a publicação de “Procura”, para barrar e/ou filtrar este tipo de doador e aproximação. Na categoria de “Oferta”, por sua vez, é interessante notar, entretanto, que as publicações estão muito mais concentradas no Grupo B do que no Grupo A, no qual as tentantes têm maior controle sobre o fluxo de interações no/do grupo. Além disso, um dos elementos presentes em parte das publicações de “Oferta”, que são relatos do número de positivos e/ou filhos e da experiência e histórico de doação de cada doador, também se manifesta majoritariamente no Grupo B, no qual este parece ser um aspecto bem mais relevante do que no Grupo A.

Isso tudo sugere não apenas uma maior atividade de doadores nesse primeiro, mas também uma rede cujas dinâmicas e interações giram mais em torno dos doadores e da construção coletiva dessa identidade na qual, inclusive, esses “índices de positivo” parecem atuar como qualificadores individuais que incorporam a própria identidade e o status de cada doador. Além disso, indica que talvez haja uma filtragem maior no que diz respeito aos anúncios que doadores fazem de si, por parte da administração de tentantes/mães de IC. Ou, ainda, que eles se sintam mais à vontade de se apresentarem em uma rede na qual outros doadores detêm esse controle dos fluxos de interação e maior agência nesses fluxos.

Por outro lado, no Grupo A, estão mais presentes do que no Grupo B as publicações das categorias de “Técnicas, consultas e saberes”, “Positivos, relatos e testemunhos” e “Chamadas, indicações e denúncias de doadores”, que são justamente as publicações que são muito mais produzidas por tentantes e mães de IC. As publicações são voltadas para dinâmicas que lhes dizem respeito, além de serem aquelas nas quais essas pessoas, seus filhos e seus corpos estão mais expostos (entrando aí também uma questão de segurança e confiança intrinsecamente atravessada por relações de gênero). Dinâmicas essas, por exemplos, da formação de redes de saberes, cuidados e apoio entre si, nas quais produzem consultas de testes e fluidos, comunicações de positivos e relatos de maternidade por tentantes e mães de IC, denúncias de atitudes abusivas de doadores, dúvidas e relatos de experiência com a busca pela dupla

maternidade reconhecida, por exemplo). Por outro lado, em grupos onde a administração é feita por doadores homens, como o Grupo B onde realizei minha análise, a comunidade de doadores também se sente mais à vontade para participar dos debates que compõem a formação destas redes, como também é o caso das publicações da categoria de “Técnicas, consultas e saberes”.

Além da distribuição das publicações entre os grupos, também podemos perceber disparidades entre um e outro na maneira de administrar o grupo em si. No Grupo A, a administração é caracterizada por uma forte ênfase em criar um ambiente de apoio mútuo e de compartilhamento de saberes entre tentantes. As regras e normas de conduta são claras e amplamente divulgadas, com foco em práticas seguras e éticas de inseminação caseira, refletindo um compromisso com a segurança e o bem-estar das tentantes, em primeiro lugar. Em contraste, o Grupo B, administrado por doadores de sêmen, apresenta uma abordagem menos regulada na moderação. As regras do grupo não são tão explicitamente comunicadas e, em muitos casos, a gestão parece menos preocupada com a regulamentação das interações entre os membros. Essa diferença pode ser vista como um reflexo das posições de poder e privilégio ocupadas pelos administradores homens dentro da dinâmica da inseminação caseira. A falta de uma estrutura de apoio robusta e de regras claras no Grupo B pode contribuir para um ambiente mais desregulado, onde as práticas e interações se tornam menos transparentes e, potencialmente, mais arriscadas para as tentantes.

Essas distinções entre os grupos não apenas destacam as diferentes abordagens na administração, mas também refletem as complexas relações de gênero que permeiam o campo da inseminação caseira. Essas observações sugerem, também, a necessidade de futuras pesquisas que explorem mais a fundo o papel de administradores e mediadores em grupos de inseminação caseira, especialmente através de entrevistas mais sistemáticas.

O impacto que diferentes administrações dos grupos é, entretanto, só um dos vários elementos que nos apontam para a agência que os grupos têm na construção de redes sociotécnicas e ciborgues, conectadas e com múltiplos actantes em relação, que compõem o contexto da inseminação caseira no Brasil. Dentre essas redes conectadas, um dos fenômenos que analisei e que mais me chamou atenção em minha pesquisa com esses grupos é a construção de uma rede de saberes coletivos da IC. Neste sentido, os grupos digitais emergem como agentes (construídos nas trocas e relações de agentes humanos e não-humanos) com importante atuação na construção (coletiva, autônoma, digitalmente atravessada) de corpos, concepções, técnicas reprodutivas e dinâmicas sociais que conformam essa rede de saberes.

É preciso tomá-los não como meros veículos de compartilhamento de informações, mas redes vivas que, nas interações digitais, reconfiguram, contestam e disputam com a “autoridade

dos saberes médicos”, construindo uma epistemologia própria. Nesse contexto, os grupos se tornam espaços de disputa, onde conhecimentos alternativos são produzidos e validados, desafiando o monopólio da autoridade médica sobre o corpo e a reprodução.

A participação dos doadores dentro desses grupos é particularmente interessante e complexa. Esses homens, ao se posicionarem (e, inclusive, se pretenderem) como “especialistas” nos processos reprodutivos caseiros, assumem um papel central na dinâmica dos grupos, envolvendo-se ativamente em discussões sobre esses saberes e técnicas. É interessante ver homens ativamente interessados em processos reprodutivos e conceptivos (especialmente sem encontros sexuais) ou em fluidos e ciclos menstruais/férteis, dinâmicas que em geral são quase exclusivas do “universo feminino”. Por outro lado, nesse processo mais uma vez atribui-se aos homens o poder de dizer sobre os corpos de mulheres e se engajar na manutenção do controle sobre as práticas reprodutivas, especialmente problemático quando lidamos com um universo de pessoas majoritariamente de lésbicas/sapatonas.⁶⁶

Defendi aqui, ao longo do texto, que essas dinâmicas peculiares dos contextos de inseminação caseira nas quais os doadores assumem esse lugar de “especialistas” provavelmente acontecem com base no fato de que: se por um lado, a ocupação de tentantes (e, especialmente, de mães de IC) nessas plataformas é muitas vezes transitória na medida em que a própria identidade de “tentante” se constroi, por outro lado a identidade de “doador de IC” é permanente até que ele decida parar de doar e com isso também sua atuação e presença no grupo é também mais prolongada. Com isso, não apenas sua experiência nos grupos e com as próprias doações amplia seu universo de saberes da inseminação caseira, de modo que vai se formando a “especialidade”, como também essa presença vai lhe conferindo para os demais “membros” um lugar de autoridade. Além disso, penso que também opera nessas dinâmicas um processo de construção de si - e de sua atuação no mundo, sua identidade - por parte dos doadores que toma esse lugar de “doador” e, mais ainda, de “doador especialista” como uma valorização pessoal, na qual o “número de positivos” e a quantidade de interações que produz nos, por exemplo, atuam como ferramentas capazes de lhes imputam maior valor do que para outros em sua posição.

Dentre as técnicas e dinâmicas que compõem essa rede de saberes está o próprio “método seringa” que, longe de ser um passo a passo de técnicas uniforme e contínuo, é na

⁶⁶ Digo isso não no sentido de afirmar que o controle masculino da reprodução seria menos danoso a pessoas não lésbicas/sapatonas, mas para dizer que se por um lado talvez fosse positivo ver esse interesse, por exemplo, em homens em relações cisheterossexuais cujas companheiras estão buscando engravidar, algo que definitivamente não é o caso da diade doador-tentante lésbica/sapatonas.

realidade um conjunto de técnicas e “tecnogestos” construído nas relações entre corpos, coisas e códigos e constantemente disputado nos e pelos grupos digitais de inseminação caseira. Assim, destaco aqui o papel e agência das materialidades (artefatuais, digitais, corporais, imagéticas) na conformação de técnicas, dos corpos e das concepções/reproduções de lésbicas/sapatonas, destacando em especial três grupos de tecnomaterialidades. A análise das tecnomaterialidades revela três grupos principais que são cruciais para a prática da inseminação caseira.

Primeiramente, destaco os potes de coleta, testes caseiros (em sua diversidade) e principalmente as seringas que, muito mais do que meros objetos técnicos - são agentes constitutivos do “método seringa” e de sua oposição ao “método natural” integra conhecimento técnico e cultural. Por um lado, é interessante ver como esses artefatos atuam na construção de um processo conceutivo que pretende minimizar o estabelecimento de vínculos entre o doador e a criança, assim como entre doador e tentantes, assim como a separação entre “doador” e “pai”. Por outro lado, o “método seringa” também traz uma ambiguidade interessante, pois atua como agente importante na construção de reproduções biológicas e de laços “biológicos” entre mães e filhos, mas é também o vetor pelo qual essas reproduções se tornam tecnologicamente (culturalmente) produzidas. Essa “construção do biológico”, vale lembrar, se dá de múltiplas formas: pelo sêmen; o material genético e as muitas concepções - disputadas - acerca dos elementos que ele é capaz de transmitir; mas também pela busca de características físicas/fenotípicas similares às das mães; todas essas sendo articuladas como ferramentas de “legitimação social da maternidade” de ambas, mas que também acabam colaborando com projetos de “continuidade racial”.

O segundo grupo são os próprios algoritmos da plataforma Meta/Facebook que (pouco “mapeáveis” e dificilmente analisáveis) desempenham um papel central na configuração das redes de inseminação caseira. A arquitetura desses algoritmos, com suas ferramentas de interação e mecanismos de engajamento (publicações, comentários, reações, compartilhamentos, upload de imagens e outros), são constantemente ativos na modulação da forma como se dão as trocas e relações nos grupos e com eles, como as informações são ali criadas, compartilhadas, visibilizadas e como com elas se interage.

Por fim, o terceiro grupo de tecnomaterialidades é composto pelo material imagético dos grupos (fotografias, prints, vídeos), que, ao mesmo tempo compõe de forma expressiva: a rede de saberes da IC como mecanismo de consulta coletiva, por meio de fotografias de testes caseiros de ovulação, de gravidez, fotos de secreções e fluidos, prints de aplicativos menstruais, dentre outras; a rede de “incentivo” e “comprovação da eficácia do método”, por meio de

fotografias de testes/exames positivados e dos bebês de IC ou ainda prints de conversas no Whatsapp comunicando positivos; e a rede de cuidado e segurança de/entre tentantes, por meio das comprovações de atitudes de doadores falsos ou abusivos, expostos denunciados em publicações.

A construção dessas redes de incentivo, prova da eficácia e solidariedade é outro fenômeno que me chamou atenção. Nelas, a materialização dessas conexões, por meio de imagens de testes de gravidez positivos e fotografias dos filhos gerados a partir de inseminação caseira, desempenha um papel central. Essas imagens não apenas validam a eficácia dos métodos empregados, mas também reforçam o sentimento de solidariedade entre as integrantes. Cada "positivo" compartilhado atua como um testemunho da concretização de um desejo coletivo, com as imagens agindo como uma espécie de prova tangível de que a comunidade está no caminho certo. Essa materialidade imagética não só confirma o sucesso de um processo, mas também serve como um incentivo para outras tentantes, criando um ciclo de apoio e encorajamento.

Além disso, as diferenças entre essas imagens de positivos compartilhadas por tentantes e aquelas que são incorporadas em publicações de doadores também apontam para diferenças interessantes nas dinâmicas de cada um desses grupos de figuras/agentes estabelece nos/com os grupos.

A maneira como são tratados os “positivos”, entretanto, vai além. Ela nos mostra como as relações de parentesco são reconfiguradas e complexificadas por essas práticas. Embora o doador nunca seja visto pelas tentantes e mães de IC dessas redes como “pai”, aparece em alguns contextos a ideia de que crianças concebidas com o sêmen do mesmo doador possam ser consideradas, de alguma forma, parte de uma mesma “família”.

Além disso, a narrativa de sucesso suscitada pelas articulações feitas com esses “positivos”, é especialmente complexa, pois se por um lado atua como apoio para outras tentantes ainda no processo de buscar o seu próprio positivo, ajudando-as a enfrentar as dificuldades e fragilidades desse contexto (como apontam várias delas em publicações e comentários), por outro lado há nessas articulações uma narrativa implícita que sugere que é por meio da dedicação e esforço - seja estudando, cuidando da saúde, ou mantendo a perseverança - que o resultado positivo eventualmente virá.

Essa lógica é atravessada por um viés meritocrático que em algum sentido pode ignorar as desigualdades estruturais e as dificuldades que muitas enfrentam nesse processo e apagar experiências e narrativas daquelas que não conseguem seu positivo e/ou desistem das tentativas com IC. Da mesma forma, a fé na eficácia dos métodos e na bondade do coletivo pode criar

expectativas irrealistas, onde o fracasso em obter um positivo é visto como uma falha pessoal, ao invés de uma consequência das complexidades do processo. Assim, essas redes de incentivo revelam tanto a potência coletiva quanto as limitações das materialidades e práticas envolvidas nela.

Outro ponto para o qual chamo atenção são as experimentações corporais e artísticas que empreendi ao longo da pesquisa. Elas foram fundamentais não apenas como métodos, mas como processos que me conectaram profundamente com o campo das inseminações caseiras. Engajar-me com as materialidades e imagens, seja através do desenho, da pintura, da colagem ou da modelagem (em argila e modelos digitais em 3D), me proporcionou uma maneira singular de experienciar e analisar as redes sociotécnicas envolvidas.

Ao manipular esses materiais a partir do que aprendi com os saberes produzidos nos grupos senti que, pelo menos em algumas esferas e experiências (especialmente corporais), ultrapassei a posição de mera observadora e passei a construir minhas próprias relações com as materialidades das coisas e técnicas da inseminação caseira. Mesclar e fazer dialogar essas experimentações corporais com práticas artísticas experimentais me permitiram explorar, de forma muito mais afetada e afetiva algumas das dinâmicas e interações que compõem o campo. A experiência de desenhar e pintar, por exemplo, me ajudou a compreender as formas e dinâmicas dos gestos e as particularidades materiais dos artefatos envolvidos nas práticas, num processo.

Essa imersão sensorial e artística também facilitou uma conexão mais íntima com os agentes não-humanos do campo. As ferramentas e materiais que manipulei passaram a ser interlocutores importantes de uma jornada investigativa que ampliou minha percepção sobre as capacidades e limitações das múltiplas tecnologias envolvidas. Essa interação me afetou profundamente, auxiliando na vivência e reflexão das relações estabelecidas entre corpos e (múltiplas) coisas nesse contexto, reforçando para mim ainda mais a importância de incluir essas dimensões na análise das redes sociotécnicas.

Sugiro ainda que essas experimentações abrem a possibilidade de algumas contribuições para o campo da antropologia e dos estudos sobre contextos reprodutivos lésbicos e técnicas conceptivas caseiras. Em primeiro lugar, elas evidenciam como a incorporação de práticas artísticas pode enriquecer a pesquisa etnográfica, oferecendo novas formas de ver, sentir e narrar os contextos estudados. Através da criação de imagens foi possível acessar e comunicar aspectos das redes sociotécnicas que seriam difíceis de experienciar de outras maneiras, me permitiram habitar as redes de forma mais plena e sensorial, afetando e sendo afetada pelas tecnomaterialidades, as narrativas visuais e pelo processo de experimentação em

si, brincando com diferentes suportes, técnicas e materiais como forma de pesquisa. Em suma, as experimentações corporais e artísticas não foram apenas um complemento, mas uma parte importante do meu processo de construção e compreensão do campo. Além disso, penso que com esses experimentos me junto a outras pesquisadoras cujas pesquisas e inovações metodológicas/epistemológicas com experimentos corporais (Preciado, 2008; Repolês, 2017) e imagens e produções artísticas (Kushnir, 2014, 2016; Boserman, 2014; Azevedo, 2016; Gomes, 2016; Walthrop, 2021) também apontam para a potência dessas práticas para desafiar e expandir os limites da etnografia.

Nas considerações finais da minha pesquisa, reconheço alguns limites e lacunas que surgiram ao longo do estudo e que podem ser explorados em análises futuras, possibilitando um aprofundamento e uma ampliação do entendimento sobre as dinâmicas dos grupos de inseminação caseira (IC) em plataformas digitais. Um dos aspectos que merece destaque é a questão das pontuações de perfis e os selos de “supercolaboradores” nos grupos do Facebook. Esse recurso foi introduzido após o período de coleta de dados, e, portanto, não foi analisado em profundidade. No entanto, acredito que ele apresenta um campo fértil para futuras investigações, pois a atribuição de selos e pontuações pode influenciar a dinâmica de participação, hierarquia e engajamento dentro dos grupos, destacando quem são os membros mais ativos e, possivelmente, moldando as interações e o fluxo de informações.

Outro ponto que considero relevante é a relação entre os grupos de IC no Facebook e outras redes sociais, como WhatsApp e Instagram. Minha pesquisa concentrou-se nas dinâmicas observadas no Facebook, onde nasceram no Brasil, mas é sabido que as práticas de inseminação caseira atualmente também se estendem para outras plataformas digitais, onde podem ocorrer diferentes formas de interação, compartilhamento de informações e apoio mútuo. Análises futuras que incluam essas outras redes poderiam oferecer uma visão mais abrangente e complexa das práticas de IC, da agência de diferentes plataformas nas tramas de relações e suas peculiaridades e dos contrastes e continuidades existentes entre elas e as redes formadas no Facebook que analisei.

Ademais, acredito que em pesquisas futuras a realização de entrevistas com um número mais amplo de doadores, administradoras/mediadoras e outros membros dos grupos certamente ampliará a compreensão das motivações, experiências e perspectivas desses atores, complementando os dados obtidos por meio da observação das interações nos grupos digitais. Embora eu tenha realizado cinco entrevistas com doadores e administradores, a limitação no número de entrevistas e a mudança de foco analítico ao longo da pesquisa restringiram a profundidade com que essas perspectivas foram exploradas. Portanto, em trabalhos futuros, a

inclusão de uma amostragem mais diversa, que inclua tentantes e mães de IC, especialmente aquelas que ocupam também posições de “supercolaboradoras” e de mediação e administração no Grupo A, poderia fornecer insights mais detalhados sobre as dinâmicas e relações de poder nessas redes, além de mais comparações entre elas.

Por fim, penso que é importante reforçar que as práticas, dinâmicas e relações estabelecidas na/com a inseminação caseira são ao mesmo tempo potentes, transgressivas, mas também revelam, incorporam e reconfiguram uma série de relações de poder complexas e atravessadas por múltiplos riscos e fragilidades. Entre os principais riscos identificados estão as disputas e denúncias que ocorrem dentro dos grupos digitais, incluindo cobranças indevidas, casos de assédio, falsificação de exames de ISTs, pressão excessiva de doadores em conversas privadas, desrespeito a acordos coletivos e entre as partes. Além desses desafios internos, há também as sérias fragilidades jurídicas e políticas em que opera o contexto de inseminações caseiras para casais de lésbicas/sapatonas.

Destaco novamente esse aspecto, pois creio que um dos meus objetivos nessa pesquisa, que espero ter cumprido, foi o de contribuir de alguma forma para melhorar esse cenário. Pretendi aqui ajudar a evidenciar parte dos desafios e disputas que atravessam as práticas de inseminação caseira, o que pode vir a ajudar na construção dessas políticas de acesso e regulação que penso serem urgentes. Dentre elas, destaco em especial: a inclusão de lésbicas/sapatonas nos serviços de reprodução assistida SUS e direitos reprodutivos; a construção de políticas públicas voltadas para reprodução de lésbicas/sapatonas; e, ainda, a regulamentação das inseminações caseiras. Mas para isso será preciso enfrentar a seguinte questão: como criar dinâmicas de regulação e legitimação ICs sem fazer com que ela deixe de ser um conjunto de práticas, técnicas e saberes autônomo e coletivamente criada e produzida, mas que contingencie seus riscos e fragilidades, aqui apresentados? Assim, espero ter, pelo menos em parte, fornecido elementos para ajudar a construir propostas que respondam a essa questão.

Referências bibliográficas

- AGUIAR, Sonia. Redes sociais na internet: desafios à pesquisa. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Anais: Santos, 2008. p.1-15.
- AIRES, Lídia Marcelle Arnaud. **Gestando afetos, concebendo famílias**: reflexões sobre maternidade lésbica e reprodução assistida em Aracaju-SE. Mestrado Acadêmico em Antropologia. Universidade Federal de Sergipe. 115 f. 2012.
- ALLEBRANDT, Débora; FREITAS, Camilla Iumatti. Em busca da cegonha: “tentantes”, “instamigas” e possíveis ativismos em redes sociais. **cadernos pagu**, 2021.
- AMARAL, A. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. **Revista USP**, n. 86, p.122-135, 2010
- AMIT, Vered. **Constructing the field**. London: Routledge, 2000.
- AMORIM, A. C. H. Novas tecnologias reprodutivas e maternidades lésbicas no Brasil e na França: conexões entre parentesco, tecnologia e política. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- AMORIM, Anna Carolina Horstmann; DE OLIVEIRA, Melissa Barbieri. Dupla maternidade: conexões entre antropologia e direito. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 10, p.1-12, 2012.
- AMORIM, Anna Carolina Horstmann. Dupla maternidade no Instagram: entre fotos, ativismo e parentesco. **MovimentAção**, v. 6, n. 10, p.165-180, 2019.
- AMORIM, Anna Carolina Horstmann. Fazer parentesco: leis, normativas e o acesso de casais de mulheres lésbicas cisgêneras às tecnologias reprodutivas no Brasil e na França. **Encuentros Latinoamericanos (segunda época)**, v. 5, n. 2, p.155-179, 2021.
- AMORIM, Anna Carolina Horstmann et al. **Nós já somos uma família, só faltam os filhos**: maternidade lésbica e novas tecnologias reprodutivas no Brasil. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2013, 148p.
- ANVISA. SISEMBRIO - **13º Relatório do Sistema Nacional de Produção de Embriões**. 2022. Disponível em:
<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiYmYxM2M1MTctNGE5ZC00ODdhLTk3ZTktYTBhMzBkMjhjYjM1IiwidCI6ImI2N2FmMjNmLWMzZjMtNGQzNS04MGM3LWI3MDg1ZjVlZGQ4MSJ9>

- ANZINI, V. B. (2021). Gêneros perdidos: por uma arqueologia transfeminista. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, 9(1), 345-369.
- ARAUJO, Janaína. **Garantia do casamento homoafetivo no país ainda não foi concedida por lei**. 2022. Disponível em:
<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/01/18/garantia-do-casamento-homoafetivo-no-pais-ainda-nao-foi-concedida-por-lei>
- AZEVEDO, Aina. Desenho e antropologia: recuperação histórica e momento atual. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 5, n. 2, p.15-32, 2016.
- AZEVEDO, Aina. Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia. **Áltera–Revista de Antropologia, João Pessoa**, v. 2, n. 2, p.100-119, 2016.
- BAKER, S. (2013). Conceptualising the use of Facebook in ethnographic research: as tool, as data and as context. *Ethnography and Education*, 8(2), 131-145.
<https://doi.org/10.1080/17457823.2013.792504>
- BATTLE-BAPTISTE, W. (2017). **Black feminist archaeology**. Routledge.
- BEAULIEU, Anne. Mediating ethnography: objectivity and the making of ethnographies of the internet. **Social epistemology**, v. 18, n. 2-3, p.139-163, 2004.
- BEAULIEU, Anne. Sociable hyperlinks: An ethnographic approach to connectivity. **Virtual methods: Issues in social research on the Internet**, p.183-198, 2005.
- BRUNO, Fabiana. Potências da experimentação das grafias no fazer antropológico: imagens, palavras e montagens. **Tessituras: revista de Antropologia e Arqueologia**, v. 7, n. 2, p.198-212, 2019.
- BUTLER, Judith. [2002] O parentesco é sempre tido como heterossexual. **Cadernos Pagu**, v. 21, n. 2003, p.45-49, 2003 .
- Carsten, Janet. (2014). Matéria do Parentesco. *Revista de Antropologia da UFSCar*. 6. 103-118. 10.52426/rau.v6i2.125.
- CARSTEN, Janet. *After kinship*. Cambridge University Press, 2004.
- CARSTEN, Janet. A matéria do parentesco. *Revista de Antropologia da UFSCAR*, 6 (2), jul./dez : 103-118. 2014
- CARSTEN, Janet. A matéria do parentesco. *Revista de Antropologia da UFSCAR*, 6 (2), jul./dez : 103-118. 2014:
- CARVALHO, Dimas. Filiação jurídica- Biológica e socioafetiva. 2009. Disponível em:
<https://ibdfam.org.br/artigos/512/Filia%C3%A7%C3%A3o+jur%C3%ADdica-Biol%C3%B3gica+e+socioafetiva>
- CARVALHO, F. V. **Encriptando denúncias e revelando opressões: A internet enquanto**

plataforma para denúncias de violências de gênero em tempos de feminismos

ciborgues. Monografia (Graduação em Antropologia - habilitação em Antropologia Social). Belo Horizonte. Universidade Federal de Minas Gerais, 2019. 157 p.

CARVALHO, Flora Villas. 2022. “**Você acha que isso é uma rede privada?**” - Leituras etnoarqueológicas e feministas de grafitos de banheiros universitários e seus múltiplos atores sociomateriais. Monografia de Conclusão do Curso de Bacharelado em Antropologia, Habilitação em Arqueologia. BH: UFMG.

CARVALHO, Paula Galdino Cardin de. **Homoparentalidade feminina: nuances da assistência à saúde durante concepção, gravidez, parto e pós-parto.** 2018. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra et al. A teoria ator-rede como referencial teórico-metodológico em pesquisas em Saúde e Enfermagem. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 26, 2017.

CESARINO, Letícia. Antropologia multissituada e a questão da escala. reflexões com base no estudo da cooperação Sul-Sul brasileira. **Horizontes Antropológicos**, n. 41, p. 19-50, 2014.

CFM, Conselho Nacional de Medicina. **Resolução nº 2.013, de 16 de abril de 2013.**

Resolução CFM Nº 2.013/2013, de 16 de Abril de 2013, Brasília - DF: Diário Oficial da União, s. 1, n. 88, p.119-120, 9 maio 2013. Disponível em:

<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=09/05/2013&jornal=1&pagina=119&totalArquivos=120>. Acesso em: 27 ago. 2020.

CFM, Conselho Nacional de Medicina. **Resolução nº 2.168, de 21 de setembro de 2017.**

Resolução CMF Nº - 2.168, de 21 de Setembro 2017, Brasília - DF: Diário Oficial da União, s. 1, n. 216, p.73, 24 set. 2017. Disponível em:

<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=10/11/2017&jornal=515&pagina=73&totalArquivos=76>. Acesso em: 27 ago. 2020.

CNJ - CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Provimento nº 63/2017, de 14 de novembro de 2017. PROVIMENTO N. 63, DE 14 DE NOVEMBRO DE 2017., Brasília - DF:

Corregedoria Nacional de Justiça, 7 nov. 2017. Disponível em:

<https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/2525>. Acesso em: 25 ago. 2020.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Provimento Nº 63 de 14/11/2017. Brasília: CNJ, [2019]. Disponível em: atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/2525. Acesso em: 21 de agosto de 2024.

CORRÊA, Maria Eduarda C. **Dois mÃes? Mulheres lésbicas e maternidade.** Tese

(Doutorado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública. Universidade de São Paulo,

São Paulo, 2012.

CORRÊA, Marilena Villela. *Novas Tecnologias Reprodutivas: limites da biologia ou biologia sem limites?* Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. 264 p.

COSTA, Pedro Alexandre et al. Portuguese attitudes toward homosexual parenting.

Psicologia, Reflexão e Crítica, v. 26, n. 4, p.790, 2013.

DA SILVA, Dayane Soares. A INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL HOMÓLOGA “POST MORTEM” NO ÂMBITO SUCESSÓRIO. **Repositório de Trabalhos de Conclusão de Curso**, 2022.

DA SILVA JUNIOR, Lindemberg Alves et al. Reprodução humana assistida: uma revisão sistemática sobre os métodos utilizados e fatores associados ao sucesso e fracasso da inseminação artificial e fertilidade IN VITRO. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 11, p.106682-106693, 2021.

DE ARAÚJO, Daniela Camila; MANICA, Daniela Tonelli; KANASHIRO, Marta Mourão. Tecnopolíticas de gênero. **cadernos pagu**, n. 59, p.e205900-e205900, 2020.

DE SOUZA, Maria do Carmo. Latin America and access to assisted reproductive techniques: a Brazilian perspective. **JBRA Assisted Reproduction**, v. 18, n. 2, p.47, 2014.

DICKS, Bella et al. **Qualitative research and hypermedia: Ethnography for the digital age**. Sage, 2005.

FAMIVITA. Spermifica. Disponível em: <https://www.famivita.com.br/produtos/spermifica/>. 2022. Acesso em: 18 ago. 2024.

FELIPE, Mariana G.; TAMANINI, Marlene. Inseminação caseira como possibilidade de lesboparentalidades no Brasil. *Encuentros Latinoamericanos* (segunda época), v. 5, n. 2, p.180-201, 2022.

FELIPE, Mariana Gonçalves; TAMANINI, Marlene. Inseminação caseira e a construção de projetos lesboparentais no Brasil. *Revista Ñanduty*, v. 8, n. 12, p.18-44, 2020.

FELIPE, Mariana Gonçalves. 2019. **Maternidade lésbica por meio de inseminação caseira: dinâmicas e processos de escolha dos doadores nas redes sociais**. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Sociais do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. 76 p.

FERIANI, Daniela. Da alucinação na clínica ao ver alucinatório da imagem: um percurso etnográfico. **GIS-Gesto, Imagem e Som-Revista de Antropologia**, v. 4, n. 1, p.14-49, 2019.

FERRAZ, Cláudia Pereira. **Ciborgue e Ciberfeminismos no Tecnocapitalismo Brasileiro**. Conference: XXXI Congreso ALAS. Montevideo. 2017. FONSECA, Claudia.

Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n.

3, p.769-783, 2008.

FERREIRA, Verônica; ÁVILA, Maria Betania; PORTELLA, Ana Paula. Feminismo e novas tecnologias reprodutivas. In: **Feminismo e novas tecnologias reprodutivas**. 2007. p.189-189.

FUCKNER, Malton. Reagregando o social: primeira parte. Disponível em: <https://www.goconqr.com/pt/mapamental/5668421/reagregando-o-social-primeira-parte>. 2022. Acesso em: 18 ago. 2024.

FURQUIM, L. P., & Jácome, C. P. (2019). Teorias de gênero e feminismos na arqueologia brasileira: do dimorfismo sexual à primavera queer. *Revista Arqueologia Pública*, 13(1 [22]), 255-279.

GELL, Alfred. *Art and agency: an anthropological theory*. Clarendon Press, 1998.

GOMES, Ana Catarina da Costa. Dos gametas à gravidez, laboratório para o tratamento da infertilidade. Relatório de estágio (Mestrado em Biologia Celular e Molecular). Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. 159 f. 2015.

GOMES, Inês Belo. “Deixei o desenho enterrado” ou como ressuscitar o grafismo enquanto metodologia antropológica: um caso prático. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 5, n. 2, p.75-90, 2016.

GOV.BR. Emissão gratuita da Certidão de Nascimento é garantida por Lei Federal. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2021/11/emissao-gratuita-da-certidao-de-nascimento-e-garantida-por-lei-federal>. Acesso em 21 de agosto de 2024.

GROSSI, Miriam Pillar. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. **cadernos pagu**, n. 21, p.261-280, 2003.

HARAWAY, Donna. O manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. [1985] In: TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2ª ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p.33-119.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p.7-41, 1995.

HARTEMANN, G. (2019). Nem ela, nem ele. Por uma arqueologia (trans*) além do binário. **Revista de Arqueología Pública**: Revista eletrônica do Laboratório de Arqueologia Pública de Unicamp, 13(1), 99-115.

HINE, C., (2020). A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. **Cadernos De Campo** (São Paulo - 1991), 29(2), e181370.

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe181370>

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Editorial uoc, 2011.

- HODDER I. 2012. *Entangled: An Archaeology of the Relationships Between Humans and Things* Oxford, UK: Wiley Blackwell
- INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Editora Vozes Limitada, 2015.
- INGOLD, Tim. Pare, olhe, escute! Visão, audição e movimento humano. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 3, 2008.
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes antropológicos*, v. 18, p. 25-44, 2012.
- KOFES, Suely. As grafias–traços, linhas, escrita, gráficos, desenhos-como perturbação no conhecimento antropológico. **Revista de Antropologia da UFSCar**, v. 12, n. 2, p.12-26, 2020.
- KUSCHNIR, Karina. A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 5, n. 2, p.5-13, 2016.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de Antropologia Simétrica**. São Paulo: Editora 34, 1994.
- Lemos A. A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo (SP): Annablume; 2013.
- LEWGOY, Bernardo. A invenção da (ciber) cultura. Virtualização, aura e práticas etnográficas pós-tradicionais no ciberespaço. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 9, n. 2, p.185-196, 2009.
- LIONÇO, 2008. *Que Direito à Saúde para a População GLBT - Considerando Direitos Humanos, Sexuais e reprodutivos*
- LÚCIO, Firley Poliana da Silva. **Representações sociais sobre a maternidade no contexto social heteronormativo construídas por mães lésbicas**. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.
- LUCIO, Firley Poliana da Silva & DE ARAUJO, Ednaldo Cavalcante. A maternidade de mães lésbicas na perspectiva da enfermagem: Revisão integrativa. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 19, 2017.
- LÚCIO, Firley Poliana da Silva et al. Rede social: avaliação do contexto de apoio ou contenção de mães lésbicas. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, p.490-495, 2018.
- LUNA, Naara. Novas tecnologias reprodutivas: natureza e cultura em redefinição. **Campos-Revista de Antropologia**, v. 5, n. 2, p.127-156, 2004.
- LUNA, Naara. **Provetas e clones: uma antropologia das novas tecnologias reprodutivas**. Editora Fiocruz, Rio de Janeiro, 2007.

- MACHIN, Rosana; COUTO, Marcia Thereza. " Fazendo a escolha certa": tecnologias reprodutivas, práticas lésbicas e uso de bancos de sêmen. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 24, p.1255-1274, 2014.
- MACHIN, Rosana Barbosa. Relações de gênero, infertilidade e novas tecnologias reprodutivas. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p.212-228, 2000.
- MARCUS, G. Ethnography in/of the world system: the emergence of multisited ethnography. **Annual Review of Anthropology**, n. 24, p.95-117, 1995.
- MARKHAM, Annette N. **Life online: Researching real experience in virtual space**. Rowman Altamira, 1998.
- MATEU, T. E. (2007). Desde una propuesta arqueológica feminista y materialista/From a feminist and materialist archaeological perspective. **Complutum**, 18, 201.
- MATTAR, Laura Davis; DINIZ, Carmen Simone Grilo. Hierarquias reprodutivas: maternidade e desigualdades no exercício de direitos humanos pelas mulheres. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 16, p.107-120, 2012.
- META. Como gerenciar selos em grupos do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/www/1755743691177351>. Acesso em: 18 ago. 2024.
- META. Facebook group members now have the option to post anonymously. Disponível em: <https://www.facebook.com/community/whats-new/facebook-group-members-now-have-the-option-to-post-anonymously/>. Acesso em: 18 ago. 2024.
- META. Quais são os selos para grupos do Facebook? Disponível em: <https://www.facebook.com/business/news/quais-sao-os-selos-para-grupos-do-facebook>. Acesso em: 18 ago. 2024.
- META. Selos para grupos do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/business/news/selos-para-grupos-do-facebook>. Acesso em: 18 ago. 2024.
- MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. **Horizontes antropológicos**, v. 10, p.41-65, 2004.
- MILLER, Daniel. Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2013.
- MONTALDE, Gabriel Moraes. Inseminação artificial caseira : reflexões sobre um uso não regulamentado e seus efeitos. Monografia (Graduação em Direito). Setor de Ciências Jurídicas. Universidade Federal do Paraná. 2021.
- MOSIE BABY. The Mosie Baby Kit. Disponível em: <https://mosiebaby.com/products/the-mosie-baby-kit>. 2017. Acesso em: 18 ago. 2024.

MOSIE BABY. The Mosie Story. Disponível em: <https://mosiebaby.com/pages/the-mosie-story>. 2022. Acesso em: 18 ago. 2024.

MOTA, Lara Forte. A família homoparental e o direito à reprodução assistida. 2014. 66 f. Monografia (Graduação em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

MURRAY, Soraya. Cybernated aesthetics: Lee Bul and the body transfigured. **PAJ: A Journal of Performance and Art**, v. 30, n. 2, p.38-50, 2008.

NOUSA, Ludmilla Pedroza. Inseminação artificial caseira: o reconhecimento da filiação aplicada aos filhos concebidos por intermédio da autoinseminação. Monografia (Bacharelado em Direito). Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS. Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Brasília. 59 f. 2021.

NUNES, Luara. EVOLUÇÃO DA REPRODUÇÃO ASSISTIDA NO BRASIL. 2021. Disponível em: <https://sbra.com.br/noticias/evolucao-da-reproducao-assistida-no-brasil/>

OLIVEIRA, Laila Thaíse Batista de. Narrativas em rede: o feminismo negro nas redes sociais. **Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS**, 2016.

PARKIN, Robert; STONE, Linda. **Antropología del parentesco y de la familia**. Editorial Universitaria Ramón Areces, 2007.

PATTERSON, C. J., & FRIEL, L. V. Sexual orientation and fertility. In: G. Bentley & N. Mascie-Taylor (Eds.), **Infertility in the modern world: Biosocial perspectives**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, pp.238-260, 2000.

PATTERSON, C. J. Lesbian and gay parenthood. In: M. H. Bornstein (Ed.), **Handbook of Parenting: Vol. 3. Being and becoming a parent**. New York: Lawrence Erlbaum, p. 317-338, 2002.

PATTERSON, Charlotte J. Children of lesbian and gay parents. **Child development**, v. 63, n. 5, p.1025-1042, 1992.

PEREIRA, Cassia Cristina. **Inseminação artificial caseira e os enfrentamentos para a concessão da dupla maternidade no registro civil**. Monografia (Bacharelado em Direito). Centro Universitário São Judas Tadeu – CSJT. 45 f. 2021

POLIVANOV, Beatriz Brandão. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**, v. 1, n. 3, p.61-71, 2014.

PONTES, Mônica Fortuna; CARNEIRO, Terezinha Féres; MAGALHÃES, Andrea Seixas. Famílias homoparentais e maternidade biológica. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, p. 189-198, 2015.

PONTES, Mônica Fortuna. Inovações, Reproduções e Produções das Famílias de Mães Lésbicas: uma Revisão Bibliográfica. **PSI UNISC**, v. 3, n. 2, p.35-54, 2019.

PORTILHO, Laíser Ribeiro Duarte. O direito ao livre planejamento familiar de mulheres lésbicas: óbices jurídicos frente a violação do sigilo nas técnicas de inseminação artificial heteróloga. 2021. 91 f. TCC (Graduação em Direito) - Universidade Federal do Mato Grosso, Campus Universitário do Araguaia, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Barra do Garças, 2021.

PRECIADO, B. **Transfeminismo nel regime farmaco-pornografico**. In Borhi, L.; Manieri, F.; Pirri, A. Le cinque giornate lesbiche in teoria. Tradução de Thiago Coacci. Roma: Ediesse, 2011.

PRECIADO, Paul B. Reprodução politicamente assistida e o heterossexualismo de Estado. In: **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

PRECIADO, Paul B. Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2023 [2008].

QUEIROZ, Celisa Rezende Santos. IMPLICAÇÕES JURÍDICAS DA REPRODUÇÃO HETERÓLOGA NO BRASIL. **Justiça & Sociedade**, v. 5, n. 1.

RAMÍREZ-GÁLVEZ, Martha. Corpos fragmentados e domesticados na reprodução assistida. **cadernos pagu**, p.83-115, 2009.

RAMÍREZ-GÁLVEZ, Martha. **Novas tecnologias reprodutivas conceptivas: Fabricando a vida, fabricando o futuro**. Tese de Doutorado, Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Unicamp, 2003.

REPOLÊS, Sereno Gonçalves. Recalculando rotas: uma etnografia sobre trânsitos de corpos, afetos e sexualidades em vivências transmasculinas. 2017. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia)-Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

RFI. França aprova reprodução assistida para casais de mulheres e solteiras após dois anos de manifestações. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/06/29/franca-aprova-reproducao-assistida-para-casais-de-mulheres-e-solteiras-apos-dois-anos-de-manifestacoes.ghtml>

RIBEIRO, Loredana. Crítica feminista, arqueologia e descolonialidade. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n. 1, p. 210-234, 2017a.

RIBEIRO, Loredana. Dossiê Arqueologia e Crítica Feminista no Brasil-uma apresentação. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n. 2, p. 03-07, 2017b.

- RIBEIRO, Loredana et al. A saia justa da Arqueologia Brasileira: mulheres e feminismos em apuro bibliográfico. *Revista Estudos Feministas*, v. 25, n. 3, p. 1093-1110, 2017.
- RIBEIRO, Rosália Tavares Braga Telles. A relativização do vínculo paterno de filiação na inseminação artificial caseira. 2019. 37f Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- RODRIGUES, Bruna Mendes Roza; CUNHA, Ana Cristina Barros da. Inseminação caseira (IC): vivências e dilemas da maternidade lésbica. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 73, n. 1, p.169-184, abr. 2021.
- ROHDEN, Fabíola; CAVALHEIRO, Camila Silveira. “Diários de cirurgia”: corpos, subjetividades e intimidades digitalizadas. *Horizontes Antropológicos*, v. 30, n. 68, p. 1-20, jan./abr. 2024.
- ROHDEN, Fabíola. As novas tecnologias reprodutivas e a velha oposição natureza/cultura na visão de M. Strathern. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 4, n. 2, p. 175-195, 2002.
- ROHDEN, Fabíola. O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos. **História, ciências, saúde-Manguinhos**, v. 15, p.133-152, 2008.
- RÜDIGER, Francisco. Sherry Turkle, percurso e desafios da etnografia virtual. **Fronteiras-estudo s midiáticos**, v. 14, n. 2, p.155-163, 2011.
- SANTOS, Daiane Jéssica Santiago dos et al. **Multiparentalidade e socioafetividade: reflexos jurídicos da múltipla filiação e socioafetividade nos registros civis de filhos gerados através de procedimento de inseminação artificial caseira realizada por casais homoafetivos.** Universidade Católica do Salvador. 2021.
- SBRA. Legislação e Dados. sem data. Disponível em: <https://sbra.com.br/legislacao-e-dados>
- SCHNEIDER, David Murray. [1968] **Parentesco americano: uma exposição cultural.** Petrópolis: Editora Vozes, 2016.
- SERQUEIRA, Regianny do Nascimento. **A Omissão da legislação brasileira sobre reprodução assistida e inseminação artificial caseira e a responsabilidade jurídica do doador de sêmen.** Artigo científico (Bacharelado em Direito), Faculdade Doctum de Vitória. 19f. 2019.
- SILVA, Laís Dutra e. **O direito à procriação por reprodução assistida em uniões homoafetivas.** 2017. 68 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- SILVA, Mara Gean e Rezende. **Alimentos gravídicos: uma análise sobre a obrigação na inseminação artificial caseira de união homoafetiva.** Monografia (Bacharelado em Direito).

Escola de Direito, Negócios e Comunicação. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. 56 f. 2021.

SILVA, Victor Hugo Martins Kebbe da. 2007. Resenha do texto ‘After Kinship’, Janet Carsten. TEORIA & PESQUISA VOL. XVI - nº 02 - JUL/DEZ DE 2007 191

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. Redes cibernéticas e tecnologias do anonimato. **Comunicação & Sociedade**, v. 30, n. 51, p.113-134, 2009.

SOUZA, Ana Luiza de Figueiredo. Maternidade nas mídias digitais: Uma análise exploratória. Anais do XVI Seminário de Alunos de Pós-Graduação em Comunicação (PÓSCOM). 2019

SOUZA, É.R.; CARVALHO, F.V; CARMO, M.M.S. Inseminação caseira e maternidades lésbicas: impactos da internet e das novas técnicas de reprodução nas reconfigurações das práticas e dos discursos das “tentantes”. In: GOMES, M.C.A; VIEIRA, V.C; CARVALHO, A.B (org.) Práticas sociais, discurso, gênero social: explanações sobre a vida social. Curitiba: Apriss Editora, 2020. p.295-329.

SOUZA, Érica R. E-moms: na era da maternidade ciborgue. Humanitas (PUCCAMP). v. 9, p.21-30, 2006b.

SOUZA, Érica R.. Maternidade lésbica e novas tecnologias reprodutivas: um relato sobre casos canadenses. In: FERREIRA, V.; ÁVILA, M. B.; PORTELLA, A. p.(org.). Feminismo e Novas Tecnologias Reprodutivas. Recife: SOS Corpo, 2006a, p.135-162.

SOUZA, Érica R. Necessidade de Filhos: família, gênero e (homo)sexualidade. 2005. 242 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SOUZA, Érica R. Corpos transmasculinos, hormônios e técnicas: reflexões sobre materialidades possíveis. cadernos pagu, p. e205910, 2021.

SOUZA, É. R. . Parentalidades LGTB+. In: Marcelo M. Ramos; Márcia F. R. C. Valentin; Pedro A. G. Nicoli. (Org.). Dicionário Jurídico do Gênero e da Sexualidade. 1ed.Salvador: Devires, 2022, v. , p. 557-562.

SOUZA, Izabela Ribeiro de.; CUNHA, Marana Swerts. **Reprodução assistida análise das consequências jurídicas da utilização da inseminação artificial caseira**. In: Publicar-e: ebook dos resumos dos trabalhos de conclusão de curso do 2º semestre de 2019 das Faculdades Kennedy e Promove / organizadores, Frederico Divino e Silvino Santos. 3. ed.-- Belo Horizonte: NPP, Faculdades Promove e Faculdades Kennedy, 2019.

SOUZA, Vitória Marcondes. A formação da monoparentalidade feminina a partir da reprodução humana assistida heteróloga: a família como instrumento de desenvolvimento

peçoal. TCC (Graduação em Direito). Centro de Ciências Jurídicas. Universidade Federal de Santa Catarina. 106 f. 2021.

STOLCKE, Verena. Velhos valores, novas tecnologias: Quem é o pai?. **Anuário antropológico**, v. 11, n. 1, p.93-114, 1987.

STRATHERN, Marilyn; SANTARRITA, MARCOS; HEILBORN, MARIA LUIZA.

Necessidade de pais, necessidade de mães. **Estudos feministas**, p.303-329, 1995.

STRATHERN, Marilyn. A antropologia e o advento da fertilização in vitro no Reino Unido: uma história curta. **cadernos pagu**, p.9-55, 2002.

TAUSSIG, Michael. **I swear I saw this: Drawings in fieldwork notebooks, namely my own**. University of Chicago Press, 2011.

TIBÚRCIO, Lara. O direito das famílias e a inseminação artificial caseira. **Encontros de Iniciação Científica UNI7**, v. 8, n. 1, 2018.

UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz; GROSSI, Miriam. Conjugualidades e parentalidades de gays, lésbicas e transgêneros no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 14, p.481-487, 2006.

UZIEL, Anna Paula. Família e homossexualidade: velhas questões, novos problemas. **Universidade Estadual de Campinas, Campinas**, 2002.

VITULE, Camila; MACHIN, Rosana; COUTO, Márcia Thereza. Práticas reprodutivas lésbicas: reflexões sobre genética e saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, p.4031-4040, 2017.

WESTON, Kath. Families we choose: lesbians, gays, kinship. New York: Columbia Univ. Press, 1991, 261 f.

ZELIZER, Viviana. A Negociação da Intimidade. Petrópolis, Vozes, 2011.

Anexo I – TCLE I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Maternidades Ciborgues, Inseminação Caseira e Tecno-experiências Lésbicas/Sapatonas nas Redes Sociais.

Pesquisadora: Flora Villas Carvalho

Número do CAAE: 56634322.8.0000.8142

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa informar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

O objetivo da pesquisa é de tentar conhecer e compreender as formas pelas quais as maternidades lésbicas e sapatonas se dão no Brasil em diálogo com o mundo virtual, com recorte para as interações presentes em grupos de Inseminação Caseira na plataforma do Facebook. A sua participação se justifica por conta de sua atuação como administrador/a ou mediador/a em um dos grupos de inseminação caseira da plataforma do Facebook que foram escolhidos como objeto de estudo desta pesquisa e que tem grande relevância para o cenário da inseminação caseira no Brasil. A pesquisa no grupo só se dará mediante autorização ao menos um/a administrador/a ou mediador/a.

Procedimentos:

Esta pesquisa é de caráter qualitativo e se dará a partir de três iniciativas metodológicas, sendo estas:

- Acompanhamento e observação, durante o período de 15 de junho a 15 de Agosto de 2022, das interações dadas nas postagens e comentários do grupo, mediante autorização de ao menos um administrador/a ou mediador/a.
- Também ao longo destes dois meses, selecionarei algumas postagens e comentários do grupo, das quais farei recortes de trechos e analisarei. Nenhuma publicação ou comentário será registrada por meio de *prints* e os recortes selecionados para análise e para compor o texto final da dissertação serão alterados, para dificultar a identificação destes trechos através de mecanismos de busca do Facebook ou outras plataformas digitais.
- Entrevistas semiestruturadas a serem feitas online via Zoom ou Jitsi Meet, a escolha da e do participante, e terão os áudios gravados, gerando registros de dados em formato de .mp4. Estes áudios serão posteriormente transcritos em documentos de texto e analisados. Todos estes dados serão armazenados em repositório seguro e não aberto, onde, pelo período do mestrado, apenas a pesquisadora responsável e sua orientadora terão acesso.

Assinando este termo você está autorizando a realização da pesquisa no grupo, apenas nos quesitos de acompanhamento e observação das interações dadas neste ambiente digital. Os recortes e análises das publicações, tal como a realização de entrevistas, por sua vez, só se darão a partir autorização das participantes, mediante assinatura do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Cada uma dessas etapas será feita preservando o anonimato de todas as participantes e seus dados recolhidos serão criptografados e armazenados digitalmente pelo período de pelo menos 5 anos após o final da pesquisa, de acordo com a Res. CNS 510/16.

Após assinado este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, você terá acesso a uma cópia do Termo em PDF, através da própria plataforma de assinaturas (ZapSign).

Desconfortos e riscos:

Não há riscos previsíveis de participação. As providências e cautelas adotadas para minimizar desconfortos e riscos previstos (e para evitar imprevistos, como vazamentos de dados e/ou identificação das participantes da pesquisa) envolvem: durante a realização da pesquisa, os arquivos serão mantidos armazenados localmente e virtualmente - no computador e na nuvem - pela pesquisadora responsável, pelo período mínimo de 5 anos após a sua conclusão; com relação ao armazenamento local dos vídeos, documentos e planilhas resultantes das entrevistas (pelo Zoom e Jitsi Meet) e da observação e coleta nos grupos do Facebook, os arquivos e dados serão mantidos em partição cifrada no computador da pesquisadora responsável, onde será utilizado o programa VeraCrypt para cifrar os dados do armazenamento de acesso local; com relação ao armazenamento na nuvem dos vídeos, documentos e planilhas resultantes das entrevistas (pelo Zoom e Jitsi Meet) e da observação e coleta nos grupos do Facebook, os arquivos e dados serão mantidos em Drive associado à conta institucional da pesquisadora responsável, após passarem por encriptação através da plataforma cryptomator.org para cifrar dados na nuvem.

Benefícios:

Com a sua autorização dada, para que a pesquisa seja realizada no grupo do qual você faz parte do grupo de administradores, você vai contribuir com a pesquisa que visa estudar os grupos virtuais de inseminação caseira no Brasil e sua participação na construção de maternidades lésbicas. Não há previsão de benefícios diretos às participantes.

Sigilo e privacidade:

A pesquisadora tratará sua identidade e de todos/as os/as membros do grupo com respeito e seguirá padrões profissionais de sigilo, assegurando e garantindo o sigilo e confidencialidade dos dados pessoais das participantes de pesquisa. Você tem a garantia de que os pesquisadores buscarão garantir o sigilo de sua identidade e nenhuma informação identificada ou identificável será publicada ou fornecida a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores.

Ressarcimento e Indenização:

Não há previsão de custos ou gastos envolvidos na autorização e participação da pesquisa, mas caso exista algum custo, você será ressarcida de todos os gastos. Você terá a garantia ao direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa quando comprovados nos termos da legislação vigente.

Acompanhamento e assistência:

A qualquer momento os participantes poderão entrar em contato com os pesquisadores para esclarecimentos e assistência sobre qualquer aspecto da pesquisa, através dos contatos abaixo. Você receberá assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário em caso de danos decorrentes da pesquisa.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, se precisar consultar esse registro de consentimento ou quaisquer outras questões, você poderá entrar em contato com os pesquisadores Flora Villas Carvalho (Rua Seis de Agosto, 50 – 3º piso – CEP: 13083-873. Campinas, SP, Brasil.), através do telefone/whatsapp (31) 987176720 ou e-mail floravillascf@gmail.com, e Daniela Tonelli Manica, através do email dtmanica@gmail.com.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da UNICAMP das 08h30 às 11h30 e das 13h00 às 17h00 na Rua Bertrand Russell, 801, Bloco C, 2º piso, sala 05, CEP 13083-865, Campinas – SP; telefone (19) 3521-6836; e-mail: cepchs@unicamp.br.

Havendo a necessidade de mediação da comunicação em Libras você pode fazer contato com a Central TILS da Unicamp no site <https://www.prg.unicamp.br/tils/>.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome do(a) participante: _____

_____ Data: ____/____/____.
(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 510/2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____ Data: ____/____/____.
(Assinatura do pesquisador)

Anexo II – TCLE II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Maternidades Ciborgues, Inseminação Caseira e Tecno-experiências Lésbicas/Sapatonas nas Redes Sociais.

Pesquisadora: Flora Villas Carvalho

Número do CAAE: 56634322.8.0000.8142

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa informar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

O objetivo da pesquisa é de tentar conhecer e compreender as formas pelas quais as maternidades lésbicas e sapatonas se dão no Brasil em diálogo com o mundo virtual, com recorte para as interações presentes em grupos de inseminação caseira na plataforma do Facebook. A sua participação se justifica por conta de sua participação em um dos grupos de inseminação caseira da plataforma do Facebook que foram escolhidos como objeto de estudo desta pesquisa e que tem grande relevância para o cenário da inseminação caseira no Brasil.

Procedimentos:

A pesquisa é de caráter qualitativo e será realizada a partir:

- do acompanhamento e observação, durante o período de 15 de junho a 15 de Agosto de 2022, das interações dadas nas postagens e comentários do grupo, mediante autorização de ao menos um administrador/a ou mediador/a.
- E da seleção de algumas postagens e comentários do grupo, das quais farei recortes de trechos e analisarei. Nenhuma publicação ou comentário será registrada por meio de prints e os recortes selecionados para análise e para compôr o texto final da dissertação serão alterados, para dificultar a identificação destes trechos através de mecanismos de busca do Facebook ou outras plataformas digitais. Ainda assim, só serão utilizadas para a produção analítica e textual da dissertação, aquelas postagens e comentários que pertencem a pessoas que assinaram este Termo de Consentimento, autorizando o uso de suas publicações.

Essas etapas da pesquisa serão feitas preservando o anonimato de todas as participantes e seus dados recolhidos serão criptografados e armazenados digitalmente pelo período de pelo menos 5 anos após o final da pesquisa, de acordo com a Res. CNS 510/16.

Após assinado este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, você terá acesso a uma cópia do Termo em PDF, através da própria plataforma de assinaturas (ZapSign).

Desconfortos e riscos:

Não há riscos previsíveis de participação. As providências e cautelas adotadas para minimizar desconfortos e riscos previstos (e para evitar imprevistos, como vazamentos de dados e/ou identificação das participantes da pesquisa) envolvem: durante a realização da pesquisa, os arquivos serão mantidos armazenados localmente e virtualmente - no computador e na nuvem - pela pesquisadora responsável, pelo período mínimo de 5 anos após a sua conclusão; com relação ao armazenamento local dos vídeos, documentos e planilhas resultantes das entrevistas (pelo Zoom e Jitsi Meet) e da observação e coleta nos grupos do Facebook, os arquivos e dados serão mantidos em partição cifrada no computador da pesquisadora responsável, onde será utilizado o programa VeraCrypt para cifrar os dados do armazenamento de acesso local; com relação ao armazenamento na nuvem dos vídeos, documentos e

planilhas resultantes das entrevistas (pelo Zoom e Jitsi Meet) e da observação e coleta nos grupos do Facebook, os arquivos e dados serão mantidos em Drive associado à conta institucional da pesquisadora responsável, após passarem por encriptação através da plataforma cryptomator.org para cifrar dados na nuvem.

Benefícios:

Com esta autorização, para que suas publicações e comentários no grupo possam constar na base de dados a serem analisados, você vai contribuir com a pesquisa que visa estudar os grupos virtuais de inseminação caseira no Brasil e sua participação na construção de maternidades lésbicas. Não há previsão de benefícios diretos às participantes.

Sigilo e privacidade:

Com sua autorização, suas publicações e comentários no grupo poderão vir a servir para gerar, embasar e ilustrar as análises tecidas ao longo da dissertação, sempre de maneira anônima e modificada, para evitar a todos os custos sua identificação. A pesquisadora tratará sua identidade com respeito e seguirá padrões profissionais de sigilo, assegurando e garantindo o sigilo e confidencialidade dos dados pessoais das participantes de pesquisa. Você tem a garantia de que os pesquisadores buscarão garantir o sigilo de sua identidade e nenhuma informação identificada ou identificável será publicada ou fornecida a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Caso, a qualquer momento, você queira retirar a sua autorização para que suas publicações e comentários entrem no processo da pesquisa, irei retirá-las e preservar a sua vontade.

Ressarcimento e Indenização:

Não há previsão de custos ou gastos envolvidos na autorização e participação da pesquisa, mas caso exista algum custo, você será ressarcida de todos os gastos. Você terá a garantia ao direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa quando comprovados nos termos da legislação vigente.

Acompanhamento e assistência:

A qualquer momento os participantes poderão entrar em contato com os pesquisadores para esclarecimentos e assistência sobre qualquer aspecto da pesquisa, através dos contatos abaixo. Você receberá assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário em caso de danos decorrentes da pesquisa.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, se precisar consultar esse registro de consentimento ou quaisquer outras questões, você poderá entrar em contato com os pesquisadores Flora Villas Carvalho (Rua Seis de Agosto, 50 – 3º piso – CEP: 13083-873. Campinas, SP, Brasil.), através do telefone/whatsapp (31) 987176720 ou e-mail floravillascf@gmail.com, e Daniela Tonelli Manica, através do email dtmanica@gmail.com.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da UNICAMP das 08h30 às 11h30 e das 13h00 às 17h00 na Rua Bertrand Russell, 801, Bloco C, 2º piso, sala 05, CEP 13083-865, Campinas – SP; telefone (19) 3521-6836; e-mail: cepchs@unicamp.br.

Havendo a necessidade de intermediação da comunicação em Libras você pode fazer contato com a Central TILS da Unicamp no site <https://www.prg.unicamp.br/tils/>.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome do(a) participante: _____

_____ Data: ____/____/____.
(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 510/2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____ Data: ____/____/____.
(Assinatura do pesquisador)

Anexo III – TCLE III

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Maternidades Ciborgues, Inseminação Caseira e Tecno-experiências Lésbicas/Sapatonas nas Redes Sociais.

Pesquisadora: Flora Villas Carvalho

Número do CAAE: 56634322.8.0000.8142

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa informar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

O objetivo da pesquisa é de tentar conhecer e compreender as formas pelas quais as maternidades lésbicas e sapatonas se dão no Brasil em diálogo com o mundo virtual, com recorte para as interações presentes em grupos de inseminação caseira na plataforma do Facebook. A sua participação se justifica por conta de sua participação em um dos grupos de inseminação caseira da plataforma do Facebook que foram escolhidos como objeto de estudo desta pesquisa e que tem grande relevância para o cenário da inseminação caseira no Brasil.

Procedimentos:

A pesquisa é de caráter qualitativo e está sendo realizada em três diferentes grupos de inseminação caseira na plataforma Facebook. A metodologia utilizada consiste tanto no acompanhamento e observação geral dos grupos e de suas interações ao longo de dois meses (de 15 de junho a 15 de Agosto de 2022), quanto da seleção e análise de algumas publicações e comentários de membros que autorizarem o uso de suas atividades nestes grupos para realização da pesquisa. Já a terceira fase da pesquisa, a qual consiste como foco deste Termo de Consentimento Livre e Informado, será dada a partir da realização de entrevistas semiestruturadas a serem feitas online via Zoom ou Jitsi Meet e gerarão registros de dados em formato de .mp4, sendo estas posteriormente transcritas em documentos de texto e analisadas.

Todos estes dados serão armazenados em repositório seguro e não aberto, onde, pelo período do mestrado, apenas a pesquisadora responsável e sua orientadora terão acesso. Na transcrição das entrevistas, da qual alguns recortes serão utilizadas na escrita da dissertação, será preservado o anonimato de todas as participantes e seus dados recolhidos serão criptografados e armazenados digitalmente pelo período de pelo menos 5 anos após o final da pesquisa, de acordo com a Res. CNS 510/16.

Após assinado este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, você terá acesso a uma cópia do Termo em PDF, através da própria plataforma de assinaturas (ZapSign). Você também poderá ter acesso às perguntas da entrevista antes de sua realização, caso seja de seu interesse. C

Desconfortos e riscos:

Não há riscos previsíveis de participação. As providências e cautelas adotadas para minimizar desconfortos e riscos previstos (e para evitar imprevistos, como vazamentos de dados e/ou identificação das participantes da pesquisa) envolvem: durante a realização da pesquisa, os arquivos serão mantidos armazenados localmente e virtualmente - no computador e na nuvem - pela pesquisadora responsável, pelo período mínimo de 5 anos após a sua conclusão; com relação ao armazenamento local dos vídeos, documentos e planilhas resultantes das entrevistas (pelo Zoom e Jitsi Meet) e da observação e coleta nos

grupos do Facebook, os arquivos e dados serão mantidos em partição cifrada no computador da pesquisadora responsável, onde será utilizado o programa VeraCrypt para cifrar os dados do armazenamento de acesso local; com relação ao armazenamento na nuvem dos vídeos, documentos e planilhas resultantes das entrevistas (pelo Zoom e Jitsi Meet) e da observação e coleta nos grupos do Facebook, os arquivos e dados serão mantidos em Drive associado à conta institucional da pesquisadora responsável, após passarem por encriptação através da plataforma cryptomator.org para cifrar dados na nuvem.

Benefícios:

Com esta entrevista, você vai contribuir com a pesquisa que visa estudar os grupos virtuais de inseminação caseira no Brasil e sua participação na construção de maternidades lésbicas. Não há previsão de benefícios diretos à participante.

Sigilo e privacidade:

Com sua autorização, a entrevista servirá para gerar, embasar e ilustrar as análises tecidas ao longo da dissertação. A pesquisadora tratará sua identidade com respeito e seguirá padrões profissionais de sigilo, assegurando e garantindo o sigilo e confidencialidade dos dados pessoais das participantes de pesquisa. Você tem a garantia de que os pesquisadores buscarão garantir o sigilo de sua identidade e nenhuma informação identificada ou identificável será publicada ou fornecida a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Caso, a qualquer momento, você não queira que a entrevista entre no processo da pesquisa, irei retirá-la e preservar a sua vontade.

Ressarcimento e Indenização:

Não há previsão de custos ou gastos envolvidos na autorização e participação da pesquisa, mas caso venha a existir algum custo, como de deslocamento para a entrevista, você será ressarcida de todos os gastos. Você terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa quando comprovados nos termos da legislação vigente.

Acompanhamento e assistência:

A qualquer momento os participantes poderão entrar em contato com os pesquisadores para esclarecimentos e assistência sobre qualquer aspecto da pesquisa, através dos contatos abaixo. Você receberá assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário em caso de danos decorrentes da pesquisa.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, se precisar consultar esse registro de consentimento ou quaisquer outras questões, você poderá entrar em contato com os pesquisadores Flora Villas Carvalho (Rua Seis de Agosto, 50 – 3º piso – CEP: 13083-873. Campinas, SP, Brasil.), através do telefone/whatsapp (31) 987176720 ou e-mail floravillascf@gmail.com, e Daniela Tonelli Manica, através do email dtmanica@gmail.com.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da UNICAMP das 08h30 às 11h30 e das 13h00 às 17h00 na Rua Bertrand Russell, 801, Bloco C, 2º piso, sala 05, CEP 13083-865, Campinas – SP; telefone (19) 3521-6836; e-mail: cepchs@unicamp.br.

Havendo a necessidade de intermediação da comunicação em Libras você pode fazer contato com a Central TILS da Unicamp no site <https://www.prg.unicamp.br/tils/>.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome do(a) participante: _____

_____ Data: ____/____/_____.
(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 510/2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____ Data: ____/____/_____.
(Assinatura do pesquisador)

Anexo IV – Quadros complementares

QUADROS GERAIS

Quadro IV- 1 – Publicações, comentários e reações do Grupo A, divididos por categoria temática

GRUPO A			
CATEGORIA	NÚMERO DE PUBLICAÇÕES	NÚMERO DE COMENTÁRIOS	NÚMERO DE REAÇÕES
PROCURA	195	687	831
TÉCNICAS, CONSULTAS E SABERES	92	852	982
REPORTAGENS E LINKS EXTERNOS	9	29	190
POSITIVOS, RELATOS E TESTEMUNHOS	73	1210	7142
OUTROS TEMAS	7	26	59
CHAMADAS, INDICAÇÕES E DENÚNCIAS DE DOADORES	13	151	148
DINÂMICAS DO GRUPO	6	97	99
OFERTA	31	49	128

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Quadro IV- 2 – Publicações, comentários e reações do Grupo B, divididos por categoria temática.

GRUPO B			
CATEGORIA	NÚMERO DE PUBLICAÇÕES	NÚMERO DE COMENTÁRIOS	NÚMERO DE REAÇÕES
PROCURA	241	1059	861
TÉCNICAS, CONSULTAS E SABERES	93	797	411
REPORTAGENS E LINKS EXTERNOS	30	60	314
POSITIVOS, RELATOS E TESTEMUNHOS	40	438	2820
OUTROS TEMAS	12	132	188
CHAMADAS, INDICAÇÕES E DENÚNCIAS DE DOADORES	7	91	137
DINÂMICAS DO GRUPO	5	33	31
OFERTA	60	74	117

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

QUADROS DA CATEGORIA PROCURA

Quadro IV- 3 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Procura” do Grupo A

GRUPO A					
NÚMERO DE PUBLICAÇÕES	%	NÚMERO DE COMENTÁRIOS	%	NÚMERO DE REAÇÕES	%
194	45,2%	687	21,8 %	831	8,6%

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Quadro IV- 4 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Procura” do Grupo B

GRUPO B					
NÚMERO DE PUBLICAÇÕES	%	NÚMERO DE COMENTÁRIOS	%	NÚMERO DE REAÇÕES	%
240	49 %	1059	39,4%	861	17,6%

Fonte: Elaborado pela autore, 2022.

QUADROS DA CATEGORIA OFERTA

Quadro IV- 5 – Distribuição geográfica da categoria de “Oferta” nos Grupos A e B

LOCAL	NÚMERO DE PUBLICAÇÕES	% NA CATEGORIA	% POPULACIONAL DE CADA ESTADO NO PAÍS
Sudeste	57	62%	42,1%
São Paulo (Grupo A - 7) (Grupo B - 25)	32	34,7%	21,8%
Espírito Santo (Grupo A - 5) (Grupo B - 4)	9	9,7%	1,9%
Rio de Janeiro (Grupo A - 3) (Grupo B 6)	9	9,7%	8,3%
Minas Gerais (Grupo A - 2) (Grupo B 5)	7	7,6%	10,0%
Nordeste	2	2,1%	27,8%
Bahia (Grupo A - 1)	1	1%	7,2%
Maranhão (Grupo B - 1)	1	1%	3,4%
Centro-Oeste	10	10,8%	7,2%
Goiás (Grupo A - 2) (Grupo B - 4)	6	6,5%	3,4%
Brasília (Grupo B - 1)	1	1%	1,5%
Mato Grosso (Grupo A - 1) (Grupo B - 2)	3	3,2%	1,7%
Norte	6	6,5%	8,6%
Amazonas (Grupo A - 5)	5	5,4%	2,0%
Pará (Grupo A - 1)	1	1%	4,1%
Sul	4	4,3%	14,3%
Rio Grande do Sul (Grupo A - 1)	1	1%	5,4%
Paraná (Grupo A - 1) (Grupo B - 2)	1	1%	5,5%
Santa Catarina (Grupo B - 2)	2	2,1%	3,5%

Fonte: Elaborado pela autore, 2023.

Quadro IV- 6 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Oferta” do Grupo A

GRUPO A					
NÚMERO DE PUBLICAÇÕES	%	NÚMERO DE COMENTÁRIOS	%	NÚMERO DE REAÇÕES	%
32	7,1%	62	1,6 %	128	1,3 %

Fonte: Elaborado pela autore, 2022.

Quadro IV- 7 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Oferta” do Grupo B

GRUPO B					
NÚMERO DE PUBLICAÇÕES	%	NÚMERO DE COMENTÁRIOS	%	NÚMERO DE REAÇÕES	%
60	2,2 %	74	2,7 %	117	2,3 %

Fonte: Elaborado pelo autore, 2022.

QUADROS DA CATEGORIA TÉCNICAS, CONSULTAS E SABERES

Quadro IV- 8 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Técnicas, consultas e saberes” do Grupo A

GRUPO A					
NÚMERO DE PUBLICAÇÕES	%	NÚMERO DE COMENTÁRIOS	%	NÚMERO DE REAÇÕES	%
94	21,3 %	852	27 %	982	10,2 %

Fonte: Elaborado pelo autore, 2022.

Quadro IV- 9 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Técnicas, consultas e saberes” do Grupo B

GRUPO B					
NÚMERO DE PUBLICAÇÕES	%	NÚMERO DE COMENTÁRIOS	%	NÚMERO DE REAÇÕES	%
92	19%	797	29,6%	411	8,4%

Fonte: Elaborado pelo autore, 2022.

Quadro IV- 10 – Distribuição do elemento “Dúvidas gerais sobre técnica e IC”

DÚVIDAS GERAIS SOBRE TÉCNICA E IC	NÚMEROS - GRUPO A (92)	NÚMEROS - GRUPO B (94)	TOTAL (186)	% NO GERAL
	10	16	26	14%
	NÚMEROS - GRUPO A (92)	% GRUPO A	NÚMEROS - GRUPO B (94)	% GRUPO B
	10	8,5%	16	17%

Fonte: Elaborado pelo autore, 2024.

Quadro IV- 11 – Distribuição do elemento “Controle do ciclo menstrual e da ovulação”

CONTROLE DO CICLO MENSTRUAL E DA OVULAÇÃO	NÚMEROS - GRUPO A (92)	NÚMEROS - GRUPO B (94)	TOTAL (186)	% NO GERAL
	26	24	50	26,8%
	NÚMEROS - GRUPO A (92)	% GRUPO A	NÚMEROS - GRUPO B (94)	% GRUPO B
	26	28,2%	24	25,5%

Fonte: Elaborado pelo autore, 2024.

Quadro IV- 12 – Distribuição do elemento “Consulta positivo”

CONSULTA POSITIVO	NÚMEROS -	NÚMEROS -	TOTAL (186)	% NO GERAL
-------------------	-----------	-----------	-------------	------------

	GRUPO A (92)	GRUPO B (94)		
	28	15	43	23,1%
	NÚMEROS - GRUPO A (92)	% GRUPO A	NÚMEROS - GRUPO B (94)	% GRUPO B
	28	30,4%	15	15,9%

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Quadro IV- 13 – Distribuição do elemento “Direito, contratos e mentorias”

	NÚMEROS - GRUPO A (92)	NÚMEROS - GRUPO B (94)	TOTAL (186)	% NO GERAL
DIREITO, CONTRATOS E MENTORIAS	15	10	25	13,4%
	NÚMEROS - GRUPO A (92)	% NO GRUPO A	NÚMEROS - GRUPO B (94)	% NO GRUPO B
	15	16,3%	10	10,6%

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Quadro IV- 14 – Distribuição do elemento “Materiais e técnicas tecnocorporais do método seringa”

	NÚMEROS - GRUPO A (92)	NÚMEROS - GRUPO B (94)	TOTAL (186)	% NO GERAL
MATERIAIS E TÉCNICAS TECNOCORPORAIS DO MÉTODO SERINGA	5	12	17	9,1%
	NÚMEROS - GRUPO A (92)	% GRUPO A	NÚMEROS - GRUPO B (94)	% GRUPO B
	5	5,4%	12	12,7%

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Quadro IV- 15 – Distribuição do elemento “Remédios, hormônios, tratamentos e cuidados com o corpo”

	NÚMEROS - GRUPO A (92)	NÚMEROS - GRUPO B (94)	TOTAL (186)	% NO GERAL
REMÉDIOS, HORMÔNIOS, TRATAMENTOS E CUIDADOS COM O CORPO	4	10	14	7,5%
	NÚMEROS - GRUPO A (92)	% GRUPO A	NÚMEROS - GRUPO B (94)	% GRUPO B
	4	4,3%	10	10,6%

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Quadro IV- 16 - Distribuição do elemento “SOP e outros ‘dificultadores’”

	NÚMEROS - GRUPO A (92)	NÚMEROS - GRUPO B (94)	TOTAL (186)	% NO GERAL
SOP E OUTROS “DIFICULTADORES”	6	7	13	6,9%
	NÚMEROS - GRUPO A (92)	% GRUPO A	NÚMEROS - GRUPO B (94)	% GRUPO B
	6	6,5%	7	7,4%

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Quadro IV- 17 – Distribuição do elemento “Exames”

	NÚMEROS - GRUPO A (92)	NÚMEROS - GRUPO B (94)	TOTAL (186)	% NO GERAL
EXAMES	5	4	9	4,8%
	NÚMEROS - GRUPO A (92)	% GRUPO A	NÚMEROS - GRUPO B (94)	% GRUPO B
	5	5,4%	4	4,2%

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Quadro IV- 18 – Distribuição do elemento “Custos e produtos”

CUSTOS E PRODUTOS	NÚMEROS - GRUPO A (92)	NÚMEROS - GRUPO B (94)	TOTAL (186)	% NO GERAL
	3	4	7	3,7%
	NÚMEROS - GRUPO A (92)	% GRUPO A	NÚMEROS - GRUPO B (94)	% GRUPO B
	3	3,2%	4	4,2%

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

QUADROS DA CATEGORIA POSITIVOS, RELATOS E TESTEMUNHOS

Quadro IV- 19– Publicações, comentários e reações das publicações de “Positivos, relatos e testemunhos” do Grupo A

GRUPO A					
NÚMERO DE PUBLICAÇÕES	%	NÚMERO DE COMENTÁRIOS	%	NÚMERO DE REAÇÕES	%
75	16,9%	1210	38,4%	7142	74,6%

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Quadro IV- 20– Publicações, comentários e reações das publicações de “Positivos, relatos e testemunhos” do Grupo B

GRUPO B					
NÚMERO DE PUBLICAÇÕES	%	NÚMERO DE COMENTÁRIOS	%	NÚMERO DE REAÇÕES	%
39	8,1%	438	6,3%	2820	57,7%

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Quadro IV- 21 – Distribuição dos elementos dentro do subgrupo “Comunicados de positivo por tentantes e mães de IC”

Elementos	Presença no Grupo A (Total: 13)	Presença no Grupo B (Total: 13)	Total na somaatória dos grupos	% dos elementos dentro do subgrupo
Depoimentos de incentivo e sobre o sonho da maternidade	11	10	21	81%
Agradecimentos	9	11	20	77%
Informações sobre os filhos	11	6	17	65%
Informações sobre os doadores	8	8	16	62%

Quantidade e processos das tentativas	7	8	15	58%
---------------------------------------	---	---	----	-----

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Quadro IV- 22 – Distribuição dos elementos dentro do subgrupo “Comunicados de positivo por tentantes e mães de IC”

Elementos	Presença no Grupo A (Total: 13)	Presença no Grupo B (Total: 13)	Total na somatória dos grupos	% dos elementos dentro do subgrupo
Imagens teste caseiro e exames médicos - positivo na gravidez	4 (5 fotos e vídeos)	10 (10 fotos e vídeos)	14	54%
Imagens dos recém-nascidos - positivo após o nascimento	9 (20 fotos e vídeos)	3 (6 fotos)	12	46%
Link para o perfil de companheire	3	3	6	23%

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Quadro IV- 23 – Distribuição dos elementos dentro do subgrupo “Relatos-testemunhos de mães de IC”

Elementos	Presença Grupo A (Total: 31)	Presença no Grupo B (Total: 6)	Total na somatória dos grupos	% elementos dentro do subgrupo
Informações sobre es filhas	27	6	33	92%
Depoimentos sobre a maternidade	18	3	21	58%
Redes de incentivo - “não desistam, meninas”	14	4	18	50%
Agradecimentos	3	1	4	11%
Processos das tentativas	3	1	4	11%
Informações sobre os doadores	2	0	2	6%

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Quadro IV- 24 – Distribuição dos elementos dentro do subgrupo “Relatos-testemunhos de mães de IC”

Elementos	Presença no Grupo A (Total: 31)	Presença no Grupo B (Total: 6)	Total na somatória dos grupos	% dos elementos no subgrupo
Imagens	29 (55 fotos e vídeos)	6 (21 fotos e vídeos)	35 (76 fotos e vídeos)	97%
Link para o perfil de companheire	11	2	13	36%
Hashtags e páginas em outras redes	7	2	9	25%

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Quadro IV- 25 – Distribuição dos elementos dentro do subgrupo “Comunicados de positivo por doadores”

Elementos	Presença no Grupo A (Total: 15)	Presença no Grupo B (Total: 18)	Total na somatória dos grupos	% dos elementos dentro do subgrupo
Motivação da doação	12	12	24	73%
Informações sobre as tentantes	10	11	21	64%
Parabéns	7	9	16	48%
Processos das tentativas	4	6	10	30%
Informações sobre o doador e sua atuação	4	5	9	27%
Redes de incentivo - “não desistam, meninas”	2	2	4	12
Imagens	16 (40 fotos e prints)	18 (56 fotos e prints)	33	100

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Quadro IV- 26 – Distribuição dos elementos dentro do subgrupo “Comunicados de positivo por doadores”

Elementos	Presença no Grupo A (Total: 16)	Presença no Grupo B (Total: 1)	Total na somatória dos grupos	% dos elementos dentro do subgrupo
Informações sobre as advogadas	10	11	21	64
Agradecimentos, declarações e direitos	7	9	16	48
Processos e dificuldades na busca pelo registro	4	6	10	30
Informações sobre o doador e sua atuação	4	5	9	27
Imagens	16 (40 fotos e prints)	18 (56 fotos e prints)	33	100

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

QUADROS DA CATEGORIA REPORTAGENS E LINKS EXTERNOS

Quadro IV- 27 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Reportagens e links externos” do Grupo A

GRUPO A					
NÚMERO DE PUBLICAÇÕES	% NO GRUPO	NÚMERO DE COMENTÁRIOS	% NO GRUPO	NÚMERO DE REAÇÕES	% NO GRUPO
9	2%	29	0,9%	190	1,9%

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Quadro IV- 28 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Reportagens e links externos” do Grupo B

GRUPO B					
NÚMERO DE PUBLICAÇÕES	% NO GRUPO	NÚMERO DE COMENTÁRIOS	% NO GRUPO	NÚMERO DE REAÇÕES	% NO GRUPO
30	6,1%	60	2,2%	314	6,4%

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Quadro IV- 29 – Subdivisão das fontes dos sites da internet de onde vieram os links compartilhados na categoria

Fonte	Contagem - Grupo A	% na categoria - Grupo A	Contagem - Grupo B	% na categoria - Grupo B	Total - Grupos A e B	% na categoria - geral
BBC	1	11,1%	1	3,3%	2	5,3%
Terra	1	11,1%	1	3,3%	2	51,3%
Gaúcha GZH	1	11,1%	3	10%	4	10,5%
UOL	1	11,1	0	0%	1	2,6%
G1	0	0%	1	3,3%	1	2,6%
ISTOÉ	0	0%	1	3,3%	1	2,6%
Outros	0	0%	2	6,6%	2	5,3%

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Quadro IV- 30 – Subdivisão das fontes de Facebook de onde vieram os links compartilhados na categoria

Fonte	Contagem - Grupo A	% na categoria - Grupo A	Contagem - Grupo B	% na categoria - Grupo B	Total - Grupos A e B	% na categoria - geral
Perfil Pessoal	2	22,2%	8	26,7%	10	26,3%
Página	3	33,3%	9	30%	12	31,6%
Perfil Profissional	2	22,2%	8	26,7%	8	21,1%

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

QUADROS DA CATEGORIA DINÂMICAS DO GRUPO

Quadro IV- 31 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Dinâmicas do Grupo” do Grupo A

GRUPO A						
NÚMERO DE PUBLICAÇÕES	%	NÚMERO DE COMENTÁRIOS	MÉDIA DE RESPOSTAS POR PUBLICAÇÃO	%	NÚMERO DE REAÇÕES	%
5	1,3%	173	35	5,3%	99	1%

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Quadro IV- 32 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Dinâmicas do Grupo” do Grupo B

GRUPO B						
NÚMERO DE PUBLICAÇÕES	%	NÚMERO DE COMENTÁRIOS	MÉDIA DE RESPOSTAS POR PUBLICAÇÃO	%	NÚMERO DE REAÇÕES	%
6	1%	39	6	1,4%	31	0,6%

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

QUADROS DA CATEGORIA CHAMADAS, INDICAÇÕES E DENÚNCIAS DE DOADORES

Quadro IV- 33 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Chamadas, indicações e denúncias de doadores” do Grupo A

GRUPO A					
NÚMERO DE PUBLICAÇÕES	%	NÚMERO DE COMENTÁRIOS	%	NÚMERO DE REAÇÕES	%
15	3,4%	151	4,8%	148	1,5%

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Quadro IV- 34 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Chamadas, indicações e denúncias de doadores” do Grupo B

GRUPO B					
NÚMERO DE PUBLICAÇÕES	%	NÚMERO DE COMENTÁRIOS	%	NÚMERO DE REAÇÕES	%
5	1%	91	3,3%	137	2,8%

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

QUADROS DA CATEGORIA OUTROS TEMAS

Quadro IV- 35 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Outros temas” do Grupo A

GRUPO A					
---------	--	--	--	--	--

NÚMERO DE PUBLICAÇÕES	%	NÚMERO DE COMENTÁRIOS	%	NÚMERO DE REAÇÕES	%
7	1,8%	26	2,2%	80	0,8%

Fonte: Elaborado pela autore, 2022.

Quadro IV- 36 – Publicações, comentários e reações das publicações de “Outros temas” do Grupo B

GRUPO B					
NÚMERO DE PUBLICAÇÕES	%	NÚMERO DE COMENTÁRIOS	%	NÚMERO DE REAÇÕES	%
12	2,4%	132	4,9%	188	3,8%

Fonte: Elaborado pela autore, 2022.